



**ANA MARIA CARAMUJO PIRES DE CAMPOS**

**CALATONIA, MÚSICA, IMAGENS MENTAIS E RELIGIOSIDADE:  
Um Estudo Clínico Qualitativo sobre a Investigação de  
Imagens Mentais em Ateus**

**CAMPINAS  
2012**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS**

**ANA MARIA CARAMUJO PIRES DE CAMPOS**

**CALATONIA, MÚSICA, IMAGENS MENTAIS E RELIGIOSIDADE:  
Um Estudo Clínico Qualitativo sobre a Investigação de  
Imagens Mentais em Ateus**

***Orientador: Prof. Dr. Joel Sales Giglio***

*Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da  
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, para  
obtenção do título de Mestre em Ciências Médicas, área de Ciências Biológicas.*

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL  
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA ANA MARIA  
CARAMUJO PIRES DE CAMPOS, E ORIENTADA PELO PROF. DR.  
JOEL SALES GIGLIO.

---

Assinatura do Orientador

**CAMPINAS  
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
MARISTELLA SOARES DOS SANTOS – CRB8/8402  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
UNICAMP

C176c Caramujo, Ana Maria Pires de Campos, 1959-  
Calatonia, música, imagens mentais e religiosidade :  
um estudo clínico qualitativo sobre a investigação de  
imagens mentais em ateus / Ana Maria Caramujo Pires  
de Campos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Joel Sales Giglio.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

1. Relaxamento. 2. Psicologia analítica. 3. Arquétipo  
(Psicologia). 4. Pesquisa qualitativa. 5. Espiritualidade. I.  
Giglio, Joel Sales, 1941-. II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Calatonia, music, mind images and religiosity : a qualitative clinical  
study about research of mind images on atheists.

**Palavras-chave em inglês:**

Relaxation

Analytical psychology

Archetype (Psychology)

Qualitative research

Spirituality

**Área de concentração:** Ciências Biológicas

**Titulação:** Mestra em Ciências Médicas

**Banca examinadora:**

Joel Sales Giglio [Orientador]

Clarissa Mendonça Corradi-Webster

Carmem Silvia Passos Lima

**Data da defesa:** 30-08-2012

**Programa de Pós-Graduação:** Ciências Médicas

# Banca examinadora de Dissertação de Mestrado

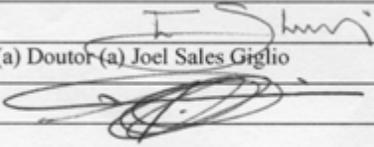
Ana Maria Caramujo Pires de Campos

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Joel Sales Giglio

## Membros:

Professor (a) Doutor (a) Clarissa Mendonça Corradi-Webster

  
Professor (a) Doutor (a) Carmen Silvia Passos Lima

  
Professor (a) Doutor (a) Joel Sales Giglio

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 30/08/2012



## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este estudo às pessoas que sofrem de dor física, psíquica, mental ou espiritual, e estão na incessante busca de viver uma existência plena de sentido e significado, com os votos de que esse sofrimento não seja em vão e sim uma oportunidade para desenvolver, nessa jornada, chamada vida, o que Jung denominou “individuação”*



## AGRADECIMENTOS

---

*Agradeço, especialmente, ao meu orientador, Professor Doutor Joel Sales Giglio, sempre disponível, ensinando, incentivando e apoiando-me em todos os momentos da produção deste trabalho, principalmente nos mais difíceis, disposto, gentil e compreensivo, mais que um Mestre, um Sábio, mostrando os caminhos da pesquisa com atitude científica, ética e repleta de generosidade, e ao guiar-me no caminho da ciência soube acolher minhas ideias e criatividade.*

*Ao Professor Doutor Cláudio Eduardo Muller Banzato, Coordenador da área de concentração em Saúde Mental – Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas, pela compreensão, flexibilidade e apoio em momentos difíceis e decisivos.*

*Aos Membros da Banca de Defesa - Profa. Dra. Clarissa Mendonça Corradi-Webster – Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP – Ribeirão Preto; Profa. Dra. Carmen Silvia Passos Lima do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Prof. Dr. Mauro Muszkat, do Departamento de Psicobiologia e Coordenador do Núcleo de Atendimento Neuropsicológico Infantil Interdisciplinar – NANI – Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, Profa. Dra. Clarissa de Rosalmeida Dantas do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Unicamp, pelas sábias e valiosas contribuições para o aprimoramento deste estudo.*

*Aos Membros da Banca de Qualificação, Profa. Dra. Laura Ward e Profa. Dra. Carmen Silvia Passos Lima, do Departamento de Clínica Médica, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arrudado Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Unicamp – Faculdade de Ciências Médicas, pelas sábias e valiosas contribuições para o aprimoramento deste estudo.*

*À Profa. Dra. Ana Catarina Araújo Elias – Universidade Paulista (UNIP), por suas correções e valiosas contribuições para o aprimoramento deste trabalho.*

*Ao Osmar, meu amor, marido e o melhor amigo, que sempre esteve ao meu lado, compreensivo e apoiando-me amorosamente e mesmo nos momentos mais difíceis em que necessitou da minha presença soube respeitar e entender minha ausência sem nada exigir.*



***Aos meus pais, Gracia Sinato e Orlando Marques Caramujo in memoriam, pela excelente infância e juventude, por uma educação amorosa, criativa e tranqüila, em que souberam respeitar o meu Ser apesar das diferenças e por isso sou o que sou.***

***À Elisabete, querida e dedicada irmã, que esteve ao meu lado em todos os momentos e me ajudou efetivamente na vida cotidiana possibilitando tranquilidade para que eu pudesse realizar este trabalho.***

***Meu agradecimento especial a todos os indivíduos que participaram desta pesquisa, voluntariamente (N.P.J., C.M., J.A.S.F., V.S.F., M.M.V., G.I.M.) como também (D.M., L.M., L.T., F.R., C.S., A.B.) pela confiança, colaboração, disponibilidade e generosidade, pois sem eles eu não teria realizado este estudo.***

***À Ana Maria Galvão Rios, mestra e guia nos caminhos do conhecimento e do autoconhecimento, por seu apoio e ajuda incondicional pude completar esta jornada.***

***À querida Maristela Smith, Coordenadora do Curso de Graduação de Musicoterapia das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU, mestra, amiga, inspiradora de ideias, incentivadora na busca de novos caminhos, um exemplo a seguir.***

***À Professora Doutora Cléo Monteiro França Correia, querida mestra e amiga, que participou desde o nascimento da idéia desta pesquisa, supervisionando-me, incentivando-me, apoiando-me e acreditando na importância do meu trabalho para a musicoterapia.***

***Ao Dr. Rolando Benenzon, por transmitir com sabedoria o profundo conhecimento da alma humana em suas mais variadas formas Não Verbais, corpóreo-sonora-musicais e suas valiosas “pérolas de conhecimento”, que me ajudam e me inspiram nos novos caminhos musicoterapêuticos.***

***À querida amiga, Professora Doutora Zula Garcia Giglio, pelo incentivo e os valiosos ensinamentos no caminho da pesquisa e principalmente pela generosidade, acolhida, carinho, hospitalidade e compreensão nos momentos mais difíceis dessa trajetória.***

***Às estimadas Dra. Carmen Silvia Passos Lima e Karla Gaspar, do Setor de Oncologia Clínica do HC – Unicamp, pelo apoio, incentivo e pioneirismo na Implantação do serviço voluntário, de Musicoterapia na Sala de Espera e na Quimioterapia.***



*Às amigas e companheiras de jornada, **Suzana, Bianca, Danielle, e Bartira**, por compartilharmos com amizade, companheirismo e generosidade tantos momentos nessa trajetória de trabalho árduo, mas também trabalho criativo e instigante.*

***Ao amigo Maestro Cesar Aguiar**, por suas valiosas orientações a respeito das músicas utilizadas, por sua disponibilidade e generosidade.*

*À querida amiga, **Profa. Dra. Lucia Helena Hebling Almeida**, sempre abrindo caminhos, ajudou-me a iniciar esta trajetória, companheira nos grupos de estudos, congressos, eventos científicos e viagens culturais.*

*À querida amiga, **Profa. Dra. Maria Cândida Becker**, pela disponibilidade, carinho e ajuda nos momentos mais urgentes e inusitados.*

***Aos Professores e queridos amigos do Curso de Graduação de Musicoterapia da FMU, principalmente, Ivette Kairalla, Raul Jaime Brabo, Renato da Silva Almeida, Marcio Guedes, Orlando M.M. Mancini, Bernadete Moraes, Priscila Mullin e Marina Gil** por tantos momentos de discussão, troca de idéias que me ajudaram e me inspiraram.*

***Aos grupos de estudos das quartas-feiras** por conter tão bem minha intensidade e, **em especial, ao Augusto Sérgio Reis**, amigo e mestre do “Não Dito” e por, muitas vezes, suportar o impacto das minhas projeções.*

*À querida amiga **Profa. Dra. Irene Gaeta Arcuri** por ceder as fotos, da calatonia, obra de Helena Galvão Rios, utilizadas em sua Tese de Doutorado, e por sua parceria, disposição e generosidade em sempre abrir novos caminhos.*

***Ao Professor Jorge de Cerqueira Leite**, pelas valiosas aulas de inglês pela disposição e generosidade, que me permitiram realizar esse trabalho.*

***Aos familiares e a todos os amigos, em especial à Lilian Mazzei e Renato Fogagnoli** pelo carinho, incentivo e apoio em todos os momentos e pela compreensão das muitas ausências.*

***Ao querido amigo Tomaz Benito** sempre solícito e disposto a ajudar-me com seu valioso conhecimento e ajuda tecnológica.*

***Às queridas amigas do Grupo - Acordeões em Sintonia-**, em Especial à **Coordenadora, Ruth Bini**, por compreender as muitas ausências e por permitir a expressão e expansão da minha alma artística.*



***Aos meus alunos, dos Cursos de Graduação em Musicoterapia e Pós-Graduação, Lato Sensu, em Musicoterapia, das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU e aos alunos de Pós-Graduação, Lato Sensu, como Professora Convidada, da Especialização em Arteterapia da Unicamp, FAMOSP e INPG, em Psicoterapia Junguiana e Abordagem Corporal pela UNIP e Gerontologia pela PUC-SP, pelos desafios, inspiração e motivação na incessante busca de novos conhecimentos.***



Este trabalho é um estudo qualitativo com base na fenomenologia e teve por objetivo investigar se as imagens mentais que surgem a partir da escuta de músicas sagradas e/ou litúrgicas de diferentes culturas, após a aplicação da calatonia (relaxamento nos pés), em indivíduos ateus, trazem conteúdos ou temas religiosos. As músicas foram escolhidas com base nas religiões mais praticadas no Brasil de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2000). A amostra é intencional e fechada pelo critério de saturação, composto por seis ateus, adultos, voluntários, de ambos os gêneros, de 28 a 65 anos, idade produtiva segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (2000), pertencentes à classe social média alta, cuja instrução mínima é o curso superior completo. Os seis indivíduos, depois da escuta musical realizaram um desenho que representasse a experiência com a música e em seguida responderam a uma entrevista semi-estruturada que foi gravada e anotada pelo pesquisador, pois as imagens mentais podem aparecer ou não graficamente. Os desenhos e as respostas do questionário e a fala espontânea, foram analisadas e interpretadas à luz da abordagem da psicologia analítica proposta pelo psiquiatra Carl Gustav Jung, por dois especialistas da área. Foi possível perceber que a aplicação do procedimento promoveu relaxamento, tranquilidade e apaziguamento, facilitando um estado de “alteração da consciência”, não no sentido médico, mas um relaxamento necessário e suficiente para que ocorra um diálogo criativo do ego com o *Self*. Religiosidade, neste estudo, significa a conexão do eixo Ego-*Self*, a experiência da conexão do ego com algo que o indivíduo compreende como Maior do que ele mesmo, é a ligação com a divindade, com o *Self*. Foram considerados os seguintes aspectos a partir da aplicação deste procedimento: **1º)** Facilitou o surgimento de imagens mentais e na maior parte das vezes, trouxeram conteúdos ou temas religiosos, tais como: construções de templos, igrejas, gestos de oração, elementos da natureza como sol, deserto, fogo, presentes em diversas religiões representando simultaneamente, uma divindade, a morada da divindade, ou a própria divindade, entre outros; **2º)** Os seis indivíduos expressaram em todas as sessões a sensação de relaxamento mencionada anteriormente, mesmo quando a escuta da música lhes pareceu desagradável; **3º)** Todos os mantras promoveram a emergência de imagens mentais com conteúdos religiosos, ou nos títulos, ou nas palavras, na entrevista ou nos desenhos, de acordo com recentes estudos que mostram que não é necessário compreender as palavras para ser afetado; **4º)** No final do processo, cinco sujeitos relataram que apreciaram o formato do procedimento, as cinco



sessões, a escuta de uma música em cada uma delas, após a calatonia. Todos os indivíduos reconheceram que apesar da música não ter sido sempre agradável, o fato de a calatonia prepará-los para uma escuta mais profunda ajudou-os a aceitá-la mesmo quando não gostavam da música; 5º) Outra conotação significativa da pesquisa foi a constatação do preconceito ainda vigente em relação a se declarar ateu. Apesar de ser um trabalho introdutório, uma pesquisa de levantamento de dados, e ter sido aplicado apenas em poucos ateus, foram obtidos resultados que nos levam a considerar a proposta de continuar pesquisando e ampliando este estudo, e, dependendo dos resultados, colocar em prática os procedimentos.

**Palavras-Chave:** Relaxamento, Psicologia analítica, Arquétipo (Psicologia), Pesquisa Qualitativa, Espiritualidade.



This work is a qualitative study based on phenomenology and its objective was to investigate if the mental images that rise from listening sacred or liturgical music of different cultures, after applying calatonia (feet relaxing) in atheist people, bring contents or religious matters. The music were chosen based on the most practiced religions in Brazil, IBGE, 2000. The sample is intentional and closed by the saturation criteria, composed by six atheists, adults, voluntary of both genders, 28 to 65 years old, productive age according to IBGE data, 2000, included belonging to high medium social class, with University Courses. These six individuals, after music listening, made a drawing representing the experience with the music and afterwards they answered a semi-structured interview which was recorded and noted by the researcher, because mental images may appear or not drawn. The drawings and the answers of the interviews and spontaneous speaking were analyzed and interpreted at an approaching analytic psychology proposed by psychiatrist Carl Gustav Jung, by two specialists. It was possible to realize that the application of this procedure promoted relaxing, tranquility and appeasement, facilitating "conscience altered state", not in the medical sense, but a necessary and sufficient relaxing in order to happen a creative dialogue between ego and *Self*. Religiosity, in this study, is the connection Ego-*Self*, that is the conscience dialoguing with Whole significative, to experience an ego connection with things that the individual understands greater than himself. It's the nexus with deity, with the *Self*. The following aspects were considered from the application of this procedure: 1) It facilitated the appearance of mental images and most of the times, they brought contents or religious matters such as: temple buildings, churches, praying gestures, Nature elements like sun, desert, fire, present in several religions representing simultaneously a deity, deity dwelling or the own deity, among others; 2) The six individuals expressed in all the sessions the feeling of relaxing mentioned above, even when the listening of the music seemed them disagreeable; 3) All the mantras promoted the emergency of mental images with religious contents, either in the titles, or in the words, or interview, or in the drawings, aligned with recent studies that show that it isn't necessary to understand the words for being affected. 4) At the end of the process, these five individuals commented they appreciated the procedure frame, the five sessions, the listening of a music in each one of them after calatonia. All individuals recognized, that in spite of music was not always agreeable, the fact of calatonia preparing them to a deeper listening helped them to accept it, even when they didn't like the music; 5) Another significative consideration of the research, was to



know about prejudice still valid in declaring themselves atheist. Despite being and an introductory work, data research and having been applied in few atheists, the outcomes obtained lead us to consider the proposal of continuing the research and amplifying this study and depending on the results, put the procedure at work.

**Keywords:** Relaxation, Analytical psychology, Archetype (Psychology), Qualitative research, Spirituality.



## **LISTA DE FIGURAS**

---

Figura 1 - Primeiro toque da calatonia.....	56
Figura 2 - Segundo toque da calatonia.....	56
Figura 3 - Terceiro toque da calatonia.....	57
Figura 4- Quarto toque da calatonia.....	57
Figura 5- Quinto toque da calatonia .....	57
Figura 6 - Sexto toque da calatonia.....	58
Figura 7 - Sétimo toque da calatonia.....	58
Figura 8 - Oitavo toque da calatonia .....	58
Figura 9 - Nono toque da calatonia .....	59



RESUMO.....	xvii
ABSTRACT .....	xxi
LISTA DE FIGURAS.....	xxv
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>31</b>
1.1 CALATONIA, MÚSICA, IMAGENS MENTAIS e RELIGIOSIDADE .....	33
1.2 Justificativa.....	35
1.3 Pressupostos.....	35
<b>2. JUNG E A RELIGIOSIDADE .....</b>	<b>39</b>
2.1 Jung, Infância e Rituais .....	41
2.2 Religiosidade para Jung.....	43
2.3 Por que Pesquisar os Ateus?.....	46
<b>3. CALATONIA .....</b>	<b>51</b>
3.1 Origem da Palavra Calatonia .....	54
3.2 Aplicação, Uso, Efeitos e Fundamentação Teórica da Calatonia.....	54
3.3 Bases Neuropsicológicas .....	60
3.4 A Calatonia como Ritual .....	61
<b>4. MÚSICA .....</b>	<b>63</b>
4.1 Música e Arquétipos.....	68
4.2 Música e Imagens Mentais.....	69
<b>5. OBJETIVOS.....</b>	<b>73</b>
5.1 Objetivos Gerais.....	75
5.2 Objetivos Específicos .....	75
<b>6. METODOLOGIA .....</b>	<b>77</b>
6.1 Métodos e Casuística.....	79
6.1.1 Método .....	79
6.1.1.1 Instrumentos e Procedimentos .....	80
6.1.2 Casuística.....	84
6.1.2.1 Critérios de Inclusão e Exclusão na Pesquisa.....	86
6.2 Procedimentos .....	87
6.3 Local da Pesquisa.....	89
6.4 Análise dos Dados .....	89



<b>7. RESULTADOS.....</b>	<b>91</b>
<b>8. DISCUSSÃO .....</b>	<b>177</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>191</b>
<b>10. CUIDADOS ÉTICOS .....</b>	<b>199</b>
<b>11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>203</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>261</b>



# 1. INTRODUÇÃO



**Força Estranha**  
**Roberto Carlos – Letra e Música**

*“.....A vida é amiga da arte  
É a parte que o sol me ensinou.  
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou.*

*Por isso uma força me leva a cantar,  
Por isso essa força estranha no ar.  
Por isso é que eu canto, não posso parar.  
Por isso essa voz tamanha.*

*Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista  
O tempo não para, no entanto ele nunca envelhece.  
Aquele que conhece o jogo, o jogo das coisas que são.  
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão....”*

## **1.1 CALATONIA, MÚSICA, IMAGENS MENTAIS e RELIGIOSIDADE**

O presente estudo é clínico qualitativo com base na fenomenologia<sup>(1)</sup>.

Nosso objetivo foi o de investigar se há o surgimento das imagens mentais em indivíduos adultos e ateus a partir da escuta de músicas sagradas e/ou litúrgicas, após a aplicação da calatonia (um relaxamento com toques sutis nos pés), e em caso afirmativo, se essas trazem temas ou conteúdos religiosos segundo a abordagem da psicologia analítica proposta por Jung.

Neste estudo entende-se por ateu aquele que declara **não crer** em Deus e sem crenças religiosas, sem comprometimento com um grupo ou instituição religiosa, definido e medido através do Inventário de Religiosidade Moschella-Larson (ML)<sup>(2)</sup>. (Ver Apêndice I)

Entende-se por religiosidade no presente estudo, a experiência de conexão do ego com o Todo significativo, ou seja, experimentar uma conexão do ego com

aquilo que o sujeito entende por Maior do que si mesmo. É a ligação com a divindade. A imagem de Deus na psique é representada pelo *Self*<sup>(3)</sup>.

Calatonia é um relaxamento nos pés, que neste estudo foi utilizada para promover aos indivíduos uma escuta mais profunda.

As músicas utilizadas neste estudo foram músicas sagradas e/ou litúrgicas (daqui para frente, denominadas apenas como “música religiosa”), de diferentes culturas, selecionadas a partir das religiões mais praticadas no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (ver anexo II). Essas músicas foram escutadas individualmente após a calatonia, em sessões semanais, na seguinte ordem: Q’ran (Mulçumana), Vajra Guru Mantra - Mantra Tibetano (Budismo), Oni Saurê - Canto para Oxalá (Africana), Sim Shalom (Judaica) e Verbum Supernum – Hino VIII Modo - Canto Gregoriano (Cristianismo).

Essas foram apresentadas em cinco sessões, com base na terapia focal ou breve<sup>(4-11)</sup>.

Utilizamos como base a terapia focal ou breve, pois frente à escassez de atendimentos psicoterapêuticos para a população brasileira e crescentes filas de espera nas instituições que oferecem esse tipo de tratamento é preciso repensar métodos e técnicas de atendimento com duração inferior à psicoterapia convencional. Há também a necessidade de diminuir principalmente o tempo de tratamento no atendimento hospitalar. A abordagem focalizada e de tempo limitado da terapia breve permite um atendimento rápido e eficaz nas unidades hospitalares que possuem tal demanda. Na unidade ambulatorial há maior necessidade desse tipo de atendimento e esse se mostrou viável de ser aplicado<sup>(6)</sup>.

A nossa proposta, nesse formato, foi pensada para possibilitar a aplicação de um procedimento a indivíduos que se encontram em uma situação de fragilidade física e/ou psíquica e ainda tem de lidar com os conflitos de vida e da morte e com a finitude, independentemente de ter alguma crença religiosa.

Entretanto, como é um procedimento original, pensamos em aplicá-lo inicialmente com indivíduos adultos saudáveis por questões éticas e pensamos em ateus, pois na experiência clínica e hospitalar, alguns ateus tendem a pensar na ideia da eutanásia assistida e no suicídio frente à dor e à finitude.

## **1.2 Justificativa**

A necessidade de utilizar recursos não convencionais da psicoterapia como calatonia e outras técnicas corporais, e também o uso de técnicas musicoterapêuticas em situações emergenciais, acompanhando pacientes com doenças graves ou com pacientes terminais, nos fez pensar na possibilidade de criar um procedimento de fácil aplicação que pudesse ser utilizado inclusive em pacientes hospitalizados e institucionalizados.

A escolha do referencial teórico na abordagem da Psicologia Analítica para análise e interpretação dos dados, se justifica pelo fato do psiquiatra Carl Gustav Jung ser um dos autores que mais contribuiu para o estudo do problema religioso do homem moderno sob a ótica da Psicologia e também porque a formação desta pesquisadora em sua visão de mundo e de homem tem essa abordagem como referência.

## **1.3 Pressupostos**

Nesta pesquisa partimos da ideia central de que a escuta de músicas sagradas e/ou litúrgicas de diferentes culturas após a aplicação da calatonia pode facilitar o surgimento de imagens mentais que trazem temas e/ou conteúdos religiosos nos indivíduos que se declaram ateus.

As nossas perguntas são as seguintes:

- Que imagens mentais emergem a partir da escuta de músicas sagradas e/ou litúrgicas em ateus após a aplicação da calatonia?
- A escuta de músicas sagradas e/ou litúrgicas após a aplicação da calatonia pode facilitar o emergir de imagens mentais que trazem temas e/ou conteúdos religiosos em ateus?
- Aqueles que declaram ser ateus, sem estar inseridos numa instituição têm representação de imagens religiosas ou de divindades?
- Como eles vivenciam essa experiência com as músicas sagradas e/ou religiosas?

A religiosidade é um sistema eficiente no controle da ansiedade e da depressão, capacitando o indivíduo a enfrentar adequadamente as dificuldades que ele gera nas citações Dalgalarondo, 2008 <sup>(12-20)</sup>.

Peres *et al* (2007)<sup>(21)</sup> e Elias (2001)<sup>(15)</sup>, mostram a importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos.

Determinadas músicas podem auxiliar no controle da ansiedade<sup>(22-26)</sup>.

Elias & Giglio (2008)<sup>(17)</sup>, no estudo qualitativo e quantitativo, “*Análise da natureza da dor espiritual apresentada por pacientes terminais e o processo de sua re-significação através da intervenção relaxamento, imagens mentais e espiritualidade (RIME)*”, pesquisaram onze pacientes terminais, em hospitais públicos, por seis profissionais treinados para aplicar a RIME. Concluíram: “*Os resultados sugeriram que a RIME promoveu qualidade de vida no processo de morrer, assim como mais serenidade e dignidade perante a morte*”. Trata-se de um estudo em que os pesquisadores usaram relaxamento através de respiração, visualização de imagens mentais, baseadas em paisagens belas, reconfortantes, escolhidas por cada paciente. Para isso, utilizou-se um álbum com quarenta imagens e oferecido para que o paciente escolhesse o cenário de base, para trazer imagens com sensações de paz, tranquilidade, bem-estar, conforto, serenidade, proteção para ela, de acordo com suas características pessoais. Esse

cenário de base foi integrado a um dos principais pressupostos deste estudo, segundo Elias e Giglio, de que a crença na vida espiritual pós-morte, representa um mundo imaginário espiritual belo e reconfortante. Utilizaram também música instrumental suave, por eles escolhidas. O objetivo foi o de promover relaxamento, bem estar e qualidade de vida nos cuidados paliativos em pacientes terminais.

Um estudo qualitativo, intitulado “A música na terminalidade humana”, que utilizou a estratégia metodológica do estudo de casos múltiplos e a fenomenologia existencial heideggeriana para analisar os dados, teve como objetivo compreender como os familiares percebem a influência das vivências musicais na saúde física e mental de um familiar que se encontra em processo de terminalidade. Os dados foram coletados junto a sete indivíduos pertencentes a duas famílias por meio de entrevista e observação em maio e junho de 2009. Os resultados mostraram que a utilização da música no cuidado dos seres que vivenciam o câncer pode proporcionar bem-estar aos pacientes e cuidadores<sup>(27)</sup>. Nesse estudo, foi possível perceber, através das entrevistas com familiares de pacientes com câncer, a importância do uso da música, durante o processo de terminalidade, como um recurso na promoção de bem estar para os pacientes e seus cuidadores. Foi possível perceber que a música e as imagens mentais podem ser recursos utilizados em tratamento paliativo para obter melhoria na qualidade de vida e de morte.

Frente ao exposto, nos parece pertinente conduzir uma avaliação dos efeitos da música e calatonia em ateus.



## **2. JUNG E A RELIGIOSIDADE**



Jung, ao ser entrevistado, por uma televisão inglesa, na década de 50 e ao lhe perguntaram se acreditava em Deus, ele fez a seguinte afirmação, **“I do not believe, I Know”, “Eu não acredito, Eu Conheço, ou Eu Sei”<sup>(28)</sup>**.

“Minha razão de ser consiste em eu ter conseguido compreender, aquele Ser indefinível que nós chamamos “Deus” (Jung, 1958)

## 2.1 Jung, Infância e Rituais

Ele, como psiquiatra, estudou em profundidade a alma humana, pois em seu processo de autoconhecimento mergulhou, corajosamente, em seu inconsciente buscando uma maior compreensão do seu mundo interior. Tendo uma atitude psicológica introvertida e uma intuição bastante desenvolvida, Jung foi mobilizado, desde muito cedo, por conteúdos arquetípicos que se manifestaram nos sonhos e que simbolicamente representavam Deus<sup>(29)</sup>. Tal dinâmica expressou-se também por atitudes inicialmente incompreensíveis, pertencentes a rituais como esculpir um homúnculo, aos dez anos de idade em um lápis, mantendo-o oculto, para recorrer a ele quando se sentia ameaçado, inseguro.

Jung, em sua infância, logo percebeu que a linguagem verbal e as funções racionais não eram suficientes para expressar o seu intenso mundo interno<sup>(29)</sup>. Assim, desde cedo mantinha uma pequena fogueira acesa, esculpia, fazia cidades em miniatura com as pedrinhas, pintava, escrevia, e, mais tarde, na vida adulta, construiu a sua torre<sup>(30)</sup>. Mais que fatos e acontecimentos externos, a biografia de Jung mostra a sua incessante busca de autoconhecimento através de “viagens” ao inconsciente, imagens de sonhos, fantasias, visões e reflexões interiores.

A escultura do homúnculo, acima mencionada, demonstra o quanto o menino Jung era sensível às questões religiosas que mobilizaram, desde sempre, as fantasias da humanidade. Esculpiu um pequeno homem como um *cabiro*, um ser arcaico, provido de poder de proteção, pintou-o de preto, preparou-lhe um casaquinho de lã e acomodou-o dentro de um estojo de lápis. Ao lado do

homenzinho colocou um seixo de rio, alongado e polido, que pintou de várias cores. Como Jung tinha a sua pedra sagrada, o homenzinho também deveria possuir a dele. Depois, escondeu dentro de uma viga do sótão o estojo com a figura esculpida e carregou por muito tempo a pedra no bolso. Esse ritual pareceu servir para compensar sua insegurança e sensação de divisão interior. Muito criativamente, quando as coisas se tornavam difíceis, o menino Jung subia a seu esconderijo, contemplava o homenzinho e colocava junto dele um rolinho de papel escrito numa caligrafia secreta que ele mesmo inventara. Cada ato de entrega de um novo rolinho tinha um caráter solene e sagrado. Os rolinhos formavam uma espécie de biblioteca do homúnculo. Tais rituais duraram um ano e marcaram o apogeu de sua infância. O homenzinho e sua pedra foram uma primeira tentativa de dar forma ao *segredo e ao mistério*, traço essencial da sua juventude. Cerca de vinte e cinco anos depois, ao ler as *churingas*, as pedras em que os aborígenes australianos costumam gravar seus relatos míticos, Jung encontrou uma referência que dava um sentido especial a seus rituais de infância. As churingas eram esfregadas sobre o corpo para curar doenças, sendo utilizadas nos rituais de iniciação por meio dos quais o novo adepto recebia os ensinamentos e a força vital de seus ancestrais<sup>(29)</sup>.

No fundo, esse homenzinho representava uma divindade relacionada com a origem e manutenção da vida, e a criatividade, embrulhado em seu mana – poder, oculto na *Kista* (caixinha), munido de uma provisão de força vital, a pedra oblonga e escura<sup>(29)</sup>.

Quando, anos depois, Jung tornou-se psiquiatra, graças às suas próprias experiências pessoais, foi capaz de perceber que os pacientes também possuem um segredo, uma relação com o lado misterioso da existência, uma história que não é contada porque nem sequer encontra formas adequadas de manifestação, e que, em geral, ninguém conhece. Esse segredo, que cada um possui foi fundamental na abordagem psicológica das pessoas que o procuravam em seu consultório<sup>(29)</sup>.

Analogamente à natureza, o inconsciente produz espontaneamente suas formas, oriundas da função criativa, organizadas pela consciência em religiões, rituais, instituições, arte. A arte é capaz de expressar o mundo interno daquele que cria, não somente dando vazão para a tensão interna do mundo interior como também possibilitando a criação de um produto externo que espelha a ativação inconsciente, com o qual conseguimos nos relacionar de forma consciente, facilitando sua integração. Nesse sentido, a arte é a expressão dos conteúdos inconscientes e a possibilidade de conscientização dos mesmos. O processo criador consiste numa ativação do arquétipo, em seu desenvolvimento e tomada de forma até a realização da obra perfeita<sup>(31)</sup>.

A verdade psicológica não exclui uma verdade metafísica. Mas a psicologia como ciência deve abster-se de qualquer afirmação metafísica. Seu objeto são a psique e seus conteúdos. Ambas são realidades efetivas, pois são eficazes... Tudo o que sabemos da alma é ela própria, a alma é a experiência direta do nosso ser e existir. Ela é para si mesma a experiência única e direta e a “*conditio sine qua non*” da realidade subjetiva do mundo em geral. Ela cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja imagem aparente provém das ideias que o consciente adquiriu. Os arquétipos são elementos estruturais numinosos da psique e possuem certa autonomia e energia específica, graças à qual podem atrair os conteúdos do consciente a eles adequados. Os símbolos funcionam como *transformadores*, conduzindo a libido de uma forma “inferior” para uma forma superior. Esta forma é tão importante que a intuição lhe confere os valores mais altos. O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da convicção. Ele age de modo convincente graças ao *número*, que é energia específica própria do arquétipo. A vivência do último não é só impressionante, mas de fato “comovente”. Ela produz fé naturalmente<sup>(32)</sup>.

## 2.2 Religiosidade para Jung

Jung, em seu artigo original, publicado sob o título de “Fatores determinantes do comportamento humano”, em Harvard, na 300ª Conferência de Artes e Ciências, refere-se à sua hipótese da existência de um instinto religioso. Ele fala que os fatores psíquicos que determinam o comportamento humano são, sobretudo, os instintos senquanto forças motivadoras do processo psíquico<sup>(33)</sup>.

Para Jung, o instinto religioso está diretamente relacionado ao instinto de reflexão. *Reflexio* em latim significa curvar-se, inclinar-se para trás, voltar-se para

dentro, em busca do significado último da existência e das causas primeiras. Essa capacidade é a que diferencia o humano do animal<sup>(33)</sup>.

O instinto religioso, na abordagem junguiana, explica a necessidade que todo indivíduo tem de compreender os eventos da vida e de atribuir-lhes significado, assim como à própria vida, à própria existência.

A problemática religiosa ocupa um lugar central na obra de Jung e, particularmente, nos últimos anos de vida, quase todos os seus escritos, tratam do fenômeno religioso.

O que Jung entende por religião não se refere a determinadas confissões e sim, como ele mesmo diz, de “uma observação acurada e conscienciosa” daquilo que Rudolf Otto chamou de *numinosum*. Esta definição vale para todas as formas de religião, inclusive para as primitivas, e corresponde à atitude respeitosa e tolerante de Jung em relação às religiões não cristãs. Para ele, o numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência. O termo “religião” designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso<sup>(34)</sup>.

Numinoso – Conceito de Rudolf Otto (“O Sagrado”), que designa o inexprimível, misterioso, tremendo, o “totalmente outro”, propriedades que possibilitam a experiência imediata do divino<sup>(34)</sup>.

Jung, afirma que a religião é uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, e que todo tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana, deve constatar que a religião é um assunto importante para grande número de indivíduos, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico<sup>(34)</sup>.

Para ele, o fenômeno religioso, apresenta um aspecto psicológico muito importante e por isso, ele estuda e trata o tema dentro de uma perspectiva empírica. Por observar os fenômenos, se absteve de qualquer abordagem metafísica ou filosófica, apesar de não negar a validade dessas<sup>(34)</sup>.

Jung reconheceu que as representações primordiais coletivas estão na base das diversas formas de religião, pois são conteúdos arquetípicos da alma humana e essa foi uma das suas mais valiosas contribuições do ponto de vista psicológico<sup>(34)</sup>.

Jung, em toda sua obra defendeu a ideia de que o principal e fundamental problema do homem moderno era a religiosidade. Ele, em sua teoria, mostrou que o homem, tendia, algumas vezes, a proteger-se da experiência com o numinoso, com o *numen*, da experiência imediata com o divino, justamente fazendo parte de uma instituição religiosa, mas sentia-se “perdido” e sem entender, muitas vezes, um Deus que destrói, pune, ou “abandona”<sup>(35)</sup>.

Como médico e psiquiatra, Jung, não se preocupou em tomar como ponto de partida qualquer credo religioso, mas sim a psicologia do *homo religiosus* (do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral). A contribuição de Jung relativa ao problema religioso se referia exclusivamente à experiência prática com pacientes e com as pessoas ditas normais<sup>(34)</sup>.

Para Jung, ter religiosidade não implica em o indivíduo estar vinculado a uma profissão de fé, mas sim em ter uma atitude religiosa frente à vida cotidiana, que se manifesta pela compreensão de que há um propósito a seguir, uma meta a alcançar, de acordo com o centro ordenador, organizador, o *Self*. Esse por sua vez, é fonte de energia vital, de criatividade, da religiosidade, que tem como objetivo autorealizar-se nas psiques individuais<sup>(28)</sup>.

Neste estudo entendemos por religiosidade a necessidade que o indivíduo tem de conexão *Ego-Self*. A conexão do *Ego* com a imagem de Deus representada psiquicamente pelo *Self*.

Para Jung a representação psíquica de Deus – não o Deus Ele mesmo, mas apenas a sua imagem – corresponde ao *Self*.

[...] Por isso, ao tratar, dessas realidades metafísicas, faço-o plenamente consciente de que estou me movendo no mundo das imagens e de que nenhuma das minhas reflexões toca o Inefável”<sup>(36)</sup>.

### 2.3 Por que Pesquisar os Ateus?

A partir da experiência clínica e com base nos atendimentos de musicoterapia em hospital, no trabalho de cinco meses como musicoterapeuta num dos mais conceituados hospitais da América Latina, em São Paulo, de 2004 a 2005, cobrindo uma licença maternidade de uma colega musicoterapeuta, atendendo pacientes e seus familiares, em situações extremas, como pacientes gravemente doentes ou em fase terminal, foi possível observar que alguns indivíduos que se declaram ateus, tendem a pensar ou tentar o suicídio como a única solução, quando se encontram nessas situações.

Um estudo mostrou que em 88 ateus, participantes, em um hospital, há uma forte preferência pelo suicídio assistido por médicos. Este era um dos temas centrais dos participantes. Eles também expressaram um desejo profundo de encontrar significado em suas próprias vidas (intrapessoal), para manter conexão com a família e amigos (interpessoal), e continuar a experimentar e apreciar o mundo natural (interconexão natural) através da experiência de morte<sup>(37)</sup>.

Ateu, palavra proveniente do grego clássico *ἄθεος* (*átheos*), do latim *atheos* ou *atheus*, “que não crê em Deus, ímpio”<sup>(38)</sup>. Aplicada com um sentido negativo àqueles que rejeitam os deuses adorados pela maioria da sociedade.

No grego antigo, o adjetivo *ἄθεος* (*atheos*) é formado pelo prefixo *a*, significando ausência e o radical *theos*, derivado do grego *theós*, significando Deus. O significado literal do termo é, então, sem Deus. Religião, “crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(s) como criadoras do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s)”. *Religio*, religar<sup>(38)</sup>.

A reflexão é o instinto cultural por excelência, e sua força se revela na maneira como a cultura se afirma em face da natureza<sup>(33)</sup>.

Assim, o homem em todos os tempos, ao perceber-se mortal, frente à possibilidade do infinito, se pergunta: De onde eu vim?, Para onde eu vou?, Qual o significado da vida, da existência?

As respostas para essas perguntas estão, necessariamente, fora do campo cognitivo racional, entrando, portanto, na área psíquica do pensamento religioso.

Segundo Jung, o indivíduo em sua trajetória de vida pode ou não encontrar um sentido maior para sua existência, e, se esse indivíduo encontrar, esta passa a ser compreendida como uma vida significativa, o que implica, de acordo com os conceitos junguianos, numa busca de autorealização. Isso só será possível através do diálogo do ego com conteúdos do inconsciente, e, em última instância, através do fluxo libidinal no eixo Ego-Self<sup>(28)</sup>.

A aproximação dos conteúdos do consciente com o inconsciente, chamada por Jung, de função transcendente, é a responsável pela expressão da criatividade, que permite a produção artística, intelectual - como escrever um livro, um artigo científico ou defender uma tese - ou promove a expressão da religiosidade, entre outras funções<sup>(39)</sup>.

Jung compreendeu a vida cotidiana como sendo um provável reflexo da atitude do indivíduo, que, quando muito inconsciente, fica sujeito a todos os tipos de projeções. Ele reconheceu que é possível viver situações no mundo real como sendo uma projeção daquilo que o indivíduo vive no seu mundo interno<sup>(32, 40)</sup>.

Do ponto de vista da abordagem junguiana, à luz da compreensão existencial-fenomenológica, cada indivíduo é o protagonista da própria existência, da própria jornada. No entanto, muitas vezes, este está inconsciente de suas atitudes, sendo influenciado, particularmente, pelos conteúdos desconhecidos, que atuam como complexos, não necessariamente ruins, pois no inconsciente podem habitar potencialidades, riquezas, como a criatividade, habilidades e conteúdos nunca antes acessados. O indivíduo, então, tomado pela autonomia de seus complexos, é capaz de agir de forma inusitada ou incompreensível. Portanto, quanto maior o fortalecimento do ego e o autoconhecimento, menos sujeito o indivíduo está a essas influências, de forma inadequada, sem controle<sup>(32)</sup>.

Este diálogo Ego-Self se refere não somente ao diálogo da consciência com os conteúdos do inconsciente pessoal, que contém o registro das experiências do indivíduo do nascimento à morte, mas também com conteúdos coletivos, pertencentes à sua época ou à história da humanidade<sup>(41)</sup>.

É necessário que se tenha uma compreensão da possível influência que o indivíduo pode sofrer do inconsciente coletivo, daqueles fatores que determinam o humano sem terem sido diretamente experimentados por ele em todas as suas infinitas possibilidades e, quanto mais consciente do seu papel e da sua responsabilidade individual, frente à sua própria existência, mais consciente ele será das prováveis interferências coletivas quanto às suas escolhas e decisões.

Assim, parece que esse indivíduo tem maior possibilidade de tornar-se único, menos influenciado por condicionamentos sociais, pelo comportamento de massa, pela coletividade. Isso não quer dizer que a vida deixa de propor problemas também quanto à adaptação, mas que a existência parece fluir de modo mais íntegro, livre e criativo.

Nesse sentido parece haver a possibilidade de vislumbrar o que Jung chama de individuação, de desenvolver da melhor maneira possível seus potenciais, com suas características particulares atingindo, portanto, uma consciência que ultrapassa as exigências de adaptação social para responder também às exigências do seu verdadeiro Ser, do Si-mesmo.

“Si-mesmo é o arquétipo central da ordem, da totalidade do homem, representado simbolicamente pelo círculo, pelo quadrado, pelo quatérnio, pela criança, pela mandala, etc. O Si-mesmo é uma realidade ‘sobre ordenada’ ao eu consciente. Abrange a psique consciente e a inconsciente, constituindo por esse fato uma personalidade mais ampla, que também somos. Mas não devemos nutrir a esperança de chegar a uma consciência aproximada do Si-mesmo; por mais consideráveis e extensas que sejam as paisagens interiores e os setores apreendidos pela consciência, não desaparecerá a massa imprecisa e uma soma desconhecida de inconsciência, que também faz parte integrante da totalidade do Si-mesmo. O Si-mesmo é o centro e também a circunferência completa que compreende ao mesmo tempo o consciente e o inconsciente: é o centro dessa totalidade, como o eu é o centro da consciência. O Si-mesmo é também a meta da vida, pois é a expressão mais completa dessas combinações do destino que se chama: indivíduo”<sup>(29)</sup>.

Para essa abordagem, nada do que se vive é por acaso, tudo tem um sentido prospectivo, pode ser compreendido psicologicamente, e leva o indivíduo a um caminho a ser percorrido numa determinada direção. Nem sempre se percebe **para quê** é preciso viver e experimentar algumas situações. Aparentemente, por vezes, são de início, incompreendidas, mas com um olhar

atento e analítico, pode-se perceber um novo caminho, uma nova busca, mais plena de sentido, focada numa exigência maior, de acordo com a essência do Ser que habita o mais profundo de si mesmo. Essa busca incessante, direciona o indivíduo para uma conexão entre a consciência e o *Self*, e por isso Jung faz a seguinte declaração, "*Minha vida é a história de um inconsciente que cumpriu a própria missão*"<sup>(29)</sup>.

Em nossa experiência clínica e hospitalar, pudemos observar e tentamos compreender o sofrimento do indivíduo em situações desesperadoras, como doenças incuráveis e terminalidade, lidar com a finitude, perdas significativas, em que, algumas vezes, o faz pensar ou tentar o suicídio como a única solução do problema, desestruturando-se e aos seus.

Por isso, pensamos em investigar as imagens mentais que surgem a partir da escuta musical (músicas sagradas e/ou litúrgicas), que foram criadas, por suas respectivas culturas, para trazer alívio, conforto e elevação espiritual em ateus.

A partir da disseminação do ceticismo, do pensamento livre e do consequente aumento da crítica à religião, a aplicação do termo foi reduzida em seu escopo. No século XVIII, encontramos os primeiros indivíduos a identificarem-se como ateus, tal como aparece na Epístola dos Efésios (2, 12) no início do século III<sup>(38)</sup>.

A palavra passou a indicar de forma mais direta pessoas que não acreditavam em deuses no século V a.C., adquirindo definições como "cortar relações com os deuses" ou "negar os deuses". O termo *ἀσεβής*, *asebēs* passou então a ser aplicado contra aqueles que negavam ou desrespeitavam os deuses locais, ainda que esses acreditassem na existência de outros deuses. Modernas traduções de textos clássicos, por vezes tornam *atheos* em "ateu". Como substantivo abstrato, também existia *ἀθεότης* (*atheotes*), "ateísmo". Cícero traduziu a palavra do grego para o latim como *atheos*. O termo era frequentemente usado pelas duas partes, no sentido pejorativo, no debate entre os primeiros cristãos e os helênicos<sup>(38)</sup>.

Durante os séculos XVI e XVII, a palavra "ateu" ainda era reservada exclusivamente para a polêmica. O termo "ateu" era um insulto. Não ocorria a alguém autodenominar-se ateu. O termo ateísmo foi utilizado pela primeira vez para descrever uma crença autoconfessa na Europa do final do século XVIII, especificamente denotando descrença no deus monoteísta abraâmico<sup>(38)</sup>.

Martin, (2006), no século XX, fala o quanto a globalização contribuiu para a expansão do termo para referir-se à descrença em todos os deuses, embora ainda seja comum na sociedade ocidental descrever o ateísmo como simples descrença em Deus. Mais recentemente, tem havido um movimento em certos círculos filosóficos para redefinir ateísmo como a "ausência de crença em divindades", e não como uma crença em si mesmo; esta definição tornou-se popular em comunidades ateístas, embora sua utilização tenha sido limitada<sup>(42)</sup>.

Os antigos romanos acusavam os cristãos de serem ateus por não adorarem os seus deuses pagãos. Aos poucos, essa visão caiu em desuso, pois o teísmo passou a ser entendido como a crença em qualquer divindade<sup>(38)</sup>.

### **3. CALATONIA**



A calatonia é uma técnica de relaxamento aplicada principalmente nos pés, com toques sutis, criado por Dr. Pethö Sándor, médico ginecologista e obstetra. Ele nasceu em 1916, no sul da Hungria, Gyertyamos, que hoje compõe a Iugoslávia, permaneceu radicado no Brasil desde 1949. Ele foi um dos primeiros psicoterapeutas de orientação junguiana em São Paulo, acrescentou ao trabalho verbal técnicas corporais, entre elas a calatonia. Faleceu em fevereiro de 1992<sup>(43)</sup>.

Formou-se médico pela Universidade de Pázmány Peter de Budapeste, Hungria. Nesta época a Hungria foi invadida pela Rússia, e Sándor, junto com sua família, emigrou, ficando em campos de refugiados, onde sua competência médica foi solicitada exaustivamente, numa situação de muito sofrimento e poucos recursos analgésicos. Ajudando nos partos, sem anestésias, cuidando de amputados, observou que algumas técnicas de relaxamento funcionavam, mas exigiam do paciente movimentos ou esforços imaginativos, o que dificultava a eficiência de seus resultados. Observou que alguns toques sutis traziam relaxamento e alívio, e empiricamente organizou a sequência dos toques propostos na calatonia<sup>(43)</sup>.

Em 1949 ele chega ao Brasil continuando seus estudos e trabalhos sobre Jung, associando-os às técnicas de relaxamento, particularmente a calatonia por ele criada a partir das suas experiências como médico de combatentes na Segunda Guerra Mundial no início da década de 1940<sup>(43)</sup>.

Em São Paulo, Sándor organizou grupos de estudo e trabalho com professores universitários, principalmente psicólogos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Estudavam a Psicologia Analítica de Jung e seus seguidores, técnicas terapêuticas na abordagem corporal, estudos comparativos entre diferentes abordagens psicoterápicas como Freud, Perls, Ferenczi, Lowen e Reich. Ele foi um dos primeiros psicoterapeutas, em São Paulo, a atuar na abordagem de orientação junguiana. Além de psicoterapeuta, coordenava vários grupos de estudo, foi professor no Curso de Graduação e Especialização em Psicologia, hoje integrado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP<sup>(43)</sup>.

Também foi professor nos cursos de especialização em Psicoterapia de Orientação Junguiana coligada à Abordagem Corporal no Instituto Sedes Sapientiae, criando ainda o curso de Cinesiologia Psicológica na mesma instituição, no início da década de 1980, onde lecionou até a sua morte, em fevereiro de 1992. Esses cursos continuam a ser realizados por seus seguidores. Grupos de estudos foram formados e conduzidos também por integrantes de diferentes profissões, como psicólogos, médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, entre outros<sup>(43)</sup>.

No final da década de 60, a Sociedade de Psicologia de São Paulo, reconhecendo e valorizando as produções de Pethö Sándor, proporcionou aos psicólogos brasileiros a oportunidade de conhecê-las, promovendo dois cursos teórico-práticos sobre relaxamento<sup>(43)</sup>.

### **3.1 Origem da Palavra Calatonia**

A palavra calatonia, é de origem grega, do verbo Khalaó que significa relaxamento, e também alimentação, afastar-se do estado de ira, fúria, violência, abrir uma porta, desatar as amarras de um odre, deixar ir, perdoar aos pais, retirar os véus dos olhos entre outros<sup>(44)</sup>.

Calatonia indica um tônus descontraído, solto, não só do ponto de vista estático e muscular, como também psíquico. É uma técnica de relaxamento (toques sutis nos pés), idealizado por Sándor, durante a Segunda Guerra Mundial, com base nas observações feitas em casos de reamputação de feridos e congelados, no período posterior à grande retirada da Rússia<sup>(44)</sup>.

### **3.2 Aplicação, Uso, Efeitos e Fundamentação Teórica da Calatonia**

A calatonia é uma técnica de condicionamento tátil, monótona e rítmica.

Vamos descrever detalhadamente a técnica da calatonia, segundo Sándor, (1982). Antes da aplicação, é pedido ao indivíduo que retire brincos, pulseiras, relógios, cintos de metal ou de couro ou quaisquer objetos que possam causar pressão, desconforto ou estímulos desnecessários em geral. Assim como sapatos

e meias, eventualmente cintas elásticas, devem ser retiradas (na ausência do terapeuta). Óculos também não são necessários, tirar as lentes de contato.

O indivíduo deve deitar-se com os calcanhares bem apoiados, em decúbito dorsal, com os braços soltos ao longo do corpo, com as palmas das mãos para cima, de olhos fechados. Essa é a posição inicial. Mais tarde, se quiser, poderá virar as palmas das mãos para baixo. Quando necessário, oferecemos uma toalha para cobrir as pernas (mulheres) ou manta para não sentir frio, as mãos podem ficar embaixo do cobertor.

Ao voltarmos à sala, repetimos a instrução de não esperar nada de especial e enfatizamos - que nem pense em relaxamento, tentando utilizar técnicas de yoga ou de outras práticas -, deixe a respiração com o seu ritmo próprio, sem interferir e pedimos que o indivíduo observe o seu corpo todo, das solas dos pés até o alto da cabeça, pés, pernas, joelhos, coxas, toda área pélvica, a área da bacia, costa, ombros, braços, mãos, dedos das mãos, pescoço e a cabeça, pedimos ao indivíduo que sinta seu corpo todo da sola dos pés até o alto da cabeça, não permitindo que nenhum ruído, pensamento ou ideias se fixem em sua mente, deixando que entrem e saiam livremente e apenas observe.

Explicamos ao indivíduo, que os dedos dos pés, as solas dos pés, os calcanhares e a “barriga da perna” serão tocados simetricamente, durante uns minutos, de modo suave. Não pense em relaxamento *“vou tocar suavemente seus dedos e solas dos pés, segurar os calcanhares e a ‘barriga da perna’, por alguns minutos e você vai apenas observar”*.

Aplicamos a calatonia, nos pés, começando pelo dedo médio da mão do terapeuta tocando o dedo correspondente nos pés do sujeito, dedo indicador com o correspondente nos pés, dedo anular com o correspondente nos pés, dedo mínimo com o correspondente nos pés e todos os dedos contendo os hálux, (figuras 1 a 5). Com os dedos, médio, indicador e anular tocar em dois lugares na sola dos pés, primeiro na extremidade metatársica distal do arco plantar, (figura 6), depois um pouco mais abaixo, na porção mais côncava do arco longitudinal na planta do pé, (figura 7), depois segurar os calcanhares (figura 8) e, por

último, segurar na convergência tendinosa do tríceps sural na região posterior da perna, (figura 9). Os toques são simultâneos em ambos os membros inferiores do sujeito e o terapeuta trabalha com as duas mãos, conforme mostram as figuras 1 a 9.



**FIGURA 1** - Primeiro toque da calatonia



**FIGURA 2**-Segundo toque da calatonia



**FIGURA 3 - Terceiro toque da calatonia**



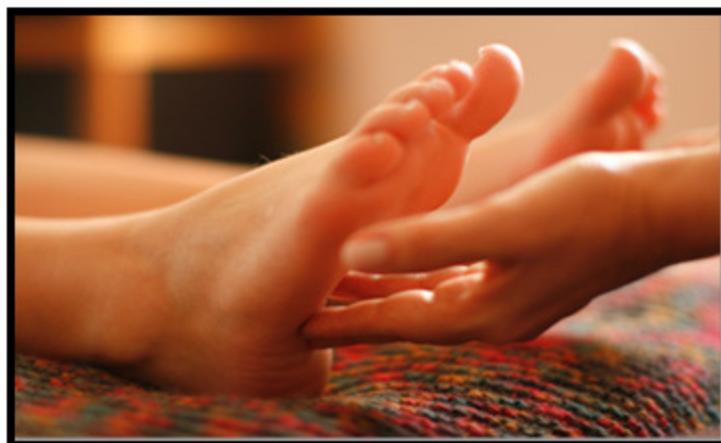
**FIGURA 4- Quarto toque da calatonia**



**FIGURA 5- Quinto toque da calatonia**



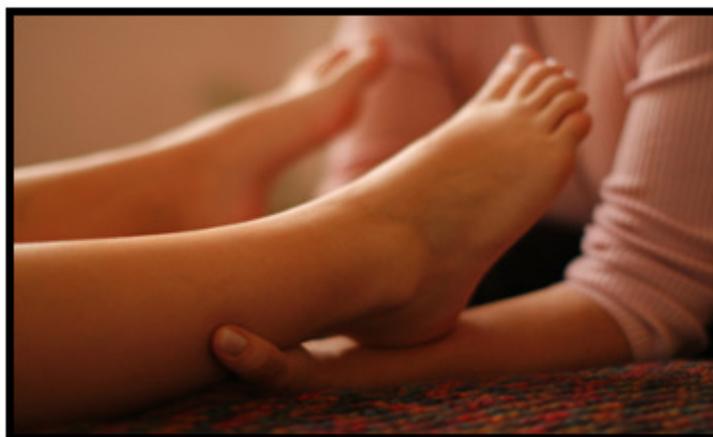
**FIGURA 6** - Sexto toque da calatonia



**FIGURA 7** - Sétimo toque da calatonia



**FIGURA 8** - Oitavo toque da calatonia



**FIGURA 9** - Nono toque da calatonia

Neste estudo, após a aplicação da calatonia, perguntamos para o indivíduo se há alguma observação e apenas anotamos.

A aplicação da calatonia tem a duração de 27 minutos, sendo que cada toque demora três minutos, controlados pelo relógio. Sua aplicação demanda treinamento. Segundo Sándor, (1982)<sup>(44)</sup>, o toque deve ser tão leve como segurar uma “bolha de sabão”.

Ele observou que a calatonia, quando aplicada sistematicamente, promove mais do que relaxação e manutenção da homeostase, porque minimizava a dor e facilita o emergir de conteúdos inconscientes, permitindo a maior conscientização desses<sup>(44)</sup>.

Sándor, ao aplicar a calatonia num hospital da Cruz Vermelha onde foram atendidas diferentes queixas na fase pré-operatória, desde membros fantasmas e abalamento nervoso, até depressões e reações compulsivas, percebeu que, além da medicação usual e dos cuidados de rotina, o contato bipessoal juntamente com a manipulação suave nas extremidades e na nuca, com certas modificações leves quanto à posição das partes manipuladas, produzia descontração muscular, comutações vasomotoras e recondicionamento do ânimo dos operados, numa escala pouco esperada<sup>(44)</sup>.

Na Alemanha, experiências semelhantes foram realizadas durante sua estadia de três anos. Aplicava-se a mesma técnica às pessoas deslocadas que se preparavam para a emigração e na população alemã abalada e constrangida. Entretanto, não eram doentes das clínicas cirúrgicas, mas em pacientes das áreas psicológica ou neuropsiquiátrica<sup>(44)</sup>.

Nessa experiência é que aconteceram as primeiras tentativas de uma fundamentação multilateral, que no decorrer dos anos de trabalho de Sándor chegou a ser solidificada, especialmente no Brasil, onde houve a possibilidade de estudar as pesquisas sobre a formação reticular, as representações vegetativas no córtex e sobre os proprioceptivos periféricos. Simultaneamente, acumulou-se uma quantidade significativa de material de ordem psicológica, reforçado aqui no Brasil, pelos colegas que adotaram a técnica, particularmente na psicologia<sup>(44)</sup>.

Observou-se que um dos efeitos da calatonia é o “rebaixamento do nível de consciência”, neste estudo este termo não é usado no sentido médico, mas para explicar um estado de relaxamento necessário e suficiente para permitir um diálogo criativo do consciente com o inconsciente<sup>(45)</sup>.

No Brasil, Sándor, psicoterapeuta de orientação junguiana, a utilizou como um dos recursos terapêuticos, com o objetivo de promover a integração fisiopsíquica.

### **3.3 Bases Neuropsicológicas**

Estudos recentes têm discutido as bases neuropsicológicas do trabalho corporal. Segundo Armando, Regina & Rios (2012)<sup>(46)</sup>, na última década, com o aperfeiçoamento dos recursos tecnológicos e com o desenvolvimento da ciência em geral e do estudo das relações entre a Neurologia e, em particular, a Psicologia do Desenvolvimento, estudos foram realizados no sentido de obter compreensão dos padrões de desenvolvimento psíquico, da inter-relação entre a experiência do indivíduo e a formação das redes neurais.

Sabe-se também que a prática da meditação causa alterações no sistema neuroendócrino, como por exemplo, aumento da produção de hormônios ligados ao bem-estar e alterações estruturais. Lazar e colaboradores (2005) mostram que praticantes de meditação por longo tempo apresentaram alterações no exame de ressonância magnética, exibindo maior espessura em algumas regiões cerebrais, tais como, córtex pré-frontal e ínsula anterior direita, regiões que estão associadas à atenção, à interocepção, que é a constância do organismo e o processamento sensorial e são recrutadas durante a meditação<sup>(46)</sup>.

A linguagem pré-verbal, como tato, música, som, ritmo, gestos, expressões faciais, oferecem e evocam as primeiras experiências vividas por todo ser humano, quando bebê. Ao utilizarmos esses recursos pré-verbais como técnicas auxiliares de tratamento e prevenção, há uma tendência a promover estados de regressão criativa, necessária e suficiente para que se reorganize o momento psíquico. Tal regressão faz parte inerente do movimento psíquico de crescimento, na medida em que a libido retorna às suas bases, podendo assim tomar novos caminhos mais integrativos de desenvolvimento<sup>(46)</sup>.

### **3.4A Calatonia como Ritual**

A aplicação da calatonia é um condicionamento físiopsíquico, obtido pela repetição. Sua sequência configura um ritual.

Um dos efeitos esperados da calatonia é o “rebaixamento da consciência egóica”, não no sentido neurológico, médico, mas no sentido de promover um relaxamento necessário e suficiente para tornar possível o acesso a imagens inconscientes. Tais imagens, num diálogo criativo entre o ego e o *Self*, em estado semelhante ao sono, mas com o indivíduo acordado e capaz de registrá-las, trazem à tona conteúdos inconscientes que, discriminados e diferenciados pelo ego, oferecem a oportunidade de trabalhar os seus significados para a psique, possibilitando as transformações devidas e necessárias.

As imagens da calatonia tem a mesma qualidade dos sonhos, como acesso a conteúdos que precisam ser conscientizados em prol da saúde psíquica<sup>(45, 47-51)</sup>.

Existem hoje abordagens que envolvem a aplicação de calatonia seguida de manifestações artísticas diversas, que têm por objetivo ajudar a expressar o conteúdo inconsciente de modo a facilitar sua integração, uma vez que ele adquire uma forma externa ao sujeito, que pode observá-lo de fora<sup>(50-51)</sup>.

Neste estudo, após a calatonia, o indivíduo escuta uma música religiosa. O objetivo aqui não é dar, através da música, uma forma ao conteúdo, mas facilitar, também por meio da música, a emergência das imagens sagradas.

## 4. MÚSICA



A história da humanidade, como a filosofia e a mitologia nos mostra como a música sempre desempenhou um papel importante no desenvolvimento psíquico, mental, espiritual e sócio-político do homem, tanto no plano individual como no plano coletivo, interferindo no curso da sua própria evolução<sup>(52-54)</sup>.

Desde os primórdios da humanidade, o homem questiona a sua existência e o sentido da vida. O homem primitivo busca respostas na natureza e é lá que encontra suas divindades e também a cura e o alívio para as suas dores. Nos aborígenes, nas tribos indígenas, o pajé, o xamã, com a ajuda da música e da dança, é quem cura os enfermos de seus males do corpo e da alma. O homem da cultura oriental nos ensinou a crer na existência de um mundo superior a este mundo material e sua busca consiste em atingi-lo através do aprimoramento espiritual. Em contrapartida, o homem ocidental segue outro caminho de desenvolvimento abandonando sua intuição, aquela verdade originária da essência do Ser e que transmuta a razão, que segundo Jung, (1991)<sup>(55)</sup>, sua origem é a mesma que os instintos. Por isso, também abandona sua sintonia com a natureza e desenvolve a razão, a intelectualidade, a ciência<sup>(54)</sup>. Assim, esqueceu-se da música como recurso de cura, de ligação com o Divino no seu interior mais profundo, Jung chamou de *Self*<sup>(29)</sup>.

O uso terapêutico da música é conhecido desde o início dos tempos. Na mitologia encontramos deuses e semideuses que possuem a milagrosa habilidade musical, interferindo no curso do desenvolvimento psíquico. Orfeu com seu canto submetia os animais selvagens, detinha o curso das ondas, fazia dançarem as árvores e as rochas<sup>(54)</sup>.

Segundo Smith, (1999)<sup>(53)</sup>, Hipócrates, pai da medicina (460 a.C.? – 377 a.C.?), que cultuava a harmonia, equilíbrio total do estado psicossomático, acreditava que, a *“Natureza do homem era constituída por um conjunto de forças que dirige e regula todos os seres e todos os fenômenos existentes, postulava a doença como sendo a manifestação de uma crise da natureza, e através da música se mantinha ou se restabelecia a ordem, a harmonia e o equilíbrio”*. Na antiguidade, seu uso terapêutico é conhecido com Platão e Aristóteles entre

outros. Platão recomendava música para a mente e o corpo e, também, para vencer fobias. Aristóteles descrevia seus efeitos benéficos na catarse emotiva e nas emoções, que julgava incontrolláveis. Esculápio também prescrevia música para as pessoas com mente perturbada.

Na Bíblia, temos David, tocando lira para acalmar a fúria do rei Saul. David foi chamado para acalmar o Rei Saul, para livrar-lhe do mau espírito procedente de Deus, que o atormentava. David era um excelente instrumentista, dedilhava a lira como nenhum outro e por isso somente ele poderia tocar para o Rei Saul<sup>(56)</sup>.

A música sempre teve um importante papel no desenvolvimento da sociedade. Na antiguidade era responsável pela cura milagrosa dos males físicos e psíquicos. Na Idade Média ela sofre influência da Igreja, destacando-se pela religiosidade. No Renascimento passa a ser vista como a arte da cura. No Período Barroco prevalece o gosto pelo ornamento. No Romantismo expressa o cume da emoção. Na contemporaneidade sua principal característica é o espaço sonoro livre<sup>(53)</sup>.

Caramujo, (2003)<sup>(54)</sup>, refere, a música expressa e facilita as mais puras expressões dos sentimentos e da natureza. Por meio dela, o homem é capaz de se perceber e de sentir suas dores, suas emoções, seus sentimentos, criar imagens, e principalmente “comungar” com a natureza. A música e os sons estão presentes em todos os momentos da vida. Ao ouvir uma música, um som, ou mesmo um ruído, o homem vivencia e revisita sua história, suas lembranças, suas recordações. A música pode alegrar, entristecer, acalmar, agitar, revigorar, retirar a energia, elevar, recolher, inspirar, reter, curar, adoecer, entre outros.

Stehman, (1979)<sup>(57)</sup>, fala que a música, desde a Antiguidade, está presente em todos os países não europeus e se desenvolve em duas tendências paralelas, ou torna-se erudita, inspirando-se na técnica ocidental, ou permanece ritual e primitiva, pois se mantém fiel às suas tradições religiosas e populares.

A história dessa música está ligada à história da Europa, primeiro no que se refere à história religiosa e depois na Idade Média separa-se em duas direções diferentes, a música de Igreja e a música do povo.

Neste estudo, utilizamos música religiosa (ver anexo III), porque nosso interesse foi o de investigar, justamente, a escuta desse tipo de música. Utilizamos músicas tradicionais, de diferentes culturas, respeitando o tempo de cada uma, pois, sabemos que cada cultura cria as suas músicas religiosas a partir de estruturas específicas, com características próprias da cultura a qual pertence, com a intenção de promover elevação espiritual e conectar o indivíduo com a divindade de acordo com as suas crenças.

Escolhemos músicas religiosas recitadas ou cantadas em línguas estranhas para que as imagens mentais que surgissem nos indivíduos não fossem suggestionadas pelo texto. O Q'ran é a recitação do próprio Alcorão, a Escritura Sagrada dos Mulçumanos, foi indicada por um mulçumano que está radicado no Brasil há aproximadamente quinze anos (ver anexo IV). O Vajra Guru Mantra, indicado por praticantes do budismo há mais de vinte anos, foi um mantra entoado pelo Lama Chagdud Tulku Rimpoche (uma autoridade no budismo, é um dos cinco maiores Lamas no tempo em que estava vivo - ele dizia que este era um dos mantras mais importantes, porque fazia a conexão com camadas muito profundas da psique) (ver anexo V). O Canto para Oxalá, música de domínio público, pertencente à tradição africana, do povo Nagô, na língua Ioruba. Oxalá é a autoridade da Umbanda (ver anexo VI). Sim Shalom, da Tradição Judaica, foi indicada pela Associação Judaica de São Paulo (ver anexo VII). O Verbum Supernum, canto gregoriano do CD Cantus Selecti, faixa quinze – Hino VIII Modo, representativo da igreja católica foi cantado pelo Coro do Mosteiro de São Bento de São Paulo, foi inicialmente indicado pelo Maestro Cesar Aguiar e confirmado pelo Mestre de Coro, Monge Beneditino a 25 anos, do Mosteiro de São Bento de São Paulo, (ver anexo VIII).

#### **4.1 Música e Arquétipos**

Segundo Jung, ([1955], 2011)(58), os arquétipos são molduras mentais organizadoras, de natureza abstrata, as quais sendo conjuntos de instruções sem conteúdo ou representações nunca podem ser experimentados diretamente.

Arquétipos são campos de possibilidades de expressão de imagens em torno de um significado; ressaltamos que tais imagens não são apenas visuais, mas decorrentes da experiência de qualquer outra fonte sensorial, como som, cheiro, paladar ou tato.

Merritt, (1996)(59), fala sobre o quanto o indivíduo estimulado por uma música e, durante a audição, guiado pelo musicoterapeuta pode sentir, perceber e viver uma experiência rica no seu “real” mundo interior: é capaz de sentir prazer, alegria, ou a maciez e o aveludado das pétalas de uma flor, e de repente, num dado momento, pode sentir como se fosse a própria flor. Como também pode sentir outras emoções como tristeza pela própria perda de comunicação com o seu mundo dentro de si mesmo se perder E, acrescenta, todas essas sensações, sentimentos e imagens são tão ou mais “reais” do que tudo aquilo que já conhecemos ou vimos, algum dia, no mundo externo. Nossa realidade interior érica em cores, texturas, gostos, cheiros, lugares, detalhes, sons, etc.

Carvalho, (2011)(60), em seu estudo *Música e Arquétipo – Criatividade e Fruição Musical*, refere que as imagens musicais nascem dos arquétipos e vão tomar forma no mundo audível (visível). No momento em que o homem criativo retira uma melodia de um arquétipo, ele frui uma imagem musical. O som é uma realidade primitiva que nasce de um temperamento, ou seja, de um timbre do caráter musical. Desses arquétipos sonoros nascem as imagens musicais.

Quanto à natureza do arquétipo, Jung fala que não devemos confundir as representações arquetípicas que nos são transmitidas pelo inconsciente com o arquétipo em si. Ele refere,

...parece-me provável que a verdadeira natureza do arquétipo é incapaz de tornar-se inconsciente, quer dizer, é transcendente, razão pela qual eu a chamo de psicóide. Além disto, qualquer arquétipo torna-se consciente a partir do momento em que é representado, e por esta razão difere, de maneira que não é possível determinar, daquilo que deu origem a essa representação (JUNG, [1916], 1991), p. 417.<sup>(39)</sup>

#### **4.2 Música e Imagens Mentais**

Segundo Carvalho, (1994)<sup>(61)</sup>, desde a antiguidade na história da medicina, há relatos do uso de imagens mentais, uso de visualização com o objetivo de curar os males do corpo e da psique.

Na medicina primitiva encontraremos feiticeiros ou xamãs fazendo uso de Imagens Mentais para curar o enfermo de seus males, físicos, psíquicos e espirituais, assim como na China, século XVIII A.C., no Egito, Tibet, nos oráculos gregos, na África, entre os esquimós, entre outros<sup>(61)</sup>.

Aristóteles, Galeno e Hipócrates, considerados os pais da medicina ocidental, usavam visualizações para o diagnóstico e tratamento das doenças<sup>(61)</sup>.

Jung ([1916], 1991)<sup>(39)</sup>, ao referir-se ao método de imaginação ativa que ele utilizou no processo psicoterapêutico, em que o ego dialoga com as imagens criadas espontaneamente pelo inconsciente, como nos sonhos, como forma de equilíbrio psíquico.

Ao falar de imagens mentais ele exemplifica como a partir de um som indistinto se processa o surgimento das imagens, ele refere,

[...] Suponhamos que ouvimos um som indistinto cujo efeito inicial se reduz a um estímulo para escutarmos mais atentamente, para descobirmos o que ele significa. Neste caso, o estímulo acústico desencadeia no cérebro toda uma gama de representações, de imagens, que se associam ao estímulo acústico. Parte delas se converte em imagens acústicas, parte em imagens visuais e parte em imagens sensoriais. Emprego a palavra imagem, aqui, simplesmente no sentido de

representação. Uma entidade psíquica só pode ser um conteúdo consciente, isto é, só pode ser representada quando é representável, ou seja, precisamente quando possui a qualidade de imagem. Por isso chamo de imagens a todos os conteúdos conscientes porque são reflexos de processos que ocorrem no cérebro. À série de imagens suscitada pelo estímulo auditivo subitamente se acrescenta uma imagem acústica, surgida da memória e acompanhada de uma imagem visual, a saber, o chocalhar de uma cobra cascavel. Isto vem seguido imediatamente de um alarme enviado a todos os músculos do corpo. O arco reflexo está completo. Uma série de imagens psíquicas se interpõe entre o estímulo sensorial e o impulso motor. A tensão súbita reage sobre o coração e os vasos sanguíneos, provocando uma sucessão de processos que se refletem psiquicamente em forma de terror. É deste modo que podemos formar uma ideia da natureza da psique. Ela é constituída de imagens reflexas de processos cerebrais simples, e das produções destas imagens em uma sucessão quase infinita. Estas imagens reflexas têm o caráter de *consciência*. A natureza da consciência é um enigma cuja solução eu desconheço. Do ponto de vista puramente formal, contudo, podemos dizer que um fator psíquico assume a qualidade de consciência quando entra em relação com o eu. Se não há esta relação, o fator permanece inconsciente (JUNG, [1916], 1991), p.608, 609. <sup>(39)</sup>

Bonny (1978)<sup>(22)</sup>, Bruscia (2000)<sup>(24)</sup>, Wigran (2002)<sup>(25)</sup>, Bush, (2003)<sup>(23)</sup>, falam da música como tela de projeção, quando estamos empiricamente receptivos à música, seu potencial de projeção é despertada.

Estudos mostram a íntima relação entre imagem e emoção, base teórica para a arteterapia e outras técnicas de imagens para a cura. Um deles descobriu significativamente mais imagens em experiências emocionais do que nas não emocionais<sup>(22-23, 25, 50, 62)</sup>.

Considerando-se que produzir imagens é a atividade natural e espontânea da psique, segundo Jung, ([1916], 1991)<sup>(39)</sup>, o objetivo deste trabalho é o de determinar se é possível estimular tal produção de imagens com conteúdo religioso.

[...] mas eu amava o meu Deus e o levei comigo para casa dos homens, pois estava convencido de que mesmo como imagem, vivia realmente e por isso não podia ser deixado só, ferido e doente. Por isso, experimentei o milagre de que meu corpo perdeu o seu peso quando eu O tomei nas costas....<sup>(41)</sup>

Também é possível produzir imagens mentais referentes a estados afetivos, sendo essas, representações imaginárias de uma emoção e, portanto imaginamos emoções e sentimentos de alguém ou vivenciados por nós mesmos num dado momento.

Além da utilização para cura e fins religiosos, as imagens mentais foram empregadas no decorrer da história com diversos outros objetivos. No antigo Egito, por exemplo, foram usadas para controlar o clima, para prever o futuro, e em encantamentos relacionados aos mortos. Na Assíria, na Babilônia e na Suméria empregavam-se imagens de fertilidade, na forma de deuses ligados a ela, para aumentar a produtividade da terra e a procriação de animais e de pessoas<sup>(63)</sup>.

As tradições voltadas para o contato direto com uma realidade transcendente continuam a ser disseminadas desde a antiguidade até os dias de hoje. Segundo Argcaro, 1997<sup>(63)</sup>, sua influência pode ser percebida em sistemas filosófico-religiosos como o budismo, o *zen*-budismo, a *yoga* e o tantrismo. Para este autor, o papel das imagens mentais nesses sistemas é bem ilustrado pelo tantrismo, originado da *yoga* com ideias do hinduísmo, do budismo e de cultos populares aborígenes, no qual a visualização é sustentada pela pessoa até que suas forças internas sejam despertadas<sup>(63)</sup>.

No budismo tibetano, as imagens mentais são utilizadas nas práticas de meditação. Divindades, símbolos, mandalas, imagens da natureza, cores e sons associados ou não a gestos são visualizados para controlar os turbilhões de pensamentos, tranquilizar a mente e despertar a devoção e os sentimentos elevados. O *yoganidra*, técnica com imagens mentais utilizada no *yoga*, é um processo de relaxamento consciente composto de várias etapas e foi compilado de práticas da tradição tântrica<sup>(64)</sup>.

No ocidente e no oriente médio, além do desenvolvimento do pensamento linear cartesiano em detrimento do pensamento sistêmico, três grandes correntes religiosas se tornaram hegemônicas: o cristianismo, o islamismo e o judaísmo. Nessas religiões a possibilidade de contato com o divino ficou restrita aos seus

profetas e/ou santos, o que acabou excluindo o homem comum desse tipo de experiência transcendente(63).

Neste estudo, a nossa hipótese é de que as músicas facilitam esse diálogo, pois se na consciência o ateu vive a certeza da inexistência de Deus, ainda assim, no seu inconsciente deve viver uma compensação, a experiência de ligação com o seu *Self*, significando aqui um princípio organizador psíquico maior que o ego e que tradicionalmente se manifesta por imagens de deuses.

Segundo Leão, Silva, (2004)(65), em um estudo realizado com 90 mulheres com problemas de dor crônica provocada por fibromialgia e lesão por esforço repetitivo, no Hospital das Clínicas, onde se utilizou da escuta musical de três peças musicais, duas eruditas, estruturadas e uma com estrutura não definida, foi realizado um *Mix*, mostrou que as músicas estruturadas produzem maior número de imagens que o *Mix*. Observou-se, também, que quando as pessoas ouvem uma música, uma série de imagens é produzida, independentemente de sua preferência musical, pois a música possui potencial para evocá-las. Isso ocorre porque nosso cérebro transforma quase todas as experiências que temos em imagens mentais. Além disso, a música por meio do ritmo, melodia, forma, tom, harmonia, timbre, instrumentação e vozes, toca todos os níveis do nosso ser: mental, físico e espiritual e, as nuances da estrutura musical afetam o fluxo de imagens, conduzindo à ideia de que músicas diferentes, com diferentes estruturas musicais podem apresentar diferentes potenciais para evocar a imaginação. Com a música, além dos relatos positivos na redução dos quadros dolorosos, chamou-nos a atenção as experiências imagéticas relatadas ao término de cada audição musical, levando-nos a refletir sobre o papel das imagens mentais nos efeitos sobre a intensidade da dor.

## **5. OBJETIVOS**



## **5.1 Objetivos Gerais**

Esta pesquisa tem por objetivo investigar se há o surgimento de imagens mentais, que trazem conteúdos ou temas religiosos, a partir da escuta de músicas litúrgicas e/ou sagradas, de diferentes culturas, após a aplicação da calatonia, em indivíduos que se declaram ateus.

## **5.2Objetivos Específicos**

- Verificar quais tipos de imagens mentais surgem a partir da escuta musical, dos indivíduos que se declaram ateus.
- Analisar através do desenho, do questionário semiestruturado e da fala espontânea (relato verbal), se as imagens que surgiram trazem temas e/ou conteúdos religiosos.
- Averiguar como os sujeitos vivenciaram essa experiência.



## **6. METODOLOGIA**



## 6.1 Métodos e Casuística

### 6.1.1 Método

Nosso estudo é clínico-qualitativo, com base na fenomenologia (TURATO, 2003)<sup>(1)</sup>.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser um tipo de investigação compreensiva e interpretativa dos fenômenos buscando entender significados e finalidades. Os fenômenos são considerados, do ponto de vista metodológico, em função do contexto em que são investigados. A objetividade e a subjetividade são consideradas, sendo que a intersubjetividade se configura como a melhor posição possível do pesquisador diante do conhecimento e de seu objeto de investigação. A metodologia qualitativa de pesquisa resulta de um movimento que avalia e critica o método científico moderno. Essa proposta exige do pesquisador coerência e consistência epistemológica, envolvimento pessoal com a investigação e, sobretudo, uma atitude crítica e ética frente ao conhecimento e às comunidades social e científica a que pertence. O conhecimento científico, no contexto da pesquisa qualitativa, visa não apenas a descrição dos fenômenos, mas, principalmente, a compreensão e interpretação da realidade pesquisada<sup>(66)</sup>.

A ciência do homem é a ciência do particular, estuda o subjetivo. A pesquisa qualitativa enfatiza a diferença, o individual, e a contextualização dos particulares leva a teorias gerais, mas que têm que ser adaptáveis a cada situação única. Num estudo qualitativo, o observador se constitui no instrumento de captação do fenômeno, a teorização do método e o treinamento são indispensáveis, uma vez que todo pesquisador é influenciado pelo seu ambiente cultural-filosófico-histórico, e tem que estar consciente dessa possibilidade. O pesquisador do homem é aquele que, a cada nova investigação e descoberta, tende aperceber que pouco sabe. Ele estimula os entrevistados a pensar e falar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Ajuda a fazer emergir aspectos subjetivos, a perceber motivações não explícitas ou inconscientes. O número de

entrevistados geralmente é pequeno porque se pretende obter uma maior compreensão do fenômeno estudado e é por isso que a pesquisa qualitativa se utiliza de métodos compreensivos-interpretativos para avaliar e interpretar os dados coletados<sup>(67-69)</sup>.

Para a fenomenologia, é necessária a utilização de um método próprio que focalize a experiência vivida e seu significado, descrevendo o fenômeno em sua singularidade, tal como se apresenta na consciência do sujeito que a expressa através do discurso falado<sup>(70)</sup>.

Para a psicologia uma pesquisa que adote uma atitude fenomenológica para sua investigação poderá examinar as experiências vividas e as significações atribuídas pelo experienciador. Neste estudo utilizamos a pesquisa qualitativa na abordagem junguiana, uma vez que esta teoria nos fornece subsídios para compreender as representações feitas pelos sujeitos, envolvendo a descrição, a interpretação e a atribuição de significado às imagens<sup>(45, 50, 71)</sup>.

#### **6.1.1.1 Instrumentos e Procedimentos**

Os dados coletados, os desenhos e as respostas verbais foram obtidos a partir do questionário semi-aberto.

As entrevistas foram gravadas em audiotape e anotadas. O tipo de entrevista usado foi à semiaberta, semiestruturada. Os entrevistados relataram, espontaneamente, a linha de seus pensamentos e de suas vivências dentro do foco principal colocado pelo pesquisador, participando da elaboração do conteúdo da pesquisa. Permitimos que o entrevistado fizesse uma abordagem reflexiva do assunto pesquisado, buscando também uma relação interpessoal na entrevista<sup>(68)</sup>.

Os desenhos foram realizados em papel A4, para facilitar a reprodução sem perder a nitidez e a qualidade das cores, com giz de cera “Gizão”, doze cores, que foram considerados suficientes para a expressão do indivíduo não artista.

A imagem mental pode aparecer ou não representada graficamente, e porque pode aparecer apenas no discurso verbal, foi pedido ao sujeito, além da execução do desenho, que ele desse um título e respondesse ao questionário, como mais uma forma de acessar a imagem mental, não necessariamente traduzida em grafismo. Na psicologia do desenvolvimento observa-se que o desenho ainda se desenvolve até, aproximadamente, os doze anos, e depois disso, como expressão de conteúdos internos, a tendência é que somente os artistas continuem desenhando e pintando.

Diferentes autores fazem uso de desenho na investigação científica e na psicoterapia. O desenho proporciona ao indivíduo a expressão e integração de seus sentimentos, por isso ele é utilizado há muito tempo como uma técnica projetiva, isto é, o indivíduo projeta sobre o papel aquilo que ele percebe e sente quanto aos seus conflitos, medos, angústias e a imagem que tem de si mesmo<sup>(72)</sup>.

Muitos autores utilizam o desenho como forma de expressão eficaz na investigação científica como na psicanálise e psicoterapia<sup>(72-78)</sup>.

Furth, (2006)<sup>(79)</sup>, afirma que os desenhos têm a mesma eficácia que os sonhos, enquanto fonte de informação psíquica, pois permitem a interação de áreas não manifestas ou reprimidas.

Segundo, Furth, (2006)<sup>(79)</sup>, na concepção de Jung, o reino do inconsciente, coletivo ou pessoal, pode ser representado na arte por meio das imagens e dos símbolos. Essas imagens e símbolos estão expostos na pintura, escultura, poesia, dança, música, literatura e em muitas outras formas de expressão artística, sendo expressões que surgem do lado criativo do ser humano. Esse conteúdo origina-se no inconsciente, fonte de criatividade. As imagens provenientes do inconsciente coletivo são arquetípicas e se manifestam nos sonhos e nas fantasias, no mito e na religião. Quando elas surgem, somos “tocados” de alguma forma, como se soubéssemos que elas não pertencem somente a nós, que são verdadeiras e que trazem um sentido que não podemos explicar. Compreender e admitir que os símbolos presentes nos desenhos possam vir da camada coletiva do inconsciente

ajuda-nos a responder às questões específicas em relação às figuras e à sua interpretação.

Em função dos conceitos envolvidos na compreensão do fenômeno estudado, o corpo teórico-metodológico da psicologia analítica pareceu-nos o que possui maiores elementos para compreendermos a interface entre Psicologia e Religião, buscando desvelar o invisível, compreendendo os símbolos e discriminando fatores objetivos e subjetivos encontrados na temática da pesquisa.

Como técnica de relaxamento escolhemos utilizar a calatonia, técnica de relaxamento com toques sutis, relaxamento nos pés, criada pelo Dr. Pethő Sándor, (1982)<sup>(44)</sup>, já descrita, No capítulo 3. Nesta pesquisa foi utilizada com o objetivo de promover aquietamento, introspecção, para uma escuta mais profunda. A duração da aplicação da calatonia é de, aproximadamente, 27 minutos no total, pois cada toque tem a duração de 3 minutos.

A calatonia foi utilizada não como técnica de integração fisiopsíquica, para a qual demanda um condicionamento maior do que o obtido somente em cinco sessões, mas como técnica de relaxamento que a pesquisadora domina e que é justificada em estudos científicos, teses e dissertações Penna, (1979), (1986)<sup>(47-48)</sup>, Armando, (2006)<sup>(45)</sup>, Arcuri, (2009)<sup>(50)</sup> e sim, proporcionando interiorização, e neste estudo, particularmente, utilizada para uma escuta profunda.

Em seguida foi pedido ao indivíduo que escutasse, com fone de ouvido, garantindo uma escuta mais atenta e focada, uma música religiosa. A escolha das músicas foi realizada a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, (2000)<sup>(80)</sup>, – sobre a religiosidade brasileira, ver anexo II. As músicas ou mantras foram escolhidos com letras cantadas em idiomas pouco conhecidos para o sujeito, para que esse não identificasse o que estava sendo cantado ou entoado, não havendo assim, reconhecimento desta. Foram apresentadas nessa ordem: na primeira sessão, o Q’ran, uma recitação, representando a Religião Muçumana, indicado pela Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo – Capital. Na segunda sessão, o Mantra Tibetano – Vajra Guru Mantra, entoada pelo Lama Chagdud Tulku Rimpoche, uma autoridade

no budismo, era um dos cinco maiores Lamas no tempo em que estava vivo, ele dizia que este era um dos mantras mais importantes, porque fazia a conexão com camadas muito profundas da psique, segundo praticantes do budismo por vinte e cinco anos, ininterruptamente. Na terceira sessão, Oni Saurê, Tradição Africana, Música de Domínio Público, indicada por um Pai de Santo da Umbanda em São Paulo. Na quarta sessão, Sim Shalom, recitação Judaica, indicada pelo Centro Judaico Bait, no Bairro de Higienópolis, em São Paulo – Capital. Na quinta sessão, Verbum Supernum, Hino VIII Modo, a 15ª faixa do CD Cantus Selecti, do Coro do Mosteiro de São Bento de São Paulo, indicado pelo Maestro Cesar Aguiar e confirmado por Dom Alexandre, Monge Beneditino, Mestre do Coro do Mosteiro de São Bento de São Paulo.

Depois da calatonia e da escuta da música, o indivíduo realizou um desenho em papel A4 com gizão (doze cores), que representasse a experiência com a música e lhe foi pedido que desse um título.

Em seguida, o sujeito respondeu a um questionário com perguntas semi-estruturadas para investigar se surgiram imagens mentais e se traziam tema ou conteúdos religiosos e averiguar como o indivíduo viveu a experiência musical.

Utilizamos a entrevista semiestruturada. As perguntas foram apresentadas numa ordem pré-determinada, para não desviar a atenção do objeto de estudo (imagens mentais), entretanto dentro de cada questão houve a liberdade do entrevistado em respondê-las de forma que pudessem surgir outras questões relevantes a serem consideradas.

A pesquisadora também anotou as falas espontâneas dos sujeitos durante o procedimento, tanto na aplicação da calatonia como durante a realização do desenho e durante a entrevista, pois sabemos que a técnica de relaxamento e a execução de desenhos (técnica projetiva), provocam a mobilização e expressão de conteúdos do inconsciente<sup>(67)</sup>.

Os entrevistados relataram, espontaneamente, a linha de seus pensamentos e de suas vivências dentro do foco principal colocado pelo pesquisador, participando da elaboração do conteúdo da pesquisa. Permite-se

que o entrevistado faça uma abordagem reflexiva do assunto pesquisado buscando, também, uma relação interpessoal na entrevista<sup>(68)</sup>.

Foram realizadas cinco sessões, com a duração de uma hora cada sessão, exceto a primeira, pois aplicamos o Inventário de Religiosidade (Ver anexo I) e o M.I.N.I. (Ver Apêndice II), e o sujeito assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver Anexo I).

### **6.1.2 Casuística**

Dentre os instrumentos utilizados na seleção da amostra aplicamos o M.I.N.I. – Mini-International Neuropsychiatric Interview e o Inventário de Religiosidade MOSCHELLA-LARSON (ML).

O M.I.N.I. - Mini-International Neuropsychiatric Interview, (versão 5.0.0 – 2000, para o português por Patrícia Amorim), um inventário de saúde mental é um instrumento padronizado, de breve aplicação, em torno de quinze minutos, com consistência interna e confiabilidade teste-reteste. Foi aplicado na primeira sessão.

Nesta pesquisa o M.I.N.I. foi utilizado para permitir atender aos critérios de inclusão e exclusão do sujeito à pesquisa, considerando que os indivíduos não poderiam apresentar problemas de saúde mental para participarem desta pesquisa, pois estamos lidando com conteúdos profundos que podem mobilizar alguns conteúdos inconscientes conflituosos.

O Inventário de Religiosidade MOSCHELLA-LARSON (ML), Gonçalves, (2000)<sup>(2)</sup>, foi aplicado antes das cinco sessões também para atender aos critérios de inclusão e de exclusão dos sujeitos à pesquisa. A validação dos referidos questionários para a aplicação na população brasileira foi realizada pela Prof. Dra. Márcia Gonçalves (Unicamp), Prof. Dr. Marcos Ferraz (Unifesp), e pelo Prof. Dr. Joel Giglio (Unicamp).

A nossa amostragem é proposital, intencional ou deliberada. Nesse tipo de amostra, a escolha de sujeitos é oposta à amostragem estatística, preocupada com a representatividade de uma amostra em relação à população total<sup>(1, 67-68, 81)</sup>.

Na amostragem intencional, o pesquisador delibera quem são os sujeitos para participar do estudo, segundo os seus pressupostos de trabalho, ficando livre para escolher entre aqueles cujas características pessoais, como dados de identificação biopsicossocial, possam na visão do pesquisador, trazer informações e dados consistentes de acordo com o assunto, ou fenômeno a ser estudado, pois isso facilita o desenvolvimento das teorias em estudo<sup>(1)</sup>.

Segundo Kvale, (1996)<sup>(68)</sup>, o pesquisador deve entrevistar quantos sujeitos forem necessários para colher os dados que precisa para encontrar o que quer conhecer. O número de sujeitos depende do propósito do estudo.

Nesta pesquisa foram contatados, inicialmente, vinte e cinco sujeitos que se declararam ateus. Entende-se por ateu, neste estudo, aquele que declara não crer em Deus e não possuir crenças religiosas, sem comprometimento com um grupo ou instituição religiosa, definido e medido através do Inventário de Religiosidade Moschella-Larson<sup>(2)</sup>. E por religioso aquele que crê em algo Maior do que o ego, Maior que ele mesmo, crê em Deus ou qualquer outra divindade, aquele que consegue fazer a conexão Ego-Self. A conexão do ego com a imagem de Deus representada psiquicamente pelo Self.

A pesquisadora conseguiu contatar os indivíduos, ateus, através de indicação de pessoas conhecidas e dos seus relacionamentos profissionais, por ser professora nos cursos de graduação e pós-graduação, Lato Sensu, de Musicoterapia do Complexo Educacional – Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU e como Professora Convidada nos Cursos de Pós-graduação, Lato Sensu, na Arteterapia, Unicamp, FAMOSP e INPG e nos Cursos de Psicoterapia e Recursos Artísticos e Psicoterapia Junguiana e Corporal pela UNIP e Gerontologia pela PUC-SP.

Entretanto, desses vinte e cinco ateus contatados, apenas seis foram escolhidos a participar desta pesquisa, os outros ou foram excluídos por não

preencher as características necessárias para participar, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão que descrevemos a seguir, ou porque alegaram que não podiam participar por falta de tempo e por problemas com a locomoção em São Paulo.

O método utilizado para compor essa amostragem foi por saturação(82)

Nós fechamos o grupo quando, após as informações coletadas com esses seis sujeitos observamos a repetição em seu conteúdo. Assim, ao percebermos que novas falas teriam acréscimos pouco significativos diante dos objetivos, inicialmente propostos para a pesquisa, decidimos encerrar nossa amostragem nesses seis participantes.

Fizeram parte desta pesquisa, seis indivíduos adultos, de 28 a 65 anos, pertencentes à faixa etária considerada produtiva, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), de ambos os gêneros, sexo masculino e feminino, todos brasileiros, residentes em São Paulo, com instrução mínima no curso superior completo, todos pertencentes ao nível sócio econômico de classe média alta, ateus, de acordo com a declaração dos indivíduos e do resultado do Inventário de Religiosidade<sup>(2)</sup>, Assim, o grupo estudado foi reunido pelo critério da homogeneidade ampla, situação essa que corresponde a uma soma de características em comum a todos os sujeitos que compõe a amostra<sup>(1)</sup>.

### **6.1.2.1 Critérios de Inclusão e Exclusão na Pesquisa**

**6.1.1.2.1 Os critérios de inclusão** dos indivíduos na pesquisa foram os seguintes, a) ser ateu convicto, não crer em Deus ou em nenhuma divindade, nem frequentar qualquer instituição religiosa, confirmado pela aplicação do Inventário Religioso, Moschella Larson Gonçalves, (2000)<sup>(2)</sup>; c) ter curso superior completo.

**6.1.1.2.2 Os critérios de exclusão** dos indivíduos na pesquisa são os seguintes, a) ter traços ou tendência à psicose, depressão ou qualquer doença

mental. b) crer em Deus ou em alguma divindade e/ou pertencer a qualquer instituição religiosa, c) ser músico, pois depois do relaxamento o indivíduo ouve uma música sagrada ou litúrgica de determinada cultura e o músico profissional, tende a conhecer a música de forma mais intelectualizada e técnica e isso poderia interferir nas respostas.

## 6.2 Procedimentos

Antes de iniciar a entrevista foram anotados os dados de identificação, como, nome completo, idade, sexo, estado civil, naturalidade, procedência, formação escolar e o nível socioeconômico.

A calatonia e a escuta musical foram aplicadas em cinco sessões para cada sujeito, com base na terapia breve, focal<sup>(4)</sup>

Na primeira sessão, precedendo a aplicação desses estímulos, o sujeito, primeiramente, foi informado sobre a pesquisa e sua metodologia e em seguida, foram anotados os dados de identificação de cada indivíduo, a caracterização do sujeito, como idade, sexo, estado civil, escolaridade, naturalidade, procedência e classe socioeconômica.

Em seguida, houve a aplicação do M.I.N.I. e do Inventário de Religiosidade para atender aos critérios de inclusão e exclusão.

Uma vez atendido os critérios de inclusão, o sujeito leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexo I B). Esta primeira sessão teve a duração de 1 hora e quarenta e cinco minutos.

Nas demais sessões, sempre respeitando a mesma sequência, após a aplicação da calatonia e da escuta musical, era solicitado ao sujeito realizar um desenho livre que representasse a experiência com a música e, em seguida, a responder ao questionário semiestruturado.

A duração das sessões foi de, aproximadamente, 1 hora cada uma e o intervalo entre as sessões foi semanal.

Houve a aplicação da Calatonia, relaxamento nos pés, com toques sutis, com a intenção de promover interiorização, introspecção e preparar o sujeito para uma escuta profunda da música.

Terminada a aplicação da calatonia, depois de 27 minutos, o indivíduo sentou confortavelmente para escutar a música. Todos os sujeitos escutaram cinco músicas sagradas, ou litúrgicas, de diferentes culturas. Em cada sessão foi apresentada uma música diferente. Para a escuta de cada música o sujeito estava sentado confortavelmente, colocava o fone de ouvido para garantir uma escuta profunda, introspectiva.

A ordem da apresentação das músicas foi da mais desconhecida até a mais familiar do ponto de vista da nossa cultura ocidental, para que os indivíduos não se sugestionassem com o estilo musical (música sagrada). Assim, as músicas foram escutadas nesta ordem: **1. Q'ran** (Mulçumano), **2. Vajra Guru Mantra** (Budismo Tibetano); **3. Oni Saurê - Canto para Oxalá** - Ponto de Orixá (Africana); **4. Sim Shalom** (Judaísmo); **5. Verbum Supernum VIII Modo - Canto Gregoriano** (Cristianismo).

Após a escuta musical foi pedido para o indivíduo fazer um desenho que representasse a experiência com a música, utilizando papel A4 e gizão de cera, doze cores.

Em seguida, o indivíduo respondeu ao seguinte **questionário semiestruturado**:

- 1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**
- 2) Surgiram imagens mentais? Quais?**
- 3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música.**

Foram, também, anotadas as falas espontâneas dos sujeitos durante o procedimento, tanto na aplicação da calatonia como durante a realização do desenho e durante a entrevista.

### **6.3 Local da Pesquisa**

As entrevistas ocorreram no consultório particular da pesquisadora, no Bairro do Brooklin, em horário tranquilo para não interferir na escuta musical. Uma sala de, aproximadamente, vinte metros quadrados, com duas poltronas, um divã para o relaxamento e uma mesa para desenhar. É arejada, bate sol. A janela dá para o quintal interno. A sala é aconchegante, tranquila e silenciosa.

### **6.4 Análise dos Dados**

A análise dos dados e a interpretação dos desenhos foram realizadas na abordagem junguiana, proposta por Carl Gustav Jung, sendo que dois especialistas na área analisaram esses dados. Uma Psicóloga, Doutoranda e Mestre em Psicologia Clínica – Estudos Junguianos, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e um Arteterapeuta, Artista Plástico, Licenciatura em Artes Visuais, Mestre em Psicologia Clínica – Estudos Junguianos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

Assim, os dados desta pesquisa foram fundamentados à luz da teoria da Psicologia Analítica, fazendo uma análise dos conteúdos encontrados que levem em conta seus significados tanto conscientes quanto inconscientes, em suas expressões verbais (fala espontânea e questionário) e gráficas (desenhos).



## **7. RESULTADOS**



**Primeiro Sujeito: N.P.J.**  
**Idade: 34 anos**  
**Sexo: Masculino**  
**Estado Civil: solteiro**  
**Naturalidade: brasileiro**  
**Procedência: São Paulo**  
**Formação Escolar: Doutorado em Biologia**  
**Nível Socioeconômico: Classe média alta**

**Primeira Música: Q'ran (Religião Mulçumana)**  
**Título: Testemunho**



## **Três Palavras: Observação, Catatonismo, Anestesia.**

### **Questionário:**

#### **1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**N.P.J.:** “De anestesia, anestesiamento, aquele estado catatônico. Imaginei essa música como trilha sonora prá coisas que eu já testemunhei, vivenciei. Essa música é uníssona, monotemática então imaginei uma cena onde eu ou uma câmera, num lugar em que foi devastado e queimado, então você só vê o testemunho daquilo que pode ter sido um dia. Mas, ao mesmo tempo, você andar por um lugar assim é triste. Mas não achei triste a música. Ela serve como trilha sonora para um momento de contemplação, catatônico, constatando as coisas”.

#### **2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**N.P.J.:** “Eu me imaginei num barco à deriva, no rio abaixo e observando a vida do ribeirão, olhando para a margem vendo situações estáticas, como estáticas, como fotografias de cenas cotidianas, mas como fotografias. Um moço na janela te olha e pum! para. Outro é a mulher lavando roupa na palafita, te olha, pum! Povo meio aprisionado... tem a palafita, o rio embaixo e a mata atrás”.

**Pesquisadora:** Eles se sentem aprisionados ou você os vê aprisionados?

**N.P.J.:** “Eu os vejo aprisionados”.

**Pesquisadora:** Por quê?

**N.P.J.:** “Prá nossa visão urbana, a mata os limita, mas por viverem lá eles sabem explorar melhor e ter uma melhor relação com aquela realidade, a mata destruída... eu nunca vou me acostumar com isso. Eu falei em catatonía porque é aquilo que vai contra o que você quer, é a situação, a realidade que impacta você de forma profunda e você se vê impotente, não tem como reverter a situação e só tem que aceita... você fica catatônico para você digerir depois”.

**Pesquisadora:** Essa situação já aconteceu com você?

**N.P.J.:** “Não...pensando bem, acho que sim, mas de forma branda. Eu vejo a mata destruída, eu vejo! Eu nunca vou me acostumar com isso! Mas não posso ficar chorando por isso!”.

**Foi pedido a ele que explicasse a parte superior do desenho:**

*“Aqui são um monte de tronquinhos queimados. Tamanduá queimado, geralmente eles morrem de braços abertos”.*

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música.**

**N.P.J.: Observação, Catatonismo, Anestesia.**

ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**     **NÃO**

**Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** Observação, Contemplação da vida como um todo.

**2) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Ele fala de uma atitude religiosa, a contemplação.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**     **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** Contemplação.

**3) Justifique:**

**S.L.:** “Contemplação é um conceito religioso. Embora no desenho pareça que algo está vindo da esquerda para a direita, esquerda representando o inconsciente e a direita representando o consciente. Parece haver também uma separação do plano inferior e superior. É uma divisão acentuada embora sinuosa. Duas coisas bem separadas”.

**Pesquisadora:** Ele fala de testemunho, tema recorrente nas diferentes religiões. Em seguida se coloca na cena e fala do próprio testemunho, em relação à “dessacralização” da natureza, através da destruição e do desrespeito.

**Observações:**

**Fala espontânea após calatonia: N.P.J.:** “*Você tem mãos quentes, geralmente as mulheres têm mãos frias*”.

**Segunda Música: Mantra (Budismo) - Vajra Guru Mantra** (entoada pelo Lama Chagdud Tulku Rimpoche, uma autoridade no budismo, era um dos cinco maiores Lamas no tempo em que estava vivo).

**Título: Neblina**



**Três Palavras: Relaxamento, Desprendimento, Liberdade**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**N.P.J.:** “Se eu gosto? Bem... senti bem semelhante à da semana passada... remeteu-me prá terras do povo islâmico, em geral. Num primeiro momento pensei é diferente daquele que era um lamento, bem... mas é um lamento, porque não tem percussão a impressão é que é alguém cantando sozinho, impressão de um lamento. Num primeiro momento, uma pessoa sozinha, mais velha e pobre, até veio a imagem de um mendigo. Por isso desenhei um beco,

escuro. Uma pessoa largada. A voz me remeteu, mas não via a imagem, o rosto nem nada. Mas depois relaxei e tive a impressão de que a voz saía fácil e se eu abrisse a boca sairia de mim, e me sentia voando, num lugar alto, uma neblina passava por mim e não via o que tinha embaixo e isso não me preocupava, o fato de não ver embaixo. As sensações foram de dó, compaixão, de querer ouvir o que ela está falando. Mas depois a sensação da neblina, mais individual... foi relaxante, mais pretensioso, só vagar... senti a neblina no rosto”.

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**N.P.J.:** “Poucas imagens, no primeiro momento algo que remeteu ao beco, sem imagem, como ideia. Depois a neblina como se fosse uma profusão de cor, nada definido”.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:Relaxamento, Desprendimento, Liberdade.**

ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:** SIM    NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** Neblina

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** A neblina simboliza a indefinição da forma de Deus que frequentemente se manifesta no antigo testamento em forma de nuvem. É representado também na iconografia religiosa como surgindo parcialmente atrás das nuvens.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:** SIM    NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** Há polaridades, o escuro, o claro, o pesado, o leve, o retilíneo, o ondulado, o estreito e o alongado.

### 3) Justifique:

**S.L.:** Uma imagem de ascensão, é a neblina. Isso sugere levemente uma figura antropomórfica porque é ascendente e está em diagonal. Aqui, novamente a passagem do esquerdo para o direito, do inconsciente para o consciente. O que era denso, concreto, aqui ele pulveriza, fala que se perde na neblina. Azul de fundo também, fundamental. Há o contraste *pink* e preto em relação ao azul. Cores fortes, delineadas, concretas e o azul mais fluídica, onduladas. Lembrei-medo Steiner, vermelho contração e azulada dispersão. Para mostrar o batimento do coração, de sístole e diástole.

### Pesquisadora:

“Neblina, Profusão de Cor, nada definido, desprendimento, liberdade”, são algumas palavras retiradas das respostas de N.P.J.

É interessante esse relato, pois as três palavras definem estados propostos pelo budismo que tem como pressuposto o relaxamento, a meditação, o esvaziamento da mente, portanto, desprendimento e liberdade. O Budismo Tibetano assim como a maioria das religiões propõem como caminho de desenvolvimento espiritual, o desprendimento da matéria, portanto o desapego é um conceito comum a todas as religiões, assim como a liberdade para a prática religiosa, como praticar o budismo, pois também através da prática diária é que se atinge essa elevação, a iluminação. Do lado esquerdo encontra-se o beco, representando as dificuldades, os obstáculos a serem ultrapassados. Há um movimento ascendente em tom azul claro, cor da espiritualidade, parece mais um nevoeiro porque está também no plano do chão.

Segundo Chevalier, (1990), nevoeiro é símbolo do indeterminado, de uma fase de evolução: quando as formas não se distinguem ainda, ou quando as formas antigas que estão desaparecendo ainda não foram substituídas por formas novas precisas. Símbolo igualmente de uma mescla de água e de fogo, que precede toda consistência, como o caos das origens, antes da criação dos seis dias e da fixação das espécies. Na pintura japonesa são muitas vezes representados nevoeiros horizontais ou verticais (*kasumi*), significam uma perturbação no desenrolar da narrativa, uma transição no tempo, uma passagem mais fantástica ou maravilhosa. [...] Acredita-se que o nevoeiro preceda as revelações importantes, é o prelúdio da manifestação: “*Eis que virei a ti na escuridão de uma nuvem*”, diz Jeová a Moisés, “*para que o povo creia sempre em ti*”. (Êxodo, 19,9).

### Terceira Música: Canto para Oxalá(Religião Africana)

Título: Sincretismo.



**Três Palavras: Dó, Cruz, Atabaque.**

**N.P.J.:Fala espontânea:** É para desenhar o que? Eu não vi nada. Pegou giz marrom...passaram 30 segundos.

**Pesquisadora:**Deixe o giz te levar....Ele mudou para o giz preto e imediatamente começou a desenhar. Terminou o desenho, fez uns 20 segundos de pausa e desenhou uma cruz e fala: tá bom assim! É um negro rezando.

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**N.P.J.:**Eu gostei, porque eu penso que as religiões "Afro" usam bastante percussão, celebram ocasiões de alegria, de agradecimento, porque parece ser algo positivo lá na África, mas a forma que eles vieram para cá é triste. Escravidão velada, preconceito velado, mas existe... Esse sincretismo parece que fez perder essa característica Afro e misturou com o cristianismo, que

origina esse caráter de piedade, subjulgação... tenho pena dos africanos que vieram para o Brasil, terem perdido sua cultura, suas crenças porque foram catequisados.

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**N.P.J.:** Essas que eu desenhei: um negro de joelhos rezando prá Jesus, a cruz e o atabaque. O sincretismo lá na Bahia é muito forte. Eu morei lá e observei isso! Não gosto das religiões passarem a ideia de ter de se remeter a algo superior e se colocando como inferior o tempo todo. Isso eu não gosto! Tenho dó e pena de quem é mais fraco e se submete.

**3)Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**N.P.J.:** Dó, Cruz, Atabaque.

ESPECIALISTA I:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  SIM  NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** Cruz, Atabaque, Postura de Oração, de joelhos.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Atitude religiosa e símbolos tradicionais cristãos, cruz associado ao som do atabaque, instrumento utilizado no candomblé para promover estado alterado de consciência.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  SIM  NÃO

**Se SIM. Quais?**

**S.L.:** A cruz, sincretismo, o atabaque e a pessoa de joelhos.

**2) Justifique:**

**S.L.:** Considerando a região do papel, o desenho está bem à esquerda, na região do inconsciente. A cruz está em evidência, pois está em tamanho maior. Quando ele fala do sincretismo, ele coloca uma linha de ligação entre o atabaque e a cruz. Mas, a pessoa de ajoelhada não tem uma ligação com os

elementos, tem um vazio entre eles. O tema da religiosidade aparece como sinal, mas não como conexão. Tem os sinais de religiosidade.

#### Quarta Música: SIM SHALOM – (JUDAICA)

Observação: ele riu muito durante a escuta musical e cantarolava a música enquanto desenhava.

#### Sim Shalom (Judaica)



**Título: Chefe de Escoteiros.**

**Três Palavras: Engraçada, Irrelevante, Disciplina.**

#### Questionário:

**1) Como foi para você escutar esta música? Quais as sensações que você experimentou?**

**N.P.J.:** Eu não imaginei nada demais, primeiro eu não sei que “língua” é essa... parece árabe, depois nórdico. Parece um cara “tonto” – sabe chefe de escoteiros? Eu vi uma casinha e campo a perder de vista. As sensações que experimentei? Parecia uma aula, foi engraçado, sensação de graça de engraçado, de curiosidade para saber que “língua” é..., que povo é...

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**N.P.J.:** do polacão com polaquinhos....casinha e campo verde.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**N.P.J.:** Engraçada, Irrelevante, Disciplina. *Essa música não me disse muita coisa.*

ESPECIALISTA I:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

3) Justifique:

A.M.G.R.: Trata-se de uma organização leiga.

ESPECIALISTA II:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

Justifique:

S.L.: Coisas muito separadas. O Polaco muito à esquerda e a construção à direita. Um lugar lacrado, não dá prá entrar. De uma certa forma, ele dialoga com o interior porque tem um vazio entre os elementos, a pessoa à esquerda e a construção à direita.

**Quinta Música: Verbum Supernum – Hino VIII Modo – Canto Gregoriano (Cristianismo)**

**Fala espontânea:** É Gregoriano. Não consigo representar o que eu quero. Essa coisa de perspectiva para o desenho... essa coisa de dar dimensão para o desenho.

**Título: Templo.**



**Três Palavras: Agradável, Frustração, Revolta.**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**N.P.J.:** “Eu gosto da sensação que esse tipo de música me proporciona. Mas não gosto do que ela remete. Desconectando a música de quem canta é confortável, relaxante. Mas ao mesmo tempo me remete à Igreja, ao padre que são coisas que eu não gosto muito. Então é um tipo de canto que me

representa o que eu não gosto. Quando viajo entro em todas as igrejas que posso. Eu gosto das construções das igrejas, da sensação que elas me passam. Eu entrei em uma em Paris onde escutei algo muito parecido ao que eu ouvi aqui, hoje. É muito boa a sensação de alto. Assim, é sempre um conflito. Eu gosto da arquitetura, mas não gosto do motivo que as igrejas são construídas muito altas para nos sentirmos pequenos e nos induzirem a acreditar que exista algo superior. Eu não tenho dúvidas quanto a existir ou não, é que a igreja me incomoda muito. O jeito que elas se mantêm e tenta manipular as pessoas”.

## **2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**N.P.G.:**“Surgiram, no início da música tentei identificar a letra, era latim, aí pensei em padre cantando de costa, aí pensei no filme, Anjos e Demônios, quando abre a porta e vejo aquela multidão da Praça São Pedro, esperando ver o novo Papa, e isso me incomoda porque não gosto da ideia das pessoas serem fracas o suficiente para se deixarem levar por uma instituição que sustenta a ideia de uma coisa que não existe, como deus e todo o resto. Mas, como recentemente assisti o filme Anjos e Demônios, estou um tanto tendenciado. As imagens que surgiram foram templo, padre cantando de costas, luz entrando pelo vitral, pilares, colunas do templo”.

## **3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**N.P.J.:** “Agradável, Frustração, Revolta (por causa do filme e por causa do jeito que foram passados os ensinamentos religiosos, penso que os males do mundo tem a ver com o cristianismo, o Gênesis da Bíblia).”

**Observação do Final do processo:**“Foi bom esse formato de aplicação do seu procedimento... eu gostei Ana... foi bom ter me permitido dar uma parada para relaxar... agora ouço música mais atento. Foi interessante ouvir músicas diferentes”.

## ESPECIALISTA I

### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM     NÃO

Se Sim. Quais?

A.M.G.R.: Templo, Arcadas, Monges, Luz, Monges num espaço sagrado, vestidos com roupas de religiosos, andando em direção à luz dentro de um templo, vitrais, luz entrando através dos vitrais.

### 2) Justifique:

A.M.G.R.: Uma das epifanias de Deus é a luz e cabe ao humano andar em direção a ele. A luz é uma das manifestações de Deus Cristão num lugar de contemplação, na presença de homens com vestes religiosas.

## ESPECIALISTA II:

### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM     NÃO

Se SIM. Quais?

S.L.: Tem sinais e tema: os monges, templo, cúpula e pilastras muito altas.

### Justifique:

S.L.: Ele mesmo se denuncia, ele é tocado, mas se recusa a entrar em contato. São colunas muito altas e pessoas muito pequenas, fica bem evidente aqui, por isso ele se sente oprimido, engolido. Embora ele não tenha o domínio da técnica do desenho, ele tem o aspecto tridimensional, está dentro do espaço.

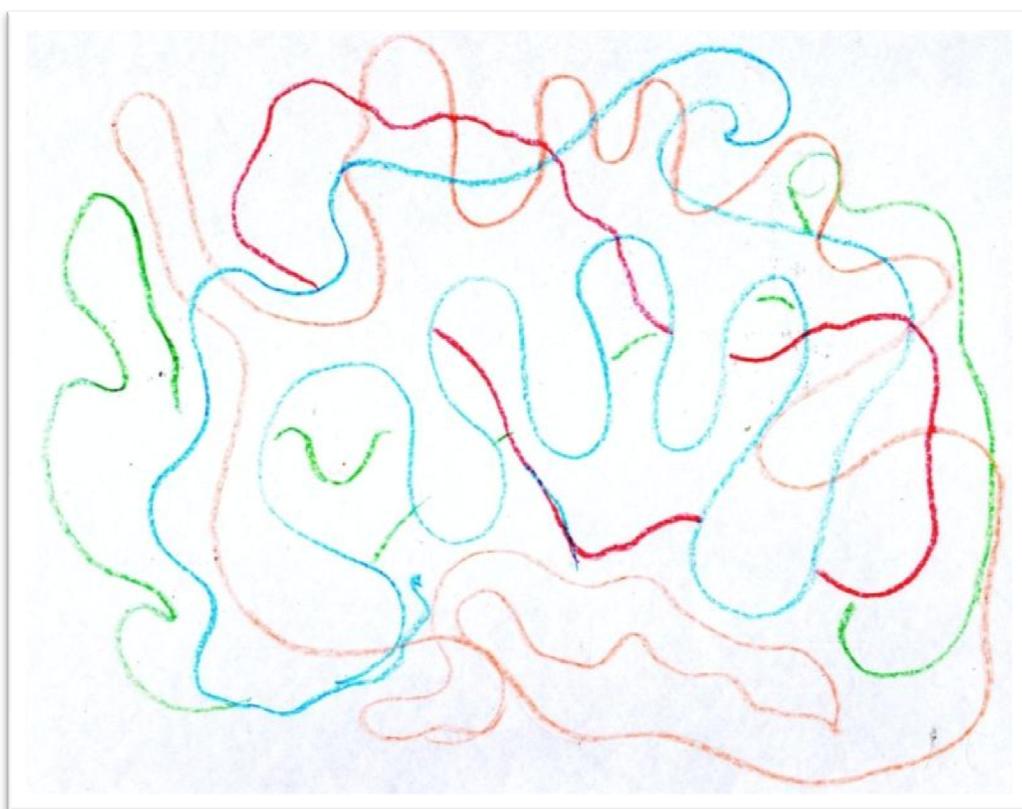
### Pesquisadora:

A altura do templo, pilares, colunas do templo, multidão esperando ver o novo Papa, construções e arquitetura das igrejas. O desenho mostra o templo, os padres cantando, os raios de luz que parecem vir do alto através dos vitrais coloridos emanando Luz, como ele em seguida relata. Apesar de o sujeito ter relatado que a sua primeira sensação não foi agradável, parece ter mostrado o conflito entre a beleza da escuta musical que provocou uma sensação agradável e a frustração e a revolta com a Igreja Católica por tudo que ela representa para ele. N.P.J. comentou que no dia anterior havia assistido ao filme, Anjos e Demônios ficando revoltado com toda aquela política envolvida.

**Segundo Sujeito: J.A.S.F.**  
**Sexo: Masculino**  
**Idade: 63 anos**  
**Estado Civil: casado**  
**Formação Escolar: Cursos Superiores - Literatura e Direito**  
**Naturalidade: brasileiro**  
**Procedência: São Paulo**  
**Nível sócio econômico: Classe Média Alta**

**Na primeira sessão J.A. falou espontaneamente para a pesquisadora depois que ela lhe explicou sobre a pesquisa:** *“Em 1971 me declarei ateu, agnóstico na época, num trabalho...existe preconceito, eu percebo, não sou vítima do preconceito porque eu sei me defender. Nunca encontrei problema por causa disso”.*

**Primeira Música: Q’ran (Religião Mulçumana)**  
**Título: Intersecção de Planos**



**Três Palavras: Tranquilidade, Paz, Sensação de Calor**  
**Questionário:**

**1) Como foi, para você, escutar esta música? Quais as sensações que você experimentou?**

**J.A.S.F.:** *“Relaxante, sensações de relaxamento, desliga um pouco dos sons, da ambiência, da realidade”.*

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**J.A.S.F.:** *“Sim, mais ou menos de cores, de ondas e de... intersecção de planos, uma pintura abstrata em contornos redondos pela confluência da música que parecia ser árabe”.*

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**J.A.S.F.:** *“Tranquilidade (vai girar tudo em torno de tranquilidade), paz, uma sensação de calor.”.*

**ESPECIALISTA I**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:** ( ) SIM ( X ) NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Imagem de relaxamento, uma garatuja, sinuosa, sem forma.

**ESPECIALISTA II:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  SIM  NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** Intersecção.

**3) Justifique:**

**S.L.:** *“Intersecção é contato, coisas que se conectam. Aqui eu vejo algo muito primitivo, como as pinturas em negativo que estão pintadas nas cavernas, tem uma pintura famosa na Caverna das Coevas. O que ele diz e essa intersecção está dentro do conceito de religiosidade, embora seja uma abstração, é uma forma integrada e tem movimento, é sinuosa e fluida.”.*

**Segunda Música: Vajra Guru Mantra – (MANTRATIBETANO)**  
**Título: Paisagem Tibetana**



**Três Palavras: Tranquilidade, Hipnose, Agradável**

**Depois da calatonia J.A. comenta:** *“Consegui desligar o cérebro por um segundinho, parece que sumiu tudo, um átimo, quando você tocava a sola dos pés, mas quando você tocou os calcanhares votou”.*

**1) Como foi, para você, escutar esta música? Quais as sensações que você experimentou?**

**J.A.S.F.:** *“Agradável, parece oriental, templo budista, monocórdio, tranquilidade e nesse tom de voz vai relaxando um pouco.As sensações....só de tranquilidade e relaxamento, melodia, intensidade, tom, gera frequência interna que parece relaxante”.*

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**J.A.S.F.:** *“Oriente, Pagodes, arquitetura, formato do teto, laça do Tibet, indumentária do monge budista de cor açafrão, vermelha. Pagodes, aquele Bujão que giram quando rezam. À esquerda um templo tibetano, Aqui um scrínioshine, casinha de passarinho (não sei o que eles põem lá dentro), figura de apelo oriental mais formato. Gosto de Folk, de música folclórica de várias culturas, mas a música folclórica escocesa é a minha música preferida. Durante anos eu sentia um ponto de dor, nas costas que não melhorava e com esse tipo de música escocesa soltou o pinçamento, mas ainda a memória da dor ficou... Eu tenho uma gaita escocesa, toco um pouquinho”.*

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:  
Tranquilidade, Hipnose, Agradável.**

ESPECIALISTA I:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Templo Roda de oração.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** trata-se da apresentação do recinto sagrado e o seu telhado sugerindo elevação e um instrumento de oração.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**S.L.:** Com certeza esta figura central, olhando para o todo, é uma figura antropomórfica, ela se coloca no centro. Há uma distinção entre o lado esquerdo e direito. O lado esquerdo é mais abstrato, formas mais dispersas e à direita, está mais estruturado, mais elaborado.

**3) Justifique:**

Tem um elemento de ascensão, como um degrau e vários elementos apontados para cima, reforça a ideia de ascensão.

**Terceira Música: CANTO PARA OXALÁ (RELIGIÃO AFRICANA)**  
**Título: África**



**Três Palavras: Ritmo, Cor e Sensação**

**Ele menciona DNA, fala sobre sua origem negra (EU) e sobre um teste de DNA que ele fez para saber sua origem.**

**Observações:**

- a) Terminada a escuta da música J.A. fala espontaneamente: “É Nagô”.
- b) **Após a pesquisadora dar a seguinte instrução:** Faça um desenho que represente essa experiência com a música, ele falou: “Acho que dá, não sou muito bom em expressão.....transformar sinesteticamente o que sentiu...”

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar esta música? Quais as sensações que você experimentou?**

**J.A.S.F.:**“Ah!.... A sensação..... Ah! Como posso te dizer... sensação de tranquilidade. Na outra, mais fluida, nessa a marcação do ritmo é mais empática, você vai entrando no ritmo da música. Não há grandes evocações, mas como eu curto qualquer tipo de música é um gênero bastante interessante”.

## 2) Surgiram imagens mentais? Quais?

**J.A.S.F.:** “De África, sei lá... já identificando a língua você acaba evocando imagens dentro do seu repertório. Se você tem repertório africano vai evocar... escudos compridos, coloridos. Vem imagem de DNA Y, fiz um exame de DNA pela TV National Geographic, pelo correio e deu um ramo antiquíssimo 10.000 anos atrás na Ucrânia. Mitocondrial, linha materna, Mitocondrial X. Deu C3 – Kenia, maior concentração é do norte da Angola, Guiné Equatorial. Falaram que meu DNA também tem ligação com a Croácia, com a Itália – Calábria. Há uma escrava, crônica familiar, quatro irmãs, três mulatas, traços de mulata, uma prima é mulata, meu primo Francisco é mulato. Minha mãe é a única branquinha, deve ser adotada. Quando a gente é imigrante, fica sempre sem lugar. A Igreja Católica perdeu para o Pentecostalismo porque não te oferece um lugar de pertencimento. No Pentecostalismo o sujeito sente o apoio da comunidade e acaba sendo um fiel de verdade. Quando fiz minha cidadania Italiana passei a ser Italiano, agora mulato puro”.

### **Pesquisadora: Então, quais as imagens que surgiram para você?**

**J.A.S.F.:** *“Motivos africanos, coloridos, imagens de animais, um elefante, um leão, na Savana, uma interferência política, TV, internet, aquele sofrimento, bebês esqueléticos... passando fome... Vi cores, vermelho, preto, azul principalmente, amarelo, turbantes cor de abóbora, escudos, leão, permeando uma daquelas crianças passando fome na Somália.”*

## 3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:

**J.A.S.F.:** Ritmo, Cor, Sensação

ESPECIALISTA I:

### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

**A.M.G.R.:**  SIM  NÃO

### 2) Se Sim. Quais?

### 3) Justifique:

**A.M.G.R.:** É uma expressão sensorial.

ESPECIALISTA II:

### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

**S.L.:**  SIM  NÃO

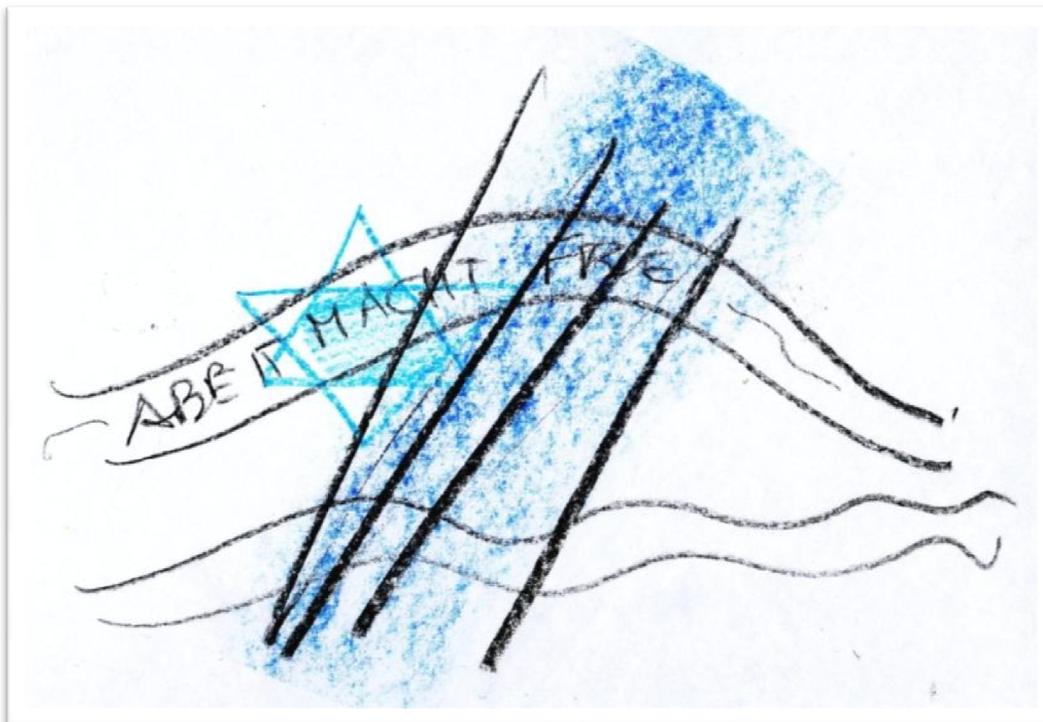
**2) Se Sim. Quais?**

**S.L.:** Figura de um peixe, boca, olho, nadadeiras.

**3) Justifique:**

**S.L.:** ao questionar sua origem, fala do seu conflito existencial, quem sou eu? de onde eu vim? Essa figura é bastante regressiva. Em termos Junguianos, o peixe conecta os planos, ele vai até as profundezas e também vai até a superfície, como Hermes mensageiro. O peixe é um símbolo de conexão. Elementos de seta apontando para cima, ascensão.

**Quarta Música - Sim Shalom (Judaica)**  
**Título: Tradição**



**Três Palavras: Paz, Guerra, Injustiça**

**J.A.S.F.:** menciona ao terminar o desenho: “É um Dashaw - a escrita é ‘O trabalho liberto’ – que está no portão do campo de concentração de Auschiwitz, é o sadismo elevado à potência extrema.”.

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar esta música? Quais as sensações que você experimentou?**

**J.A.S.F.:** “Tranquilidade, certa identificação. Pode explicar? Eu tenho a tendência a simpatizar com o Judaísmo. O Cristianismo é chamado pelos Judeus de Judaísmo Reformado. Eu valorizo... no fundo, é a capacidade da preservação da cultura apesar da Diáspora, porque tudo está em torno de uma religião, e isso os preserva em condições adversas. A Religião Pentecostal oferece aos despossuídos, aquela sensação de pertencer à comunidade, por isso a Igreja Católica vai perdendo seus adeptos porque é aparentemente religiosa, mas é para o fiel consumir o produto. A identificação com a ideia de união e aglutinação cultural que a religião pode oferecer à sociedade. Não vejo nada de transcendental. O Judaísmo não propõe ir pro céu. A visão não é essa. As sensações são de tranquilidade e identidade”.

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**J.A.S.F.:** “Mais ou menos essas figuras que foram desenhadas, estrela de David, campo de concentração, deserto, os desenhos de uma Sinagoga, Torat, o candelabro, a figura do Rabino com a figura característica, o Kipah!”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música: Paz, Guerra, Injustiça.**

**J.A.S.F.:** “Shalom é paz, ao mesmo tempo surge a ideia da guerra, Israel está em guerra, papel de Israel em relação ao Oriente Médio em relação aos Palestinos.”

ESPECIALISTA I:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Estrela de David, a ponte.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** “a estrela de David é um símbolo tradicional –Judaico, Coletivo. A ponte representa uma ligação entre diferentes planos, passagem”.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**S.L.:** Ele traz o sinal. O sinal é de religiosidade, a estrela de David. Mas é uma imagem bem paradoxal.

**3) Justifique:**

**S.L.:** Tem elementos pontudos, em diagonal, que geram uma tensão. E a estrela de David está atrás e está, parcialmente, coberta. Tem um contraste do preto das formas pontudas bem definidas com a mancha azul em baixo, que quer dizer que há uma grande contradição. Como se um fizesse parte do outro, mas não tem ponto de contato. Isso daqui é o formato de um olho, sabe quando está turvo e não consegue ver? É um olho machucado, um olho arranhado. É forte essa imagem.

## **Pesquisadora:**

**J.A.S.F.** comenta sobre Auschwitz, sobre a Diáspora Judaica, do hebraico *tefutzah*, "dispersado", ou תולגלות *galut* "exílio", refere-se a diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo e da conseqüente formação das comunidades judaicas fora do que hoje é conhecido como Israel, partes do Líbano e Jordânia. De acordo com a Bíblia, a Diáspora é fruto da idolatria e rebeldia do povo de Israel e Judá para com Deus, o que fez com que este os tirasse da terra que lhes prometera e os dispersasse pelo mundo até que o povo de Israel retornasse para a obediência a Deus, onde seriam restaurados como uma nação soberana e senhora do mundo. De acordo com a Moderna História, a diáspora judaica aconteceu pelo confronto do povo judaico com outros povos que desejavam subjugar sua cultura e dominar o seu território.

Auschwitz-Birkenau é o nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. J.A.S. fala da II Guerra Mundial, do massacre aos Judeus, sobre a inscrição no portão de Auschwitz, fala do povo Judeu referindo-se a ele como povo religioso.

**As imagens mentais que surgiram foram:** estrela de David, campo de concentração, deserto, os desenhos de uma Sinagoga, Torat, o candelabro, a figura do Rabino com a figura característica, o Kipah!". Todas as imagens são religiosas exceto o campo de concentração.

## **Quanto à estrela de David, Zacharias, (2012), refere,**

Muitas destas imagens de meditação oriental são apenas desenhos geométricos; chamam-se *iantras*. Além do círculo, um motivo muito comum do *iantra* é formado por dois triângulos que se interpenetram, um apontando para cima, outro para baixo. No hinduísmo esta imagem representa a união de Xiva e Shakti, as divindades masculina e feminina, e parece também na escultura em um sem-número de variações. Esta mesma imagem é fundamental na tradição judaica, conhecida como Estrela de Davi e representa a presença constante de Javé com seu povo.

Jung (1990), refere,

Como símbolo psicológico, expressa a união dos opostos, a união do mundo pessoal e temporal da consciência com o mundo impessoal e atemporal do inconsciente. Esta união é a consumação e o alvo de todas as religiões: é a união da alma com Deus, a união dos opostos formando o todo, o hierosgamo, o casamento divino entre princípios oposto,

representados pelo Rei e pela Rainha. Os dois triângulos interpenetrados têm um significado simbólico semelhante ao do *mandala* mais comum: representam a totalidade da psique ou *self*, de que fazem parte tanto o consciente quanto o inconsciente (JUNG, 1990).

JUNG, CG. *Mysterium Coniunctionis* – Pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na Alquimia. Petrópolis: Vozes, 1990. OC VOL.XIV/2.

**Quinta Música: Verbum Supernum – Hino VIII Modo - CANTO GREGORIANO**  
**Título: Mosteiro de São Bento** (*Estou para ir lá, mas nunca consigo encontrar um tempo...*)



**Três Palavras: Tranquilidade, Recolhimento, Senso Estético (gosto muito)**

J.A.S.F. faz o seguinte comentário depois da calatonia: “*Tudo calmo, tranquilo.*”  
E, quando começou a ouvir a música: “*Ah!... É Gregoriano!*”

**Quando terminou o desenho:** “Acho que é isso. Não pus cores, mas pode ser colorido...e começou a pintar, acrescentou traços e vitrais. Pronto! Ficou mais bonito agora, ficou mais colorido.”

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**J.A.S.F.:** “As sensações... só agradáveis, de tranquilidade, recolhimento. Gregoriano...eu gosto muito. Meu computador tá cheio de gregoriano. Apesar da minha experiência católica não ter sido boa eu gosto do gregoriano.

## **2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**J.A.S.F.:** “Mais ou menos essas...catedral ampla, chão quadriculado, vitrais, luz ecoando atrás dos vitrais, silêncio... apesar do coro, da música e do som. Círio Pascal, sacrário, onde guardam as hóstias, altar. Claro, por interferência cultural você acaba evocando a Igreja nos aspectos negativos, inquisição, opressão e toda a interferência na civilização ocidental. Igreja é um ícone que evoca sensações, no meu caso, de recusa e resistência, por experiências anteriores, mas também interferência cultural, tanto positiva, teologia da libertação, que não conseguiu retirar o peso do passado da opressão, da inquisição e as influências negativas, que a igreja teve sobre a civilização ocidental.

## **3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**J.A.S.F.:** **Tranquilidade, Recolhimento, Senso estético (eu gosto muito).** Penso que a música gregoriana é feita para promover essa sensação de calma, tranquilidade, recolhimento, pelo próprio ritmo e melodia. Essa música pra quem entende o latim, é para funerais, fala de morte, que é o tema principal da igreja, porque a mercadoria deles é a promessa da vida eterna. Faça assim e terá a vida eterna.”

ESPECIALISTA I:

### **1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

### **2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** O Monastério, o Altar, a Cruz, os Vitrais, a Vela com a chama acesa, o Sacrário.

### **3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Esses, são elementos carregados de significado religioso, principalmente para as religiões cristãs.

## ESPECIALISTA II:

### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

### 2) Se Sim. Quais?

S.L.: O arco ogival das igrejas góticas, os vitrais e, suponho que ele sabe que o azul e o vermelho, são de oposição, são as polaridades, pois eram as cores mais utilizadas nos vitrais, estão centrais e prá cima. À esquerda está a chama, mais à direita está um elemento mais estruturado, parece uma cadeira. Se olharmos o todo, encontramos um tipo de figura antropomórfica, vejo uma cabeça, o arco como um chapéu de bispo, de papa. E essas linhas como se fosse o corpo.

### 3) Justifique:

S.L.: Sem dúvida são sinais e símbolos conhecidos na tradição ocidental cristã. No questionário o sujeito mostra certa contradição que talvez possa ser explicada por defesa, por sua insatisfação com a igreja. Na visão junguiana, religiosidade só existe quando há a integração de opostos, aqui e no primeiro desenho também encontramos elementos de polaridade. Parece haver uma cintila, uma centelha, o numinoso, à esquerda representada pela vela acesa, que traz a luz e aponta para a direita, são lampejos do inconsciente.

### Comentário da Pesquisadora:

É interessante o fato de J.A.S.F. na sua fala espontânea, após a escuta da música declarar, que gostaria de conhecer o Mosteiro de São Bento, mas nunca encontra um tempo e fala, ***“Estou para ir lá, mas nunca consigo encontrar um tempo...”***

Botton, nos alerta quanto a isso e refere,

Para alguns ateus, um dos aspectos mais difíceis da renúncia à religião é abdicar da arte eclesiástica e de toda beleza e a emoção que há nela. ...mesmo onde não mais ergueram Os melhores arquitetos competem pela oportunidade de projetar essas estruturas; elas dominam as cidades; atraem peregrinos de todas as partes.(83).

Esse desenho, sem dúvida nenhuma traz tema e conteúdos religiosos. Parece que o Canto Gregoriano, música litúrgica, ocidental, por ser tradicionalmente, Cristã, evoca e promove o surgimento de imagens mentais repletos de sinais e símbolos religiosos, como Círio Pascal (a vela à esquerda, que é acesa na

Missa da Páscoa e permanecerá acesa por todo o ano, nas principais celebrações e sacramentos da igreja), à direita, o sacrário (onde se guarda a hóstia), o altar, bem centralizado, vitrais.

**Observação do Final do processo:**

**J.A.S.F.:** “Achei interessante, tem sentido esse aspecto – música de uma corrente religiosa e aferir o efeito da música nos ateus. O ateu é menos emocional. Marca de Caim – dúvida – perde a religião se tiver um átimo de dúvida.”

**Terceiro Sujeito: C.M.**  
**Idade: 38 anos**  
**Sexo: Masculino**  
**Estado Civil: casado**  
**Naturalidade: brasileiro**  
**Procedência: São Paulo**  
**Formação Escolar: Curso Superior Completo**  
**Classe Social: Média Alta**

**Primeira Música: Q'ran (Mulçumana)**  
**Título: Um Lugar prá Rezar**



**Três Palavras: música cansativa, diferente, simples.**

**Fala espontânea de C.M.:**

**Calatonia:** *"Senti que foi profundo esse relaxamento, me entreguei profundamente mesmo, tive a sensação de sumir do corpo!"*

*Desenhar é a parte mais gostosa, eu deveria fazer isso em casa. Quando eu levei meu sobrinho no América, eles deram giz para ele e eu desenhei também, foi muito bom.*

### **Observação:**

**C.M.** primeiramente desenhou com traços excessivamente leves com giz preto, em seguida, passou por cima o marrom e por último o azul.

### **Questionário:**

#### **1) Como foi para você ouvir essa música? Quais sensações você experimentou?**

**C.M.:** “Nada específico, mais divagação, uma sensação expurgada, de colocar isso daqui da minha cabeça e esse cara mulçumano, quer dizer árabe, mulçumano é pejorativo, árabe é menos. Ele não tem audiência (público), ele está sozinho, tá gravando um som dele, pago, como qualquer outro. Não é legal! Eu não compraria, quem eu gostaria de comprar, de alguém cantando sozinho, seria de uma mulher cantando, mais doce. Cara, com essa burca! Ana, foge da minha burca, a informação é meio pejorativa, ninguém é obrigado a gostar, mas até aí... criticar não tá certo! Onde eu me sentiria confortável, é ouvindo uma menina que canta maravilhoso, meio progressivo, a gente tem sempre que progredir, na vida também. Essa cara não sai do lugar! O allegretto é sempre allegretto, é um progressivo. Na hora exata que você desligou o som, eu pensei: - Putz será que ela não vai desligar esse som!? E eu abri os olhos.”

#### **2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**C.M.:** “As que eu mencionei. Fiz esse quadro. Pensei: Por que diabos esse cara tá gravando aí! Então você começa a imaginar... um templo, mais ou menos, aonde as pessoas vão, os tapetes no chão, mulçumanos rezando, o que a gente vê na TV... árabes rezando, lugar com grandes espaços, pé direito alto, fiz o cara com um cabeção e a burca parece um poste”.

#### **3) Fale três palavras que expressem a experiência com a música:**

**C.M.:** “Música cansativa, diferente, simples. “Acho que ele tá cantando uma história continua”.

### **ESPECIALISTA I**

#### **1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

#### **2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Um lugar prá rezar, templo, tapetes para rezar, mulçumanos rezando, postura de oração, colunas.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** As colunas representam ligação, conexão entre o céu e a terra, como a escada. O reconhecimento de uma estrutura religiosa ainda que arcaica.

ESPECIALISTA II

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

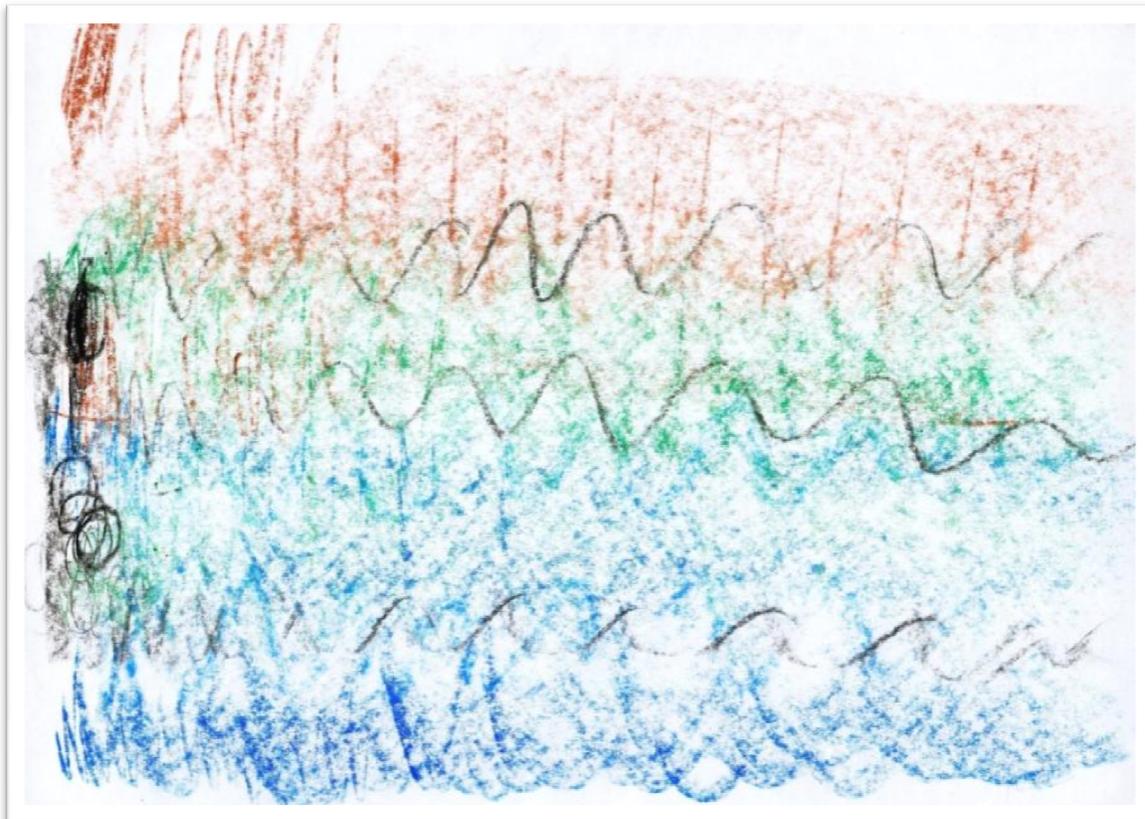
**2) Se Sim. Quais?**

**S.L.:** A cor amarela na teosofia tem ligação com intelecto, ênfase na região da cabeça. Por isso a condição de desaparecido do corpo, por isso a cabeça em evidência, colunas, planos, noção de profundidade, perspectiva, tudo bem planejado. Sim porque eu tenho a desmaterialização do corpo. A ênfase está na cabeça, onde o desenho está mais delineado, linhas amarelas mostram uma expansão, uma ressonância prá direita e esquerda à partir da cabeça.

**3) Justifique:**

**S.L.:** As colunas representam ligação, conexão entre o céu e a terra, como a escada. O reconhecimento de uma estrutura religiosa ainda que arcaica.

**Segunda Música: Vajra Guru Mantra - (MANTRA TIBETANO)**  
**Título: Ondas**



**Três Palavras: Chato, Ondas, Sonoras.**

**Observação:** C.M. segurou três giz de cera pela extremidade, o marrom, o verde e o azul. Depois passou o branco por cima de tudo. É isso, disse ele.

**QUESTIONÁRIO:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**C.M.:** “Inicialmente chato e depois envolvente, envolvente não é a palavra certa... ah! Usa a palavra envolvente.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**C.M.:** “Inicialmente desse cara chato, cantando, prá mim não é legal, não é música. Depois essa voz vai entrando, essas ondas sonoras vão entrando....Como você fez calatonia, relaxei e finalmente ela é envolvente. Então, surgem essas imagens mentais, ondas sonoras mesmo te envolvendo do nada, te envolvendo...”

*Talvez sem a calatonia eu tivesse sido resistente a ela. Teria sido bem mais difícil.*

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**C.M.:**Chato, Ondas, Sonoras.

**ESPECIALISTA I**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** O sujeito faz uma representação de um fenômeno físico, onda sonora.

**ESPECIALISTA II**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**3) Justifique:**

**S.L.:** aqui eu tenho dois movimentos, é pura vibração! Tem o movimento da esquerda pra direita, então esses rabiscos, esses volumes, criaram ritmo e tem também de baixo pra cima como se fossem camadas, você percebe que são caóticas em baixo e vai ficando mais alinhadas no plano superior da folha, chegando à consciência. Uma passagem do caótico para o fluido e do caótico pro mais estruturado. Embora ela tenha uma passagem de um estado pra outro, do caótico à organização, dá a impressão de movimento e não de integração.

**Terceira Música - Oni Saurê - (Religiões Africanas)**  
**Título: África**



**Três Palavras: Agradável, Limpo, Bom**

**Observação:** Primeiramente desenhou com o giz laranja.

**Questionário:**

**1) Como foi para você ouvir essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**C.M.:** "Ah!... Agradável."

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**C.M.:** "Mais ou menos isso, as pessoas cantando backing vocal. Imagina como um desenho de Walt Disney. A floresta, todos os bichos se conversam entre eles, se respeitando. As pessoas não passam fome. Uma floresta onde tudo é harmonia. Eles têm um belo equipamento, triângulo, bumbo, num estúdio. Essa música é super bem gravada num estúdio. Na imagem mental tem mais gente. No desenho só uma pessoa, acho que é um homem. Areia."

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**C.M.:** Agradável, Limpo, Bom.

## ESPECIALISTA I

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM  NÃO

2) Se Sim. Quais?

3) Justifique:

A.M.G.R.: Imagem montada em estúdio.

## ESPECIALISTA II

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

2) Se Sim. Quais?

3) Justifique:

S.L.: Tudo é muito controlado, ele se separa disso à esquerda, uma separação clara.

**Pesquisadora:**C.M. inicialmente parece afetado pela música e fala da harmonia da floresta, da conversa entre os bichos da floresta, sem fome, parece aludir, inicialmente, a esse estado paradisíaco. Entretanto, em seguida, ao perceber-se tocado por um estado regressivo, imediatamente, parece se defender do estado atingido, racionalizando e colocando todo esse cenário no estúdio do Walt Disney.

O retorno ao paraíso perdido também é uma forte imagem arquetípica. A busca do retorno ao campo do descanso, a reintegração com o todo é o que tem impulsionado à arte, a religiosidade, a ciência e a filosofia desde o início(84).

**Quarta Música: SIM SHALOM - (Judaica)**  
**Título: O Cara Cantando**



**Três Palavras: Israel, Inusitado, Cruzada.**

**Observação: C.M.** Sorriu quando eu pedi que desenhasse. Depois que desenhou falou pronto! E riu.

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Qual a sensação que você experimentou?**

**C.M.:** "Inusitado. Prá mim com certeza não é uma música que eu gostei, uma música que eu ouviria ou compraria um CD. Deve ser um cara cantando em israelense, em hebraico, né! Não me traz nada. Ele fala de Meca, mas também não entendo nada. Prá mim esse cara tá lá em Israel e tá cantando todo bonitinho. Não me faz pensar em nada...Prá não dizer que não me faz pensar em nada, me fez pensar nas Cruzadas, no ano 1.000. Se você queria o perdão você tinha que ir até Jerusalém. Eles vinham da Europa, eles juntavam os Srs. Feudais e os Vassalos, juntavam numa caravana e eles iam juntos até Jerusalém."

## 2) Surgiram imagens Mentais?Quais?

Desse cara cantando, tinha um estúdio, bonitinho. E a imagem da 'caravana' (mas não é o nome certo), de pessoas indo para Jerusalém. Nome certo é Cruzadas.

## 3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música: Israel, Inusitado, Cruzada.*Eu achei bonitinho meu desenho, tenho ficado satisfeito.*

### ESPECIALISTA I

#### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM  NÃO

#### 2) Se Sim. Quais?

A.M.G.R.:Cruzadas

#### 3) Justifique:

A.M.G.R.: Embora a imagem gráfica não seja religiosa, a imagem mental evoca a peregrinação em direção ao centro sagrado em busca de perdão, que é a imagem religiosa.

### ESPECIALISTA II

#### 1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

#### 2) Se Sim. Quais?

S.L.: Cruzadas na imagem mental.

#### 3) Justifique:

S.L.: Ele fala das cruzadas que na Idade Média era um movimento de guerra religiosa. Muito embora, quanto à figura, apesar de estar centralizada, eu não vejo religiosidade aqui no desenho. Tem uma base concreta, tem um tripé. Mas tem uma desproporção muito grande da cabeça em relação ao corpo. Orelha grande e o corpo esboçado com poucas linhas. À esquerda é mais volátil e aqui, na parte superior da folha é mais delimitado. Há polaridades, mas não há referência a sinais religiosos, nem integração.

**Quinta Música: Verbum Supernum – Hino VIII Modo – (CANTO GREGORIANO).**

**Título: Monastério**



**Três Palavras: Monastério, Coro, Estúdio**

**C.M.** *“É curtinha essa música. Pronto.”*

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**C.M.:** *“Ah... Essas pessoas cantando, pessoas paradas ali, fazendo um coro, agora vou tentar voltar para o momento que eu ouvi. O microfone tá tão perto da boca que se ouve a respiração. De cara traz pro chão, Igreja Católica, a gente ouviu coro, coral tantas vezes, mas confesso que pensei que fizeram em estúdio. Tem um erro aí, ouvi o cara abrindo a boca para respirar”.*

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**C.M.:** *“E vi essas imagens de estúdio (como se estivesse molhando a boca com a saliva). Na ideia inicial eram eles de frente, ia ser eles de branco, mas o primeiro risco que minha mão fez foi eles de perfil e achei que ia ficar bonitinho. Algo mais genérico do que o de fato eu construí no momento em que eu ouvi. Porque o que de fato esse som trouxe foi uma gravação de estúdio, porque a música é um coro, lembra monastério. Tem luz atrás, monastério é bonito. Um monte de homens no meio de pedras frias. A cena em si é invejável... todos*

*andando, todos cantando juntos, sem vergonha. Pode construir um filme. Eu acho bonito muitos deles, parecem religiosos, estão cantando em latim. Histórico/religioso/católico/cristão. No final eles falam amém. No final é uma reza.”*

**Pesquisadora: C. você nunca ouviu essa música?**

**C.M.:**“não.”

**Pesquisadora:**C.M. acrescentou a cor vinho. Deu cor para as pedras. Ganharam cor por causa da luz, do sol. É gostoso desenhar com giz. A última vez que eu fui com meu sobrinho no América eles ofereceram giz para a criança brincar.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**C.M:** **Monastério, Coro, Estúdio.** Tá bonitinho,gostei desse também. Nossa cultura nos enquadra.

**Observação do Final do processo:**“Três sessões seria o ideal.Foi interessante participar da sua pesquisa... quero saber os resultados”.

ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Monastério,Monges num espaço sagrado, com vestes religiosas, andando em direção à luz, dentro de um templo.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Uma das epifanias de Deus é a Luz e cabe ao humano, andar em direção a ele.

ESPECIALISTA II

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:** **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**S.L.:** Os sinais são todos religiosos.

**3) Justifique:**

**S.L.:** Os sinais são religiosos e usa cores complementares, o que sugerem o potencial, mas ele não faz ligação, conexão, talvez por pura defesa. Os

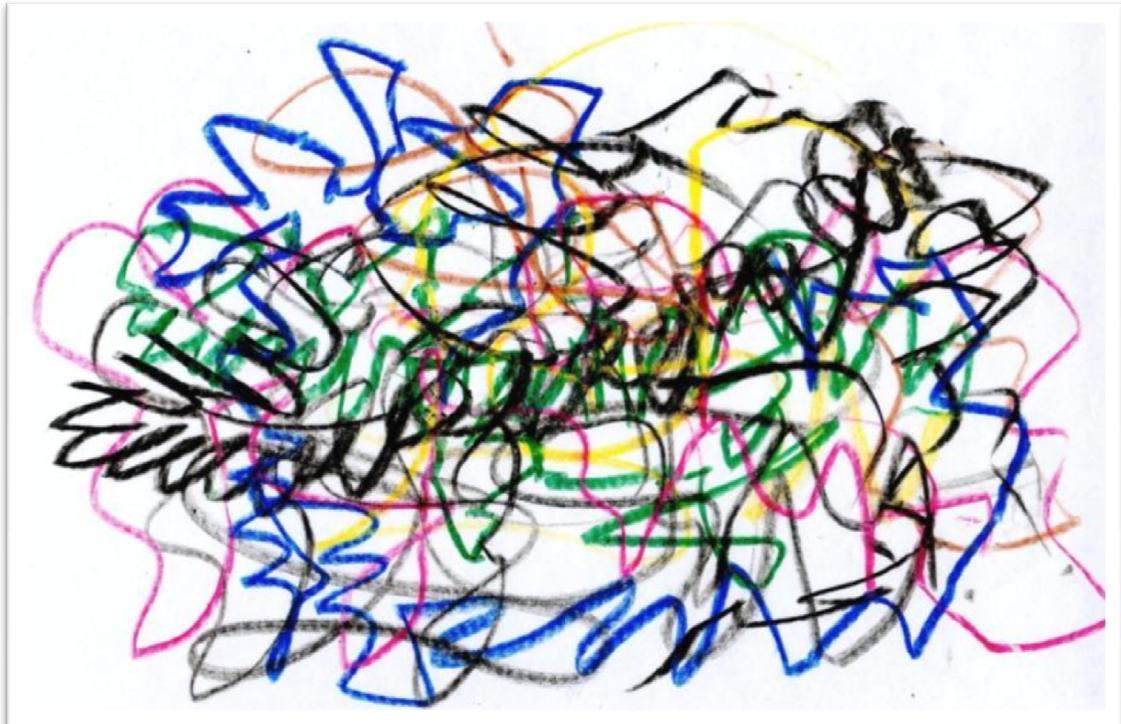
ambientes que ele desenha são sempre muito fechados, mostrando uma proteção, enclausuramento, eu repito, pode ser por defesa, não quer se abrir, não quer fazer a ligação, parece que não tem espaço para isso, as figuras não tem rosto, é só um invólucro. Ele aqui trabalha com amarelo/violeta, amarronzado/verde (complementares de opostos). Embora tenha o monge, ele sempre vai para o estúdio, um lugar isolado, sem interferência externa.

**Quarto Sujeito: M.M.V.**  
**Idade: 63 anos**  
**Sexo: Feminino**  
**Estado Civil: casada**  
**Formação Escolar: Superior em Estudos Sociais**  
**Naturalidade: brasileira**  
**Procedência: São Paulo**  
**Nível Socioeconômico: classe média alta**  
**Calatonia: Nenhuma observação**

**Primeira Música: Q'ran**

*Relato espontâneo ao final da escuta musical – “É um castigo! Que alívio, puxa vida! É uma oração, um pedido! É uma música dos Emirados Árabes?”*

**Título: Conflito de Cores e Pensamentos**



**Três Palavras: Desagradável, Cansativa, Horrível.**

**Pesquisadora: Explique o desenho: M.M.V.:** “Um emaranhado de cores, pesadas, sem saída, sem vida, estressante. Só isso”.

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**M.M.V.:** “Sensação de raiva, angústia, stress.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**M.M.V.:** “Nenhuma imagem... só fiquei envolvida naquela recitação”.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**M.M.V.:** Desagradável, Cansativa, Horrível.

ESPECIALISTA I:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** O sujeito reconhece a música como uma oração, mas fica esperando acabar.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**3) Justifique:**

**S.L.:** Vida tem bastante, mas é bem caótica. Tem muitas cores. Dá ideia de emaranhado, confusão.

**Observação após a Calatonia:** *Senti um estímulo indo direto ao cérebro, quando você tocou o dedão do pé. Imaginei uma corrente, me vi dançando num salão com alguém. Eu dançava uma valsa, mas não consegui fechar a música na minha cabeça, ficava repetindo, mas no final não vinha a música. Senti a sola dos pés, coceira na testa, arrepio no braço esquerdo, esquisito.*

**Segunda Música – Vajra Guru Mantra – (Mantra Tibetano)**

**Título: O homem, a floresta e a fogueira mágica**



**Três Palavras: Calma, Tranquilidade, A magia do fogo**

**Fala espontânea:**

**M.M.V.:** “Não sei desenhar um homem de costas, como você pode ver sou péssima de desenho. É um índio, na floresta de costa para ela...contemplando uma fogueira. Essa voz é de um índio, me levou numa floresta onde ele estava sentado de costas prá fogueira. Há raios de cor laranja, vermelho, ele cantava e contando o que havia acontecido durante o dia. Não é lamento, não é tristeza, não é alegria. É noite, contando prá alguém numa fogueira mágica.”

**Pesquisadora: Como você sabe que é mágica?**

**M.M.V.:** “Aquele momento, aquela floresta, pinheiro sozinho, a luz da fogueira iluminando e a voz ressoando na floresta num momento só dele, uma construção desse momento.”

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações?**

**M.M.V.:** “Foi agradável Ana. Mas não tive nenhuma sensação, eu estava focando na imagem que veio dessa música. A música não era triste, não era irritante. É como se eu ouvisse uma história através da música”.

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**M.M.V.:** “Essas que eu desenhei e relatei no desenho.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**M.M.V.:** “Sensação de calma, tranquilidade, a magia do fogo do momento”.

**ESPECIALISTA I:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** Fogo.

**Justifique:**

**A.M.G.R.:** O fogo é em muitas religiões, a representação ou a manifestação de Deus, ou de um deus. Deus do antigo testamento se manifesta de forma ardente. O fogo também aparece como símbolo religioso no Sagrado Coração de Jesus, em deuses tibetanos como Agni, entre outros. O fogo é um dos atributos e uma das manifestações de Deus.

**ESPECIALISTA II:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** É uma imagem ambígua, figura centralizada.

**3) Justifique:**

**S.L.:** É uma imagem ambígua. Um homem de costas. As imagens são indefiníveis. É um homem e uma fogueira ao mesmo tempo. O cabelo são labaredas e a figura está olhando para a floresta. Tem uma conexão com a ancestralidade. Tem uma relação de cores quentes, relacionada com uma forma humana, cabeça, pescoço e a cor fria da floresta. Tem uma forma

circular, mais coesa, tem a expansão, a chama, uma forma fechada, uma forma aberta. E a figura está centralizada, praticamente no centro. Isso aqui funciona como uma proteção, como se ela fizesse parte disso.

**Terceira Música: Oni Saurê - (Africana)**

**Fala espontânea de M.M.V.:** “*Que diferença, que delícia, gostei!*”

**Terminado o desenho fala espontânea de M.M.V.:** “*Acho que é isso!*”

**Título:** Sintonia de Instrumentos com melodia.



**Três Palavras:** Alegria, Tranquilidade, Felicidade

**Questionário:**

**1) Como foi para você ouvir essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**M.M.V.:** “Foi uma delícia, eu gostei. A sensação foi de paz, tranquilidade, alegria, coisa prá cima, de bem... assim..., é de oração, também prá um deus do candomblé, é lógico! Muito gostosa, leve, alegre, muito envolvente, vozes femininas eu gosto muito, uma melodia casando com a harmonia. Você tá rezando e você tá ao mesmo tempo se relacionando com as pessoas. Aí tem um ritmo marcado. Dá até prá ver o colorido e as pessoas. na alegre, festiva.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**M.M.V.:** “Vi pessoas com roupas coloridas, astral *up*, de bem com a vida. Eu vejo três moças cantando, quatro homens tocando atabaque, mas os vejo de costas, tem outros instrumentos, mas que não sobressaíram prá mim, apenas o atabaque me chamou a atenção”.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música: Alegria, Tranquilidade, Felicidade**

**M.M.V.** No final do procedimento: “Foi bom, tranquilo... gostei... mesmo a música que eu não gostei, aquela chata, desconstrói, te deixa envolvida e isso é interessante.” (SIC)

ESPECIALISTA I:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  SIM  NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Embora reconheça a música de candomblé, suas imagens se referem a música propriamente dita e aos músicos.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  SIM  NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** A linha diagonal em ascensão, elevação, a presença dos quatro elementos, a cúpula abaulada azul.

**3) Justifique:**

**S.L.:** Essa é declarada. Ela coloca as polaridades, chão bem concreto. Os elementos estão nessa base mais delineada. E o elemento volátil que é a própria música. Eles têm uma linha diagonal de ascensão, de elevação, olha esse amarelo que impressionante, parece surgir do chão, se despregando do chão e subindo. Vejo o amarelo como espíritos, primitivos, vindo da terra, é ctônico e ela reforça esse mesmo aspecto colocando os quatro elementos aí presentes. A música é o contraponto. A cúpula abaulada azul representando a própria cúpula celeste. Essa pessoa parece estar no caminho.

**Pesquisadora:**

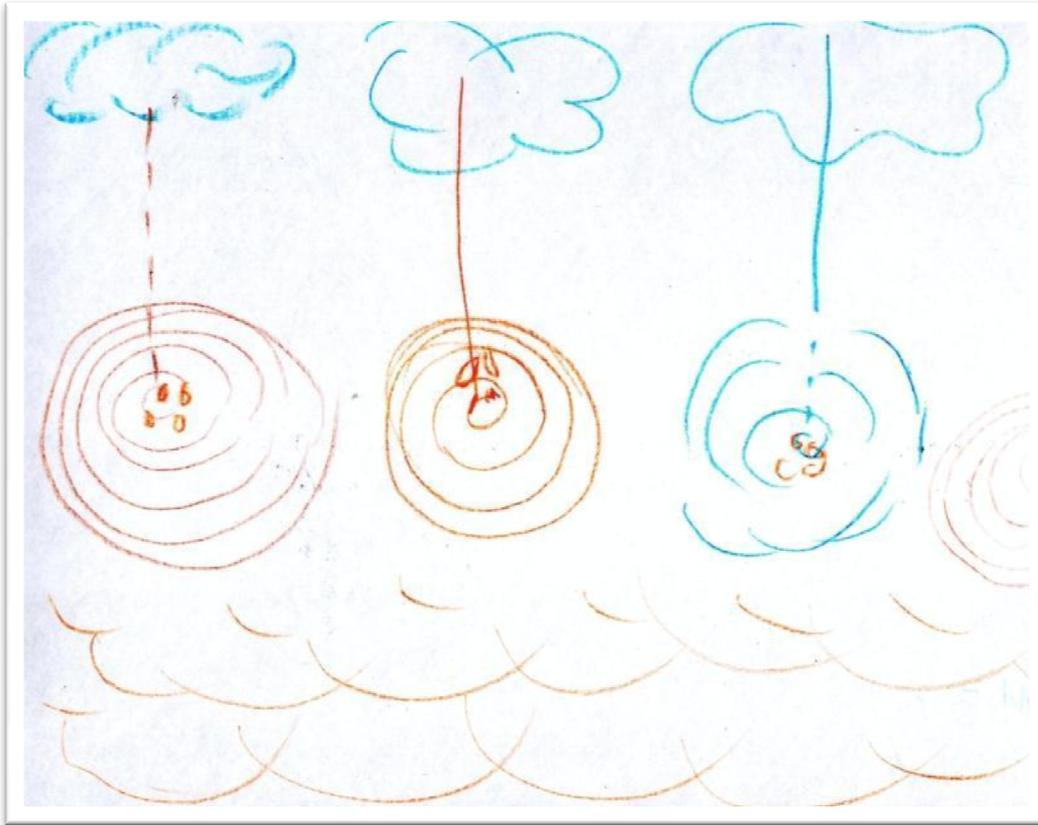
A grande maioria das nações africanas anteriores a era cristã, conheciam a existência de *Ólorun* como grande criador, ser fundamental. Acreditamos que nosso Deus "é o Todo". E o Todo é a natureza e seus integrantes (animais, vegetais, homens, planetas, etc.). *Ólorun* está acima da vaidade pessoal e das religiões que buscam monopolizar o seu poder.

Estudos científicos mostram que para os africanos, o instrumento musical, representa os deuses, por isso há rituais importantes que mobilizam toda uma comunidade, para receber as bem-aventuranças da Natureza, seu deus, em que há toda uma preparação para essa celebração, principalmente, com a entrada dos tambores. Tais como, **(CHERNOFF, 1979; FERREIRA, 1997, 2002)**.

**Quarta Música: SIM SHALOM – (JUDAICA)**

**Título: O PIM DA MÚSICA.**

*Sabe o pingo d'água caindo PIMPIMPIMPIMPIM (entou no ritmo e melodia da música). É o PIM da música.*



**Três Palavras: Agradável, Tranquila, Interessante.**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**M.M.V.:** “Foi agradável... é como se tivesse recitando uma poesia, mas dando um movimento melódico para as palavras. Ela é calma, agradável, o ritmo é repetitivo, mas não incomoda [e cantou:TAM TAM (TAM TAMTAMTAMTAM)]. Você fica esperando o começo da frase de novo e fica dançando, esperando o ritmo prá acompanhar”.

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**M.M.V.:** “Um pingo caindo e fazia uma poça d'água com os pingos na realidade não eram pingos, era o pingo. Ah!...tinha uma nuvem, não sei desenhar nada!”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**M.M.V.:** Agradável, Tranquila, Interessante.

ESPECIALISTA I:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM  NÃO

2) Se Sim. Quais?

3) Justifique:

A.M.G.R.: Ela fica no fenômeno físico do barulho do pingo.

ESPECIALISTA II:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

S.L.:As formas em espirais e os movimentos.

3) Justifique:

S.L.:Tem dois movimentos. Da esquerda para a direita e também da direita para a esquerda. Aqui, também, há a presença dos quatro elementos. Tem as formas espiraladas, movimento de estruturação e organização, ligação com os ancestrais. É interessante que tem um, que é o quarto elemento, tão leve, aberto, o devir... É imagem de processo, de passagem. Ela é aérea. Isso é religiosidade com certeza, há conexão de cima para baixo ou de baixo para cima.

**Quinta Música: Verbum Supernum – Hino VIII Modo - CANTO GREGORIANO**  
**Título: Um Canto Gregoriano - Um momento de meditação.**



**Três Palavras: Paz, Tranquilidade, Meditação.**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**M.M.V.:** “Foi agradável, uma sensação de paz, de tranquilidade, foi bom.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**M.M.V.:** “Uma igreja, o chão todo desenhado...com rosáceas, aqui os bancos com um “montão” de gente, pessoas sentadas fazendo um canto de oração. Na frente o altar. Vitrais coloridos de igreja.”

**Pesquisadora: O que está desenhado aqui no altar?**

**M.M.V.:** “Uma samambaia.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**M.M.V.:** Paz, Tranquilidade, Meditação.

**Observação do Final do processo:** “*Eu gostei de participar da pesquisa... relaxei bastante... mesmo quando a não gostei da música... é desconstrução... foi interessante*”.

ESPECIALISTA I:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** Igreja, Templo, chão desenhado com rosáceas, vitrais da igreja, pessoas cantando uma oração.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Ela desenha o espaço interno sagrado. A igreja, o templo é a representação do corpo de Deus na terra, ou o lugar onde o seu espírito está contido no catolicismo.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** Igreja, rosáceas, espaço interno da igreja.

**3) Justifique:**

**S.L.:** A imagem é vista do alto da igreja. Simbolicamente, um olhar de cima, sugestionando já uma elevação e vai para as cores frias. Azul é uma cor que representa a cor da espiritualidade. Steiner coloca a cor do azul, céu, expansão e expressão. As rosáceas representam a conexão com a natureza. O fato de a porta estar aberta pode sugerir que há uma abertura, uma passagem, não está tão defendida, mas vem de baixo, ainda do inconsciente.

**Pesquisadora:**

Segundo Becker, (1999), p. 239, no simbolismo das tradições, Imagens da época medieval mostram rosáceas e também vitrais em forma de rosa, da alta Idade Média, como a rosa da catedral de Lousana, na qual o número 4, o quadrado 2x2 como perfeição do número dois, materno, é o elemento construtivo determinante constituído pelo quadrado e pelo círculo, ao qual devem subordinar-se dia e noite, sol e lua, estações do ano e meses, rios do paraíso e seres híbridos, elementos e signos do zodíaco, técnicas de

adivinhação e ventos. A rosácea gótica e a rosa dos ventos marcam a passagem do simbolismo da rosa ao da roda. Na mística mulçumana, de um Saadi de Chiraz, para quem o Jardim das Rosas é o da contemplação: Irei colher as rosas do jardim, mas o perfume da roseira me embriagou. Linguagem que a mística cristã não recusaria de nenhuma maneira, como comentário do Cântico dos Cânticos sobre a rosa de Saron. Por sua relação com o sangue derramado, a rosa parece ser frequentemente o símbolo de um renascimento místico.

Derivativos do círculo também aparecem na arte cristã europeia. Alguns dos mais admiráveis exemplos, como dito acima, são as rosáceas das catedrais. Representam o todo psíquico da pessoa transposto para um plano cósmico. Dante teve uma visão circular cósmica do Paraíso, sob a forma de uma resplandecente rosa branca, mais uma alusão à flor de várias pétalas diferentes ligadas entre si(84).

**Quinto Sujeito: V.S.F**

**Idade: 46 anos**

**Sexo: masculino**

**Estado Civil: divorciado**

**Naturalidade: brasileiro**

**Procedência: São Paulo**

**Formação Escolar: Curso Superior em História e Especializado em História, Sociedade e Política.**

**Nível Socioeconômico: classe média alta**

**Primeira Música: Q'ran (Mulçumana)**

**Título: Céu e Deserto -Repetições**



**Três Palavras: Mudança, Superação, Desconhecido**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**V.S.F.:** “Parece mais um mantra ou alguma coisa... O fato de não saber do que se trata e qual a língua...ficou um pouco extenso, repetitivo. A sensação é ...de um ritual um tanto repetitivo.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**V.S.F.:**“Surgiram... uma cena de um recital de um mantra. Só. Um deserto no Oriente Médio, de um recital de alguém se preparando para uma mudança em sua vida, uma transformação”.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**V.S.F.:**Mudança, Superação, Desconhecido.

ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Céu e deserto no título, sensação de ritual, repetitivo, um deserto no Oriente Médio, alguém se preparando para uma mudança em sua vida, uma transformação.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** “O deserto, em muitas religiões, foi considerado a morada de Deus na medida em que é inóspito ao humano, assim como o céu. No discurso, o sujeito reafirma o ritual enquanto repetição e concentração que antecedem uma transformação”.

ESPECIALISTA II

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**S.L.:**O desenho é abstrato. É uma coisa estática para um movimento. Uma relação de complementariedade, o quente e o frio. Deu a mistura involuntária. Duas cores se misturam, surge uma terceira.

**3) Justifique:**

**S.L.:**Há uma mistura e isso sugere uma conexão entre duas polaridades.

**Pesquisadora:**

O céu é conhecido simbolicamente, como a morada de Deus. Chevalier, (1990), fala do aspecto universal da crença em um Ser divino celeste, criador do universo e responsável pela fecundidade da terra (graças às chuvas, que

ele despeja). Seres esses, dotados de uma presciência e sabedoria infinitas. O céu é uma manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum ser vivente da terra é capaz de alcançar. A transcendência divina se revela diretamente na inacessibilidade, na infinidade, na eternidade, e na força criadora do céu (a chuva). O modo de ser celeste é uma hierofania inesgotável. Hierofania, segundo Eliade, em *O Sagrado e o Profano*, é o ato de manifestação do sagrado. Em consequência, tudo o que se passa no espaço sideral e nas regiões superiores da atmosfera, a revolução rítmica dos astros, a movimentação das nuvens, as tempestades, o raio, os meteoros, o arco-íris, são momentos dessa hierofania. É o símbolo complexo da ordem sagrada do universo, que ele revela com o movimento circular e regular dos astros, e que esconde sugerindo apenas a noção de ordens invisíveis, superiores ao mundo físico, a ordem transcendente do divino e a ordem imanente do humano. O céu é, universalmente, o símbolo dos poderes superiores ao homem, benevolentes ou temíveis: a característica do chinês t'lan (céu) representa o que o homem tem por cima da cabeça. É a insondável imensidade, a esfera dos ritmos universais, a das grandes Luminárias, a origem, portanto, da luz, o guardião, talvez, dos segredos do destino. O céu é a morada das Divindades, designa, por vezes, o próprio Poder divino. É também a morada dos Bem-aventurados. Admitem-se, ordinariamente, sete ou nove céus. E é assim do Budismo ao Islã e de Dante à China. Trata-se, então, de uma hierarquia de estados espirituais que devem ser galgados um a um.

**Segunda Música: Vajra Guru Mantra (Mantra Tibetano)**  
**Título: Ensinamentos do Mestre – Aprendizagem e transformação**  
**Durante o Desenho - Fala espontânea de V.S.F. – “Tá bonito”.**



**Três Palavras: Ensino, Aprendizagem, Transformação**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**V.S.F.:** “Sensação de meditação... de reflexão... de concentração também... concentração de pensamento, é isso!”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**V.S.F.:** Imagens de alguém com mais experiência de vida passando os ensinamentos para alguém mais jovem, assim como o professor para o aluno.

**Descreva a imagem:**

**V.S.F.:** “uma pessoa mais velha num local... assim... calmo, recitando ou um poema, ou um mantra, ou alguns dizeres sobre alguns ensinamentos.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**V.S.F.:** Ensino, Aprendizagem, Transformação.

ESPECIALISTA I

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM  NÃO

2) Se Sim. Quais?

A.M.G.R.: O tema (Ensinaamentos do Mestre: Aprendizagem e Transformação), a imagem mental de “uma pessoa mais velha num local calmo, recitando ou um poema, ou um mantra, ou alguns dizeres sobre alguns ensinamentos”.

3) Justifique:

A.M.G.R.: As religiões envolvem sacerdotes ou homens sagrados que transmitem ensinamentos e esses ensinamentos contém mistérios que o sujeito expressa em forma de cores.

ESPECIALISTA II:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

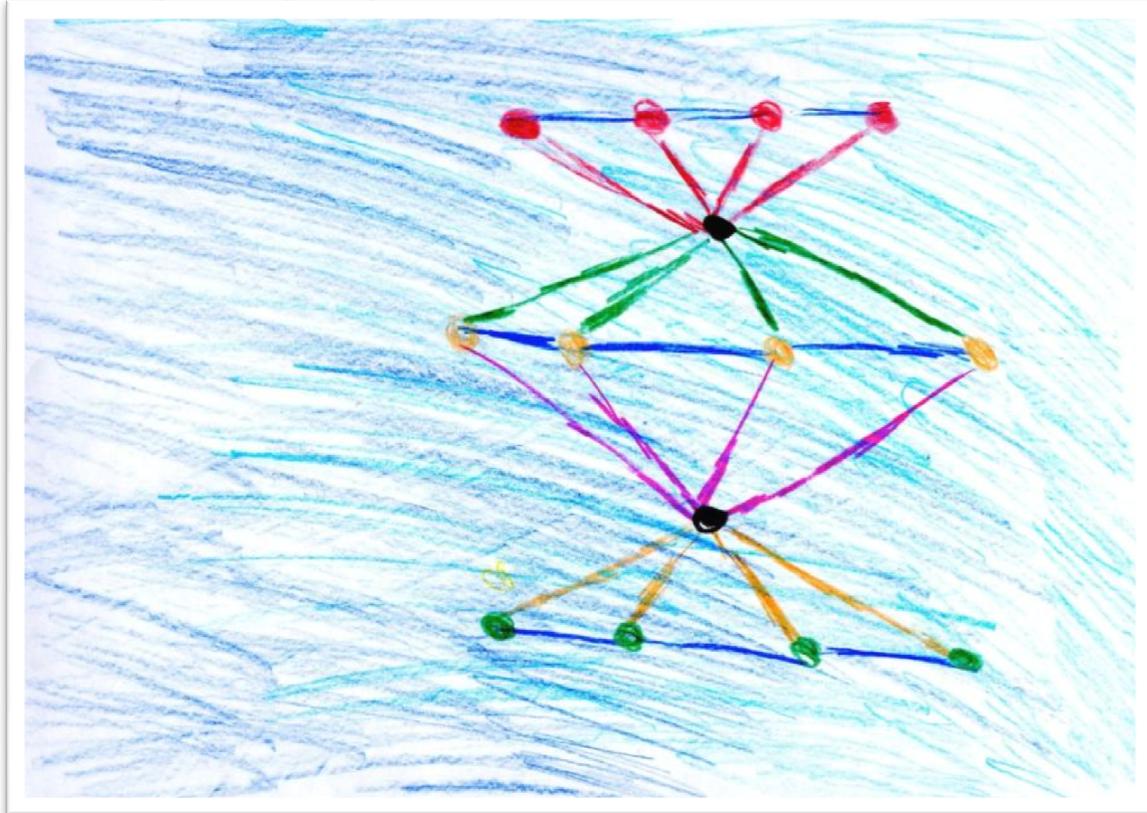
2) Se SIM. Quais?

S.L.: É uma imagem toda ascendente, inicia no canto inferior à esquerda e vai até o canto superior direito. Cores separadas e vão se misturando de novo.

3) Justifique:

S.L.: Esses elementos simbolizam integração, conexão, ascender, elevar-se, conceitos encontrados na religiosidade, segundo Jung.

**Terceira Música: Oni Saurê – Canto de Oxalá (Africana)**  
**Título: “Os pontos que representam nossas atitudes e escolhas”**



**Três Palavras: Leveza, Calmaria, Relaxamento**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**V.S.F.:** “Sensação de calma e relaxamento. Foi uma sensação muito confortável”.

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**V.S.F.:** Imagens de sons fluindo! De ondas sonoras bem calmas... assim... ondas sonoras (fez movimentos de ondas com a mão direita, para baixo, mergulhando e para cima). Uma atmosfera flutuante.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**V.S.F.:** Leveza, Calmaria, Relaxamento.

**Explique o desenho:**

**V.S.F.:** O desenho prá mim... é que veio na minha cabeça aquela ideia que

somos ligações de pontos. Nossa vida é uma somatória de atitudes e escolhas. Os pontos são representações das nossas atitudes que se concentram em determinados momentos e depois se transformam e se expandem em outras situações e tem oportunidade de fazer outras transformações e fazer novas escolhas e novas atitudes. Estudei, trabalhei, dormi, acordei, concentrou, é igual a estudo avançado, conheci pessoas, situações, lugares novos conhecimentos, concentrou, o resultado foi a oportunidade de crescimento, de reconhecimento, de independência, de recompensa.

#### ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** O desenho, porque ele desenha uma estrutura geométrica semelhante à Árvore da Vida, da Cabala, com seus fluxos de energia representando a própria vida. Encontra-se também, por exemplo, na Maçonaria, Deus representado pela figura geométrica, triângulos. Deus sendo arquiteto ou geômetra.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** As religiões envolvem sacerdotes ou homens sagrados que transmitem ensinamentos. E esses por sua vez, contém mistérios que o sujeito expressa em forma de cores.

#### ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** Uma estrutura formada por pontos, encadeamento.

**3) Justifique:**

**S.L.:** Esse desenho mostra um princípio de estruturação, encadeamento. Plano tridimensional, tomando um corpo, sai do plano bidimensional e vai para o plano tridimensional, corporificando. Está mais na posição direita da consciência e as cores tem um jogo. Plano de fundo como energia. Algo energético. Tem um eixo. Embora seja uma estrutura, ela é vazada. Reconheço o ponto de fundo, mas ela não é cristalizada. Tem uma transparência.

**Pesquisadora:**

Esse desenho apresenta uma configuração semelhante a uma sefirot, a árvore da vida, símbolo religioso pertencente à Cabala Judaica. Becker, (1999), p.91, são dez os sephiroth como manifestações de Deus.

Suzanelle, 1995, em seu estudo sobre a Cabala, também Kabbalah, Qabbala, cabbala, cabbalah, kabala, kabalah, kabbala, nos fala que é uma sabedoria que investiga a natureza divina. *Kabbalah* (קבלה QBLH) é uma palavra de origem hebraica que significa *recepção*. A Kabbalah, corpo de sabedoria espiritual mais antigo, contém as chaves, que permaneceram ocultas durante um longo tempo, para os segredos do universo, bem como as chaves para os mistérios do coração e da alma humana. Os ensinamentos cabalísticos explicam as complexidades do universo material e imaterial, bem como a natureza física e metafísica de toda a humanidade. Durante milhares de anos, os grandes sábios cabalistas têm nos ensinado que cada ser humano nasce com o potencial para ser realizado. A Kabbalah pode ser o meio para ativar este potencial. A Kabbalah sempre teve a intenção de ser usada, e não somente estudada. Seu propósito é trazer clareza, compreensão e liberdade para nossas vidas.

Segundo Chevalier, são dez os sefirot, agrupados em três tríades: Coroa – Keter, é a Sabedoria (Hocmah), Inteligência (Binah), Graça (Hesses), Força (Gueburah), Beleza (Tiferet), Vitória (Netzah), Glória (Hod), Fundamento (Iessod) e por fim o Reino (Malkut). Também podem ser agrupadas em três colunas, a da direita (Sabedoria, Graça, Vitória), a do meio (Coroa, Beleza, Fundamento), dominando o Reino. A coluna da direita, ativa ou masculina, é a coluna da Misericórdia. A coluna da esquerda, passiva ou feminina, é a do rigor. A coluna do meio é o equilíbrio axial, a Via Celeste. Os três Nadi do tantrismo. A Coroa situa-se em cima da cabeça de Adão Kádmon, o Reino, sob os seus pés. A inteligência e a Sabedoria de cada lado da cabeça. A Graça e a Força são os seus braços. A Vitória e a Glória, as suas pernas. A Beleza corresponde ao coração. O Fundamento ao órgão genital (aos chakras manipura e anahata, diria o tantrismo, à Terra e ao Fogo). Existam, além disso, complexos sistemas de correspondência entre os Sefirot e os nomes divinos BOUM, WARK.

Também parece uma mandala, móvel, como um jogo, daquelas que se pode movimentar de várias maneiras.

O ritmo é o aspecto mais instintivo e básico da música, remete a dança tribal e evoca facilmente o rebaixamento da consciência e a comunhão íntima de todos os participantes. Ainda hoje o ritmo binário está presente

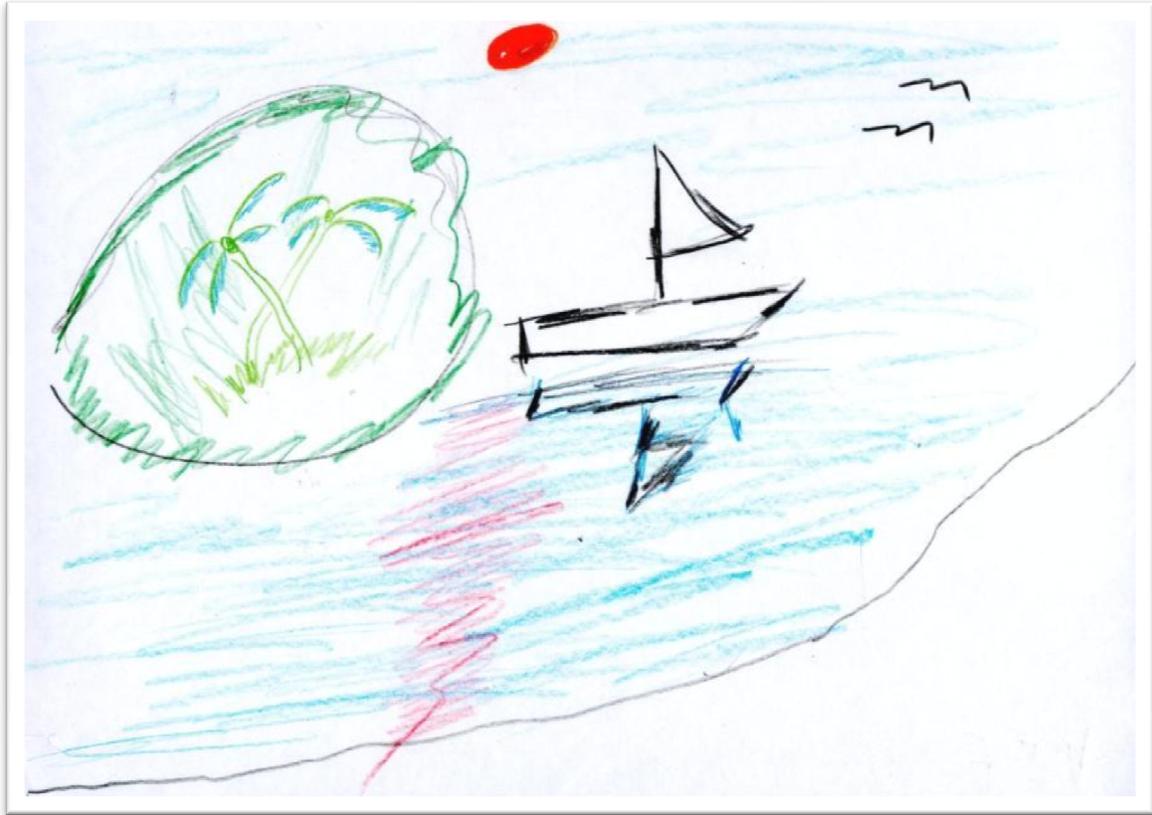
na música ocidental em ritos religiosos como o candomblé e a umbanda, e nos derivativos desta música como na América do norte o *negro spiritual*, o *blues*, o *jazz* e o *rock*. Na América do sul como samba e seus derivados. Todos estes ritmos remontam os aspectos mais tribais e instintivos da psique, pois conectam com o animal em nós, seja pela sua expansão prazerosa e feliz ou pela sua violência(84).

**Calatonia:** Foi ótimo, relaxei.

**Quarta Música: SIM SHALOM (JUDAICA)**

**Observação – Fala espontânea durante o desenho:** “Tô uma beleza prá desenhar, viu!”

**Título: O Mergulho do Sol e Um Barco.**



**Três Palavras: Relaxamento, Concentração, Curiosidade.**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**V.S.F.:** “Ela foi relaxante e sensação de desligamento. Foi relaxante a princípio, ela não é uma música é um recital... assim!”

**2) Surgiram imagens mentais?Quais?**

**V.S.F.:** “Surgiram imagens do Oriente Médio, construções típicas da Arábia Saudita, povos nômades do deserto”.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**V.S.F.:**Relaxamento, Concentração, Curiosidade. “Foi bom.”

ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Tema, O Mergulho do Sol.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** “O sol que em muitas religiões é a representação de um deus, principalmente, quando se põe no mar representando Osíris, o deus Egípcio. A fluência do barco é a analogia da vida humana”.

**Pesquisadora:**

Jung, (1912/1989), no par. 360-361, refere-se ao mito de Osíris, “Quando o deus solar se retira gradativamente ele volta para renascer como Hórus. Pela manhã a deusa é mãe, à tarde é irmã-esposa e à noite é novamente mãe, que recebe o morto em seu colo. Assim se explica o destino de Osíris: ele entra no ventre materno, na arca, no mar, na árvore, na coluna de Astarte, ele é esquartejado, reconstituído e reaparece em seu filho o Horpi-chrud”.

ESPECIALISTA II:

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens metais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** Imagem bem ascendente, apontando para a direita e para cima. Divisão clara: à esquerda, representando o inconsciente, o elemento é mais da natureza, com formas soltas e à direita, formas mais estruturadas e cores mais intensas, também.

**3) Justifique:**

Ir do inconsciente para a consciência, ascender, apontar para cima, embora há um desligamento, uma perda de concretude, uma desconexão. Pode ser uma dificuldade de lidar com a materialidade, bem fluido.

**Quinta Música: Verbum Supernum – Hino VIII Modo - Canto Gregoriano.  
Título: O Caminho.**



**Três Palavras: Época Medieval, Uma Celebração, Meditação.**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**V.S.F.:** “A música... é uma música que deixa você calmo, de novo... ela é relaxante, sensação de bem estar.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**V.S.F.:** “Surgiram imagens mentais de uma época medieval. Época de cavaleiro medieval, coroação de príncipe ou com ritual litúrgico medieval”.

**Pesquisadora: Explique o desenho:**

**V.S.F.:** “Representa um caminho aqui (aponta para o azul de cima) é ar (céu), o amarelo é o caminho propriamente dito, aqui (aponta para o azul de baixo que tem um pouco de amarelo) é um caminho paralelo e que você pode escolher andar por ele também. Aqui (apontou para o verde) é o solo, algo que dá uma sustentabilidade. Uma travessia (apontou para o amarelo)”.

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**V.S.F.: Época Medieval**(mas interessante é que era uma linguagem não muito usual, que não consigo decifrar),**Uma Celebração, Meditação.**

**Observação do Final do processo:**“Acabou?... por mim poderia ter mais.... foi gostoso, relaxante, interessante, gostei!”

**ESPECIALISTA I**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**     **NÃO**

**2) Se Sim. Quais?**

**A.M.G.R.:** Céu, caminho e rituais de passagem, coroação de príncipe, ritual litúrgico medieval, celebração, meditação.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** O sujeito repete o campo simbólico do 1º desenho, com caminho, céu e rituais de passagem. A coroação é um dos atributos do sagrado, por exemplo: a Coroa de Nossa Senhora ou a Coroa de Espinhos de Jesus. As coroações aconteciam nas igrejas e se acreditava que os soberanos eram escolhidos por Deus ou encarnações de deus como no Egito.

**ESPECIALISTA II:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens metais?**

**S.L.:**  **SIM**     **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:**O tema, o caminho. O discurso, uma celebração, meditação. E o desenho, a porção de cima, na parte superior da folha, é bastante trabalhada, na cor azul, na parte mais acima, de colorido intenso, sugerindo, também, a forma de um arco. Seguido da cor amarela.

**3) Justifique:**

**S.L.:**A porção de cima do desenho é bastante trabalhada. A de baixo, nem tanto. Uma hipótese é de que o aspecto do ideal é muito mais destacado do que ele consegue realizar. Em cima é mais delineado do que a parte de baixo da folha. Pode ser uma elevação, mas pode ser perigoso.

**Pesquisadora:**

**V.S.F.** utiliza as cores azul e amarelo. Essas, são as cores do céu. Sendo que a cor amarela representa o sol, a luz do dia. E a cor azul refere-se à espiritualidade.

**Sexto Sujeito: G.I.M.**  
**Idade: 54 anos**  
**Sexo: Feminino**  
**Estado Civil: casada**  
**Naturalidade: brasileira**  
**Procedência: São Paulo**  
**Formação Escolar: Bacharel em Direito**  
**Nível Socioeconômico: Classe Média Alta**

**Primeira Música – Q’ran (Mulçumana)**  
**Título: O homem cultuando o sol nascente**



**Três Palavras: Paz, Integração, Energia que a natureza te devolve.**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**G.I.M.:** “Eu me coloquei no lugar dele, observando a natureza e me contatando inteiramente, conversando com a natureza também.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**G.I.M.:** “Sim, o homem cultuando a natureza, o nascer do sol, é uma paisagem, uma planície com árvores, onde o sol está nascendo e trazendo luz prá vida da gente.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**G.I.M.:** Paz, Integração, Energia que a natureza te devolve.

ESPECIALISTA I:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

A.M.G.R.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

A.M.G.R.: Contemplação do Nascer do Sol.

3) Justifique:

A.M.G.R.: Sacralização da Natureza. Deus é muito frequentemente representado em grupos religiosos, antigos, pelo Sol, pelo emergir do Sol e pela Luz que ele traz. Tradicionalmente existe a representação de Deus como fenômeno natural.

ESPECIALISTA II:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

S.L.: O tema: O Homem cultuando o sol nascente.

3) Justifique:

S.L.: É um tema religioso, encontrado na mitologia do Egito por exemplo. Mas está tão estranho esse rosto aqui... Parece não ter integração, parece numa relação platônica, muito distante, é uma paisagem árida, não tem caminho prá cá. A expressão do rosto parece deformada, a figura não tem cor. Não tem conexão. Tem um vazio na parte superior.

**Pesquisadora:**

No Egito era cultuado o deus Rá, o Sol. Segundo Jung, (1935-1936/1994), p. 94, o sol é um símbolo da fonte da vida e da totalidade última do homem (tal como é indicado na *solificatio*). Os cristãos dos primeiros séculos tinham certa dificuldade em distinguir o sol nascente do Cristo.

Segundo Chevalier, (1990), o simbolismo do Sol, se não é o próprio deus, é para muitos povos, uma manifestação da divindade, epifania uraniana. Pode ser concebido como filho de Deus supremo e irmão do arco-íris. O Sol imortal nasce toda manhã e se põe toda noite no reino dos mortos. Na República (508 a.C.), Platão faz dele a imagem do Bem tal como se manifesta na esfera das coisas visíveis; para os órficos ele é o conhecimento do mundo. O Sol é fonte

da luz, calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes ou espirituais recebidas pela Terra. Além de vivificar, o brilho do sol manifesta as coisas, por torná-las perceptíveis e por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço. Os textos hindus fazem do Sol a origem de tudo o que existe, o princípio e o fim de toda a manifestação, o alimentador, *savitri*. É também destruidor, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva que fecunda. Vida-morte-renascimento é simbolizada pelo ciclo solar, diário, simbolismo universal, muito rico nos textos védicos. O sol aparece então como símbolo de ressurreição e imortalidade. O Sol é um aspecto da Árvore do mundo, da Árvore da vida, que se identifica com o raio solar. O Sol está no centro do céu como o coração no centro do ser. Trata-se do Sol espiritual, que o simbolismo védico representa imóvel no zênite (palavra árabe que significa caminho reto, ponto onde a vertical, que se eleva do local do observador, perfura a esfera celeste acima do horizonte), e que é também chamado de coração do mundo ou olho do mundo. É a morada de *Purusha* ou *Brama*, é o *Atma*, o espírito universal. Se a luz irradiada pelo Sol é o conhecimento intelectual, o próprio Sol é a inteligência cósmica, assim como o coração é no ser, a sede da faculdade do conhecimento. O Sol nascente é o emblema do Japão e o seu próprio nome, *Nihon*. A circum-ambulação se efetua no sentido solar em todos os lugares onde os templos se abrem para o leste, origem do ciclo cotidiano.

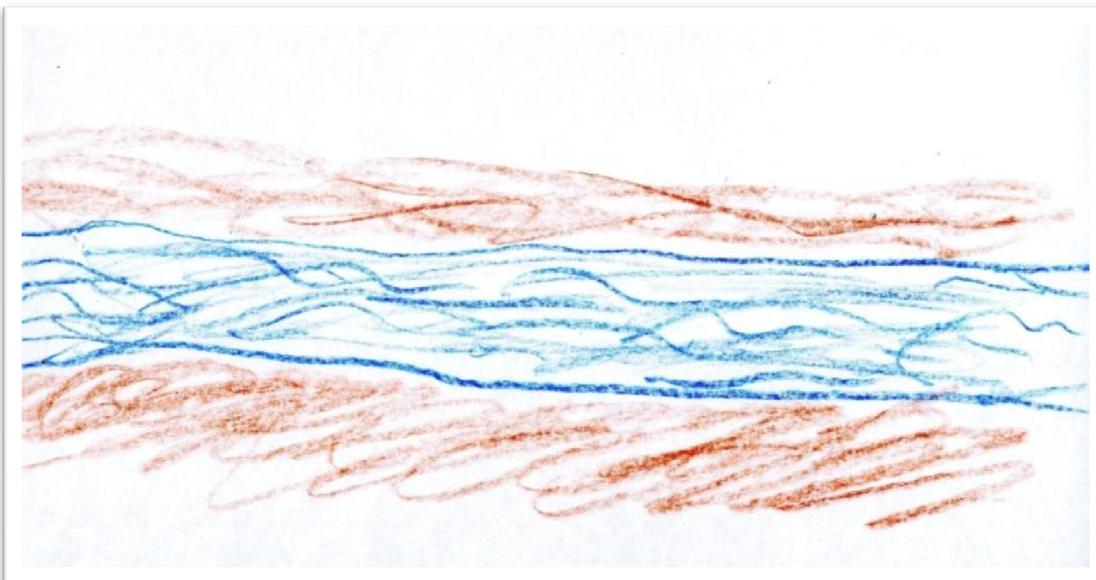
G.I.M. se coloca no desenho, cultuando o Sol, se projetou numa atitude ritualística, portanto religiosa. A música parece ter sido uma facilitadora na ativação do instinto religioso.

Quanto às observações do segundo especialista, não podemos deixar de lembrar, como já dissemos anteriormente, que não se pode analisar um desenho de adulto como um desenho de criança e por isso não detalhamos tanto as questões gráficas e sim o todo, porque as crianças desenharam até os doze anos, e apenas os artistas continuam a desenhar. O adulto não domina a técnica, portanto serve apenas como mais um instrumento de confirmação da imagem mental. Assim, é preciso rever o conceito de cultura, de ligação, de conexão, pois é a partir dos olhos que o homem contempla, faz contato com o outro, com o mundo, e reverencia a Deus ou os seus deuses. A paisagem árida aparece novamente, a morada de Deus também é o deserto, o inóspito. Na Bíblia, Deus não pode ser visto e por isso Ele se manifesta através da Voz, do fogo, da Luz, entre outras manifestações. O desenho de G.I.M. expressa sua concretude em experimentar a vida.

G.I.M. ao resumir sua experiência com essas duas palavras e frase: Paz,

Integração, Energia que a natureza te devolve, parece ter experimentado a sensação de ter cultuado o Sol, pois relatou sensações que também já foram relatadas por pessoas religiosas quando experimentam uma ligação com Deus ou outras divindades, num culto ou em uma meditação.

**Segunda Música: Vajra Guru Mantra (MANTRA TIBETANO)**  
**Título: Água Corrente**



**Três Palavras: Calma, Observação, Imaginação**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**G.I.M.:** “Experiência de calma.... É..... Sensação de calma.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**G.I.M.:** “Ah!... das ondas que a água fazia da correnteza do rio. É um rio num espaço de areia, assim, bem definido. Lembrei-me de um momento em que vivi realmente essa situação.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência com a música:**

**G.I.M.:** Calma, Observação, Imaginação.

**ESPECIALISTA I:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**     **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** Uma experiência pessoal de contato com a natureza concreta, o rio propriamente dito, não o rio metáfora.

ESPECIALISTA II:

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

S.L.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

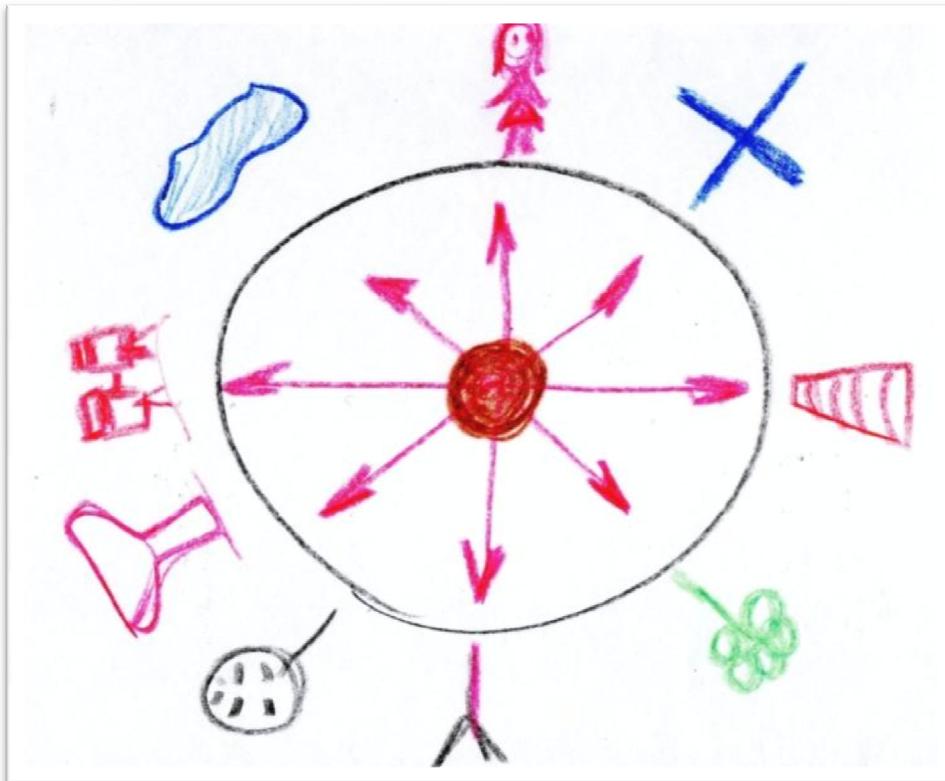
3) Justifique:

S.L.: A sensação é que o rio corre à esquerda, um movimento em direção ao inconsciente, aqui ela sugere uma ligação, uma conexão, mas ainda não acontece. Tem o par complementar, terra e água, mas não há contato e o espaço em cima está completamente vazio.

**Pesquisadora:**

Embora os dois especialistas avaliaram como não tendo tema ou conteúdo religioso vou deixar aqui o simbolismo da fé como água corrente para o Budismo quando mencionam que para praticar o budismo é melhor desafiar a si próprio em pequenos progressos, pois o importante é que se desenvolva uma “**fé como água corrente**” que flui contínua e incessantemente como um rio que gradativamente aumenta de tamanho até desembocar no vasto oceano, do que praticar fervorosamente por apenas algum tempo com uma “fé de fogo”, e, mais tarde acabar abandonando a fé.

**Terceira Música – Oni Saurê – Canto para Oxalá (Africana)**  
**Título: Invocação**



**Três Palavras: Situação, Integração, Felicidade** (*todos esses elementos estão se convergindo ao ponto central da rosa dos ventos*).

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**G.I.M.:** “Sensação de um ‘chamamento’, alguém buscando uma força não humana, sei lá.....da natureza!”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**G.I.M.:** “Pessoas de branco em volta de uma roda desenhada no chão onde cada uma das setas indicavam prá um tema, Natureza (nuvem), Pessoa (força feminina, mulher), uma cruz (determinando os quadrantes, norte, sul, leste, oeste), aqui um atabaque, um instrumento musical, do chamamento, Natureza (uma árvore), a bifurcação (se vai fazer uma coisa ou outra no dia a dia), um balão subindo por causa da força atmosférica, aqui o Graal, outro instrumento musical, bongô, da concentração. No centro a rosa dos ventos.”

**Pesquisadora: O que você sabe sobre o Graal?**

**G.I.M.:** “Conheço a história dos filmes. O Graal é onde a gente comemora as coisas boas da vida.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência:**

**G.I.M.:** Situação, Integração, Felicidade.

**ESPECIALISTA I:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** O sujeito representa uma mandala com ênfase no ponto central organizador e preenchida e circundada por representações de aspectos da vida, inclusive especificamente religiosos, como a cruz e o cálice.

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** A cruz e o cálice, mandala, bifurcação, caminho, são símbolos religiosos, presentes em diferentes religiões.

**ESPECIALISTA II:**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  **SIM**    **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** É uma figura mandálica, direções, pontos cardeais.

**3) Justifique:**

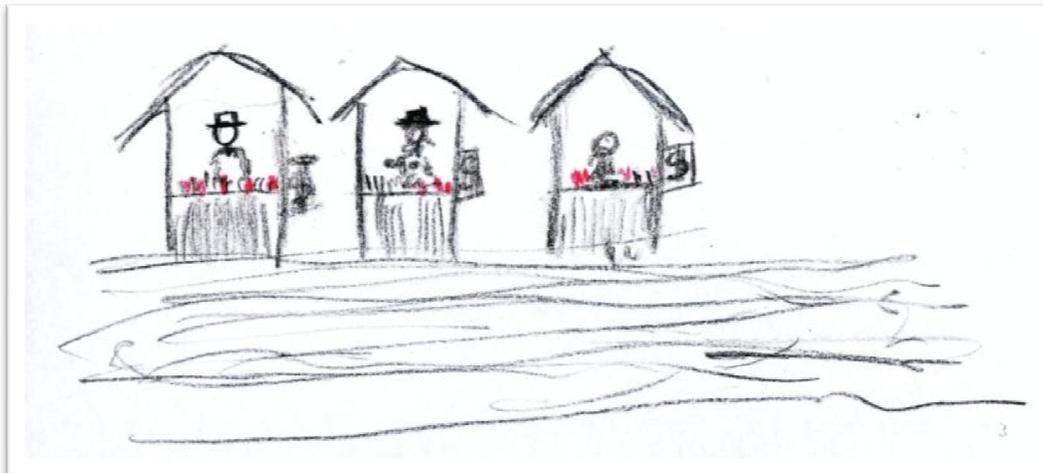
**S.L.:** Nuvem é elemento aéreo, árvore é terrestre, a cruz e esses dois elementos, balão é símbolo de elevação. Ela e os caminhos, as escolhas. O atabaque é grave, mais terreno. O bongô é mais agudo, mais elevado.

**Pesquisadora:**

Esta imagem representa uma mandala, a forma redonda simboliza uma totalidade natural. Na psicologia analítica a mandala é a expressão do *Self*. G.I.M. explica o desenho no sentido horário e começa pela nuvem, falando da natureza – no mesmo eixo temos a árvore como complementar. A nuvem é um elemento celeste e a árvore um elemento terrestre, a árvore da vida. Do lado externo há nove elementos, distribuídos em oito setas ou quatro eixos. Em

seguida, no eixo vertical superior uma mulher, “*o feminino é uma grande força da natureza*” (*sic*), e no mesmo eixo complementa com a bifurcação, as escolhas e decisões do dia a dia. Em sentido horário, para a direita, desenhou a cruz e no mesmo eixo complementa agora, com dois novos elementos, a seta está entre o Graal e o balão, aqui o sujeito fala que o balão sobe com a pressão atmosférica. No eixo horizontal à direita ele desenhou o atabaque, som mais grave, o sujeito atribui ao chamamento, lembramos que nas religiões africanas os deuses são representados pelos tambores, no mesmo eixo em oposição temos o bongô, som mais agudo, o maior representando a fêmea e o menor o macho (Jenkins, 2009). O ruído do tambor é associado à emissão do som primordial, origem da manifestação, ao ritmo do universo. O tambor africano, evidentemente, invoca a descida dos favores celestes de modo análogo. O tambor é o símbolo da arma psicológica que desfaz internamente toda a resistência do inimigo; é considerado sagrado ou sede de uma força sagrada; ele troveja como o raio, é ungido, invocado, e recebe oferendas (Chevalier, 1990), p.861.

**Quarta Música – SIM SHALOM (JUDAICA)**  
**Título: O Comércio**



**Três Palavras: Prazer, Realização, Satisfação**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música? Quais as sensações que você experimentou?**

**G.I.M.:** “A vontade de vender o seu produto ou mercadoria. Uma satisfação interna em vender a mercadoria.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**G.I.M.:** “A vivência do comércio. Eu desenhei as tendas onde a gente oferece às pessoas, a nossa mercadoria. São comerciantes em suas tendas.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência:**

**G.I.M.:** Prazer, Realização, Satisfação.

**ESPECIALISTA I**

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  **SIM**     **NÃO**

**2) Se SIM. Quais?**

**3) Justifique:**

**A.M.G.R.:** O sujeito se refere a aspectos bem mundanos, o comércio.

ESPECIALISTA II

1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?

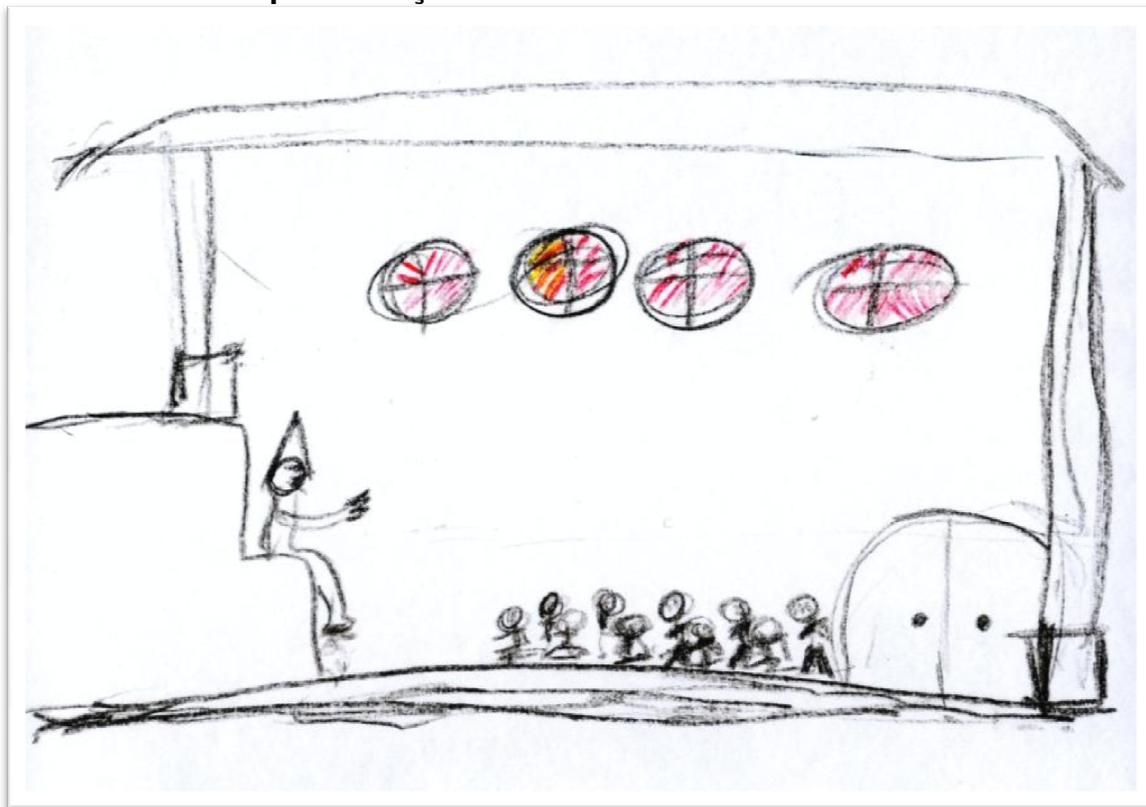
S.L.:  SIM  NÃO

2) Se SIM. Quais?

3) Justifique:

S.L.: Não tem integração nenhuma, cores escuras, ela está na profissão errada. Não tem expressão. Não tem ligação, está num espaço protegido. Áreas escuras.

**Quinta Música – Verbum Supernum – Hino VIII Modo – CANTO  
GREGORIANO  
(Cristianismo)  
Título: O Domínio pela Emoção**



**Três Palavras: Poder, Submissão, Aceitação**

**Questionário:**

**1) Como foi para você escutar essa música?**

**G.I.M.:** “De se sentir diminuído pelo abstrato.”

**Explique.**

“Impotência diante do desconhecido.”

**2) Surgiram imagens mentais? Quais?**

**G.I.M.:** “Sim. Como uma ovelha diante de uma matilha.”

**Você poderia explicar o desenho?**

**G.I.M.:** “É um espaço de poder, um templo, igreja ou salão de oração. Mostra uma pessoa com amplos poderes, num pedestal onde ela tem domínio total sobre as outras pessoas, usa chapéu de bispo. É uma igreja. É uma música sacra, canto gregoriano.”

**3) Fale três palavras que expressem essa experiência:**

**G.I.M.:** O Poder, a Submissão e a Aceitação.

**Observação do Final do processo:** “Gostei... relaxei... mesmo quando eu não gostei da música... agora vou ouvir mais atentamente.”

ESPECIALISTA I

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**A.M.G.R.:**  SIM  NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**A.M.G.R.:** Os vitrais em forma de mandala, o templo, a mitra do bispo. A imagem emocional do ser frente ao desconhecido.

**Justifique:**

**A.M.G.R.:** Os primeiros, vitrais em forma de mandala, templo, mitra, são símbolos cristãos. E o sentimento de medo ou impotência frente ao desconhecido pertence à origem dos sistemas religiosos. Há também a busca do pai poderoso, protetor ou orientador representado na figura do Bispo.

ESPECIALISTA II

**1) Há tema ou conteúdos religiosos no desenho e/ou nas imagens mentais?**

**S.L.:**  SIM  NÃO

**2) Se SIM. Quais?**

**S.L.:** O templo, a igreja, o salão da oração, os vitrais, o Bispo.

**Justifique:**

**S.L.:** É um tema religioso e no desenho encontramos sinais religiosos. Mas G.I.M. parece distante da ligação, da conexão com o *Self*. À esquerda temos, as janelas fechadas e a proporção das pessoas é que são bem pequenas em relação ao poder. Ela usa muito a cor preta. Tem pouca variação cromática. Estão muito distantes, uns do outro.

**QUADRO 1 - Avaliação dos Especialistas**

	MÚSICAS					
	Q'RAM	MANTRA	CANTO PARA OXALÁ	SIM SHALOM	CANTO GREGORIANO	
N.P.J.	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	4
	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	4
J.A.F.	NÃO	SIM	SIM	NÃO	SIM	3
	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	5
C.M.	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	3
	SIM	NÃO	NÃO	SIM	SIM	3
M.M.V.	NÃO	SIM	NÃO	NÃO	SIM	2
	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	4
V.S.F.	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	5
	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	5
G.I.M.	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	3
	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	3

**SIM** HÁ TEMA OU CONTEÚDOS RELIGIOSOS

**NÃO** NÃO HÁ TEMA OU CONTEÚDOS RELIGIOSOS

**QUADRO 2 -** Imagens mentais: tema (título), desenho ou verbalização (entrevista) com conteúdos religiosos

	MÚSICAS				
	Q'RAM	MANTRA	CANTO PARA OXALÁ	SIM SHALOM	CANTO GREGORIANO
N.P.J.	TESTEMUNHO	NEBLINA DESPRENDIMENTO LIBERDADE	SINCRETISMO CRUZ, ATABAQUE PESSOA DE JOELHO REZANDO		TEMPLO MONGES VITRAIS, LUZ
J.A.F.	INTERSECÇÃO DE PLANOS	BUJÕES DE ORAÇÃO ALTAR PARA ALIMENTAR - REVERENCIAR ANTE PASSADOS	PEIXE	ESTRELA DE DAVID OLHO	MOSTEIRO – MONGES CÍRIO PASCAL SACRÁRIO – VITRAIS
C.M.	TEMPLO TAPETES NO CHÃO MULÇUMANOS REZANDO ÁRABES REZANDO ESPAÇO ALTO			CANTANDO EM ISRAELENSE CANTANDO EM HEBRAICO ELE FALA DE MECA ,DAS CRUZADAS	MONASTÉRIO – MONGES CORO – SOL – LUZ CANTANDO EM LATIM AMÉM – É UMA REZA
M.M.V.	PESSOA DOS EMIRADOS ÁRABES REZANDO	HOMEM SENTADO EM FRENTE AO FOGO – FOGUEIRA MÁGICA A MAGIA DO FOGO DO MOMENTO	SINTONIA DE INSTRUMENTOS E DE ORAÇÃO PARA UM DEUS CANDOMBLÉ TAMBORES	FORMAS ESPIRALADAS IMAGEM DE PROCESSO EM PASSAGEM	MEDITAÇÃO IGREJA CHÃO DE ROSÁCEAS
V.S.F.	CÉU E DESERTO – REPETIÇÃO TRANSFORMAÇÃO – SURGE O 3º ELEMENTO COM A MISTURA DOS DOIS	ENSINAMENTOS DO MESTRE APRENDIZAGEM E TRANSFORMAÇÃO	SEPHIROT DA CABALA ÁRVORE DA VIDA MANDALA PLANO TRIDIMENSIONAL	O MERGULHO DO SOL	CELEBRAÇÃO – MEDITAÇÃO CÉU – CAMINHO COROAÇÃO RITUAIS DE PASSAGEM AMARELO/AZUL
G.I.M.	HOMEM CULTUANDO O SOL CANTANDO A NATUREZA O SOL TRAZENDO LUZ PAZ – INTEGRAÇÃO		ROSA DOS VENTOS MANDALA		IGREJA – TEMPLO ESPAÇO DE ORAÇÃO CHAPÉU DE BISPO VITRAIS

**QUADRO 3** - Visualização das Três Palavras que expressaram a experiência com a música.

	<b>Q' RAN</b>	<b>MANTRA</b>	<b>ONI SAURÊ</b>	<b>SIM SHALOM</b>	<b>CANTO GREGORIANO</b>
<b>N.P.J.</b>	Observação Catatonismo Anestesia	Relaxamento Desprendimento Liberdade	Dó Cruz Atabaque	Engraçada Irrelevante Disciplina	Agradável Frustração Revolta
<b>J.A.S.F.</b>	Tranquilidade Paz Sensação de Calor	Tranquilidade Hipnose Agradável	Ritmo Cor Sensação	Paz Guerra Injustiça	Tranquilidade Recolhimento Senso Estético
<b>C.M.</b>	Música Cansativa Diferente Simples	Chato Ondas Sonoras	Agradável Limpo Bom	Israel Inusitado Cruzadas	Monastério Coro Estúdio
<b>M.M.V.</b>	Desagradável Cansativa Horrível	Calma Tranquilidade A Magia do fogo	Alegria Tranquilidade Felicidade	Agradável Tranquila Interessante	Paz Tranquilidade Meditação
<b>V.S.F.</b>	Mudança Superação Desconhecido	Ensinarmento Aprendizagem Transformação	Leveza Calmaria Relaxamento	Relaxamento Concentração Curiosidade	Época Medieval Uma Celebração Meditação
<b>G.I.M.</b>	Paz Integração Energia que a natureza devolve	Calma Observação Imaginação	Situação Integração Felicidade	Prazer Realização Satisfação	Poder Submissão Aceitação

## 8. DISCUSSÃO



Hoje em dia o médico psicoterapeuta precisa esclarecer as bases da vivência religiosa a seus pacientes cultos e até lhes mostrar o caminho que os leva até onde uma tal vivência se torna possível. Se, por isso, como médico e cientista, analiso os complicados símbolos religiosos e procuro remontar às suas origens, faço-o exclusivamente com a finalidade de conservar, pela compreensão, os valores que eles representam e levar os indivíduos a pensar de novo simbolicamente, como os pensadores da Igreja antiga(Jung, 1912/1989), p.340)(85).

**No Quadro 1**, podemos observar que todas as músicas, promoveram imagens religiosas, sendo que o Canto Gregoriano as promoveu em todos os seis ateus aqui estudados. Apesar de não ser um estudo estatístico e, portanto não permitir generalizações, este resultado nos mostra que não foi apenas a interferência cultural que influenciou na escuta dessas músicas. Uma das hipóteses consideradas para explicar o fenômeno é que estas músicas parecem ter sido efetivas na ativação do que Jung chama de instinto religioso. Isso talvez tenha ocorrido por causa de arquétipos sonoros(22, 24, 86).

Sabendo que os arquétipos são campos de possibilidades de expressão de imagens em torno de um significado, ressaltamos que tais imagens não são apenas visuais, mas decorrentes da experiência de qualquer outra fonte sensorial, como som ou tato. Na ativação do instinto religioso formam-se imagens que se relacionam com a ligação do indivíduo como o Todo Maior em busca de significado.

Pode-se dizer que o fator comum nas músicas escolhidas é que são cantadas em diferentes línguas, portanto não reconhecidas pelos sujeitos, são evocações simples do ponto de vista da estrutura da música e repetitivas, incluindo o canto gregoriano em que o texto sagrado é muito mais importante do que a própria música. Tais estruturas musicais funcionam como os mantras que, dispensando a compreensão do texto conduzem a consciência ao estado meditativo. Essa informação foi confirmada a partir da entrevista, em 02 de fevereiro de 2012, com Dom Alexandre, Monge Beneditino, Mestre de Coro, do Mosteiro de São Bento em São Paulo, já mencionada.

Foi possível observar na produção dos desenhos e nos respectivos discursos destes seis indivíduos, ateus, neste estudo, certa resistência em se

deixarem envolver pela música ou pela imagem de construções ou temas religiosos. Isso talvez se deva a um conjunto de princípios e preconceitos vividos pelos mesmos, no sentido de autoafirmarem suas ideias e convicções, o que os impede de experimentarem o envolvimento com a música, com a arte, de modo geral, e arquitetura, de forma inteira e legítima. Ainda assim, apareceram imagens religiosas em todos os sujeitos, o que aponta para a compreensão deste fenômeno num plano mais inconsciente do que racional.

Botton, (2011)(83), criado num ambiente em que seus pais eram ateus e por isso resistiram, se afastaram e o afastaram de tudo quanto sugerisse algo religioso. Entretanto, apesar de estar certo da não existência de Deus, ele reconheceu, num dado momento da sua vida, que sua resistência em acreditar em teorias sobre vida após a morte ou sobre habitantes do céu não poderia justificar o abandono da música, das edificações, orações, rituais, festividades, santuários, peregrinações, refeições comunais e manuscritos ilustrados da fé, porque ele também é um apreciador da música, da arte, da arquitetura e do belo.

Ele explica e refere,

A sociedade secular tem sido injustamente empobrecida pela perda de uma série de práticas e de temas com os quais os ateus geralmente acham impossíveis conviver, por parecerem associados demais com, para empregar a frase útil de Nietzsche, “os maus odores da religião”. Desenvolvemos um medo em relação à palavra *moralidade*. Nós nos irritamos com a perspectiva de ouvir um sermão. Fugimos da ideia de que a arte deveria inspirar felicidade ou ter uma missão ética. Não fazemos peregrinações. Não podemos construir templos. Não temos mecanismos para expressar gratidão. A noção de ler um livro de autoajuda tornou-se absurda para o erudito. Resistimos a exercícios mentais. Estranhos raramente cantam juntos. Somos presenteados com a escolha desagradável entre abraçar conceitos peculiares sobre deidades imateriais ou abrir mão totalmente de um conjunto de rituais reconfortantes, sutis ou apenas encantadores para os quais temos dificuldades de encontrar equivalentes na sociedade secular. Ao desistirmos disso tudo, permitimos que a religião reivindicasse como seu domínio exclusivo áreas da experiência que deveriam pertencer a toda a humanidade – às quais não deveríamos ter vergonha de restituir ao campo secular(83).

Ele acrescenta que, para alguns ateus, um dos aspectos mais difíceis da renúncia à religião é abdicar da arte eclesiástica e de toda a beleza e a emoção que há nela. Por isso, considera também, o fato desses ateus que se sentem

tocados pela obra artística e arquitetônica, também eclesiástica, de encontrarem ressonância à sua necessidade de celebração aos ideais visuais, a partir da visitação nos museus, nas maravilhosas galerias de arte. Os museus de arte, analogamente, se transformaram nas novas igrejas(83).

Assim como a igreja, os museus permitem levar um grupo de visitantes para mostrar-lhes o que mais apreciam e reverenciam. Do mesmo modo que as igrejas, os ricos doam seu capital excedente, a essas instituições, para quem sabe, se purificarem de quaisquer pecados que possam ter cometido no processo de acumulação. O tempo de visitação aos museus, também parece promover alguns benefícios psicológicos semelhantes ao comparecimento a missas, cultos religiosos, porque, segundo ele, os ateus compartilham e experimentam sentimentos comparáveis de comunhão com algo maior que eles mesmos e se sentem, também, separados do mundo profano do lado de fora, embora ninguém diante de uma obra de arte, se ajoelha, chora e peça por conseguir alguma graça.

Assim como as universidades, os museus prometem preencher os espaços vazios deixados pelo declínio da fé; também estão prontos a nos dar sentido sem superstição. Da mesma forma que os livros seculares guardam a esperança de substituir os evangelhos, os museus podem assumir as responsabilidades estéticas das igrejas(83).

Pode-se então reconhecer, de acordo com essas ideias de Botton, (2011, p. 12)(83), que as religiões foram inventadas para servirem às seguintes necessidades, primeiro, a necessidade de viver juntos em comunidade e em harmonia apesar dos nossos impulsos egoístas e violentos profundamente enraizados. E, em segundo, a necessidade de lidar com aterrorizantes graus de dor, que surgem da nossa vulnerabilidade ao fracasso profissional, a relacionamentos problemáticos, à morte de entes queridos e a nossa decadência e morte.

Deus pode estar morto, mas as questões urgentes que nos impulsionaram a inventá-lo ainda nos sensibilizam e exigem resoluções que não desaparecem quando somos instados a perceber algumas imprecisões científicas na narrativa sobre o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. O erro do moderno ateísmo tem sido negligenciar a quantidade de aspectos que permanecem relevantes após o descarte dos princípios centrais das fés. Assim que paramos de sentir que devemos nos prostrar diante delas ou denegri-las, estamos livres para descobrir as religiões

como repositórios de uma miríade de conceitos engenhosos, com os quais podemos tentar mitigar alguns dos males mais persistentes e malcuídos da vida secular (BOTTON, 2011, p. 12).(83)

Considerando as respostas dos indivíduos, a partir das expressões gráficas, dos desenhos e/ou das respostas verbais, através dos questionários e das falas espontâneas dos sujeitos, passamos a considerar alguns temas ou conteúdos religiosos, que mais se repetem, amplificando seus aspectos simbólicos, tais como o Templo, o Fogo, a Luz como manifestação de Deus, e o Sol como o Próprio Deus. Tais imagens são frequentes em diferentes religiões.

Segundo Jung, ([1934], 1988)(87), Silveira, (1975)<sup>(31)</sup>, Byington, (2006)(88), entre outros estudiosos, a linguagem das religiões é feita de símbolo. E esses símbolos, ao longo dos tempos, certamente têm atuado profundamente sobre a vida dos homens.

### **Templo**

O templo é a construção humana do espaço sagrado, o espaço específico onde o mundano se afasta e o homem se coloca frente à eternidade. A igreja, a catedral, o templo, a mesquita, a arquitetura religiosa em geral com sua ênfase na elevação verticalizada refletem a necessidade humana de estabelecer espaços de inviolabilidade e contenção, nos quais as experiências sagradas de ligação, contato, conexão, podem acontecer de modo protegido e ritualístico.

Segundo Chevalier, (1990)(89), o templo é um reflexo do mundo divino. Sua arquitetura existe à imagem da representação do divino que têm os homens: a efervescência da vida no templo hindu, a medida nos templos da Acrópole, a sabedoria e o amor nos templos cristãos, a aliança entre a terra e o céu nas mesquitas. São como réplicas terrestres de arquétipos celestes, ao mesmo tempo que representam imagens cósmicas. Cosmologia e teologia são, assim, solidárias no espírito dos homens e em suas obras dedicadas aos deuses. O próprio universo é concebido como um templo e os místicos farão da alma humana o templo do Espírito Santo, podemos ver admiráveis ilustrações destas ideias em

GROSLIER, (1956, p. 155-156)(90), na arte de Khmer; em (CHAMPEAUX & STERCKX, (1996, p. 390-448)(91), na arte cristã.

O corpo é o templo do Espírito Santo, (I, Coríntios, 6, 19); inversamente, o templo é o corpo da Pessoa divina: corpo do Cristo estendido sobre o plano cruciforme da igreja, cuja cúpula representa o coração. “*Ele falava do templo do seu corpo*” (João, 2, 21); corpo do Purusha *desmembrado*, em consequência de sua descida sob a forma de corpo, segundo a tradição hindu. A caminhada do homem em direção ao templo é sempre um símbolo de realização espiritual; participação na Redenção ao aproximar-se do altar cristão; retorno ao centro do ser e acesso à hierarquia dos estados superiores na circum-ambulação hindu. Poucos ritos são tão universalmente comprovados como a circum-ambulação. Praticavam-na os hebreus em torno do altar – Salmos, 26, os árabes em torno da **Ka’ba** – Caaba de Meca, os budistas em volta das **stupa**, pois o Buda fez em volta da árvore de Bogh-Gaya, os tibetanos, **Bom-po** e Lamaístas, em torno dos templos, em torno dos **chorten**. O padre em torno do altar que incensa. A circum-ambulação no Índia é largamente praticada(89).

O templo que o Rei Salomão edificou para Jeová é um modelo de simbolismo geométrico (I Reis, 6,3).

As colunas do Templo representam o eixo que liga o plano da terra com o plano de Deus, é o suporte, a sustentação, a ligação com o plano espiritual.

A Bíblia fala das colunas sobre as quais repousa o mundo e que Deus abalará no Juízo Final. Na entrada do pórtico do templo de Salomão havia duas colunas ricas de simbolismo, chamadas “Iaquim”, Ele firma e “Booz”, Nele há força (1Reis 7,21). Posteriormente as imitações dessas colunas tiveram papel importante nos templos maçons(92) Ver desenho de C.M. na 1ª música, Q’ran.

O templo representa o cosmo e cada objeto aí existente obedece a uma ordem. O **altar dos perfumes** simboliza a **ação de graças** para ampliar a perfeita bondade de Deus no céu. O **candelabro de sete braços** designa os sete planetas; a **Mesa** representa a ação de graças por tudo que se realizou na ordem terrestre.

## A Vela

A **vela,símbolo da luz**, da alma individual e da relação entre espírito e matéria, a chama que consome a cera. No cristianismo, especialmente na Igreja católica, tem papel importante como símbolos da luz e da fé na missa, em enterros, em festas especiais e procissões(92).

## O Círio Pascal

A pedra fundamental do Templo possuía um valor cósmico; será identificada à pedra de **Betel**, de onde Jacó pode contemplar o céu aberto (**Gênesis, 35, 9**). Essa pedra é o centro do mundo, ponto onde comunicam o terrestre e o celeste. Na sua visão, *Ezequiel (40-42)* traz-nos as medidas do novo Templo. A tradição egípcia do templo foi transmitida à igreja romana, passando pelo templo de Jeová construído por Salomão. A igreja de pedra oferece a imagem da imensa cidade de Deus (**Civita Dei**), de que falou *Santo Agostinho*, e que é feita de todos os cristãos, da mesma forma que o edifício é composto por pedras(89).

## Fogo

Deus sendo representado como fogo é uma imagem arquetípica que aparece e se repete em diferentes tradições religiosas,

Quando Deus se manifestou sobre o Sinai “o aspecto da glória de Jeová era, aos olhos dos filhos de Israel, como fogo devorador do alto da montanha” (Êxodo XXIV,17). E o apóstolo de Cristo, São Paulo, escreve na epístola aos hebreus: “É terrível cair nas mãos do Deus vivo (X, 31) e mais adiante, “pois nosso Deus é também um fogo devorador” (XII, 29). O Memorial da noite Pascal (23 de novembro de 1654) tem o título:Fogo (SILVEIRA, 1975, p. 149.)(31)

Na Bíblia encontramos diversas passagens falando sobre Deus se manifestando como Fogo, como quando Ele aparece para Moisés no Alto do Monte Sinai ao trazer-lhe os dez mandamentos, ou o Espírito Santo se manifestando como Línguas de Fogo que descem do céu, quando da comemoração de Pentecostes.

Pentecostes em grego antigo, *πεντηκοστή [ἡμέρα], pentekostē [hēmera]*, "o quinquagésimo dia", é uma celebração importante do calendário cristão, e

comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo, como dupla língua de fogo. O Pentecostes é celebrado cinquenta dias depois do domingo de Páscoa. O dia de Pentecostes ocorre no décimo dia depois do dia da Ascensão de Jesus. Pentecostes é histórica e simbolicamente ligado ao festival judaico da colheita, que comemora a entrega dos Dez Mandamentos no Monte Sinai, cinquenta dias depois do Êxodo. Para os cristãos, o Pentecostes celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e seguidores de Cristo, através do dom das línguas, como descrito no Novo Testamento, durante aquela celebração judaica do quinquagésimo dia em Jerusalém. Por esta razão o dia de Pentecostes é às vezes considerado o dia do nascimento da igreja. O movimento pentecostal tem seu nome derivado desse evento.

### Sol

Outra imagem que se repete em analogia ao Fogo é o Sol. O Sol é o próprio Deus.

Jung, (1912/1989)(85), refere-se ao mito de Osíris, “Quando o deus solar se retira gradativamente ele volta para renascer como Hórus. Pela manhã a deusa é mãe, à tarde é irmã-esposa e à noite é novamente mãe, que recebe o morto em seu colo. Assim se explica o destino de Osíris: ele entra no ventre materno, na arca, no mar, na árvore, na coluna de Astarte, ele é esquartejado, reconstituído e reaparece em seu filho o Horpi-chrud.”

Segundo Jung, (1912/1989)(85), aqui podemos fazer uma analogia com a expressão simbólica do destino humano, como no mito egípcio, pois o sol parece ter se libertado do abraço e do envolvimento, do seio abarcante do mar, subindo triunfante e deixando atrás de si o apogeu do meio dia e toda a sua gloriosa obra, torna a mergulhar no mar materno, na noite que tudo cobre e faz renascer (**Ver desenho de V.S.F. da quarta música**).

Segundo Chevalier, se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade (epifania uraniana).

No Egito era cultuado o deus Rá, o Sol. Segundo Jung, (1935-1936/1994)<sup>(40)</sup>, o sol é um símbolo da fonte da vida e da totalidade última do homem (tal como é indicado na *solificatio*). Os cristãos dos primeiros séculos tinham certa dificuldade em distinguir o sol nascente do Cristo.

Segundo Chevalier, (1990), o simbolismo do Sol, se não é o próprio deus, é para muitos povos, uma manifestação da divindade, epifania uraniana. Pode ser concebido como filho de Deus supremo e irmão do arco-íris. O Sol imortal nasce toda manhã e se põe toda noite no reino dos mortos. Na República (508 A.C.), Platão faz dele a imagem do Bem tal como se manifesta na esfera das coisas visíveis; para os órficos ele é o conhecimento do mundo. O Sol é fonte da luz, calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes ou espirituais recebidas pela Terra. Além de vivificar, o brilho do sol manifesta as coisas, por torná-las perceptíveis e por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço. Os textos hindus fazem do Sol a origem de tudo o que existe, o princípio e o fim de toda a manifestação, o alimentador, *savitri*. É também destruidor, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva que fecunda. Vida-morte-renascimento é simbolizada pelo ciclo solar, diário, simbolismo universal, muito rico nos textos védicos. O sol aparece então como símbolo de ressurreição e imortalidade. O Sol é um aspecto da Árvore do mundo, da Árvore da vida, que se identifica com o raio solar. O Sol está no centro do céu como o coração no centro do ser. Trata-se do Sol espiritual, que o simbolismo védico representa imóvel no zênite (palavra árabe que significa caminho reto, ponto onde a vertical, que se eleva do local do observador, perfura a esfera celeste acima do horizonte), e que é também chamado de coração do mundo ou olho do mundo. É a morada de *Purusha* ou *Brama*, é o *Atma*, o espírito universal. Se a luz irradiada pelo Sol é o conhecimento intelectual, o próprio Sol é a inteligência cósmica, assim como o coração é no ser, a sede da faculdade do conhecimento. O Sol nascente é o emblema do Japão e o seu próprio nome, *Nihon*. A circum-ambulação se efetua no sentido solar em todos os lugares onde os templos se abrem para o leste, origem do ciclo cotidiano.

## Luz

Deus é entendido como Luz Incrriada. A primeira manifestação bíblica da criação do mundo é a Luz do primeiro dia, “*Fiat Lux*”.

Segundo Chevalier, (1990)(89), em numerosos casos, as fronteiras ficam indecisas entre a luz-símbolo e a luz-metáfora. A luz é relacionada com obscuridade para simbolizar os valores complementares ou alternantes de uma evolução. Essa lei se verifica nas imagens da China arcaica, bem como nas de numerosas civilizações. Sua significação é que assim, como acontece na vida humana em todos os seus níveis, uma época sombria é seguida, em todos os planos cósmicos, de uma época *luminosa*, pura, regenerada. O simbolismo da saída das trevas se encontra nos rituais de iniciação, assim como nas mitologias da morte, do drama vegetal (semente enterrada, trevas de onde sairá uma planta nova, *neófito*) ou na concepção dos ciclos históricos.

Eliade, (1964), fala que se pode valorizar as eras sombrias, épocas de grande decadência e de decomposição, pois elas adquirem uma significação supra-histórica, embora seja precisamente em tais situações que a história se realiza de forma mais plena porque os equilíbrios aí se tornam precários, as condições humanas apresentam uma variedade infinita, as *liberdades* são encorajadas de todas as leis e de todos os esquemas arcaicos.

Segundo Chevalier,(1990)(89), expressões como *luz divina ou luz espiritual* deixam transparecer o conteúdo de um simbolismo muito rico no Extremo Oriente. A luz é o conhecimento, a dupla acepção, existe igualmente na China para o caráter **ming**, que sintetiza as luzes do Sol e da Lua, é essencialmente o mesmo que **Er-Rush**, o Espírito. A irradiação da luz (**Aor**) a partir do ponto primordial engendra a extensão, segundo a cabala. É a interpretação simbólica do **Fiat lux do** Gênesis, que é também a iluminação, ordenação do caos, por *vibração*, escreve Guénon; é nesse ponto que a teoria física de luz pode aparecer, ela própria simbólica. Segundo São João (**I, 9**),a luz primordial identifica-se com o Verbo; o que exprime de certo modo a *irradiação do Sol espiritual que é o verdadeiro coração do mundo* (Guénon). Essa irradiação é percebida por todo

homem que vem a este mundo, precisa São João, voltando ao simbolismo da luz-conhecimento percebida sem *refração*, isto é, sem intermediário deformante, por intuição direta: esse é bem o caráter da iluminação iniciática. Este conhecimento imediato, que é a luz *solar* opõe-se à luz lunar que, por ser refletida, representa o conhecimento discursivo e racional. Tanto no **Gênesis**, como na Índia e na China, a operação cosmogônica é uma separação da sombra e da luz, originalmente confundidas. O retorno à origem pode ser expresso pela resolução da dualidade, a reconstituição da unidade primeira. Na tradição cristã, a visitação de Maria pela Pomba que encarna o Espírito Santo pôde ser considerada como uma expressão de manifestação da Luz. Mas a luz pode também aparecer não mais como **epifania masculina e fecundadora**, mas como a ancestral fêmea que o homem fecunda.

#### Vela

A vela representa a luz. O Círio Pascal é o símbolo mais destacado do Tempo Pascal. A palavra “círio” vem do latim “cereus”, de cera. O produto das abelhas. O círio mais importante é aceso na vigília de Páscoa como símbolo de Cristo – Luz, e que fica sobre uma elegante coluna ou candelabro enfeitado. O Círio Pascal, desde os primeiros séculos um dos símbolos mais expressivos da vigília. Toda a celebração é feita de noite, começa com as luzes apagadas, na escuridão, e de uma fogueira previamente preparada se acende o Círio, que tem uma inscrição em forma de cruz, acompanhada da data do ano e das letras Alfa e Omega, a primeira e a última do alfabeto grego, para indicar que a Páscoa do Senhor Jesus, princípio e fim do tempo e da eternidade, nos alcançam com força sempre nova no ano concreto em que vivemos. O Círio Pascal tem em sua cera incrustado cinco cravos de incenso simbolizando as cinco chagas santas e gloriosas do Senhor da Cruz. Na procissão de entrada da Vigília se canta por três vezes a aclamação ao Cristo: “Luz de Cristo. Demos graças a Deus”, enquanto progressivamente vão se acendendo as velas de todos os presentes e as luzes da Igreja. Depois o Círio é colocado na coluna ou no candelabro que vai ser seu suporte, e se proclama em torno a ele, depois de incensá-lo, o solene Pregão

Pascal. Além do simbolismo da luz, o Círio Pascal tem também o da oferenda, como cera que se consome em honra de Deus, espalhando sua Luz: “aceita, Pai Santo, o sacrifício vespertino desta chama, que a Santa Igreja te oferece na solene oferenda deste Círio, trabalho das abelhas. Sabemos o que anuncia esta coluna de fogo, ardendo em chama viva para a Glória de Deus. Rogamos-te que este Círio, consagrado a teu nome, para destruir a escuridão desta noite”. O Círio ficará aceso em todas as celebrações durante as sete semanas do tempo Pascal, ao lado do ambão da Palavra, até a tarde do domingo de Pentecostes. Uma vez concluído o tempo Pascal, convém que o Círio seja dignamente conservado no batistério. O Círio Pascal também é usado durante os batismos e as exéquias, quer dizer no princípio e o término da vida temporal, para simbolizar que um cristão participa da luz de Cristo ao longo de todo seu caminho terreno, como garantia de sua incorporação definitiva à Luz da vida eterna.

Observação: O ambão é o lugar de onde se proclama e se anuncia a Palavra de Deus; provém da palavra grega onfalos, que significa umbigo, pois, segundo a tradição, é daí que provém a Palavra de Deus que nutre os fiéis.

“A dignidade da Palavra de Deus requer na igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da Liturgia da Palavra.”<http://www.catequisar.com.br/texto/materia/celebracoes/pascoa/05.htm>

Muitas são as interpretações simbólicas que encontramos em todas as tradições religiosas, aqui abordamos apenas algumas delas.

Terminamos, deixando a seguinte frase, inscrição da lápide de Jung em Küsnacht,

VOCATUS ATQUE NON VOCATUS DEUS ADERIT  
PRIMUS HOMO DE TERRA TERRENUUS  
SECUNDUS HOMO DE CAELO CAELESTIS

(I Corinthians 15:47)

Invocado ou Não Invocado Deus está Presente

Primeiro Homem de Terra Terreno

Segundo Homem de Céu Celestial

(I Coríntios 15:47)

**(Princeton/Bollingen Séries XCVII, 1979), p.217.**

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



*A separação entre a parte racional e irracional do símbolo, com um lado invalidando o outro, como, por exemplo, a luta entre ciência e religião em nossa cultura desde o Renascimento, é uma dicotomia, um mecanismo de defesa dissociador e neurotizante, de que o ser humano lança mão quando não aguenta a totalidade consciente-inconsciente dos seus símbolos e, a seguir, o Self adapta-se a esse crescimento com um desenvolvimento correspondente por meio da grande plasticidade que caracteriza a psique. As descobertas científicas servem de amplificação dos símbolos tanto quanto os mitos. O ser humano necessita de um esforço permanente de espiritualização para perceber a dimensão psíquica. Esse esforço para uns é mais natural e prazeroso que para outros. ... Não se pode dizer, porém, que a vivência da dimensão psíquica seja determinada definitivamente por algo fora dela própria, pois os mesmos fatores, dependendo da pessoa, às vezes a propiciam e às vezes a embotam. ... O que caracteriza de modo essencial a dimensão psíquica são os símbolos. A dimensão psíquica tem sido confundida e reduzida a muitas outras dimensões da vida, e isso faz com que ela própria caia no esquecimento e na inconsciência. Heidegger, um dos grandes expoentes do pensamento do século XX, centralizou sua obra na busca do Ser. A alma humana tem a sua própria e única fenomenologia. Ela se expressa de forma absoluta por seus símbolos(88).*

Observamos que a escuta das músicas sagradas e/ou litúrgicas, respectivamente, Q'ran, Vajra Guru Mantra- Mantra Tibetano, Oni Saurê - Canto para Oxalá, Sim Shalom – Judaica, Verbum Supernum – Hino VIII Modo (Canto Gregoriano), após a aplicação da calatonia:

- 1) Facilitou o surgimento de imagens mentais e quando surgiram, na maior parte das vezes, trouxeram conteúdos ou temas equivalentes, culturalmente associados ao fenômeno religioso, e que se repetem, tais como: **a) Natureza:** horizontes a perder de vista, sol, som, luz, vento, fogo, águas, oásis, mar, céu, peixe, pássaro; **b) Construções e Figuras humanas com gestos de manifestação religiosa:** construções de Templo, Catedral, Igreja e Mesquitas altas, cruz, figura humana rezando, em pé ou de joelhos, com as mãos juntas, pessoas rezando juntas, homem e povo islâmico, homem judeu, africanos e índios cantando, contando história e dançando, etc.

- 2) Todas as músicas promoveram temas e imagens mentais de conteúdos religiosos. Estamos aqui propondo que tais imagens pertencem ao campo do arquétipo do significado, o Self, funcionando como uma provável atuação do instinto religioso, de acordo com JUNG, ([1939], 1988)<sup>(28)</sup>.
- 3) Os seis sujeitos expressaram em todas as sessões a sensação de relaxamento, tranquilidade e apaziguamento, mesmo quando não gostou da música.
- 4) No final do processo, dos seis, cinco sujeitos relataram que apreciaram o formato do procedimento, as cinco sessões, a escuta de uma música em cada sessão, após a calatonia. Alguns sujeitos reconheceram que apesar da escuta musical nem sempre agradar, o fato da calatonia prepará-los para uma escuta mais profunda os ajudou a aceitá-la.
- 5) Outra observação significativa da pesquisa foi a constatação do preconceito, ainda vigente, em relação a se declarar ateu. Isso pode ter dificultado encontrar ateus para participar da pesquisa.

Apesar de ser um trabalho introdutório, uma pesquisa de levantamento de dados, e ter sido aplicado em poucos ateus, foram obtidos resultados que nos levam a considerar a proposta de continuar pesquisando e ampliando este estudo, e, dependendo dos resultados, colocar em prática os procedimentos.

Seria interessante fazer pesquisas com amostras maiores, com idades diferentes, grau de religiosidade variado, assim como compromisso com instituições religiosas. Pensamos ainda em avaliar as diferenças de resultados dos procedimentos quando aplicados em indivíduos saudáveis ou com diferentes tipos de desordens de saúde física e mental. O nível educacional e social também deveriam ser comparados.

A aplicação prática dos procedimentos envolveria treinar profissionais da saúde, enfermeiros, psicólogos, cuidadores, para aplicar a calatonia e essas músicas em pacientes hospitalizados, e/ou em fase terminal, como também em

idosos em asilos, entre outros. Nessa ampliação propomos uma pesquisa quali-quantitativa. Poderia ser realizada com outras parcerias, como por exemplo, a neurologia, realizando a ressonância magnética funcional, para investigar o efeito cerebral do procedimento. Numa amostragem significativa, poderíamos obter resultados mais ricos que viabilizassem uma intervenção eficiente no sofrimento humano em situações extremas. Gostaríamos de testar esse procedimento como um facilitador em situações emergentes em que a psicoterapia convencional não se aplica. Tais pesquisas levariam à estruturação de um procedimento musicoterapêutico receptivo brasileiro e original.

**Num novo desenho de pesquisa,** acrescentaríamos músicas escolhidas pelo paciente, que tivessem significado pessoal e ressonância emocional, para avaliar seu efeito, uma vez que na musicoterapia é levado em conta o histórico sonoro, a identidade sonora do indivíduo, sua origem e sua cultura(24, 86). Gostaríamos de pesquisar ainda o efeito de músicas específicas na fisiologia do indivíduo, baseados, por exemplo, no Teste de Associação de Palavras, desenvolvido por Jung, com os recursos modernos da medicina para medir alterações orgânicas. Seria ainda interessante numa futura pesquisa desvincular a aplicação do trabalho corporal da escuta da música, para avaliar o efeito específico de cada um.

Em suma, os resultados obtidos nesta pesquisa, embora um estudo introdutório, nos levam a desejar abrir muitos caminhos de ampliação. O trabalho corporal associado à escuta de músicas sagradas, para os ateus, obteve como efeito tranquilidade e o surgimento de algumas imagens religiosas. Entendemos isto como a ativação do instinto religioso naquilo que Jung considera como o contato com o Self. A própria estrutura da psique pressupõe uma consciência e um inconsciente. A consciência é, e se percebe, como parcial e limitada em todos os sentidos, e a consequência natural da percepção da limitação é a ânsia pelo ilimitado, pela totalidade, que Jung conceitualiza como Self. Existem infinitos caminhos para essa experiência, cabe a cada indivíduo construir o seu próprio. Nós, aqui, propusemos uma possibilidade através da escuta de músicas sagradas

em relaxamento. Não houve a intenção de doutrinar as pessoas, mas de reconectá-las com a instância psíquica responsável pelo sentimento de ser um indivíduo significativo, num mundo ordenado - o *Self*. Tal sensação de pertencimento a uma ordem maior é profundamente individual, conforme se expressa pelo talento de nossos compositores:

**SE EU QUISER FALAR COM DEUS**

**Gilberto Gil**

**1980**

*Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que ficar a sós  
Tenho que apagar a luz  
Tenho que calar a voz  
Tenho que encontrar a paz  
Tenho que folgar os nós  
Dos sapatos, da gravata  
Dos desejos, dos receios  
Tenho que esquecer a data  
Tenho que perder a conta  
Tenho que ter mãos vazias  
Ter a alma e o corpo nus  
Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que aceitar a dor  
Tenho que comer o pão  
Que o diabo amassou  
Tenho que virar um cão  
Tenho que lamber o chão  
Dos palácios, dos castelos  
Suntuosos do meu sonho  
Tenho que me ver tristonho  
Tenho que me achar medonho  
E apesar de um mal tamanho  
Alegrar meu coração  
Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que me aventurar  
Tenho que subir aos céus  
Sem cordas pra segurar  
Tenho que dizer adeus  
Dar as costas, caminhar  
Decidido, pela estrada  
Que ao findar vai dar em nada  
Nada, nada, nada, nada  
Nada, nada, nada, nada  
Nada, nada, nada, nada  
Do que eu pensava encontrar*



## **10. CUIDADOS ÉTICOS**



### **7.1 PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA**

Antes de iniciarmos nossa pesquisa o Projeto de Pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa pela Unicamp.

**Parecer CEP: No 1098/2008** (Comitê de Ética em Pesquisa/ Unicamp)

**CAAE: 0867.0.146.000-08**

### **7.2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Ver Anexo I)**

Todos os sujeitos assinaram o TCLE.

### **7.3 COMPROMETIMENTO DO PESQUISADOR COM OS SUJEITOS DE PESQUISA**

Houve um comprometimento do pesquisador em transmitir, dar uma devolutiva dos resultados da pesquisa para os participantes – o de demonstrar os resultados.



## **11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



1. Turato ER. Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa. 2a ed. Petrópolis: Vozes; 2003.
2. Gonçalves M, Giglio JS, Ferraz M, Moschella V. Questionário de religiosidade. São Paulo: UNIFESP; 2000.
3. Jung CG. Memórias, Sonhos, Reflexões. 11a ed., Rio de Janeiro: Fronteira; 1957-1961/1989.
4. Fiorini HJ. Teorias e Técnicas de Psicoterapias. 9a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora; 1991.
5. Franchetti SHA. Psicoterapia breve: uma possibilidade de trabalho psicanalítico na Instituição. Campinas2008 [23 set 2011]; Available from: [http://www.prg.rei.unicamp.br/sappe/docs/Psicoterapia Breve Possibilidade-trabalho-psicanalitico-instituicao .pdf](http://www.prg.rei.unicamp.br/sappe/docs/Psicoterapia_Breve_Possibilidade-trabalho-psicanalitico-instituicao_.pdf).
6. Almeida RA. Possibilidades de utilização da psicoterapia breve em hospital geral. Rev SBPH. 2010;13(1):94-106.
7. Gilliéron E. As psicoterapias breves. Rio de Janeiro: Zahar; 1986.
8. Gilliéron E. Introdução às psicoterapias breves. São Paulo: Martins Fontes; 1993.
9. Gilliéron E. A primeira entrevista em psicoterapia. São Paulo: Unimarco/Loyola; 1996.
10. Gilliéron E. Manual de psicoterapia breve. Lisboa: Climepsi; 1998.
11. Mello LM. Terapia Interpessoal: um modelo breve e focal - InterpersonalTherapy: a brief and focal model. Rev Bras Psiquiatr. 2004;26(2):124-30.

12. Allport GW. The Religious Context of Prejudice. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 1966;5(3):447-57.
13. Geertz C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.; 1978.
14. Giglio JS. *Psicoterapia e Espiritualidade [Monografia]*. São Paulo: Associação Junguiana do Brasil; 1997.
15. Elias AA. *Relaxamento Mental, Imagens Mentais e Espiritualidade na Re-Significação da Dor Simbólica da Morte de Pacientes Terminais [Mestrado]*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2001.
16. Becker MC. *Aconselhamento pastoral na depressão: uma análise psico-teológica do aconselhamento pastoral diante da depressão [Dissertação de Mestrado]*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2003.
17. Elias AA, Giglio JS. Análise da Natureza da Dor Espiritual apresentada por pacientes terminais e o processo de sua re-significação através da intervenção Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade (RIME). *Revista Latino-americana de Enfermagem [serial on the Internet]*. 2008; 16(6): Available from: [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae).
18. Dalgalarrodo P. *Religião, Psicopatologia & Saúde Mental*. Porto Alegre: ARTMED; 2008.
19. Geertz C. A religião como sistema cultural. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2001.
20. Gonçalves M, Gíglio JS, Ferraz MPT. A Religiosidade como Fator de Proteção contra depressão em pacientes com Neoplasia Mamária. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia em Medicina Legal*. 2005;99(4):16-20.
21. Peres M, Arantes ACLQ, Patrícia Silva Lessa PS, Caous CA. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 2007;34(1):82-7.

22. Bonny H. The Role of Taped Music Programs in the GIM Process. Salina, KS: Bonny Foudation; 1978.
23. Bush CA. A Música e a Terapia das Imagens – Caminhos para o Eu Interior. São Paulo: Cultrix; 2003.
24. Bruscia KE. Definindo Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros; 2000.
25. Wigran T. Music Therapy, Theory, Clinical Practice, Research and Training. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publisher; 2002.
26. Beebe LH, Wyatt TH. Guided imagery and music: using the Bonny method to evoke emotion and access the unconscious. J Psychosoc Nurs Ment Health Serv. 2009;47(1):29-33.
27. Sales CA, Silva VA, Pilger C, Marcon SS. A música na terminalidade humana: concepções dos familiares. Revista Esc Enfermagem USP. 2011;45(1):138-45
28. Jung CG. Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. Vol. XI. 3a. ed. Petrópolis: Vozes; 1939/1988.
29. Jung CG. Memórias, Sonhos, Reflexões. 11a ed., Rio de Janeiro: Fronteira; 1961/1989.
30. Caramujo AMPC. Psicologia Integrativa e Musicoterapia. Rev Hermes. 2004;6:15-24.
31. Silveira N. Jung – Vida e Obra. 4ª ed. Rio de Janeiro Paz e Terra; 1975.
32. Jung CG OEeoloc, Vol.VII/2. 16ª ed. Petrópolis: Editora Vozes. . O Eu e o Inconsciente. 16ª ed., Petrópolis: Editora Vozes 1916/2002.
33. Jung CG. O espírito na Arte e na Ciência. Petrópolis: Editora Vozes; 1929/1991.

34. Jung CG. Psicologia e Religião - Obras Completas. Vol. XI/1. 3a. ed. Psicologia e Religião: Vozes; 1939/1987.
35. Jung CG. Resposta a Jó - Obras Completas. Vol. XI/4. Petrópolis: Vozes; 1939/1979.
36. Jung CG. Resposta a Jó – Obras Completas. Vol. XI/4. Petrópolis: Vozes; 1939/2011.
37. Smith-Stoner M. End-of-life preferences for atheists. J Palliat Med. 2007;10(4):923-8.
38. Armstrong K. A History of God. [S.l.]. London: Vintage; 1999.
39. Jung CG. Determinantes Psicológicas do Comportamento Humano. A Natureza da Psique VolVIII/2,. 3a. ed. Petrópolis: Vozes; 1916/1991.
40. Jung CG. Psicologia e Alquimia. Vol. XII. 2a. ed. Petrópolis: Vozes; 1935-1936/1994.
41. Jung CG. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. 7ª ed., Petrópolis: Editora Vozes; 1933-1955/2011.
42. Cline A. What is this Definition of Atheism? 2008 [05 fev 2011]; Available from: <http://atheism.about.com/od/definitionofatheism/a/definition.htm>. .
43. Spaccaquerche ME. Bases neuropsicológicas do trabalho corporal na psicoterapia. In: Corpo em Jung. São Paulo: Vetor; 2012.
44. Sandor P. Técnicas de relaxamento. 4 ed. São Paulo: Vetor; 1982.
45. Armando MD, Oliveira L. Calatonia e religiosidade – uma abordagem junguiana [Mestrado em psicologia clínica]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; 2006.

46. Armando M, Regina J, Rios F. Bases Neuropsicológicas do Trabalho Corporal em Psicoterapia. In: Jung CG, editor. Corpo em Jung. São Paulo: Vetor; 2012.
47. Penna L. Calatonia sensibilidade, os pés e a imagem do próprio corpo em psicoterapia [Dissertação de Mestrado em Psicologia]. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP; 1979.
48. Penna L. O Corpo na Individuação Feminina [Tese de Doutorado]. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP; 1986.
49. Machado FPT. Gestos de cura e seu simbolismo [Mestrado em Antropologia Social]. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 1994.
50. Arcuri IG. Ampliação da Consciência por meio da Calatonia e da Arteterapia [Doutorado em Psicologia]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; 2009.
51. Arcuri IG. Memória Corporal - Simbolismo do Corpo na Trajetória da Vida [Mestrado em Gerontologia]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC; 2003.
52. Costa CM. Até o Século XIX. In: O Despertar para o Outro – musicoterapia. São Paulo: Summus Editorial Ltda; 1989. p. 17-32.
53. Smith MPC. Musicoterapia e Identidade Humana – A Concretização de Um Projeto Emancipatório [Mestrado em Psicologia Social]. São Paulo: Universidade São Marcos; 1999.
54. Caramujo AMPC. O homem e a música, um pouco de história. In: Musicoterapia e Construção da Identidade Social – Uma Proposta Terapêutica Aplicada com Crianças em Situação de Risco – Meninos de Rua [Monografia: Especialista em Musicoterapia]. São Paulo: Faculdade Paulista de Artes - FPEP; 2003.

55. Jung CG. A Natureza da Psique. 3a ed., Petrópolis: Vozes 1991.
56. Samuel. A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus; 1980.
57. Stehman J. História da Música Europeia - das origens aos nossos dias. 2a ed. Portugal e Brasil: Livraria Bertrand; 1979.
58. Jung CG. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo, Vol.9. 7a ed. Petrópolis: Editora Vozes; 1955/2011.
59. Merritt S. Mind, Music & Imagery: Unlocking the treasures of your mind. 2nd ed. Santa Rosa, CA: Aslan Pub; 1996.
60. Carvalho P. Música e Arquétipo – Criatividade e Fruição Musical. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense; 2011 [05 mar 2012]; Available from: [http://ciec.org.br/Artigos/Revista\\_3/piedade.pdf](http://ciec.org.br/Artigos/Revista_3/piedade.pdf)
61. Carvalho MMJ. Visualização e Câncer. In: Introdução à Psiconcologia. Campinas: Editorial Psy II; 1994. p. 161-72.
62. Goldberg FS. Imagens of Emotion: The role of Emotion in GIM. Journal of Association for Music and Imagery. 1992 June;1.
63. Arcaro NT. Imagens mentais em psicoterapia: estudo empírico sobre sua eficácia e a importância da atitude e da habilidade do cliente em manejá-las [Tese de Doutorado em Psicologia Clínica]. São Paulo: Universidade de São Paulo - USP; 1997.
64. Blofeld J. Mantras: Palavras Sagradas de Poder. 3a ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda; 1991.
65. Leão ER, Silva MJP. Música e Dor Crônica Músculoesquelética: O Potencial Evocativo de Imagens Mentais. Rev Latino-am Enfermagem 2004 mar/abr;12(2):235-41.

66. Penna EMD. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Psicologia USP*. 2004;16(3):71-94.
67. Triviños ANS. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas; 1987.
68. Kvale S. *Interviews : an introduction to qualitative research interviewing*. XVII ed. Thousand Oaks: Sage Publications; 1996.
69. Chizzotti A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 4a ed. São Paulo: Cortez; 2000.
70. AmatuZZi IMM, AMATUZZI IMMAdpf, In: *Estudos de Psicologia - Revista Quadrimestral do Instituto de Psicologia, Campinas: PUCCAMP, Vol.13, n.1, 5-10*. AmatuZZi IMM,. *Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica*. 1996;13(1):5-10.
71. Rios AMG. *Um estudo junguiano sobre a imagem de Deus na infância dentro da tradição cristã [Dissertação de Mestrado]*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC; 2008.
72. Almeida LHH. *Danças circulares sagradas : imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem junguiana [Tese Doutorado]*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas - Unicamp; 2005.
73. Machover K. *Proyeccion de la personalidad en el dibujo de la figura humana*. Havana: Cultural S.A.; 1949.
74. Almeida LHH. *A psicologia organísmica, a psicologia junguiana e a utilização de desenhos: uma reflexão para a educação física [Dissertação - Mestrado]*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista; 1999.
75. Lowenfeld V, Brittain WL. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou; 1970.

76. Read H. Educación por el arte. Buenos Aires: Paidós; 1955.
77. Silveira N. Jung vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1981.
78. Silveira N. O mundo das Imagens. São Paulo: Ática; 2001.
79. Furth GM. O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana pela arte. São Paulo: Paulus; 2006.
80. BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2000 [cited 20 fev 2012]; Available from: <http://www.ibge.gov.br/home/>.
81. Pope C, Mays N. Qualitative Research: Reaching the Parts Other Methods Cannot Reach: an Introduction to Qualitative Methods in Health and Health Services Research. BMJ. 1995;311(6996):42-5.
82. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6a ed. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro, Abrasco [Coleção Saúde em Debate, 46]; 1999.
83. Botton A. Religião para ateus. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda 2011.
84. Zacharias JJM. Um olhar analítico para a arte e a espiritualidade: [Capítulo de Livro no Prelo]; 2012.
85. Jung CG. Símbolos da Transformação. Obras Completas. Vol.V. 2a. ed. Petrópolis: Editora Vozes; 1912/1989.
86. Benenzon RO, Gainza VH, Wagner G. La Nueva Musicoterapia. Buenos Aires – México: LUMEN; 2008.
87. Jung CG, editor. Palestra. Seminário sobre Zaratrusta; 1934 6 de junho.

88. Bayington CAB. O Enfoque Arquetípico da Crise Simbólica no Ocidente e a necessidade de símbolos de outras culturas. In: Moitará I - O simbolismo nas culturas indígenas brasileiras. São Paulo: Paulus; 2006. p. 23-98.
89. Chevalier J, Gueerbrant A. Dicionário de Símbolos. 2a. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A; 1990.
90. Groslier BF. Angkor. Paris1956.
91. Champeaux G. dom STERCKX S. (O.S.B.), Introduction au monde des Symboles. Paris1966.
92. Becker U. Dicionário de Símbolos. São Paulo: Paulus; 1999.



**ANEXOS**



**ANEXO I**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**PESQUISA:**  
**CALATONIA, MÚSICA, IMAGENS MENTAIS E RELIGIOSIDADE**

Tomei conhecimento que o objetivo da pesquisa é investigar se a partir da aplicação da calatonia (relaxamento com toques sutis nos pés), em seguida a escuta de uma música (músicas de diferentes culturas), surgem imagens mentais e, se surgirem, se essas imagens trazem temas ou conteúdos religiosos. A pesquisa ocorrerá em cinco sessões de aplicação, sendo que em cada sessão será aplicada uma música diferente.

Sabendo, através de estudos científicos, que a religiosidade é um sistema eficiente no controle da ansiedade, e determinadas músicas também podem auxiliar no controle da ansiedade, esta pesquisa serve para investigar se a influência ou não da escuta das músicas, de uma determinada estrutura, facilita ou não o surgimento de imagens mentais que trazem conteúdos religiosos.

Nas sessões utilizaremos os seguintes procedimentos:

- Aplicação da calatonia
- Escuta da música
- Um desenho livre (representando a experiência com a música)
- Uma entrevista semi-estruturada (será gravada e registrada), onde o entrevistado relatará sua experiência (a gravação será em áudio para registrar na íntegra todas as respostas do entrevistado. E, que em seguida serão registradas por escrito para avaliação e interpretação dos dados.

A duração de cada sessão de aplicação, será de uma hora, exceto a primeira sessão, com a duração de uma hora e quarenta e cinco minutos, pois será aplicado o Inventário de Religiosidade – Moschella-Larson (ML), Gonçalves, 2000, e o Mini Internacional Neuropsychiatric Interview – Versão Brasileira 5.0.0 DSM IV - M.I.N.I., para investigar o estado de saúde mental do entrevistado, e a última sessão com duração de uma hora e meia, para fechamento. As sessões serão realizadas uma vez por semana no consultório particular da pesquisadora, em São Paulo.

A pesquisa será realizada com adultos, entre 28 e 65 anos, brasileiros, ou que vivem no Brasil há, pelo menos, dez anos, voluntários, ateus (que não creem em Deus, não religiosos,

nem inseridos em uma instituição religiosa). Esses indivíduos foram selecionados nas universidades em que a pesquisadora leciona, e através de pessoas conhecidas, por ela, interessadas em participar da realização da pesquisa. Ao todo serão seis participantes que aceitaram participar, voluntariamente.

Quanto aos riscos, **não há riscos previsíveis para os participantes da pesquisa.**

**Concordo em participar da pesquisa sabendo que em caso de haver publicação dos resultados, será garantido total anonimato e que não haverá custos, nem receberei nada para participar da pesquisa, além disso, me será garantido o direito de desistência em participar, em qualquer momento da pesquisa.**

**Local da Pesquisa:** Rua Indiana, 974 – Brooklin – São Paulo

**Nome do Pesquisador:** Ana Maria Caramujo Pires de Campos

**Telefone do Pesquisador: 36116191/celular: 91230384**

**Telefone do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa): (019) 35218936**

**Nome do Participante:**

**Data:**

---

**Assinatura do Participante**

---

**Assinatura do Pesquisador**

**ANEXO II**  
TABELA: RELIGIÕES PRATICADAS NO BRASIL – ANO 2000

**DADOS DO IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**

**Tabela – Religiões praticadas no Brasil – Ano 2000**

**Observação:** Em **cor vermelha** estão as religiões cristãs

Tabela 2094 - População residente por cor ou raça e religião

Brasil

Cor ou raça = Total

Ano = 2000

Religião	Variável	
	População residente (Pessoas)	População residente (Percentual)
<b>Total</b>	169.872.856	100,00
<b>Católica Apostólica Romana</b>	124.980.132	73,57
<b>Católica Apostólica Brasileira</b>	500.582	0,29
<b>Católica Ortodoxa</b>	38.060	0,02
<b>Evangélicas</b>	26.184.941	15,41
<b>Evangélicas de Missão</b>	6.939.765	4,09
<b>Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Luterana</b>	1.062.145	0,63
<b>Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Presbiteriana</b>	981.064	0,58
<b>Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Metodista</b>	340.963	0,20
<b>Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Batista</b>	3.162.691	1,86
<b>Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Congregacional</b>	148.836	0,09
<b>Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Adventista</b>	1.209.842	0,71
<b>Evangélicas de Missão - outras Evangélicas de Missão</b>	34.224	0,02
<b>Evangélicas de origem pentecostal</b>	17.617.307	10,37
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Assembléia de Deus</b>	8.418.140	4,96
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Congregação Cristã do Brasil</b>	2.489.113	1,47
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja o Brasil para Cristo</b>	175.618	0,10
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Evangelho Quadrangular</b>	1.318.805	0,78
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus</b>	2.101.887	1,24
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Casa da Bênção</b>	128.676	0,08
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Deus é Amor</b>	774.830	0,46
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Maranata</b>	277.342	0,16
<b>Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Nova Vida</b>	92.315	0,05
<b>Evangélicas de origem pentecostal - outras Evangélicas de origem</b>	1.840.581	1,08

Religião	Variável	
	População residente (Pessoas)	População residente (Percentual)
<b>pentecostal</b>		
<b>Evangélicas sem vínculo institucional</b>	1.046.487	0,62
<b>Evangélicas sem vínculo institucional – Evangélicos</b>	710.227	0,42
<b>Evangélicas sem vínculo institucional - Evangélicos de origem pentecostal</b>	336.259	0,20
<b>Evangélicas - outras religiões evangélicas</b>	581.383	0,34
<b>Outras cristãs</b>	235.532	0,14
<b>Outras cristãs – Cristãs</b>	230.325	0,14
<b>Outras Cristãs - outras religiosidades cristãs</b>	5.208	0,00
<b>Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias</b>	199.645	0,12
<b>Testemunhas de Jeová</b>	1.104.886	0,65
<b>Espírita</b>	2.262.401	1,33
<b>Espiritualista</b>	25.889	0,02
<b>Umbanda</b>	397.431	0,23
<b>Candomblé</b>	127.582	0,08
<b>Judaísmo</b>	86.825	0,05
<b>Hinduísmo</b>	2.905	0,00
<b>Islamismo</b>	27.239	0,02
<b>Budismo</b>	214.873	0,13
<b>Outras religiões orientais</b>	7.832	0,00
<b>Novas religiões orientais</b>	151.080	0,09
<b>Novas religiões orientais - Igreja Messiânica Mundial</b>	109.310	0,06
<b>Novas religiões orientais - Outras novas religiões orientais</b>	41.770	0,02
<b>Tradições esotéricas</b>	58.445	0,03
<b>Tradições indígenas</b>	17.088	0,01
<b>Outras religiosidades</b>	15.484	0,01
<b>Sem religião*</b>	12.492.403	7,35
<b>Não determinadas</b>	357.648	0,21
<b>Sem declaração**</b>	383.953	0,23

**Nota:** 1 - Os dados são da Amostra

**Fonte:** IBGE - Censo Demográfico

### ANEXO III

## MÚSICAS UTILIZADAS NESTA PESQUISA

A música é uma instituição humana na qual os indivíduos criam significação e beleza através do som, utilizando as artes de composição, improvisação, da apresentação e da audição. A significação e a beleza derivam-se das relações intrínsecas criadas entre os sons e outras formas de experiência humana. A música é uma instituição. Como as outras artes, a música tem um padrão organizado e permanente de interação humana centrada em torno de um conjunto de valores que são compartilhados por uma comunidade e, reciprocamente, relacionados com essa comunidade com funções, objetivos, costumes, tradições e regras específicas. É um empreendimento essencialmente humano, específica da espécie e conseqüentemente universal; no entanto, os critérios pelos quais ela é definida como uma forma de arte são culturalmente determinados. Os indivíduos criam música. Portanto, sua significação e beleza são sempre originais e singulares para cada indivíduo e sempre inventadas novamente. A arte da música é tanto ativa como receptiva por natureza e a composição, a improvisação, a execução e a audição possuem papéis igualmente significativos. Portanto, a significação e a beleza da música situam-se tanto no mundo real do som criado pelos compositores, pelos improvisadores ou apresentadores quanto no mundo imaginário dos ouvintes. A música veicula significados e beleza tanto com referência a si própria quanto com referência ao universo extramusical. Sua significação é tanto referencial quanto não referencial. A música é um produto e um processo, é material e experiência, é real e imaginária, pessoal e transpessoal. Sua significação e beleza podem ser encontradas em qualquer desses aspectos e não podem ser limitadas a nenhum deles (BRUSCIA, 2000), p.111-112.

O Homem, desde os primórdios, questiona e busca respostas como essas: Quem sou eu? De onde eu vim? Para onde eu vou? O que importa não são as respostas, mas para onde estes questionamentos direcionam o desenvolvimento do indivíduo nos aspectos físicos, psíquicos, mentais e espirituais. O homem primitivo busca respostas na natureza e é lá que encontra suas divindades e também a cura e o alívio para as suas dores. Nos aborígenes, nas tribos indígenas, o pajé, o xamã, com a ajuda da música e da dança, é quem cura os enfermos de seus males do corpo e da alma. O homem da cultura oriental nos ensinou a crer na existência de um mundo superior a este mundo material e sua busca consiste em atingi-lo através do aprimoramento espiritual. Em contrapartida, o homem ocidental segue outro caminho de desenvolvimento abandonando sua intuição, aquela verdade originária da essência do Ser e que transmuta a razão, que segundo Jung, (1991), sua origem é a mesma que os instintos. Por isso, também abandona sua sintonia com a natureza e desenvolve a razão, a intelectualidade, a ciência. Assim, esqueceu-se da música como recurso de cura, de ligação com o Divino no seu interior mais profundo, Jung chamou de *Self*, (JUNG, [1961], 1989).

A história da humanidade, como a filosofia e a mitologia nos mostra como a música sempre desempenhou um papel importante no desenvolvimento psíquico, mental,

espiritual e sócio-político do homem, tanto no plano individual com no plano coletivo, interferindo no curso da sua própria evolução.

*In principium erat verbum*, enuncia São João no início do primeiro capítulo do seu evangelho, o que os tradutores traduzem diferentemente por “No começo era o Verbo”, ou “... a Palavra”, ou ainda “... o Vocábulo”. Outros, porém, talvez mais avisados, pensam que a melhor tradução de *verbum* seria “...osom”, ou então “... o canto”. Apóiam a sua argumentação no fato de que, na tradição imemorial, o Criador era tido como sendo um canto infinito, e a Criação deveria ser considerada como uma cristalização desse canto. Compreende-se, a partir daí, o pensamento de Pitágoras, segundo o qual a estrutura da música permitiria e bastaria para explicar a estrutura do Universo. O estudo da música tornava-se, em consequência, a chave do conhecimento do Cosmo (COTTE, 1988)

O uso terapêutico da música é conhecido desde o início dos tempos. Na mitologia encontramos deuses e semideuses que possuem a milagrosa habilidade musical, interferindo no curso do desenvolvimento psíquico. Orfeu com seu canto submetia os animais selvagens, detinha o curso das ondas, fazia dançarem as árvores e as rochas.

Segundo Smith, (1999), Hipócrates, pai da medicina (460 A.C.? – 377 a.C.?), que cultuava a harmonia, equilíbrio total do estado psicossomático, acreditava que, a *“Natureza do homem era constituída por um conjunto de forças que dirige e regula todos os seres e todos os fenômenos existentes, postulava a doença como sendo a manifestação de uma crise da natureza, e através da música se mantinha ou se restabelecia a ordem, a harmonia e o equilíbrio”*. Na antiguidade seu uso terapêutico é conhecido com Platão e Aristóteles entre outros. Platão recomendava música para a mente e o corpo e, também, para vencer fobias. Aristóteles descrevia seus efeitos benéficos na catarse emotiva e nas emoções, que julgava incontroláveis. Esculápio também prescrevia música para as pessoas com mente perturbada.

Na Bíblia temos David, tocando lira para acalmar a fúria do rei Saul. David foi chamado para acalmar o Rei Saul, para livrar-lhe do espírito mau procedente de Deus, que o atormentava. David era um excelente instrumentista, dedilhava a lira como nenhum outro e por isso somente ele poderia tocar para o Rei Saul.

14. O espírito de lahweh tinha se retirado de Saul, e um mau espírito, procedente de lahweh, lhe causava terror. 15. Então os servos de Saul lhe disseram: "Eis que um mau espírito vindo de Deus te aterroriza. 16. Mande nosso senhor, e os servos que te assistem irão buscar um homem que saiba dedilhar a lira e, quando o mau espírito da parte de Deus te atormentar, ele tocará e tu te sentirás melhor". 17. Então Saul disse a seus servos: "Procurai, pois um homem que toque bem e trazei- mo". 18. Um dos seus servos pediu para falar e disse: "Tenho visto um filho de Jessé, o belemita, que sabe tocar e é um valente guerreiro, fala bem, é de bela aparência e lahweh está com ele". 19. Saul logo enviou seus mensageiros a Jessé com esta ordem: *"Manda-me o teu filho Davi (que está com o rebanho)"*. 20. Jessé tomou cinco pães, um odre de vinho, um cabrito, e mandou seu filho Davi levar tudo a Saul. 21. Davi chegou à presença de Saul e se pôs ao seu serviço. Saul sentiu grande afeição por ele, e Davi se tornou seu escudeiro. 22. Saul mandou

dizer a Jessé: “*Davi ficará a meu serviço*”, Davi tomava a lira e tocava, então Saul se acalmava, sentia-se melhor e o mau espírito o deixava.(1 Samuel, 16, 14-23).

Muitas lendas originárias da África, da Ásia ou da América contam como os deuses inventaram os instrumentos e através de que magia eles criaram o mundo e todas as criaturas a partir de simples sons. Ainda hoje em certas tribos, os instrumentos musicais têm poderes sobrenaturais, para entrar em comunicação com os espíritos de seus ancestrais e com deuses, como *didgerido o*, feito com o tronco da árvore para os aborígenes da Austrália.

A música sempre teve um importante papel no desenvolvimento da sociedade. Na antiguidade era responsável pela cura milagrosa dos males físicos e psíquicos. Na Idade Média ela sofre influência da Igreja, destacando-se pela religiosidade. No Renascimento passa a ser vista como a arte da cura. No Período Barroco prevalece o gosto pelo ornamento. No Romantismo expressa o cume da emoção. Na contemporaneidade sua principal característica é o espaço sonoro livre **(SMITH, 1999)**.

A música é um elemento tão importante no repertório das condutas humanas, que poderia ser considerada um atributo humano indispensável(PERETZ, 2009)

Caramujo, (2003), refere, a música expressa e facilita as mais puras expressões dos sentimentos e da natureza. Por meio dela, o homem é capaz de se perceber e de sentir suas dores, suas emoções, seus sentimentos, criar imagens, e principalmente “comungar” com a natureza. A música e os sons estão presentes em todos os momentos da vida. Ao ouvir uma música, um som, ou mesmo um ruído, o homem vivencia e revisita sua história, suas lembranças, suas recordações. A música pode alegrar, entristecer, acalmar, agitar, revigorar, retirar a energia, elevar,recolher, inspirar, reter, curar, adoecer, entre outros.

Stehman, ([1964], 1979), em seu livro, História da Música Européia,fala que a música, desde a Antiguidade, está presente em todos os países não europeus e se desenvolve em duas tendências paralelas, ou torna-se erudita, inspirando-se na técnica ocidental, ou permanece ritual e primitiva, pois se mantém fiel às suas tradições religiosas e populares.

Ele refere,

Um povo não poderia renunciar a esta música tradicional sem perder a sua alma: é a fonte da sua civilização própria (STEHMAN, [1964], 1979), p. 7.

A música tradicional, folclórica, que os especialistas chamam étnica, está presente, de forma enfática, em muitos países, enquanto outra música de inspiração européia mantém esses países ligados às correntes artísticas que se dissemina pelo mundo.

Esse autor mostra a importância do compositor manter vivos os elementos tradicionais da música, exprimindo o autêntico caráter do seu país, evoluindo ao nível das maiores obras de arte.

Ele fala da expansão da Igreja Cristã e, conseqüentemente, do seu canto; o papel de grandes abadias e de grandes cidades como Paris, desde a Idade Média, com a sua

influência que se estendeu a todo o Ocidente. A herança grega, e em seguida a romana, serviu de base para explorar incansavelmente o universo musical e estabelecer uma grande linguagem universal.

A história dessa música está ligada à história da Europa, primeiro no que se refere à história religiosa e depois na Idade Média separa-se em duas direções diferentes, a música de Igreja e a música do povo.

Segundo alguns autores, como Grout & Paliska, (2001), estudiosos da História da Música Ocidental, nos primeiros séculos da Igreja Cristã, algumas características da música da Grécia e das sociedades mistas orientais helenísticas do Mediterrâneo Oriental influenciaram a Igreja Cristã nos seus dois ou três primeiros séculos.

Os historiadores da música pensaram, por muito tempo, que os primeiros cristãos haviam imitado a sinagoga judaica para realizar os serviços religiosos. Entretanto, parece que ao contrário, os cristãos fizeram questão de não imitá-los, para enfatizar as diferenças entre essas duas religiões.

Neste estudo, utilizamos músicas sagradas e/ou litúrgicas, porque nosso interesse foi o de investigar, justamente, a escuta desse tipo de músicas. Utilizamos músicas tradicionais, de diferentes culturas, respeitando o tempo de cada uma, pois, sabemos que cada cultura cria as suas músicas litúrgicas e/ou sagradas a partir de estruturas específicas, com características próprias da cultura a qual pertence, com a intenção de promover elevação espiritual e conectar o indivíduo com a divindade de acordo com as suas crenças.

As músicas foram escolhidas de acordo com as religiões mais praticadas no Brasil, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000, com maior porcentagem, os Católicos Apostólicos Romanos, depois os Protestantes, os Pentecostais, os Espíritas, os Espiritualistas, Umbanda, Candomblé, Outras Religiões e Sem Religião, 7,4% (Ver anexo).

As músicas utilizadas foram, Q'ran, representando a religião Mulçumana, o Vajra Guru Mantra, um Mantra Tibetano, representando o Budismo Tibetano; o Canto para Oxalá, Ponto de Orixá, representando as religiões de origem africana, Umbanda e Candomblé; o Sim Shalom, representando o Judaísmo e o Canto Gregoriano – Verbum Supernum, Hino VIII Modo, representando o Cristianismo, aqui foram, também, incluídas as religiões Evangélicas e Pentecostais.

O Q'ran é a recitação do próprio Alcorão, a Escritura Sagrada dos Mulçumanos, indicada por um Mulçumano que está radicado no Brasil há aproximadamente quinze anos. O Vajra Guru Mantra, entoado pelo Lama Chagdud Tulku Rimpoche, uma autoridade no budismo, era um dos cinco maiores Lamas no tempo em que estava vivo - ele dizia que este era um dos mantras mais importantes, porque fazia a conexão com camadas muito profundas da psique. O Canto para Oxalá, música de domínio público, pertencente à tradição africana, do povo Nagô, na língua Yorubá – Oxalá é Jesus adulto que leva até o Pai, indicada por um Pai de Santo, autoridade da Umbanda. Sim Shalom, da Tradição Judaica, indicada pela Associação Judaica de São Paulo. O Canto Gregoriano, do CD

Cantus Selecti, faixa 15, Verbum Supernum – Hino VIII Modo, cantado pelo Coro do Mosteiro de São Bento de São Paulo, foi inicialmente indicado pelo Maestro Cesar Aguiar e confirmado pelo Dom Alexandre, Monge Beneditino há 25 anos, Mestre de Coro no Mosteiro de São Bento de São Paulo, (ver anexo). Dom Alexandre tem formação musical e especialização em canto, responsável por ajudar a comunidade no estudo e prática do canto gregoriano, incluindo técnicas vocais, que também são partilhadas com os leigos. Segundo Dom Alexandre, o Mosteiro de São Bento é famoso, principalmente, por manter a tradição do Canto Gregoriano, pois cantam textos sagrados antigos, pertencentes à Tradição em sua origem e ainda cantam em latim.

No Mosteiro São Bento, se mantém a forma de cantar em latim o repertório tradicional, textos pertencentes às Escrituras Sagradas, originais. A espiritualidade está contida no texto sagrado, que em língua estranha aos ouvidos cotidianos, prioriza não o entendimento egóico, mas a evocação simbólica.

Segundo Dom Alexandre, conhecedor de todo o repertório tradicional, o texto é pertencente à Sagrada Escritura e a música apenas colabora com isso. A palavra cantada é a forma de se relacionar com a Bíblia, com a Palavra, com os Escritos Sagrados há mais de 1.000 anos, século VIII ao X e refere, **“Não ousamos compor mais nada, queremos apenas conservar o original.”**A espiritualidade está contida no texto sagrado, portanto a música é serva do texto, a música gira em torno do texto. O canto gregoriano apresenta uma preferência para a monodia, tudo é simples e do ponto de vista cultural o canto gregoriano é patrimônio da humanidade.

O canto gregoriano é um gênero de música vocal, monódica, apenas a melodia, não acompanhada por instrumentos, apenas pela repetição da voz principal com o organum, com ritmo livre, utilizada pelo ritual da liturgia católica romana, a ideia central do cantochão ocidental, cujas características foram herdadas dos salmos judaicos e das cantigas da Idade Média, assim como dos modos gregos (ou escalas, mais modernamente), que no século VI foram selecionados e adaptados por Gregório Magno para serem utilizados nas celebrações religiosas da Igreja Católica. Seu surgimento se deve a um processo de unificação da Europa constituída na reunião de cantos antigos e na criação de cantos novos. Esse processo também aconteceu na liturgia dos ritos europeus, a partir do modelo romano proposto pelo Papa Gregório (590-640 d.C.), mas com a ascensão de Carlos Magno (800 d.C.) que a Liturgia e o Canto romano foram elevados ao status Oficial (**GROUT & PALISCA, 2001**).

No início da Idade Média, a Igreja Apostólica Romana era uma Instituição de grande poder com total influência sobre a sociedade. Isso se devia em primeiro lugar, por seu poder exclusivo do conhecimento da Bíblia e das partituras musicais, escritas e copiadas em forma de neumas.

O canto gregoriano era a forma da Igreja se diferenciar das práticas profanas ou secular, constituídas de música instrumental, dançante na maioria das vezes e letras sobre diversos assuntos, não somente sacros.

A Missa, palavra originária do latim, significa congregação, reunião, é a Celebração da Eucaristia, representando simbolicamente a morte sacrificial e ressurreição de Jesus Cristo, definindo o momento principal do cristianismo.

A organização litúrgica e do canto gregoriano é dividida em duas partes, o *Proprium Missae*, para ocasiões especiais e *Ordinarium Missae*, as partes imutáveis. Na seguinte ordem:

Introdução: *Introtus (proprium)*, *Kyrie (ordinarium)*, Glória (*ordinarium*), Coleta (*proprium*). Liturgia da Palavra: Epístola, Gradual, Aleluia, Evangelho e Sermão (*proprium*), Credo (*ordinarium*). Liturgia da Eucaristia: *Ofertarium* e *Prefacium (Proprium)*, *Sanctus Benedictis (ordinarium)*, *Agnus Dei (Ordinariun)*, comunhão e pós-comunhão (*proprium*). Fim: *He, Missa est (ordinarium)*.

No final da Idade Média é que a polifonia, harmonia obtida com mais de uma linha melódica em contraponto começa a ser introduzida nos ofícios da cristandade de então e a coexistir com a prática do canto gregoriano.

O canto gregoriano, como o Mantra Tibetano e o Q'ran são todos considerados mantras, pois o texto é a oração. Estudos mostram que não é preciso compreender o texto para ser beneficiado por seus efeitos. Ao longo dos anos, os ocidentais que chegaram ao oriente tentaram explicar porque os mantras produzem os efeitos esperados. Blofeld, (1991), p.31, que estudou detalhadamente e vivenciou as culturas indiana e chinesa, notou que não é necessário saber o significado das palavras ditas. Pois, defende a ideia de que o mantra possui uma energia sonora que movimenta outras energias, que envolvem quem o entoar. Ele observou que não importa a correção da pronúncia, encontrou o mesmo mantra entoado de forma muito diversa em países diferentes e sempre produzindo os efeitos esperados. Outra explicação seria a mesma usada para o efeito dos mudras, um gesto repetido por tantas pessoas durante tantos séculos que criou um tipo de caminho energético, que podemos chamar de marca akasha ou no inconsciente coletivo, que é rapidamente seguido pela psique da pessoa que o executa.

...“os pés ouvem a terra, os rins ouvem as águas, os ouvidos ouvem o coração.... O coração só é ouvido por aquele que, como o apóstolo João ‘no divino segredo’, coloca aí o seu ouvido. Pois o coração do labirinto é também Cristo, o Verbo. Ele está presente em cada um de nós.”(SOUZENELLE, 1984)

## ANEXO IV ALCORÃO – INFORMAÇÃO SOBRE A SUA TRADUÇÃO

### ALCORÃO - TRADUÇÃO

Louvido seja Deus, Senhor do Universo, e que a paz e a misericórdia estejam com o Mensageiro e toda a sua estirpe, seus companheiros e seus seguidores!

O Alcorão é a palavra de Deus, revelada a Mohammad, desde a Surata da Abertura até a Surata dos Humanos, constituindo o derradeiro dos livros revelados à humanidade. Ele encerra, em sua totalidade, diversificadas nuances, tais como: a felicidade, a reforma entre os homens, a concórdia no presente e no futuro; ele foi revelado, versículo por versículo, surata por surata, de acordo com as situações e os acontecimentos, no decorrer dos vinte e três últimos anos da vida do Profeta Mohammad. Uma parte foi revelada antes da Hégira, em *Makka*, e outra depois, em *Madina*. Os versículos e as suratas revelados em *Makka* abrangem as normas da crença em Deus, em Seus Anjos, em Seus Livros, em Seus mensageiros e no Dia do Juízo Final. Os versículos e as suratas revelados em *Madina* dizem respeito aos rituais e à jurisprudência.

Nele há narrativas sobre os nossos antecessores e sobre os nossos sucessores, e é um árbitro entre nós. Há narrativas de povos anteriores, de séculos passados; há histórias dos profetas, dos Mensageiros, dos povos, dos grupos, das pessoas, dos acontecimentos e do desenrolar da história da civilização; nele há explicações e exemplos para aqueles que por ele queiram pautar suas vidas, e exortação para quem tem coração e está disposto a aceitá-la, e a prestar testemunho. Ele revela a Lei imutável de Deus, quer seja na perdição dos extraviados, quer seja na salvação dos encaminhados. Ele ensina que o mundo dos homens, no decorrer dos séculos, só é benéfico com a religião de Deus; que a humanidade, o que quer que faça, não alcançará a almejada felicidade se não se iluminar, guiando-se com a Mensagem Divina.

Nele há revelações do futuro sobre o dia da Ressurreição, sobre a vida futura, no dia em que os homens se congregarão junto ao Senhor do Universo. "Aquele que fizer um bem, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á; e aquele que fizer um mal, quer seja do peso de um átomo, vê-lo-á" (99ª Surata, versículos 7 e 8).

Nele há o julgamento dos problemas e das questões onde é premente uma explicação e uma diretriz do caminho a seguir, no que diz respeito às questões da crença e do pensamento, do caráter e do comportamento, das relações econômicas, dos ramos doutrinários, dos julgamentos pessoais ou não: "Ó humanos, já vos chegou uma prova convincente de vosso Senhor e vos enviamos uma translúcida Luz" (4ª Surata,

versículo 174). "Recorda-lhes o dia em que faremos surgir uma testemunha de cada povo para testemunhar contra os seus, e te apresentaremos por testemunha contra os teus. Temos-te revelado, pois, o Livro que é uma explanação de tudo, é o guia, é a misericórdia e auspício para os muçulmanos"(16ª Surata, versículo 89). Não há lei religiosa ou um problema, no que diz respeito ao mundo e à vida dos homens, que não tenha nele uma solução; ele é um auxílio ao inescrutável, guia, explicação e orientação para todos, quer seja em partes ou no todo: "Já vos chegou de Deus uma Luz e um Livro Lúcido"(5ª Surata, versículo 15).

Sim, este fabuloso Alcorão é a luz orientadora para a humanidade. Ele arrancou-a das trevas e transportou-a para luz, para a verdade e para a verdadeira senda. Foi o ponto de transformação na sua longa história, tirando-a da vida atroz de corrupção e levando-a para a vida de liberdade, de religião e de orientação, e a instituiu no mundo todo, o direito e a compreensão, elevando a humanidade do mais baixo degrau os píncaros da perfeição, de maneira sobranceira.

As evidências e os significados que o Alcorão abrange, já citados, só podem ser entendidos através de explicações do texto alcorânico e de seus versículos. Tal explicação é uma pesquisa sobre a vontade de Deus, sobre o conhecimento dessa vontade através de Suas palavras no Alcorão, de acordo com a capacidade humana. A ciência da exegese nasceu débil e cresceu paulatinamente até alcançar a maturidade, e seguir formidavelmente neste diapasão que conhecemos hoje. Na época da revelação do Alcorão, enquanto o Profeta vivia, não havia necessidade para a explicação dos versículos, nem a regulamentação dessa ciência, porque o texto, na sua totalidade, era claro, compreensível para o Profeta e seus Companheiros. Apesar disso, o Profeta explicava alguns versículos e algumas pronúncias que podiam causar ambiguidades; também os Companheiros do Profeta e alguns adeptos assim o fizeram. Isto porque poderia haver má interpretação, quaisquer que fossem as razões que teriam de se desenrolar na alvorada de um povo progressista, em formação, que iria se expandir através de conquistas, enriquecendo sua existência com acontecimentos históricos, discussões doutrinárias e pesquisas em jurisprudência e política.

O Alcorão era e continua sendo o centro da cultura islâmica, dos movimentos filosóficos e de todas as suas atividades intelectuais; seus versículos estimulam a nele pensarmos. Disse o Altíssimo: "Eis o Livro que te revelamos, para que os sensatos recordem seus versículos e neles meditem"(38ª Surata, versículo 29). Disse mais: "Não meditam, acaso, no Alcorão? Se fosse de outra origem que não de Deus, haveria nele muitas discrepâncias"(4ª Surata, versículo 82). E disse ainda: "Não meditam, acaso, no Alcorão, ou é que seus corações são insensíveis?"(47ª Surata, versículo 24).

Sua explicação nada mais é do que o resultado de meditação e de deliberação. O ponto de vista dos doutos na matéria, bem como seus métodos, são diversificados. Alguns,

levados pela simpatia doutrinária, apegaram-se à explicação dos versículos, nesse sentido. Outros, levados pela simpatia linguística, eloquente, estilística e literária, enredaram-se também, nesse particular; o mesmo aconteceu com os simpatizantes da jurisprudência. Outros, ainda, apegaram-se à explicação das narrativas. Nesse particular, houve aqueles que se prolongaram na explicação, até a prolixidade estafante, e outros a restringiram, com uma síntese chocante, e outros, ainda, permaneceram no meio termo. Deles, houve quem tendesse para a explicação pessoal, e outros ainda no estilo esdrúxulo; outros em estilo claro. De tudo isso resultou uma grande riqueza científica e um movimento intelectual considerável, que elevam glorificam um povo que serve ao Livro de seu Senhor, quer seja em decorá-lo, preservá-lo explicá-lo, quer seja em examiná-lo, elevá-lo e consagrá-lo ao longo de catorze séculos, que serão seguidos por muitos outros, até que tudo que há no universo compareça perante o Criador: "Nós revelamos a Mensagem e somos Seu Preservador"(15ª Surata, versículo 9). "Este é o Livro (o Alcorão) veraz por excelência. A falsidade não se aproxima dele nem pela frente, nem por trás, porque é a revelação do Prudente, Laudabilíssimo" (41ª Surata, versículo 41-42).

Todas as importantes religiões do mundo são baseadas nos seus Livros Sagrados, os quais são frequentemente atribuídos a revelações divinas. Seria patético se, por algum infortúnio, uma delas viesse a perder o texto original da revelação; a substituição jamais poderia estar em inteira conformidade com o que fora perdido. Os brâmanes, os budistas, os judeus, os macedistas e os cristãos podem comparar o método empregado para a preservação dos ensinamentos básicos de suas respectivas religiões com o método dos muçulmanos. Quem lhes escreveu os livros? Quem lhes transmitiu de geração a geração? Será a transmissão provinda de textos originais ou apenas tradução? Não haveriam as guerras fratricidas causado dano às cópias dos textos? Não haverá contradições internas ou lacunas cujas referencias são encontradas em outro lugar? Estas são algumas das questões que poderão ser aventadas, e isso requer respostas satisfatórias.

No tempo em que emergiam o que nós chamamos de as Grandes Religiões, os homens não apenas confiaram em suas memórias, mas também inventaram a arte de escrever, para preservarem seus pensamentos, assinalando, de modo mais premente do que fariam as memórias individuais dos seres humanos que,afinal de contas, têm um limitado ciclo de vida.

Mesmo assim, nenhum destes dois meios é infalível quando tomados separadamente. É uma questão de experiência cotidiana o ato de que, quando se escreve algo e então se o revisa, encontram-se mais ou menos erros inadvertidos, omissão de letras ou mesmo de palavras, repetição de relatos, uso de palavras contrárias àquelas pretendidas, erros gramaticais etc., sem falar nas mudanças de opinião do escritor, que também corrige seu estilo, seus pensamentos, seus argumentos e, às vezes,

reescreve todo o documento. O mesmo acontece quanto à faculdade da memória. Aqueles que têm obrigação ou habilidade em aprender de cor algum texto, para recitá-lo mais tarde, especialmente quando isso envolve longuíssimas passagens, sabem que às vezes suas memórias falham durante a recitação: pulam passagens, misturam umas com as outras, ou não se lembram de toda a sequência; às vezes o texto correto permanece na subconsciência e é relembrado no último momento, ou no rebuscamento da memória por indicação de outrem, ou ao ser consultado o texto em documento escrito.

O Profeta do *Islam*, Mohammad, de memória privilegiada, empregava ambos os métodos simultaneamente, um ajudando o outro, reforçando a integridade do texto e diminuindo ao mínimo as possibilidades de erro.

Os ensinamentos islâmicos são baseados no que o Profeta Mohammad disse ou fez. Ele próprio ditou certos textos a seus escribas, o que chamamos de Alcorão; outros textos foram compilados por seus companheiros, na maioria das vezes por iniciativa própria; e a esses escritos chamamos de Tradição.

A palavra Alcorão literalmente significa "leitura por excelência" ou "recitação". Enquanto o ditava a seus Companheiros, o Profeta lhes assegurava que era a Revelação Divina que ele havia recebido. Ele não ditou tudo de uma só vez: as revelações chegavam-lhe em fragmentos, de tempos em tempos. Tão logo ele recebia uma, costumava comunicá-la a seus companheiros e pedir-lhes não somente que a prendessem de cor – para que a recitassem durante a prática das orações, mas, também, que a escrevessem e que multiplicassem as cópias. Em tais ocasiões, ele indicava o lugar preciso da nova revelação no texto; não era dele a compilação cronológica. Não é de admirar a precaução e o cuidado tomados para a precisão, levando-se em consideração o padrão da cultura dos árabes daquele tempo.

É razoável acreditarmos que as primeiríssimas revelações recebidas pelo Profeta não foram imediatamente submetidas à escrita, pela simples razão de que não havia, ainda, companheiro algum ou aderentes. Estas primeiras partes não eram nem longas, nem numerosas. Não havia risco de que o Profeta pudesse esquecê-las, uma vez que ele as recitava frequentemente em suas orações e em conversas proselíticas.

Alguns fatos da história dão-nos a ideia do que aconteceu. Ômar Ibnal Khattab é considerado a quadragésima pessoa a abraçar o Islam. Isso se refere ao ano quinto da Missão (oito antes da Hégira). Mesmo em uma data primordial existiam cópias escritas de certas suratas do Alcorão e, como Ibn Hicham relata, foi devido ao profundo efeito produzido pela leitura acurada de alguns versículos da vigésima Surata que Ômar abraçou o Islam. Não sabemos precisamente o tempo em que a prática de escrever o Alcorão começou; contudo, há informações precisas de que durante os remanescentes dezoito anos da vida do Profeta, os números dos

muçulmanos, como também das cópias do texto Sagrado, continuaram aumentando dia a dia. Como o Profeta recebia as revelações em fragmentos, era natural que o texto revelado se referisse aos problemas do dia. Se acontecesse um de seus companheiros morrer, a revelação consistiria em promulgar a lei da herança; não seria de lei penal, tratando de roubo, por exemplo, a ser revelada no momento. As revelações continuaram durante a inteira vida missionária de Mohammad, treze anos em *Makka* e dez em *Madina*. Uma revelação consistia às vezes de uma inteira Surata, curta ou longa, e às vezes de apenas uns poucos versículos.

A natureza das revelações impunha ao Profeta repeti-las constantemente em suas recitações, e revisar continuamente a forma que as coleções dos fragmentos teriam que tomar. Todos os doutos afirmam, com autoridade, que o Profeta recitava todos os anos, no mês de Ramadan, perante o anjo Gabriel, aparte do Alcorão até então revelada, e que no último ano de sua vida Gabriel pediu-lhe que o recitasse inteiro duas vezes. O Profeta concluiu, desde então, que iria, em breve, despedir-se da vida. O Profeta costumava revisar, nos meses do jejum, os versículos e as suratas, e colocá-las em sua sequência adequada. Isto era necessário por causa da continuidade das novas revelações. É também sabido que o Profeta tinha o hábito de celebrar uma prática adicional de oração durante os meses do jejum, todas as noites, às vezes mesmo em congregação, na qual ele recitava o Alcorão do princípio ao fim, tarefa esta que era completada ao cabo de um mês. Esta prática, chamada de *Tarawih*, continua a ser observada com grande devoção até estes nossos dias.

Quando o Profeta deu seu último suspiro, uma rebelião estava tomando vulto em certas partes do país. Tentando debelá-la, várias pessoas que conheciam o Alcorão de cor tombaram. O Califa Abu Bakr sentiu a urgência da codificação do Alcorão, e a tarefa foi cumprida um mês depois da morte do Profeta.

Durante seus últimos anos de vida, o Profeta costumava usar *Zaid Ibn Sabet* como principal amanuense, para tomar em ditado as revelações recentemente recebidas. Abu Bakr encarregou a mesma pessoa da tarefa de preparação de uma cópia condizente de todo o texto, em forma de livro. Havia então em Madina vários Huffaz (aqueles que sabiam todo o Alcorão de cor), e Zaid era um deles. Sob a direção do Califa, Zaid transcreveu o texto escrito em pergaminhos ou pedaços de couro, nas omoplatas das reses, nos ossos, nas pedras polidas e mesmo em pedaços de porcelana.

A cópia condizente, assim preparada, foi chamada de *Musshaf* (encadernação). Esta foi conservada sob a própria custódia do Califa Abu Bakr e, depois dele, por seu sucessor, Ômar Ibnal Khattab. Nesse meio tempo o estudo do Alcorão foi encorajado em toda parte do Império Muçulmano. O Califa Ômar sentiu a necessidade de enviar cópias do texto autêntico aos centros provincianos a fim de evitar as divergências; mas foi deixado a seu sucessor, Otman, continuar com a tarefa. Um de seus comandantes,

*Huzaiifa Aliaman*, havendo voltado de uma viagem pelas vastas terras conquistadas pelos muçulmanos, relatou que havia encontrado divergentes cópias do Alcorão e que havia, às vezes, desentendimento entre os diferentes mestres do Livro, concernente a isso. Otman fez imediatamente com que a cópia preparada para Abu Bakr fosse confiada a uma comissão presidida pelo acima mencionado *Zaid Ibn Sábet*, para a reprodução de sete cópias; ele autorizou-lhes a revisão da pronúncia, se necessário. Quando a tarefa foi concluída, o Califa efetuou uma recitação pública da nova edição perante os doutos presentes na capital, perante os companheiros do Profeta, e então enviou estas cópias aos diferentes centros do vasto mundo islâmico, ordenando que dali por diante todas as cópias fossem baseadas na edição autêntica. Ele ordenou a destruição das cópias que, de algum modo, se desviassem do texto assim oficialmente estabelecido.

É concebível que as grandes conquistas militares dos primeiros muçulmanos induzissem alguns espíritos hipócritas a proclamarem sua impulsiva conversão ao Islam por motivos materiais, e para tentar danificá-lo de maneira clandestina. Eles fabricaram versões do Alcorão com interpolações. As lágrimas falsas, que foram derramadas pela destruição das cópias não autenticadas do Alcorão, por ordem do Califa Otman, somente poderiam ter sido de tais hipócritas. É sabido que o Profeta às vezes ab-rogava certos versículos que haviam sido comunicados previamente ao povo, e isso era feito para fortificar as novas Revelações Divinas. Houveram companheiros que aprenderam a primeira versão, sem contudo estarem cientes das últimas modificações, tanto por causa da morte do Profeta como por suas residências fora de *Madina*. Estes devem ter deixado cópias a seus descendentes, às quais, embora autênticas, estavam ultrapassadas. Ainda, alguns muçulmanos tinham o hábito de pedir ao Profeta que explicasse certos termos empregados no texto sagrado e anotar tais explicações nas margens de suas cópias do Alcorão, a fim de não se esquecerem delas. As cópias feitas mais tarde, com base nesses textos anotados, causariam às vezes confusões na questão do texto e do glossário. A despeito da ordem do Califa Otman, para que se destruíssem os textos inexatos, existia, nos séculos III e IV da Hégira, assunto bastante para a compilação de volumosas obras, constituindo as "variações do Alcorão". Estas chegaram até nós, mas um apurado estudo mostra-nos que tais variantes eram arábicas, que não possuíam vogais, nem se podia distinguir entre as letras semelhantes, nem davam ideia das mesmas, sendo meros pontos, como é feito agora. Além disso, existiam diferentes dialetos em diferentes regiões e o Profeta havia permitido aos muçulmanos de tais regiões recitarem de acordo com suas *algaravias*, e mesmo substituir as palavras que estavam além de sua argúcia, por sinônimos que conhecessem melhor. Esta foi uma medida imergente de graça e clemência. No tempo do Califa Otman, contudo, a instrução pública havia-se desenvolvido suficientemente, e fez-se necessário que aquelas concessões não fossem

mais toleradas, pois o Texto Sagrado seria afetado e as variantes da leitura se radicariam.

As cópias do Alcorão enviadas por Otman aos chefes das províncias gradualmente desapareceram nos séculos subsequentes; apenas uma delas, que presentemente se encontra em Tashkent, chegou até nós. O governo czarista da Rússia havia publicado em uma reprodução fac-símile; constata-se haver uma completa identidade entre essa cópia e o texto em uso em outras ocasiões. A mesma é cópia fiel do manuscrito existente do Alcorão, tanto completo como fragmentado, datando do primeiro século da Hégira.

O Alcorão é dirigido a toda humanidade, sem distinção de raça, cor, religião ou tempo. Ainda mais, ele procura guiar a humanidade em todas as sendas da vida: espirituais, materiais, individuais e coletivas. Ele contém diretrizes para a conduta do chefe do Estado, bem como do homem comum; do rico, bem como do pobre; diretrizes para a paz, bem como para a guerra; tanto para a cultura espiritual como para o comércio e bem-estar material. O Alcorão busca principalmente desenvolver a personalidade do indivíduo: Cada ser será pessoalmente responsável perante seu Criador. Para tal propósito, o Alcorão não somente fornece ordens, porém tenta ainda convencer. Ele apela para a razão do homem e relata histórias, parábolas e metáforas. Descreve os atributos de Deus, que é Um, Criador de tudo, Onisciente, Onipotente, Ressuscitador dos mortos e Observador de nosso comportamento terreno; é Justo, Clemente (vide nota da 7ª Surata, versículo 180). O Alcorão indica ainda o modo de aprazermos a Deus, apontando quais as melhores orações, quais os deveres do homem com respeito a Ele, a seus semelhantes e a seu próprio ser; ele dá destaque ao fato de que não nos pertencemos, entretanto, pertencemos a Deus. O Alcorão fala das melhores normas relacionadas com a vida social, comercial, matrimonial, com a herança, com o direito penal, com o direito internacional, e assim por diante. Todavia, o Alcorão não é um livro, no senso comum; é a coleção das palavras de Deus, reveladas de tempos em tempos, durante vinte e três anos, a Seu Mensageiro, escolhido entre os seres humanos. O Soberano dá Suas instruções a Seu vassalo; portanto, há certas nuances compreendidas e implícitas; há repetições, e mesmo mudanças nas formas de expressão. Deste modo, Deus fala às vezes na primeira pessoa e às vezes na terceira. Ele diz "Eu", bem como "Nós" e "Ele", porém, jamais "Eles". É uma coleção de revelações enviadas de ocasiões em ocasiões; e devemos, por isso, lê-lo mais e mais, a fim de melhor aquilatarmos os seus significados. Ele possui diretrizes para todos, em todos os lugares e para todos os tempos. O estilo e a dicção do Alcorão são magníficos e apropriados para a sua qualidade Divina. Sua recitação comove o espírito até daqueles que apenas o ouvem sem entendê-lo. Com o passar do tempo, o Alcorão tem, em virtude de sua reivindicação de origem divina, desafiado a todos a criarem,

conjuntamente, mesmo uns poucos versículos iguais aos que ele contém. Tal desafio porém, tem permanecido sem resposta até os nossos dias.

Há algumas diferenças intrínsecas entre o Alcorão e os livros precedentes. Tais diferenças podem ser sucintamente estipuladas, como segue:

- 1. Os textos originais da maior parte dos primitivos Livros Divinos foram em sua quase totalidade perdidos, sendo que somente as suas traduções existem hoje. O Alcorão, por outro lado, existe hoje exatamente como foi revelado ao Profeta; nem uma palavra – mais ainda, nem uma letra sequer – foi trocada. Encontra-se à disposição, em seu texto original, fazendo com que a Palavra de Deus seja preservada agora, bem como por todo o porvir.*
- 2. Nos primitivos Livros Divinos os homens mesclaram suas palavras com as palavras de Deus; porém, no Alcorão encontra-se tão somente as palavras de Deus – em suas prístinas purezas. Isto é admitido, mesmo pelos oponentes ao Islam.*
- 3. Não se pode dizer, com base na autêntica evidência histórica, em relação a nenhum outro Livro Sagrado possuído por diferentes povos, que ele realmente pertence ao mesmo profeta a quem é atribuído. No caso de alguns deles, mesmo isto não é sabido. Em que época e a que profeta eles foram revelados? Quanto ao Alcorão, as evidências que existem de que foi revelado a Mohammad são tão vultosas, tão convincentes, tão sólidas e completivas, que mesmo o mais ferrenho crítico do Islam não pode lançar dúvidas sobre isso. Tais evidências são tão vastas e detalhadas, que sobre muitos versículos do Alcorão, mesmo a ocasião e o local de suas revelações, podem ser conhecidos com exatidão.*
- 4. Os primitivos Livros Divinos foram revelados em línguas que estão mortas desde há muito tempo. Na era presente, nação ou comunidade alguma fala tais línguas e há apenas umas poucas pessoas que se jactam de compreendê-las. Destarte, mesmo que tais Livros existissem hoje em suas formas originais e sem adulteração, seria virtualmente impossível, em nossa era, compreender e interpretar corretamente suas injunções, bem como pô-las em prática em sua forma requerida. A língua do Alcorão, por outro lado, é uma língua viva; milhões de pessoas falam-na e outro tanto a compreende. Ela está sendo ensinada e aprendida em quase todas as universidades do mundo; todas as pessoas podem aprendê-la, e aquele que não tem tempo para isso pode, em qualquer parte, deparar com quem conheça a língua, que lhe explique o significado do Alcorão.*
- 5. Cada um dos Livros Sagrados existentes, encontrados entre as diferentes nações do mundo, foi dirigido a um povo em particular. Cada um deles contém um número de ditames que parece ter sido dirigido a um período da história em particular e que supria tão somente as necessidades daquela era. Tais necessidades não são válidas*

*hoje, nem tampouco podem ser aplainadas e propiciamente vertidas para a prática. Depreende-se disto que tais livros eram dirigidos àqueles povos em particular e nenhum deles para o mundo. Ademais, eles não foram revelados para serem seguidos permanentemente, mesmo pelo povo para o qual foram revelados; restringiam-se a influenciar somente sobre um certo período. Em contraste a isso, o Alcorão é dirigido a toda humanidade; não se pode suspeitar que injunção alguma tenha sido dirigida a um povo em especial. Do mesmo modo, todos os ditames e injunções no Alcorão são os mesmos que podem ser aplicados em todos os lugares e em todas as épocas. Este fato vem provar que o Alcorão é dirigido ao mundo inteiro, constituindo-se em eterno código para a vida humana.*

- 6. Não há como negar o fato de que os precedentes Livros Divinos cultuavam o bem e a virtude, ensinavam também os princípios da moralidade e da veracidade, e apresentavam uma maneira de viver consentânea com a vontade de Deus. Contudo, nenhum deles era suficientemente compreensivo para englobar tudo quanto fosse necessário para uma vida humana virtuosa, sem nada supérfluo, sem nada carente. Alguns deles excediam em um aspecto, alguns em outros. É o Alcorão, e tão somente o Alcorão, que cultua não apenas tudo o que havia de magnífico nos livros precedentes, porém, ainda, aperfeiçoa os desígnios de Deus e os apresenta em sua totalidade, delineando uma norma de vida que compreende tudo o que é necessário para o homem nesta terra.*

Os pensamentos se renovam e as culturas se proliferam; a vida evolui e a colheita intelectual da humanidade aumenta a cada dia, e quanto mais a humanidade evolui, mais unida e mais mesclada fica. Os veículos de comunicação em muito ajudam nisso, como se quisessem corroborar as palavras do Alcorão:

"Ó humanos, em verdade, Nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos para reconhecerdes uns aos outros"(49ª Surata, versículo 13).

No que diz respeito à tradução do Alcorão para outros idiomas, dando oportunidade a que outros povos, na pluralidade de suas línguas e cores, possam conhecer a Mensagem de Mohammad, os doutos na matéria dizem: "a Mensagem de Mohammad é para a humanidade em geral, e, sendo ele árabe, essa mensagem pode alcançar os não árabes, através de traduções que substituirão o original. Todavia, deve ser uma tradução impecável, correta, concordante, para que se possa coibir a trajetória de muitas traduções incorretas e preambuladas de fábulas irreais".

Como o Livro de Deus é um mar sem porto, com profundidade ignorada, esforçamo-nos em ter como base para a nossa versão uma explicação em estilo contemporâneo, fácil, simples, clara, solerte, sucinta, livre das divergências doutrinárias, dos aparatos artísticos, dos preâmbulos e dos problemas linguísticos, para que isso nos facilitasse e auxiliasse de uma maneira satisfatória, a tradução. E foi a paixão pelo *Islam* e o grande

desejo de lhe sermos útil - nós que somos um de seus adeptos - que nos levou a enfrentar a empresa de traduzir o Alcorão Sagrado. Depois de muito trabalho, de muita perseverança e de termos vencido o desânimo que chegou a nos invadir por dificuldades várias, sai este, graças ao Altíssimo. Imbuído de força de vontade, seguimos avante, derrubando obstáculos, vencendo etapas, auxiliado pela graça Divina. Para tanto, tivemos de recorrer várias fontes, consultar várias interpretações, antigas e modernas. Estivemos trabalhando frente a obras como: "Ahcamal Cor'an" (As Máximas do Alcorão), de Abu Bakr ar Razi; "Ahcam al Cor'an (As Máximas do Alcorão), de Abu Bakr al Arabi; "Muntakhab Ahcam al Cor'an" (Coletânea de Máximas do Alcorão), de Abu Abdullah al Kurtubi; "Ahcam al Cor'an (As Máximas do Alcorão), de Abul Hassan at Tabari; "At Tafsir al Wádhih" (A Exegese Inteligível), de Mohammad Mahmud Hijazi; "Al Cor'an al Mufassar" (O Alcorão Explicado), de Mohammad Farid Wajdi; "Tafsir al Manar" (A Exegese da Luz), de Mohammad Rachid Rida; "Al Muntakhabfi Tafsir al Cor'an al Carim" (O Seletos na Exegese do Sagrado Alcorão), publicado pelo Conselho Superior dos Assuntos Islâmicos do Cairo; "The HolyKuran" (O Alcorão Sagrado), tradução de Maulana Abdur-Rahim Tariq; "Safwat al Bayan li Ma'ani al Cor'an (Gema do Discernimento das Exegeses do Alcorão), de Hassanain Mohammad Makhluaf ; "The Meaning of the Glorius Koran" (O Alcorão Glorioso), uma tradução explanatória de Mohammad Marmuduke Pickthall; "Al M'ujan al Mufahrass li Alfaz al Cor'an al Carim" (Índice dos termos do Sagrado Alcorão), de Mohammad Fuad Abdel Baqui, "The HolyKoran, Translation and Commentary" (O Alcorão Sagrado, Tradução e Comentários), de A. Youssef Ali.

Na maioria dos casos seguimos as exegeses do Conselho Superior dos Assuntos Islâmicos e do Professor Mohammad Mahmud Hijazi, por se situarem entre as que mais se coadunavam com os requisitos necessários. Por fim, quando ainda na permanência de dúvida a respeito do significado de algum termo, recorreremos à ajuda inestimável de S. E. Dr. Abdalla Abdel Chakur Kamel, Diretor do Centro Islâmico do Brasil e Coordenador dos Assuntos Islâmicos da América Latina, que muito nos auxiliou neste sentido; a ele vão aqui nossos agradecimentos.

Queremos render os nossos mais sinceros agradecimentos ao Sr. Jorge Boucher, que lutou conosco, pesquisando, consultando, comparando e encontrando termos que ia ao encontro do sentido preciso, participando também conosco das cinco revisões que efetuamos dos originais. Finalmente, agradecemos a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, participaram na compilação deste livro, desde datilógrafos, digitadores, até impressores.

*O nosso muito obrigado a todos.  
Samir El Hayek  
São Paulo, 1415 H. 1994 D.C.*

## ANEXO V BIOGRAFIA DE S. EMA. CHAGDUD TULKU RINPOCHE

### **O Mantra Tibetano utilizado neste estudo foi entoado por S. Ema. Chagdud Tulku Rinpoche.**

Chagdud Rinpoche foi um mestre de rituais, especialmente daqueles associados à Tara Vermelha e a Vajrakilaia, bem como um meditador de Dzogtchen. Ele é reconhecido, ainda hoje, pela qualidade de sua voz, demonstrada em gravações de Rinpoche cantando o tchöd de T'roma e o Rigdzin Dupa. Um dos primeiros lamas a residir nos Estados Unidos, ele mais tarde viria a se mudar para o Brasil e construir o primeiro templo tibetano tradicional na América do Sul. A ênfase dos seus ensinamentos sobre a motivação pura na prática espiritual, e em todas as atividades, inspirou milhares de praticantes.

Chagdud Rinpoche, Padma Gargyi Wangchuk, nasceu na região de Tromtar, em Kham, filho de Delog Dawa Drolma e Sera Kharto Rinpoche. Foi reconhecido como uma reencarnação de Chagdud Tanpai Gyaltsan, um Sida Nyingmapa do Chagdud Gonpa em Nyarong, mas recebeu seu treinamento inicial na tradição Drukpa Kagyu, no Tempel Gonpa. Após completar seu primeiro retiro de três anos e receber instruções de Sechen Khontrul, Sechen Rabjam, Bat'hur Khenpo T'hubga e Jamyang Khyentse ChökyiLodró, entre *outros*, *Rinpoche retornou a Tromtar*. Muitos anos depois, a conselho de Arik Rinpoche, iniciou seu segundo retiro de três anos sob a orientação de Tromge Trungpa Rinpoche, que lhe disse que a prática de Tara seria uma fonte fundamental de realização em sua vida.

Depois de seu retiro, Chagdud Rinpoche viajou para o Chagdud Gonpa e depois fez uma peregrinação para Lhasa, onde encontrou seu lama-raiz, Polu Khenpo Dorje. Em 1959, conduziu Khenpo Dorje com segurança à Índia. Durante essa árdua fuga rumo ao exílio, Chagdud Rinpoche expressou sua aspiração de entrar novamente em retiro extenso. Khenpo Dorje, no entanto, o aconselhou a apoiar o povo tibetano através de seus ensinamentos. Assim, pelo resto de sua vida, Chagdud Rinpoche foi um professor incansável, primeiramente dos tibetanos, e mais tarde, dos ocidentais.

Na Índia e no Nepal, Chagdud Rinpoche estabeleceu uma conexão profunda com Kyabje Dudjom Rinpoche e Dilgo Khyentse Rinpoche, os quais havia encontrado muito brevemente no Tibete. Também recebeu transmissões de Chökling Rinpoche em Bir. Como professor, Chagdud Rinpoche ficou famoso por treinar alunos na prática de Powa da linhagem de Longsal Nyingpo. Como praticante, tornou-se conhecido pela

efetividade de seus rituais de Tara e Vajrakilaia, assim como pela ressonância poderosa de suas canções de tchöd.

Em 1979, Chagdud Rinpoche viajou para os Estados Unidos, realizando com isso as aspirações de alguns alunos ocidentais. Depois de muitos anos, atendendo aos pedidos de sua sanga norte-americana, estabeleceu a Chagdud Gonpa Foundation, atualmente uma rede dinâmica de centros e atividades, dentre as quais está a Padma Publishing, editora que já publicou traduções de quatro dos Sete Tesouros de Longchen Rabjam, do Estado Búdico Sem Meditação, de Dudjom Lingpa, e de A Marvelous Garland of Rare Gems, de Nyoshul Khenpo.

Durante sua permanência na Índia, Chagdud Rinpoche teve dois filhos, Jigme Tromge Rinpoche e Dawa Lhamo, com Karma Drolma, uma praticante consumada com quem Rinpoche teve uma conexão duradoura e benéfica. Nos Estados Unidos, casou-se formalmente com uma norte-americana, hoje conhecida como Chagdud Khadro. Esses quatro membros da família, conectados através de sangue e intenção, continuam a desenvolver as atividades de Rinpoche na Ásia e no ocidente.

Chagdud Rinpoche ensinou pela primeira vez no Brasil em 1991, onde ficou impressionado com a fé natural e o interesse dos brasileiros pelo Darma. Mudou-se para este país em 1995 e, durante os sete anos seguintes, até o seu parinirvana em novembro de 2002, estabeleceu mais de vinte centros no Brasil, Uruguai e Chile. Construiu o primeiro templo tibetano tradicional no Khadro Ling, a sede do Chagdud Gonpa Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, supervisionou o trabalho de tradução das sadanas e livros em português, e esculpiu numerosas estátuas, incluindo duas de grandes proporções de Guru Rinpoche e do Buda Akshobia.

Chagdud Rinpoche completou uma estátua em tamanho natural do Buda Amitaba, três dias antes de morrer, que agora está no topo de um Zangdog Palri no Khadro Ling. Ele estava planejando o Zangdog Palri na época de seu parinirvana e desde 2002 este projeto tem sido levado adiante por seus alunos sob a direção de Dzongsar Khyentse Rinpoche, Jigme Tromge Rinpoche e Lama Rigdzin Samdrup.

O parinirvana de Chagdud Rinpoche ocorreu algumas horas depois de ensinar Powa para mais de trezentas pessoas no Khadro Ling; no início dos ensinamentos, ele fez uma alusão sutil ao fato de que iria ensinar por dois dias em vez dos três que haviam sido agendados. Ele permaneceu em estado de meditação, sem deterioração de sua forma física, por mais de cinco dias após sua última respiração, ao cabo dos quais foi levado do Brasil para o Nepal. Sua cremação, ocorrida um ano mais tarde, foi gravada em um DVD, Wisdom Fire.

Chagdud Rinpoche, apesar de ter se adaptado facilmente ao ocidente, ensinou os aspectos tradicionais do Vajraiana – as artes rituais, incluindo a feitura das tormas,

música, mudra, arquitetura e assim por diante – de maneira precisa, de acordo com as linhagens que detinha. Era reverenciado por seus retiros de Dzogtchen, que aumentavam ano após ano, mas insistia que as práticas preliminares fundamentais precedessem a transmissão de Dzogtchen. Como resultado, ele deixou um legado de praticantes diligentes, capazes de lidar com as dificuldades de retiros e empreender com confiança cerimônias elaboradas, tais como os drubtchens.

---

Chagdud Gonpa Brasil (2010) • [chagdud.org](http://chagdud.org) • fone: (51) 3546-8201 Estr. Linha Águas Brancas, 1211 Cx. Postal 121



**ANEXO VI  
CANTO PARA OXALÁ E QUEM É OXALÁ**

**Canto Para Oxalá - Rita Ribeiro**

**CD-Tecnomacumba**  
Manaxica - Biscoito Fino / 2006

**Música Tradicional Africana de Domínio Público**

Oni saurê  
Aul axé  
Oni saurê  
Oberioman  
Onisaaurê  
Aul axé baba  
Onisaaurê  
Oberioman  
Onisaaurê

Baba saurê  
Aul axé  
Baba saurê  
Oberioman  
Baba saurê  
Aul axé baba  
Oberioman  
Saul axé

Man manman  
Man manman  
Man manman  
Man manman

**Tradução**

**Senhor que faz com que tenhamos Boa Sorte  
E com que sejamos grandes  
Senhor que nos dá o encantamento da Boa Sorte  
Cumprimenta os filhos.  
Pai Senhor que nos dá Boa Sorte e nos Torna Grande.**

## **ORIXÁS**

Os Orixás são elementos da natureza, cada orixá representa uma força da natureza. Portanto, quando cultuamos nossos orixás, também cultuamos as forças elementares oriundas da água, da terra, do ar, do fogo, etc. Essas forças em equilíbrio produzem uma enorme energia, axé, (*asé*), que nos auxilia em nosso dia a dia, ajudando para que nosso destino se torne cada vez mais favorável. Sendo assim, quando dizemos que adoramos deuses, nós nos referimos a estarmos adorando as forças da natureza, forças essas pertencentes à criação do grande pai. Pai esse conhecido por nós como "*Ólorun*" ou *Olodumaré* (Deus supremo).

No Brasil, diz-se que Oxalá é o pai maior. Entretanto, Oxalá é um dos mais velhos, *Orixá Fun Fun*, quando nos referirmos a *Ifá/Iyami*. Assim, é necessário ter maiores esclarecimentos tanto técnicos como sobre a Senhoridade e a Cronologia. *Orisála* por ser sincretizado no Brasil com Jesus Cristo, é cultuado como "*Orisá maior*", no Brasil é o mais respeitado e o mais velho entre os Orixás.

A grande maioria das nações africanas anteriores à era cristã, conheciam a existência de *Ólorun* como grande criador, ser fundamental. Acreditamos que nosso Deus "é o Todo". E o Todo é a natureza e seus integrantes (animais, vegetais, homens, planetas, etc.). *Ólorun* está acima da vaidade pessoal e das religiões que buscam monopolizar o seu poder.

Nosso Deus jamais pune os seus filhos, nem os condena à fogueira eterna, também, nunca os entregou ao seu maior inimigo, Satanás, após cometer erros divinos chamados de pecados eternos. Ele não destrói países e não aniquila civilizações de filhos amados por ciúmes quando não adorados, amados ou seguidos. Nosso Deus, como Pai, jamais deixaria de perdoar seus filhos, nem os condenaria ao extermínio por erros que cometem ou possam cometer. O verdadeiro Pai perdoa, ensina, ama e protege seus filhos.

Portanto, nosso Deus é um Pai mais perfeito que qualquer outro pai. Por isso, de tão perfeito e superior que não conseguimos associá-lo a imagens, planetas, Orixás, pessoas, etc. Nosso Deus é Universal, é um "Todo"

inimaginável em forma, sexo, mas, sentido em energia e fé, pois tudo a ele pertence e tudo Dele nasce.

O Panteão dentro desta religião, nada mais é do que a junção das energias de todos os elementos da natureza, cada elemento e força da natureza é por nós representado por um "Orixá", um antepassado divinizado, e cada energia se revela em caminhos através de "*Odús*", estes interpretados por nossos sacerdotes que são iniciados em *IFÃ* e por anos preparados para a interpretação, com fundamentos filosóficos e espirituais.

*Orisá* não se limita ao Africano, porém, por ser a África o berço da civilização humana, de lá nasceram as mais antigas energias, por muitas ramificações e associações como ZEUS (Grécia) a XANGÔ (*Sango*): Áres Deus da Guerra (*Ogun*); etc.

A perpetuação do culto aos nossos Orixás se fazem presentes hoje, pois é a mais antiga e única religião ancestral que ainda permanece viva e fiel às origens tanto em filosofia como nos cultos, aproximadamente ao seu berço cultural na África. No entanto, possui as mais variadas linhas de cultos associados e adaptados a culturas regionais de diversos países, como no Brasil que encontramos na maioria de seus cultos a Orixá, uma mistura com o espiritismo, catolicismo, pajelança, catimbó etc. Ex: a Umbanda. Outras, mantendo-se fiel às origens, porém, buscando cada vez mais o resgate de conceitos e, "ingredientes filosóficos e espirituais" junto a *Babalaôs* e *Oluwos* africanos que vem ao Brasil e contribuem com a nossa cultura com ensinamentos que pelos séculos, aqui foram mesclados ou naturalmente distorcidos. Não podemos deixar de mencionar que muitos Babalaôs ficam espantados ao ver que ainda se mantém viva, nestes países, nomes, rezas, *Orisás* que há muito tempo, na África foram esquecidos e, mesmo com a modificação natural de cultuação pelas adaptações regionais/culturais em relação ao seu culto original, a lembrança e a perpetuação do nome e origem, ainda podem ser encontrados nestes cultos descendentes. É comum no Brasil associarmos pessoas a influências de um ou dois Orixás específicos, dizendo-se que a mesma recebe esta energia e que isso justifica a maioria de sua conduta e atos. De certa forma, não é inverdade essa associação,

pois realmente *Orisá* exerce influência a quem está sobre o desígnio da sua energia em seu caminho. Porém, não podemos dizer que a pessoa que está sendo regida por determinado Orixá, que este mesmo seja FILHO exclusivo, pertencente ao mesmo e, que por sua vez, seu destino esteja ligado as vontades do *Orisá*. Nossas vontades são regidas por nossa consciência, e nossa consciência alimentada por nosso *ORI* (Nosso Deus/Nosso EU) cujas nossas escolhas e atos estão intrinsecamente ligados a nossa personalidade e caráter. Tais qualidades que *Orisá* algum têm o poder de modificar sem que nosso Ori esteja em harmonia com o universo.

Exemplo: Os filhos de *Ossain* possuem mais energia voltada para as curas e plantas do que os filhos de *Ogun* que, por sua vez, detém mais energia voltada às armas, às guerras, metais, ferramentas, etc.

*"Em relação ao caráter e à harmonia de nossa consciência (Ori) com o universo e com os nossos semelhantes, gosto de usar uma frase/exemplo que exemplifica bem esta correlação entre Ori e Orisá. - Uma pessoa filha de Ogun, pode ter a influência do Deus da Guerra em energia, portanto, são pessoas "inclinadas" a terem caráter explosivo, serem desapegados e gostarem de lidar com armas e ferro (metais); Nos aprofundando mais nesta analogia, por conseguinte, muitos policiais, bandidos, lutadores, são pessoas que sofrem mais influência desta energia. Eis a grande pergunta: - O que diferencia a pessoa ser Policial ou Bandido, já que são influenciados pelo mesmo Orixá e podem até terem o mesmo poder "em mãos de uma ARMA/METAL"? Resposta: O Caráter, a harmonia com o semelhante, consigo, e com o Universo... Enfim, "SEU ORI", seu "Deus pessoal" que lhe dará a consciência e discernimento para fazer o certo e seguir o caminho do bem... Mesmo que este venha a usar as mesmas armas dos que seguem o caminho da desarmonia..." Obanisé.*

Em resumo, quase todos os Orixás tiveram uma curta passagem pelo nosso mundo, sendo muitos ancestrais divinizados que após fatos heróicos ou divinos, e por possuir energia extrema, maior que a capacidade humana poderia suportar, encantaram-se e/ou retornaram ao *Orun* (céu), deixando para nós segredos e ensinamentos, encurtando a ligação do material ao espiritual. Ligação

essa que nós preservamos e usamos não só para nós, mas também para as pessoas que nos procuram, mesmo sem ter ligação direta com a religião. Essas ligações são em sua grande maioria revelados por *IFÁ*, que é relacionado a *Odús*. Em nossa religião, é fundamental a integração com a natureza, pois quanto maior o contato com a natureza, maior será seu desenvolvimento, sua energia, seu asé e portanto, maior será o cordão (elo) de ligação com seu Orixá aproximando mais de *Olorum* (Deus criador/construtor de todo o universo). Orixá significa também o caminho que nos guia em determinados pontos de nossas vidas, caminhos revelados por *Ifá* onde se faz necessário o devido culto para que os que dele necessitam, seguir e equilibrar sua energia durante o tempo que permanecerá no *aiye* (terra). Entre todos os Orixás, salientamos o de maior e incontestável importância que é *ORI*, seu Deus pessoal, sua identidade, sua consciência viva e presente, que antes de tudo deve ser muito bem cuidada, alimentada e equilibrada para que se possa ter a consciência e o equilíbrio mental para possuir ou ser conduzido na Energia pura de Orixá (*Orisá*).

**Finalizando: energia = natureza; natureza = Orixá; Orixá = caminho.**

## Portal dos Orixás – Matriz Africana

*Osala*- "O grande *orisa*" – ocupa uma posição única, do mais importante *orisa* e o mais elevado dos deuses *yorubás*.



*É o dono da argila e da criação, onde molda os seres humanos em barro.*

*Senhor do silêncio, do vácuo frio e calmo, onde as palavras não podem ser ouvidas. Por apreciar muito o vinho de palma, embriagando-se frequentemente, perdeu a chance de criar a terra e tornou-se responsável pela moldagem das pessoas e ficou proibido de beber o vinho.*

*Teimoso, às vezes passa por cima dessas regras. Pessoas com defeitos de nascença, provocados por ele, lhe pertencem.*

*Ele as protege para se redimir. Muda de nome conforme a situação.*

*Lento como um caramujo, todo de branco como seu ritual exige, é conhecido como osalufan. Enérgico e guerreiro, de colar branco com azul real, é Osogian. Em todas as versões é Orisan'la, Obatala o rei do pano branco.*

### **Arquétipo:**

*Os filhos deste *orisa* são pessoas calmas e dignas de confiança. São dotados de grande sabedoria, pois estão sempre buscando os significados de tudo o que ocorre ao seu redor, não cansam de estudar e buscar o conhecimento.*

*Os filhos de Osalufan (velho) possuem tendência a serem preguiçosos. O trabalho braçal não os atrai, preferem buscar lugares onde possam colocar as suas idéias e projetos em atividade. Extremamente responsáveis, são ótimos projetistas e organizadores. Seus principais defeitos são: preguiça, teimosia e lentidão. Por serem calmos, nunca se deve abusar da paciência, pois quando acaba...*

*Os filhos de Osagian (novo) já são mais ativos, guerreiros, alegres e trabalhadores. São incansáveis em seus ofícios e projetos, possuem também tendências ao estresse por se darem demais às suas funções. Responsáveis como ninguém. Assim como osalufan (velho), também são teimosos, orgulhosos, inteligentes. São os famosos senhores do tudo ou nada, ou dá certo ou não, seja nos negócios, no amor e nas amizades.*

***Lendas:***

*Osalufan (Osala velho) era um rei muito idoso. Um dia, sentindo saudades do filho sango, resolveu visitá-lo. Como era costume na terra dos orixás, consultou um babalaô para saber como seria a viagem. Este recomendou que não viajasse. Mas, se o orisa teimasse em ver o filho, foi instruído a levar três roupas brancas e limo da costa (pasta extraída do caroço de dendê) e fazer tudo o que lhes pedissem assim como, jamais revelar sua identidade em qualquer situação. Com essas precauções, o orisa partiu e, no meio do caminho encontrou esuelepô, dono do azeite-de-dendê, sentado à beira da estrada, com um pote ao lado. Com boas maneiras, ele pediu a osalufan que o ajudasse a colocar o pote nos ombros. O velho orixá, lembrando as palavras do babalawo, resolveu auxiliá-lo; mas esuelepô, que adora brincar. Derramou todo o dendê sobre osalufan. O orisa manteve a calma, limpou-se no rio com um pouco do limo, vestiu outra roupa e seguiu viagem. Mais adiante encontrou esuonidu, dono do carvão e esualadi, dono do óleo do caroço de dendê. Por duas vezes mais, foi vítima dos brincalhões e procedeu como da primeira vez, limpando-se e vestindo roupas limpas, continuando sua caminhada rumo ao reino de sango. Ao se aproximar das terras do filho, avistou um cavalo que conhecia muito bem, pois presente arasango com o animal tempos atrás. Resolveu amarrá-lo para levá-lo de volta, mas foi mal interpretado pelos soldados, que o julgaram um ladrão. Sem permitir explicações, e osalufan lembrando-se do conselho de babalaô de manter segredo de sua identidade, nada reclamou...*

*Eles espancaram o velho até quebrar seus ossos e o arrastaram para a prisão. Usando seus poderes, osala fez com que não chovesse mais desse dia em diante; as colheitas foram prejudicadas e as mulheres ficaram estéreis.*

*Preocupado com isso, xangô consultou seu babalaô e este afirmou que os problemas se relacionavam a uma injustiça cometida sete anos antes, pois um dos presos fora acusado de roubo injustamente. O orixá dirigiu-se à prisão e reconheceu o orisa. Envergonhado, ordenou que trouxessem água para limpá-lo e, a partir desse dia, exigiu que todos no reino se vestissem de branco em sinal de*

*respeito ao orisa, como forma de reparar a ofensa cometida. É por isso que em todos os terreiros do Brasil se comemora as águas de osala, cerimônia na qual todos os participantes vestem-se de branco e limpam seus apetrechos com profunda humildade para atrair a boa sorte para o ano todo.*

*Osalufantinha* um filho chamado *Osogian* (forma jovem de *osala*), muito valente e guerreiro que almejava ter um reino a todo custo. Era um período de guerras entre dois reinos vizinhos e seus habitantes perguntavam sempre aos *babalawoso* que fazer para que a paz voltasse a reinar. Um dos sacerdotes respondeu que eles deveriam oferecer ao orixá da paz, que se vestia de branco, como uma pomba, muito inhame pilado, comida de sua preferência.

*Osogian*, cujo nome significa "comedor de inhame pilado", apreciava tanto essa comida que ele próprio inventou o pilão para fazê-la. Depois que as oferendas foram entregues, tudo voltou às boas. *Osogian* tornou-se conhecido por todos e conseguiu seu próprio reino. Até hoje são oferecidas grandes festas a esse orixá para que haja fartura o ano todo.

Salve meu Pai Oxalá. Senhor do branco, pai da luz. Senhor absoluto do universo, toda criação Te Saúda: êpa babá. Pai de Misericórdia. Daí-me, Senhor, paz o vigor e o rumo, nos meus caminhos.

**Dia:** Sexta-feira  
**Cor:** Branco leitoso.  
**Simbolo:** Opáxoró  
**Elementos:** Atmosfera e Céu  
**Domínios:** Poder procriador masculino, Criação, Vida e Morte  
**Saudação:** Epa Bàbá

OXALÁ é o detentor do poder procriador masculino. Todas as suas representações incluem o branco. É um elemento fundamental dos primórdios, massa de ar e massa de água, a protoforma e a formação de todo o tipo de criaturas no *AIYE* e no *ORUN*. Ao incorporar-se, assume duas formas: *OXAGUIÃ* jovem guerreiro, e *OXALUFÃ*, velho apoiado num bastão de prata (*APAXORÓ*). OXALÁ é alheio a toda a violência, disputas, brigas, gosta de ordem, da limpeza, da pureza. A sua cor é o branco e o seu dia é a sexta-feira. Os seus filhos devem vestir branco neste dia. Pertencem a OXALÁ os metais e outras substâncias brancas.

Na África, todos os Orixás relacionados com a criação são designados pelo nome genérico de *Orixá Fun Fun*. O mais importante entre todos eles chama-se Orixalá (*Òrisanlà*), ou seja, o grande Orixá, que nas terras de *Igbó e Ifé* é cultuado como Obatalá, rei do pano branco. Haviacerca de 154 Orixás Fun Fun, mas no Brasil e na Europa a quantidade reduz-se significativamente, sendo que dois, *Orixá Olùfón*, rei de Ifón (*Oxalufã*) e *Orixá Ógìyán*, o comedor de inhame e rei de *Egìgbó* (*Oxaguiã*), se tornaram as suas expressões mais conhecidas.

A designação de Orixá Fun Fun deve-se ao facto de a cor branca se configurar como a cor da criação, guardando a essência de todas as demais. O branco representa todas as possibilidades, a base de qualquer criação. O nome *Orisanlà* foi contraído e deu origem à palavra Oxalá, e com esse nome o grande Deus-pai passou a ser conhecido no Brasil e na Europa. Todos os Orixás Fun Fun foram reunidos em Oxalá e divididos em várias qualidades das suas duas configurações

principais: *Òsálufón*, *Osagiyan*, sendo este último, jovem e guerreiro, filho do primeiro mais velho e paciente.

Todas as histórias que relatam a criação do mundo passam necessariamente por Oxalá, que foi o primeiro Orixá concebido por Olodumaré e encarregado de criar não só o universo, como todos os seres, todas as coisas que existiriam no mundo.

A maior interdição de Oxalá é de fato o azeite-de-dendê, que jamais deve macular as suas roupas, os seus objetos sagrados e muito menos o seu Alá. A única coisa vermelha que Oxalá permite, é a pena de *Ikodidè*, prova de sua submissão ao poder genitor feminino.

O Alá representa a própria criação, está intimamente relacionado com a concepção de cada ser; é a síntese do poder criador masculino. A sua função primeira já remete ao seu significado profundo. A ação de cobrir não evoca somente proteção, zelo, denota a atividade masculina no ato sexual.

No *Xirê*, Oxalá é homenageado por último porque é o grande símbolo da síntese de todas as origens. Ele representa a totalidade, o único Orixá que, como Exú, reside em todos os seres humanos. Todos são seus filhos, todos são irmãos, já que a humanidade vive sob o mesmo teto, o grande Alá que nos cobre e protege, o céu.

### **Características do filho de *Oxalufã***

O tipo físico de *OXALUFÃ* é frágil, delicado, friorento, sujeito a resfriados. Compensa sua debilidade física com grande força moral, e seu alvo a realizar a condição humana no que tem de mais nobre. É fiel no amor e na amizade. *Oxalufã* é o poente.

### **Características do filho de *Oxaguiã***

O tipo *OXAGUIÃ* é um jovem guerreiro, combativo. Normalmente tem boa aparência, podendo ser altos, baixos, forte e magros, pois seu arquetipo não o

traduz, não é agressivo nem brutal, teimosos, individualistas e altruístas. Não despreza o sexo e cultiva o amor livre. É alegre, gosta profundamente da vida, é falador, brincalhão e ao mesmo tempo tem muita seriedade e não perdoam a Injustiça. Ao mesmo tempo é idealista, defendendo os injustiçados, os fracos e os oprimidos. Orgulhosos, gostam da boa briga pela boa causa, às vezes, uma espécie de D.Quixote. Os seus pensamentos originais geralmente antecipam os da sua época. Ele é o nascente e o dono das manhãs.

<http://www.orixas.com.br/index.php?>



## ANEXO VII SIM SHALOM

Sim simsimShalom	Sim simsimShalom
Sim shalomtovahuv'rachah	Sim Shalom Tovahuv'rachah
Sim simsimShalom	Sim simsimShalom
Sim shalomtovahuv'rachah	Sim Shalom Tovahuv'rachah
Sim shalomtovahuv'rachah	Sim Shalom Tovahuv'rachah
Chaimchenvachesedverachamim	Chaim Chen vachesedverachamim
Sim shalomtovahuv'rachah	Sim Shalom Tovahuv'rachah
Aleinuve'alkolbeitYisrael	Aleia ve'alalKolbeitYisrael
Sim Shalom	Sim Shalom
Sim shalom tovah, tovahuv'rachah	Sim Shalom Tovah, Tovahuv'rachah
(x2)	(X2)
Chaimchenvachesed	Chaim Chen vachesed
Vachesedverachamimaleinu	Vachesedverachamim Aleia
Ve'alkolYisrael	Ve'alalYisrael
Yisraelamecha	YisraelAmeche
BarcheinuAvinu	BarcheinuAvinu
Kulanuke'echad	Kulake'echad
Be'orpaneicha	Beorpaneicha
(x2)	(X2)
Ki ve'orpaneicha	Ki ve'orpaneicha
Natatalanu	Conda Natata
HashemElokeinu	HashemElokeinu
Torat chaim	Torá Chaim
Sim shalom...	Sim shalom ...
Torat chaimve'ahavatchesed	Chesed Torá Chaimve'ahavat
utz'dakahuv'rachahverachamim,	utz'dakahuv'rachahverachamim,
vechaimveshalom	vechaimveshalom
Sim shalom...	Sim shalom ...
Vetovyihyehbe'eineichalevar'cheinu,	Veto yihyehbe'eineichalevar'cheinu,
ulevarech et amechaYisrael	ulevarech et AmecheYisrael
bechol et uvecholsha'ah	bech et uvecholsha'ah



**ANEXO VIII**  
VERBUM SUPERNUM (HINO-VIII MODO)

**Faixa 15 – CD -**

Verbum supernumprodiens, Nec Patris líquens dexteram, Ad opus suumexiens, venit ad vitae vesperam. In mortem a discípulo suis tradendus aemulis, prius in vitae ferculo se tradidit discipulis. Quibus sub bina specie carnis dedit sanguinem, ut duplici substantia et ut cibaret hominem. Se nascens dedit socium, convescens in edulium, se moriens in pretium, se regnans dat in praemium. O salutare Hostia, quae caeli pandis ostium, bela premunthostilia: da robur, fera auxilium. Uni trinoque Domino sit sempiterna gloria, qui vitam sine termino nobis donet in pátria. Amen.

Do pai, o Verbo descido, sem ter-lhe a destra deixado, cumprindo a sua missão, no fim da vida é chegado. Um pouco antes que à morte o entregue seu companheiro, como alimento de vida se entrega a todos, inteiro. Os quais em duas espécies seu corpo e sangue consomem: também de duplo elemento, se nutrirá todo o homem. Ao nascer, é companheiro, na mesa, faz-se alimento, na cruz, é preço da morte, no céu, é prêmio da vida. Na hóstia de salvação do céu nos abre a porta; na guerra que nos oprime, as nossas forças conforta. Ao único e trino Deus, louvor e glória convém, que à todos vida sem termo na pátria vai dar. Amém.

## **MOSTEIRO DE SÃO BENTO – SÃO PAULO**

Os monges beneditinos, em 1598 chegaram a São Paulo, e, somente, em 1634 é que foi criada a Abadia e a capela que foi dedicada à São Bento.

O Mosteiro de São Bento é um símbolo de grande importância para a cidade de São Paulo. Por mais de 400 anos de História, o Mosteiro sempre teve grande influência na cidade. Desde a localização em que foi construído o cenóbio beneditino. O local era a taba do cacique Tibiriçá. Foi doado pela Câmara de São Paulo em 1600 aos monges. Segundo o documento de doação das terras, pertencente ao arquivo do Mosteiro, o local era o mais importante e melhor, depois do colégio. Com o crescimento da Vila ainda no Século XVII, Fernão Dias Paes

Leme, o Governador das Esmeraldas, ampliou a igreja e melhorou as dependências do Mosteiro. Anos depois, com a nomeação popular de Amador Bueno – um importante personagem da vila paulistana – como rei de São Paulo, sem este aceitar, recorre aos monges beneditinos, a fim de acalmar a população e fazer com que esta mudasse de ideia. Para que Amador Bueno não perdesse sua vida por não aceitar a ser rei de São Paulo, o Abade? do Mosteiro, assim como também a comunidade monástica, acalmaram os ânimos e o povo mudou de ideia. Assim, Amador Bueno estava a salvo.

Os Mosteiros dependentes do Mosteiro de São Bento de São Paulo, são os seguintes: Mosteiro de São Bento de Sorocaba, fundado em 1667 e o Mosteiro de São Bento de Jundiá de 1668. Além destes, foram fundados mais dois, o de Santana do Parnaíba em 1643 e o Mosteiro de Santos em 1650.

A construção atual do Mosteiro não é a mesma de séculos anteriores. Esta é a quarta construção. O antigo edifício, muito decadente em fins do Século XIX, foi demolido para começar a construção do Ginásio São Bento, em 1903, hoje o Colégio de São Bento.

O cenário do Mosteiro realmente mudou entre 1910 e 1912, pois São Paulo passava por grande processo de urbanização e sua população aumentava exacerbadamente, ganhando relevância no cenário nacional. O Mosteiro seguiu este ritmo e em 1910 teve início à construção da nova igreja e Mosteiro.

A construção em estilo da escola artística de Beuron, projeto de Richard Berndl – Professor da Universidade de Munique e um dos melhores arquitetos da Alemanha. A decoração interna em estilo Beuronense, é dessa época e foi feita pelo beneditino belga Dom Edelberto Gressnigt. A Basílica só foi consagrada em 1922. Nesta época foram instalados os sinos e o relógio, considerado o mais preciso de São Paulo (<http://www.mosteiro.org.br/>).

Para assistir uma celebração: <http://www.youtube.com/watch?v=Cfk07-ywayE>



**PARTITURA DO CANTO GREGORIANO**



**Mosteiro de São Bento: A Jóia Beneditina do Centro de São Paulo**



## ANEXO IX



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

[www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html](http://www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html)

2ª VIA

### VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

### VI I- DATA DA REUNIÃO

Homologado na XII Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 16 de dezembro de 2008.

**Prof. Dra. Carlos Eduardo Steiner**  
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
FCM/UNICAMP

---

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP  
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126  
Caixa Postal 6111  
13084-971 Campinas – SP

FONE (019) 3521-8936  
FAX (019) 3521-7187  
cep@fcm.unicamp.br



CEP, 25/07/12.  
(Grupo III)

**PARECER CEP:** Nº 1098/2008 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)  
**CAAE:** 0867.0.146.000-08

### **I - IDENTIFICAÇÃO:**

**PROJETO: "CALATONIA, MÚSICA, IMAGENS MENTAIS E RELIGIOSIDADE".**

**PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** Ana Maria Caramujo Pires de Campos

**INSTITUIÇÃO:** Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP

**APRESENTAÇÃO AO CEP:** 10/12/2008

**APRESENTAR RELATÓRIO EM:** 12/02/10 (O formulário encontra-se no *site* acima)

### **II - OBJETIVOS**

Investigar se as imagens mentais, que surgem a partir da calatonia, associada a escuta de músicas sagradas ou líricas, em adultos, que declaram ser ateus e sem nenhuma crença ou religiosidade, são de cunho religioso.

### **III - SUMÁRIO**

Serão realizadas 10 sessões, onde serão adotados os seguintes procedimentos: aplicação da calatonia associada à escuta da música, entrevista e desenho livre. Para a análise de dados será utilizado o método fenomenológico. Interpretações das entrevistas serão baseadas nos fundamentos da psicologia analítica.

### **IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES**

Após respostas às pendências, o projeto encontra-se adequadamente redigido e de acordo com a Resolução CNS/MS 196/96 e suas complementares, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **V - PARECER DO CEP**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

# APÊNDICES



## APÊNCICE I

### INVENTÁRIO DE RELIGIOSIDADE - MOSCHELLA - LARSON - (ML)

Nome \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

- 1- Você tem religião? ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_ Não( )
- 2- Você freqüenta a igreja? A( ) mais de uma vez por semana; B( ) uma vez por semana; C( ) menos que uma vez por semana; D( ) de vez em quando; E( ) nunca.
- 3- Quantas vezes você reza quando não freqüenta as igrejas? A( ) uma vez por dia; B( ) mais de uma vez por semana; C( ) uma vez por semana; D( ) menos que uma vez por semana; E( ) de vez em quando; F( ) nunca.
- 4- Você acredita em alguma forma de vida após a morte? Sim( ) Não( )
- 5- Em que sua doença modificou seu comportamento religioso? A( ) eu rezo mais agora que antes; B( ) eu rezo menos; C( ) nada mudou; D( ) outros.
- 6- Que tem lhe ajudado a enfrentar sua doença? A( ) minha família e ou amigos; B( ) minha religião ( fé); C( ) meus médicos; D( ) minhas enfermeiras; E( ) eu não tenho nada que me ajude a enfrentar minha doença; F( ) outros.

Algumas pessoas acreditam que seu sofrimento significa mais do que apenas dor física. Sofrimento mental (por exemplo) medo da morte, medo do futuro, outros medos ou sentimentos.

- 7- Você acredita que seus sofrimentos são punição de Deus? ( ) Sim; Não( ); Não sei ( )
- 8- Você acredita que Deus o fez sofrer para ser uma pessoa melhor? Sim( ); Não( )
- 9- Você acredita que a recompensa de seus sofrimentos virá no céu? Sim( ); Não( )
- 10- Você acredita que Deus está envolvido de alguma forma com seus sofrimentos? Sim( ); Não( )
- 11- Desde que eu fiquei doente, eu acredito que Deus esta testando minha fé. Não( ); Sim( )

- 12- Você acredita que Deus o abandonou? Sim(  ); Não(  )
- 13- Você se considera uma pessoa de fé? Sim(  ); Não(  )
- 14 - O que é fé para você? (avaliação qualitativa)
- 15- Como você acha que uma pessoa que tem fé deveria agir com relação à sua doença? (avaliação qualitativa).
- 16- Quais as obrigações de uma pessoa que se considera UMA pessoa de fé? (avaliação qualitativa).
- 17 - Você acredita em Santos? Sim(  ) Não(  )
- 18- Com que freqüência você lê ou estuda a bíblia, ou outros livros sobre religião. 1-(  ) nunca; 2-(  ) raramente; 3-(  ) ocasionalmente; 4-(  ) freqüentemente (pelo menos uma vez por semana, mas não diariamente); 5-(  ) diariamente.
- 19- Quando você é tentado a fazer algo errado, com que freqüência você pede a Deus (ou a uma força superior, energia ou entidade superior) forças para fazer as coisas certas? 1-(  ) nunca; 2-(  )raramente; 3-(  ) as vezes; 4-(  ) freqüentemente; 5-(  ) muito freqüentemente.
- 20- Se você tem que tomar uma decisão no seu dia a dia, com que freqüência você pergunta a você mesmo o que Deus ou uma força superior gostaria que você fizesse, ou pede a Deus (ou um a força superior) ajuda para tomar a decisão? 1-(  ) nunca; 2-(  ) raramente; 3-(  ) as vezes; 4-(  ) freqüentemente; 5-(  ) muito freqüentemente.
- 21- Em média, com que freqüência você foi ao culto (missa, celebração) de sua igreja no último ano? 1-(  ) nunca; 2-(  ) umas poucas vezes no ano; 3-(  ) uma vez por semana (ou quase uma vez por semana); 4-(  ) mais de uma vez por semana.
- 22- Com que freqüência você serve a (ou participa) em sua igreja (ou outra organização religiosa) em trabalhos religiosos como por exemplo escola dominical, grupo de jovens, grupo de crianças, catecismo, ou outra atividade deste tipo? 1-(  ) nunca; 2-(  ) poucas vezes no ano; 3-(  ) uma ou duas vezes por mês; 4-(  ) semanalmente ou quase semanalmente; 5-(  ) mais de uma vez por semana.

## **APÊNCICE II**

**M.I.N.I.**

**Mini International Neuropsychiatric Interview**

**Brazilian version 5.0.0 DSM IV**

**Y. Lecrubier, E. Weiller, T. Hergueta, P. Amorim, L.I. Bonora, J.P. Lépine**

**Hôpital de la Salpêtrière - Paris - França**

**D. Sheehan, J. Janavs, R. Baker, K.H. Sheehan, E. Knapp, M. Sheehan**

**University of South Florida - Tampa - E.U.A.**

***Tradução para o português (Brasil) : P. Amorim***

**© 1992, 1994, 1998, 2000, Sheehan DV & Lecrubier Y.**

Todos os direitos são reservados. Este documento não pode ser reproduzido, todo ou em parte, ou cedido de qualquer forma, incluindo fotocópias, nem armazenado em sistema informático, sem a autorização escrita prévia dos autores. Os pesquisadores e os clínicos que trabalham em instituições públicas (como universidades, hospitais, organismos governamentais) podem fotocopiar o M.I.N.I. para utilização no contexto estrito de suas atividades clínicas e de investigação.

**MINI 5.0.0 / Versão Brasileira / DSM-IV / Atual**

Nome do(a) entrevistado(a):	Número do protocolo:
Data de nascimento:	Hora de início da entrevista:
Nome do(a) entrevistador(a):	Hora do fim da entrevista:
Data da entrevista:	Duração total da entrevista:

MÓDULOS	PERÍODO EXPLORADO	CRITÉRIOS PREENCHIDOS	DSM-IV	ICD-10
A EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR (EDM) Único F32 x	Atual (2 semanas)		296.20-296.26	
Recorrente	Recorrente		296.30-296.36	
EDM COM CARACTERÍSTICAS MELANCOLICAS	F33.x			
Single	Atual (2 semanas)		296.20-296.26	
(opcional)	F32.x			
Recurrent	F33.x		296.30-296.36	
B TRANSTORNO DISTÍMICO	Atual (Últimos 2 anos)		300.4	F34.1
	Passado		300.4	F34.1
C RISCO DE SUICÍDIO	Atual (Último mês)		nenhum	nenhum
	Risco. Baixo Médio Alto			
D EPISÓDIO MANÍACO	Atual		296.00-296.06	F30.x-F31.9
	Passado			
EPISÓDIO HIPOMANIACO	Atual		296.80-296.89	F31.8- F31.9/F34.0
	Passado			
E TRANSTORNO DE PÂNICO	Atual (Último mês)		300.01/300.21	F40.01-F41.0
	Vida inteira			
F AGORAFOBIA	Atual		300.22	F40.00
G FOBIA SOCIAL	Atual (Último mês)		300.23	F40.1
H TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO (TOC)	Atual (Último mês)		300.3	F42.8
I TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO	Atual (Último mês)		309.81	F43.1
J DEPENDÊNCIA DE ALCÓOL	(Últimos 12 meses)		303.9	F10.2x
ABUSO DE ALCÓOL	(Últimos 12 meses)		305.00	F10.1
K DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA (Não álcool)	(Últimos 12 meses)		304.00- 90/305.20- 90	F11.0-F19.1
ABUSO DE SUBSTÂNCIA (Não álcool)	(Últimos 12 meses)		304.00- 90/305.20- 90	F11.0-F19.1
L SINDROME PSICOTICA	Vida inteira			
	Atual			
TRANSTORNO DO HUMOR COM	Vida inteira		296.24	F32.3/F33.3
CARACTERÍSTICAS PSICOTICAS				
M ANOREXIA NERVOSA	Atual (Últimos 3 meses)		307.1	F50.0
N BULIMIA NERVOSA	Atual (Últimos 3 meses)		307.51	F50.2
ANOREXIA NERVOSA TIPO COMPULSÃO				
PERIÓDICA PURGATIVO	Atual		307.1	F50.0
O TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA	Atual (Últimos 6 meses)		300.02	F41.1
P TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ANTI-SOCIAL	Vida inteira		301.7	F60.2
(opcional)				

## INSTRUÇÕES GERAIS

O M.I.N.I. (DSM IV) é uma entrevista diagnóstica padronizada, de aplicação rápida (em torno de 15 minutos), que explora os principais Transtornos Psiquiátricos do Eixo I do DSM IV (American Psychiatric Association, 1994). O M.I.N.I. pode ser utilizado por clínicos, após uma formação breve. Os entrevistadores não clínicos necessitam de uma formação mais intensiva.

### • **Entrevista:**

Com o objetivo de reduzir o mais possível a duração da entrevista deve-se preparar o(a) entrevistado(a) para este enquadramento clínico pouco habitual, informando que lhe serão feitas perguntas precisas sobre os seus problemas psicológicos e que se espera dele(a) respostas "sim" ou "não".

### • **Apresentação:**

O MINI está dividido em **módulos** identificados por letras, cada um correspondendo a uma categoria diagnóstica

- No início de cada um dos módulos diagnósticos (exceto o módulo "L" que explora os sintomas psicóticos), uma ou várias questões/filtros que correspondem aos critérios principais do Transtorno são apresentadas num quadro com fundo acinzentado.
- No final de cada módulo, um ou vários **quadros diagnósticos** permite(m) ao clínico indicar se os critérios de diagnóstico foram ou não preenchidos

### • **Convenções:**

*As frases escritas em "letras minúsculas"* devem ser lidas "palavra por palavra" para o(a) entrevistado(a) de modo a padronizar a exploração de cada um dos critérios diagnósticos.

*As frases escritas em "MAÍUSCULAS"* não devem ser lidas para o(a) entrevistado(a) São instruções às quais o clínico deve-se referenciar de modo a integrar os algoritmos diagnósticos ao longo de toda a entrevista.

*As frases escritas em "negrito"* indicam o período de tempo a explorar. O clínico deve lê-las tantas vezes quanto necessário, ao longo da exploração dos sintomas e só levar em conta aqueles presentes ao longo desse período

*As frases escritas entre (parêntesis)* são exemplos clínicos que descrevem o sintoma avaliado. Podem ser lidos de modo a clarificar a questão.

Quando os termos são separados por uma barra (/) o clínico deve considerar apenas o termo que corresponde ao sintoma apresentado pelo(a) entrevistado(a) e que foi explorado anteriormente.

**As respostas com uma seta sobreposta (^)** indicam que um dos critérios necessários ao estabelecimento do diagnóstico explorado não é preenchido. O clínico deve ir diretamente para o fim do módulo, cotar “**NÃO**” no(s) quadro(s) diagnóstico(s) correspondente(s) e passar ao módulo seguinte.

✧ **Instruções de cotação :**

Todas as perguntas feitas devem ser cotadas. A cotação faz-se à direita de cada uma das questões, envolvendo com um círculo a resposta correspondente do(a) entrevistado(a), seja “SIM” ou “NÃO”.

O clínico deve se assegurar que cada um dos termos formulados na questão foi, de fato, considerado pelo(a) entrevistado(a) na sua resposta (em particular, os critérios de duração, de frequência e as alternativas “e / ou”).

Não levar em conta os sintomas imputáveis a uma doença física, ou ao uso de medicamentos, droga ou álcool.

Se tem questões ou sugestões, se deseja ser treinado(a) na utilização do M.I.N.I. ou informado(a) das atualizações, pode contactar:

<b>Yves LECRUBIER / Thierry HERGUETA</b>	<b>Patrícia AMORIM</b>	<b>David SHEEHAN</b>
Inserm U302 Hôpital de la Salpêtrière 47, boulevard de l'Hôpital F. 75651 PARIS FRANCE tel: +33 (0) 1 42 16 16 59 fax: +33 (0) 1 45 85 28 00 e-mail: <a href="mailto:herqueta@ext.jussieu.fr">herqueta@ext.jussieu.fr</a>	N.A. P. S. Novo Mundo Avenida Manchester 2000, Chácara 2 Jardim Novo Mundo 74703-000 - Goiânia - Goiás BRASIL Tel: + 55 62 524 18 02 + 55 62 524 18 04 fax: + 55 62 213 64 87 e-mail: <a href="mailto:p.amorim@persogo.com.br">p.amorim@persogo.com.br</a>	University of South Florida Institute for Research in Psychiatry 3515 East Fletcher Avenue TAMPA, FL USA 33613-4788 ph: +1 813 974 4544 fax: +1 813 974 4575  e-mail: <a href="mailto:dsheehan@com1.med.usf.edu">dsheehan@com1.med.usf.edu</a>

## A- EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

<b>A1</b>	Nas duas últimas semanas, sentiu-se triste, desanimado(a), deprimido(a), durante a maior parte do dia, quase todos os dias?	NÃO	SIM	1
<b>A2</b>	Nas duas últimas semanas, quase todo tempo, teve o sentimento de não ter mais gosto por nada, de ter perdido o interesse e o prazer pelas coisas que lhe agradam habitualmente?	NÃO	SIM	2
	<b>A1 OU A2 SÃO COTADAS SIM?</b>	→ NÃO	SIM	
<b>A3</b>	<b>Durante as duas últimas semanas, quando se sentia deprimido(a) / sem interesse pela maioria das coisas:</b>			
<b>a</b>	O seu apetite mudou de forma significativa, ou o seu peso aumentou ou diminuiu sem que o tenha desejado? (variação de + 5% ao longo do mês, isto é, + 3,5 Kg, para uma pessoa de 65 Kg) cotar <b>SIM</b> , se <b>RESPOSTA SIM</b> num caso ou no outro	NÃO	SIM	3
<b>b</b>	Teve problemas de sono quase todas as noites (dificuldade de pegar no sono, acordar no meio da noite ou muito cedo, dormir demais)?	NÃO	SIM	4
<b>c</b>	Falou ou movimentou-se mais lentamente do que de costume ou pelo contrário, sentiu-se agitado(a) e incapaz de ficar sentado quieto(a), quase todos os dias?	NÃO	SIM	5
<b>d</b>	Sentiu-se a maior parte do tempo cansado(a), sem energia, quase todos os dias?	NÃO	SIM	6
<b>e</b>	Sentiu-se sem valor ou culpado(a), quase todos os dias?	NÃO	SIM	7
<b>f</b>	Teve dificuldade de concentrar-se ou de tomar decisões, quase todos os dias?	NÃO	SIM	8
<b>g</b>	Teve, por várias vezes, pensamentos ruins como, por exemplo, pensar que seria melhor estar morto(a) ou pensar em fazer mal a si mesmo(a)?	NÃO	SIM	9
<b>A4</b>	HA PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM A3? (ou 4 se A1 <u>OU</u> A2 = "NÃO")	<b>NÃO    SIM *</b>  <b>EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL</b> →		
	Se o(A) ENTREVISTADO(A) apresenta um Episódio Depressivo Maior Atual:			
<b>A5</b>	Ao longo da sua vida, teve outros períodos de 2 semanas ou mais, em que se sentiu deprimido (a) ou sem interesse pela maioria das coisas e durante os quais teve os problemas dos quais falamos [ SINTOMAS EXPLORADOS DE A3a a A3g ]?			
<b>a</b>		NÃO	SIM	10
<b>b</b>	Entre esses períodos de depressão que apresentou ao longo de sua vida, alguma vez teve um intervalo de pelo menos 2 meses em que não apresentou nenhum problema de depressão ou de perda de interesse?	NÃO	SIM	11
	<b>A5b É COTADA SIM?</b>	NÃO	SIM	
		<b>EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR RECORRENTE</b>		

\* SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR, COTAR AS QUESTÕES CORRESPONDENTES (A6d, A6e) NA PÁGINA 5

**A<sup>1</sup> - EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR COM CARACTERÍSTICAS MELANCÓLICAS (opcional)**

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL (A4 = SIM), EXPLORAR O SEGUINTE:

<b>A6 a</b>	<b>A2</b> É COTADA SIM ?	NÃO	SIM	12
<b>b</b>	Durante este último período de depressão, quando sentiu-se pior, perdeu a capacidade de reagir às coisas que antes lhe agradavam ou o (a) alegravam?	NÃO	SIM	13
	<b>Se NÃO:</b> Quando acontecia alguma coisa agradável, era incapaz de sentir-se melhor, mesmo temporariamente?			
	<b>A6a</b> <u>OU</u> <b>A6b</b> SÃO COTADAS SIM ?	→ NÃO	SIM	
<b>Durante as duas últimas semanas, quando se sentia deprimido (a) e sem interesse pela maioria das coisas:</b>				
<b>A7 a</b>	Os sentimentos depressivos que tinha eram diferentes daqueles que se pode sentir quando se perde uma pessoa querida?	NÃO	SIM	14
<b>b</b>	Quase todos os dias, sentia-se, em geral, pior pela manhã ?	NÃO	SIM	15
<b>c</b>	Acordava pelo menos duas horas mais cedo do que o habitual, e tinha dificuldade para voltar a dormir, quase todos os dias?	NÃO	SIM	16
<b>d</b>	<b>A3c</b> É COTADA SIM (ALTERAÇÕES PSICOMOTORAS)?	NÃO	SIM	17
<b>e</b>	<b>A3a</b> É COTADA SIM (ALTERAÇÕES DO APETITE - DO Peso)?	NÃO	SIM	18
<b>f</b>	Sentia-se excessivamente culpado(a) ou sentia uma culpa exagerada em relação à situação que vivia?	NÃO	SIM	19
	HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM A7 ?	NÃO	SIM	
<b>EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR com Características Melancólicas ATUAL</b>				

## B- TRANSTORNO DISTÍMICO

^ SIGNIFICA: IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNOSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

NÃO EXPLORAR ESTE MÓDULO SE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL.

<b>B1</b>	Durante os últimos 2 anos, sentiu-se triste, desanimado(a), deprimido(a), a maior parte do tempo ?	→ NÃO	SIM	20
<b>B2</b>	Ao longo desse período, sentiu-se bem durante 2 meses ou mais ?	NÃO	→ SIM	21
<b>B3</b>	<b>Desde que se sente deprimido(a) a maior parte do tempo:</b>			
<b>a</b>	O seu apetite mudou de forma significativa ?	NÃO	SIM	22
<b>b</b>	Tem problemas de sono ou dorme demais ?	NÃO	SIM	23
<b>c</b>	Sente-se cansado ou sem energia ?	NÃO	SIM	24
<b>d</b>	Perdeu a auto-confiança ?	NÃO	SIM	25
<b>e</b>	Tem dificuldade de concentrar-se ou de tomar decisões ?	NÃO	SIM	26
<b>f</b>	Sente-se sem esperança ?	NÃO	SIM	27
	HÁ PELO MENOS 2 RESPOSTAS "SIM" EM B3?	→ NÃO	SIM	
<b>B4</b>	Esses problemas causam - lhe um sofrimento importante ou perturbam de maneira significativa seu trabalho, suas relações sociais, ou outras áreas importantes ?	→ NÃO	SIM	28
	<b>B4 É COTADA SIM?</b>			
				<b>NÃO    SIM</b> <b>TRANSTORNO DISTÍMICO ATUAL</b>

## D- EPISÓDIO (HIPO)MANÍACO

^ SIGNIFICA IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNOSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

<b>D1 a</b>	Alguma vez teve um período em que se sentia tão eufórico(a) ou cheio(a) de energia que isso lhe causou problemas, ou em que as pessoas à sua volta pensaram que não estava no seu estado habitual? (Não considerar períodos que ocorrem apenas sob o efeito de drogas ou álcool)	NÃO	SIM	1
	Se O(A) ENTREVISTADO(A) não compreende o significado de "eufórico" ou "cheio de energia", explicar da seguinte maneira: Por eufórico ou cheio de energia, quero dizer estar excessivamente ativo(a), excitado(a), ter menos necessidade de dormir, ter pensamentos rápidos, estar cheio(a) de idéias ou extremamente motivado(a) ou criativo(a) ou extremamente impulsivo(a).	NÃO	SIM	2
<b>b</b>	<b>Se D1a = SIM:</b> Sente-se, atualmente, eufórico (a) ou cheio (a) de energia?			
<b>D2 a</b>	Alguma vez teve um período em que, por vários dias, estava tão irritável que insultava as pessoas, gritava ou chegava até a brigar com pessoas que não eram de sua família? Você ou outras pessoas achou /acharam que você estava mais irritável ou hiperativo(a), comparado(a) a outras pessoas, mesmo em situações em que isso lhe parecia justificável? (Não considerar os períodos que ocorrem apenas sob o efeito de drogas ou álcool)	NÃO	SIM	3
<b>b</b>	<b>Se D2a = SIM:</b> Sente-se, continuamente irritável atualmente?	NÃO	SIM	4
	<b>D1a OU D2a SÃO COTADAS "SIM" ?</b>	→ NÃO	SIM	
<b>D3</b>	<b>Se D1b ou D2b = "SIM": explorar o episódio atual</b> <b>Se D1b E D2b = "NÃO" explorar o episódio mais grave</b> <b>Quando se sentiu mais eufórico(a), cheio(a) de energia ou mais irritável:</b>			
<b>a</b>	Tinha a sensação que podia fazer coisas que os outros seriam incapazes de fazer ou que você era alguém especialmente importante?	NÃO	SIM	5
<b>b</b>	Tinha menos necessidade de dormir do que costume (por ex., sentia-se repousado(a) com apenas poucas horas de sono) ?	NÃO	SIM	6
<b>c</b>	Falava sem parar ou tão rapidamente que as pessoas não conseguiam compreendê-lo(a) ?	NÃO	SIM	7
<b>d</b>	Os pensamentos corriam tão rapidamente na sua cabeça que não conseguia acompanhá-los ?	NÃO	SIM	8
<b>e</b>	Distraía-se com tanta facilidade que a menor interrupção o fazia perder o fio daquilo que estava fazendo ou pensando ?	NÃO	SIM	9
<b>f</b>	Estava tão ativo(a) e agitado(a) que as outras pessoas se preocupavam por sua causa ?	NÃO	SIM	10
<b>g</b>	Desejava tanto fazer coisas que lhe pareciam agradáveis ou tentadoras que não pensava nos riscos ou nos problemas que isso poderia causar (gastar demais, dirigir de forma imprudente, ter uma atividade sexual pouco habitual para você ) ?	NÃO	SIM	11

---

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM D3  
ou 4 se D1a = "NÃO" (episódio passado) ou D1b = "NÃO" (episódio atual)?

NÃO → SIM

**D4** Esses problemas dos quais acabamos de falar já duraram pelo menos uma semana E lhe causaram dificuldades em casa, no trabalho / na escola ou nas suas relações sociais

NÃO SIM 12

OU você foi hospitalizado(a) por causa desses problemas?  
Cotar SIM, se SIM num CASO ou no outro

**D4 É COTADA "NÃO" ?**

Se **SIM**, Especificar se o episódio é Atual ou Passado

**D4 É COTADA "SIM" ?**

Se **SIM**, Especificar se o episódio é Atual ou Passado

<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>
<b>EPISÓDIO HIPOMANÍACO</b>	
Atual	<input type="checkbox"/>
Passado	<input type="checkbox"/>
<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>
<b>EPISÓDIO MANÍACO</b>	
Atual	<input type="checkbox"/>
Passado	<input type="checkbox"/>

---

## E- TRANSTORNO DE PÂNICO

^ SIGNIFICA: IR DIRETAMENTE PARA E5, ASSINALAR NÃO E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

<b>E1</b>	Alguma vez teve episódios repetidos durante os quais se sentiu	→			
<b>a</b>	subitamente muito ansioso(a), muito desconfortável ou assustado(a), mesmo em situações em que a maioria das pessoas não se sentiria assim ?	NÃO	SIM		1
<b>b</b>	<b>SE SIM:</b> Estes episódios de ansiedade atingiam sua intensidade máxima em menos de 10 minutos?	→	NÃO	SIM	2
<b>E2</b>	Alguns desses episódios de ansiedade, mesmo há muito tempo, foram imprevisíveis ou ocorreram sem que nada os provocasse/sem motivo ?	→	NÃO	SIM	3
<b>E3</b>	Após um ou vários desses episódios, já houve um período de pelo menos um mês durante o qual teve medo de ter outros episódios ou estava preocupado(a) com as suas possíveis consequências ?	→	NÃO	SIM	4
<b>E4</b>	<b>Durante o episódio em que se sentiu pior :</b>				
<b>a</b>	Teve palpitações ou o seu coração bateu muito rápido ?		NÃO	SIM	5
<b>b</b>	Transpirou ou ficou com as mãos úmidas ?		NÃO	SIM	6
<b>c</b>	Teve tremores ou contrações musculares ?		NÃO	SIM	7
<b>d</b>	Teve dificuldade para respirar ou sentiu-se abafado(a) ?		NÃO	SIM	8
<b>e</b>	Teve a impressão de sufocar ou de ter um nó na garganta ?		NÃO	SIM	9
<b>f</b>	Sentiu dor ou aperto ou desconforto no peito ?		NÃO	SIM	10
<b>g</b>	Teve náuseas, problemas de estômago ou diarreia repentina ?		NÃO	SIM	11
<b>h</b>	Sentiu-se tonto(a), com vertigens ou ao ponto de desmaiar ?		NÃO	SIM	12
<b>i</b>	Teve a impressão que as coisas à sua volta eram estranhas ou irreais ou sentiu-se		NÃO	SIM	13
<b>j</b>	como que desligado (a) do todo ou de uma parte do seu corpo ?		NÃO	SIM	14
<b>k</b>	Teve medo de enlouquecer ou de perder o controle ?		NÃO	SIM	15
<b>l</b>	Teve medo de morrer ?		NÃO	SIM	16
<b>m</b>	Teve dormências ou formigamentos no corpo ?		NÃO	SIM	17
<b>E5</b>	<b>E3 = SIM E HÁ PELO MENOS 4 RESPOSTAS "SIM" EM E4 ?</b>		NÃO	SIM	
					<i>Transtorno de Pânico</i>
					<i>Vida inteira</i>
<b>E6</b>	<b>SE E5 = "NÃO", HÁ PELO MENOS UMA RESPOSTA "SIM" EM E4 ?</b>		NÃO	SIM	

Se <b>E6</b> = " <b>SIM</b> ", passar a <b>F1</b> .	<i>Ataques Pobres em Sintomas Vida inteira</i>		
<b>E7</b> Durante o último mês, teve pelo menos 2 desses episódios de ansiedade, seguidos de um medo constante de ter outro episódio ?	NÃO	SIM	18
	<i>Transtorno de Pânico Atual</i>		

## F- AGORAFOBIA

<b>F1</b> Sente-se particularmente ansioso(a) ou desconfortável em lugares ou em situações das quais é difícil ou embaraçoso escapar ou, ainda, em que é difícil ter ajuda como estar numa multidão, esperando numa fila, longe de casa ou sozinho (a) em casa, atravessando uma ponte, dentro de um ônibus, de um carro ou de um avião?	NÃO	SIM	19
<b>Se F1 = "NÃO", cotar "NÃO" em F2.</b>			
<b>F2</b> Tem tanto medo dessas situações que na prática, evita-as, sente um intenso mal-estar quando as enfrenta ou procura estar acompanhado(a) ao ter que enfrentá-las ?	NÃO	SIM	20
	<i>Agorafobia Atual</i>		
<b>F2</b> (Agorafobia Atual) É COTADA " <b>NÃO</b> " e <b>E7</b> (Transtorno de Pânico Atual) É COTADA " <b>SIM</b> " ?	<b>NÃO SIM TRANSTORNO DE PÂNICO sem Agorafobia ATUAL</b>		
<b>F2</b> (Agorafobia Atual) É COTADA " <b>SIM</b> " e <b>E7</b> (Transtorno de Pânico Atual) É COTADA " <b>SIM</b> " ?	<b>NÃO SIM TRANSTORNO DE PÂNICO com Agorafobia ATUAL</b>		
<b>F2</b> (Agorafobia Atual) É COTADA " <b>SIM</b> " e <b>E5</b> (Transtorno de Pânico Vida Inteira) É COTADA " <b>NÃO</b> " ?	<b>NÃO SIM AGORAFOBIA sem história de Transtorno de Pânico ATUAL</b>		

**G- FOBIA SOCIAL (*Transtorno de Ansiedade Social*)**

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE

<b>G1</b>	Durante o último mês, teve medo ou sentiu-se incomodado(a) por estar no centro das atenções, teve medo de ser humilhado(a) em algumas situações sociais; por exemplo, quando devia falar diante de um grupo de pessoas, ou comer com outras pessoas ou em locais públicos, ou escrever quando alguém estava olhando ?	→ NÃO	SIM	1
<b>G2</b>	Acha que esse medo é excessivo ou injustificado ?	→ NÃO	SIM	2
<b>G3</b>	Tem tanto medo dessas situações sociais que, na prática, as evita ou sente um intenso mal-estar quando as enfrenta ?	→ NÃO	SIM	3
<b>G4</b>	Esse medo causa-lhe um sofrimento importante ou perturba de forma significativa seu trabalho ou suas relações sociais? <b>G4 É COTADA "SIM" ?</b>	→ NÃO	SIM	4

<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>
<b>FOBIA SOCIAL</b>	
<b>(Transtorno de</b>	
<b>Ansiedade Social)</b>	
<b>ATUAL</b>	

## H- TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

## I- TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO (opcional)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE.

11	Alguma vez viveu ou presenciou ou teve que enfrentar um acontecimento extremamente traumático, no decorrer do qual morreram pessoas, ou você mesmo e/ou outros foram ameaçados de morte ou foram gravemente feridos ou atingidos na sua integridade física? ExEMPLOS de contextos traumáticos: acidente grave, agressão, ESTUPRO, ASSALTO A MÃO ARMADA, SEQÜESTRO, rapto, incêndio, descoberta de cadáver, morte súbita no meio EM QUE VIVE, guerra, catástrofe natural...	→ NÃO	SIM	1
12	Durante o último mês, pensou freqüentemente nesse acontecimento de forma penosa ou sonhou com ele ou freqüentemente teve a impressão de revivê-lo?	→ NÃO	SIM	2
13	<b>Durante o último mês:</b>			
a	Tentou não pensar nesse acontecimento ou evitou tudo o que pudesse fazê-lo(a) lembrar-se dele?	NÃO	SIM	3
b	Teve dificuldades de lembrar-se exatamente do que se passou?	NÃO	SIM	4
c	Perdeu o interesse pelas coisas das quais gostava antes?	NÃO	SIM	5
d	Sentiu-se desligado(a) de tudo ou teve a impressão de se ter tornado um(a) estranho(a) em relação aos outros?	NÃO	SIM	6
e	Teve dificuldade de sentir as coisas, como se não fosse mais capaz de amar?	NÃO	SIM	7
f	Teve a impressão de que a sua vida não seria nunca mais a mesma, ou que morreria mais cedo do que as outras pessoas ?	NÃO	SIM	8
	HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM I3 ?	→ NÃO	SIM	
14	<b>Durante o último mês:</b>			
a	Teve dificuldade de dormir ?	NÃO	SIM	9
b	Estava particularmente irritável, teve explosões de raiva facilmente?	NÃO	SIM	10
c	Teve dificuldades de se concentrar ?	NÃO	SIM	11
d	Estava nervoso(a), constantemente alerta?	NÃO	SIM	12
e	Ficava sobressaltado(a) por quase nada?	NÃO	SIM	13
	HÁ PELO MENOS 2 RESPOSTAS "SIM" EM I4	→ NÃO	SIM	
15	Durante o último mês, esses problemas perturbaram de forma significativa seu trabalho, suas atividades cotidianas ou suas relações sociais?	NÃO	SIM	14
	I5 É COTADA SIM?	NÃO SIM TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS- TRAUMÁTICO ATUAL		

## J- DEPENDÊNCIA/ABUSO DE ÁLCOOL

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNOSTICO(S). ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE.

<b>J1</b>	<b>Nos últimos 12 meses</b> , em três ou mais ocasiões você bebeu pelo menos cinco latas de cerveja ou uma garrafa de vinho ou três doses de uma bebida alcoólica forte (pinga, caipirinha, conhaque, vodka, whisky...), num período de três horas ?	→ NÃO	SIM	1
-----------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------	-----	---

### J2 Nos últimos 12 meses:

- |          |                                                                                                                                                                                                                                           |     |     |   |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|---|
| <b>a</b> | Constatou que precisava de quantidades cada vez maiores de álcool para obter o mesmo efeito ?                                                                                                                                             | NÃO | SIM | 2 |
| <b>b</b> | Quando bebia menos, as suas mãos tremiam, transpirava ou sentia-se agitado (a) ?<br>Alguma vez bebeu uma dose para evitar esses problemas ou evitar uma ressaca?<br>Cotar " <b>SIM</b> ", se RESPOSTA " <b>SIM</b> " num CASO ou no outro | NÃO | SIM | 3 |
| <b>c</b> | Quando começava a beber, com frequência bebia mais do que pretendia ?                                                                                                                                                                     | NÃO | SIM | 4 |
| <b>d</b> | Tentou, mas não conseguiu diminuir seu consumo de álcool ou parar de beber ?                                                                                                                                                              | NÃO | SIM | 5 |
| <b>e</b> | Nos dias em que bebia, passava muito tempo procurando bebida, bebendo ou se recuperando dos efeitos do álcool ?                                                                                                                           | NÃO | SIM | 6 |
| <b>f</b> | Reduziu suas atividades (lazer, trabalho, cotidianas) ou passou menos tempo com os amigos ou a família por causa da bebida ?                                                                                                              | NÃO | SIM | 7 |
| <b>g</b> | Continuou a beber mesmo sabendo que isso lhe causava problemas de saúde ou problemas psicológicos?                                                                                                                                        | NÃO | SIM | 8 |

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "**SIM**" EM J2 ?

→
<b>NÃO SIM</b>
<b>DEPENDÊNCIA DE</b>
<b>ÁLCOOL ATUAL</b>

### J3 Durante os últimos 12 meses:

- |          |                                                                                                                                                                                                                            |     |     |    |
|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|----|
| <b>a</b> | Ficou embriagado ou de "ressaca" várias vezes, quando tinha coisas para fazer no trabalho (/ na escola) ou em casa ? Isso lhe causou problemas?<br>Cotar " <b>SIM</b> " somente se a embriaguez / ressaca causou problemas | NÃO | SIM | 9  |
| <b>b</b> | Por várias vezes esteve sob o efeito do álcool em situações em que isso era fisicamente arriscado como dirigir, utilizar uma máquina ou um instrumento perigoso... ?                                                       | NÃO | SIM | 10 |
| <b>c</b> | Por várias vezes teve problemas legais como uma interpelação ou uma condenação ou uma detenção porque tinha bebido?                                                                                                        | NÃO | SIM | 11 |
| <b>d</b> | Continuou a beber mesmo sabendo que a bebida lhe causava problemas com seus familiares ou com outras pessoas ?                                                                                                             | NÃO | SIM | 12 |

HÁ PELO MENOS 1 RESPOSTA "**SIM**" EM J3 ?

<b>NÃO SIM</b>
<b>ABUSO DE</b>
<b>ÁLCOOL</b>
<b>ATUAL</b>

## K- DEPENDÊNCIA / ABUSO DE SUBSTÂNCIAS (NÃO ALCOÓLICAS)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

**K1** Agora, vou lhe mostrar / ler (mostrar a lista das substâncias / ler a lista abaixo) uma lista de drogas e de medicamentos e gostaria que me dissesse se, durante os últimos 12 meses, usou várias vezes uma destas substâncias para se sentir melhor, para mudar o seu estado de humor ou para ficar "de cabeça feita / chapado(a)"? → NÃO SIM

Envolver com um círculo cada SUBSTÂNCIA CONSUMIDA

ESTIMULANTES : anfetaminas, "bolinha", "rebite", ritalina, pílulas anorexígenas ou tira-fome.

COCAÍNA: "coca", pó, "neve", "branquinha", pasta de coca, merla, crack, pedra

OPIÁCEOS: heroína, morfina, pó de ópio (Tintura de ópio<sup>®</sup>, Elixir Paregórico<sup>®</sup>, Elixir de Dover<sup>®</sup>), codeína (Belacodid<sup>®</sup>, Belpar<sup>®</sup>, Pambenyl<sup>®</sup>), meperidina (Dolantina<sup>®</sup>, Demerol<sup>®</sup>), propoxifeno (Algafan<sup>®</sup>, Doloxene A<sup>®</sup>), fentanil (Inoval<sup>®</sup>)

ALUCINOGÊNEOS: L.S.D., "ácido", mescalina, PCP, éxtase (MDMA), cogumelos, "vegetal" (Ayhuaska, daime, hoasca), Artane<sup>®</sup>.

SOLVENTES VOLÁTEIS: "cola", éter, "lança perfume", "cheirinho", "loló"

CANABINÓIDES: cannabis, "erva", maconha, "baseado", hashish, THC, bangh, ganja, diamba, marijuana, marihuana

SEDATIVOS: Valium<sup>®</sup>, Diazepam<sup>®</sup>, Dienpax<sup>®</sup>, Somalium<sup>®</sup>, Frisium<sup>®</sup>, Psicosedin<sup>®</sup>, Lexotan<sup>®</sup>, Lorax<sup>®</sup>, Halcion<sup>®</sup>, Frontal<sup>®</sup>, Rohypnol<sup>®</sup>, Urbanil<sup>®</sup>, Sonebon<sup>®</sup>, barbitúricos

DIVERSOS: Anabolisantes, esteróides, remédio para dormir ou para cortar o apetite sem prescrição médica.

Toma outras substâncias?

Especificar A(s) substância (s) mais consumida (s): \_\_\_\_\_

Especificar a(s) substância (s) a ser(em) explorada(s) segundo os critérios abaixo indicados:

- Se há consumo de várias substâncias (ao mesmo tempo ou sequencialmente):
  - Cada substância (ou classe de substâncias) separadamente
  - Somente a substância (ou classe de substâncias) mais consumida
- Se há consumo de uma só substância (ou classe de substâncias):
  - Somente uma substância (ou classe de substâncias)

**K2 Considerando o seu consumo de [substância ou a classe de substâncias seleccionada], durante os últimos 12 meses:**

- |          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |     |     |   |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|-----|---|
| <b>a</b> | Constatou que precisava de quantidades cada vez maiores de [substância ou a classe de substâncias seleccionada] para obter o mesmo efeito ?                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | NÃO | SIM | 1 |
| <b>b</b> | Quando usava menos ou parava de consumir [substância ou a classe de substâncias seleccionada], tinha problemas como dores, tremores, febre, fraqueza, diarreia, náuseas, suores, aceleração do coração, dificuldade de dormir ou sentir-se agitado(a), ansioso (a), irritável ou deprimido (a) ?<br>Ou você tomava qualquer outra coisa para evitar esses problemas ou para se sentir melhor ?<br>Cotar "SIM", se RESPOSTA "SIM" num CASO ou no outro | NÃO | SIM | 2 |
| <b>c</b> | Quando começava a usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada], frequentemente consumia mais do que pretendia ?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | NÃO | SIM | 3 |

<b>d</b>	Tentou, sem conseguir, diminuir ou parar de usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada]?	NÃO	SIM	4
<b>e</b>	Nos dias em que usava [substância ou a classe de substâncias seleccionada], passava mais de 2 horas tentando conseguir a(s) droga(s), se drogando, ou se recuperando dos efeitos do(a) [substância ou a classe de substâncias seleccionada], ou ainda pensando nessas drogas ?	NÃO	SIM	5
<b>f</b>	Reduziu as suas actividades (lazer, trabalho, cotidianas) ou passou menos tempo com os amigos ou a família por causa da(s) droga(s) ?	NÃO	SIM	6
<b>g</b>	Continuou a usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada] mesmo sabendo que esta(s) lhe causava(m) problemas de saúde ou problemas psicológicos?	NÃO	SIM	7

HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM K2 ?

Especificar a(s) substância(s): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

<p>→ NÃO    SIM</p> <p><b>DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA(S) ATUAL</b></p>
--------------------------------------------------------------------------------------

**K3 Durante os últimos 12 meses:**

<b>a</b>	Por várias vezes ficou intoxicado ou " de cabeça feita / chapado(a)" com [substância ou a classe de substâncias seleccionada], quando tinha coisas para fazer no trabalho (/ na escola) ou em casa ? Isso lhe causou problemas? cotar " <b>sim</b> " somente se a intoxicação causou problemas	NÃO	SIM	8
<b>b</b>	Por várias vezes esteve sob o efeito de [substância ou a classe de substâncias seleccionada] em situações em que isso era fisicamente arriscado como dirigir, utilizar uma máquina ou um instrumento perigoso, etc. ?	NÃO	SIM	9
<b>c</b>	Por várias vezes teve problemas legais como uma interpelação ou uma condenação ou uma detenção porque tinha usado [substância ou a classe de substâncias seleccionada]?	NÃO	SIM	10
<b>d</b>	Continuou a usar [substância ou a classe de substâncias seleccionada] mesmo sabendo que esta(s) droga(s) lhe causava(m) problemas com os seus familiares ou com outras pessoas ?	NÃO	SIM	11

HÁ PELO MENOS 1 "SIM" EM K3 ?

Especificar a(s) substância(s) : \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

<p>NÃO    SIM</p> <p><b>ABUSO DE SUBSTÂNCIA(S) ATUAL</b></p>
----------------------------------------------------------------------

## L- SÍNDROME PSICÓTICA

Para todas as questões deste MÓDULO, pedir um exemplo em caso de resposta positiva.

Só cotar **SIM** se os exemplos mostram claramente uma distorção do pensamento e / ou da percepção ou se são culturalmente INAPROPRIADOS OU DISTOANTES

AVALIAR SE OS SINTOMAS DESCRITOS APRESENTAM OU NÃO CARACTERÍSTICAS "bizarras" E COTAR A ALTERNATIVA APROPRIADA.

**DELÍRIOS BIZARROS** : SÃO AQUELES CUJO conteúdo é manifestamente absurdo, implausível, incompreensível e QUE não pode ESTAR baseado em experiências habituais da vida

**ALUCINAÇÕES BIZARRAS:** vozes que comentam os pensamentos ou os atos do(A) ENTREVISTADO(A) OU duas ou mais vozes que conversam entre si.

---

	Agora vou fazer-lhe algumas perguntas sobre experiências pouco comuns ou estranhas que algumas pessoas podem ter.				
<b>L1a</b>	Alguma vez acreditou que alguém o(a) espionava ou estava conspirando contra você ou tentando lhe fazer mal ?			Bizarro	
		NÃO	SIM	SIM	1
<b>b</b>	SE SIM . Atualmente acredita nisso ?	NÃO	SIM	SIM	2
				L6a	
<b>L2a</b>	Alguma vez acreditou que alguém podia ler ou ouvir os seus pensamentos ou que você podia ler ou ouvir os pensamentos de outra (s) pessoa (s) ?	NÃO		SIM	3
<b>b</b>	<b>SE SIM</b> Atualmente acredita nisso ?	NÃO		SIM	4
				L6a	
<b>L3a</b>	Alguma vez acreditou que alguém ou alguma força exterior colocava dentro da sua cabeça, pensamentos estranhos que não eram os seus ou o(a) fazia agir de uma maneira diferente do seu jeito habitual ? Alguma vez acreditou que estava possuído(a) ?	NÃO	SIM	SIM	5
<b>b</b>	<b>SE SIM</b> Atualmente acredita nisso ?	NÃO	SIM	SIM	6
				L6a	
<b>L4a</b>	Alguma vez acreditou que estava recebendo mensagens especiais através da televisão, do rádio ou do jornal ou teve a impressão de que alguém que não conhecia pessoalmente estava particularmente interessado em você?	NÃO	SIM	SIM	7
<b>b</b>	<b>SE SIM</b> Atualmente acredita nisso ?	NÃO	SIM	SIM	8
				L6a	
<b>L5a</b>	Alguma vez teve idéias que os seus familiares ou amigos achavam estranhas ou fora da realidade e que eles não compartilhavam com você ? Cotar " <b>SIM</b> " apenas se O(A) ENTREVISTADO(A) apresenta claramente idéias delirantes hipocondríacas ou de possessão, de culpa, de ruína, de grandeza ou outras não exploradas pelas questões de L1 a L4	NÃO	SIM	SIM	9
<b>b</b>	<b>SE SIM</b> Atualmente eles acham suas idéias estranhas ?	NÃO	SIM	SIM	10

---

<b>L6a</b>	Alguma vez ouviu coisas que outras pessoas não podiam ouvir, como, por exemplo, vozes? Cotar <b>"SIM"</b> "Bizarro" unicamente se O(A) ENTREVISTADO(A) responde sim à questão: Estas vozes comentavam os seus pensamentos ou atos ou ouvia duas ou mais vozes falando entre elas?	NÃO	SIM		11
<b>b</b>	<b>SE SIM</b> : Ouviu essas coisas/ vozes no último mês?	NÃO	SIM	SIM	12
<b>L7a</b>	Alguma vez viu alguma coisa ou alguém que outras pessoas presentes não podiam ver, isto é, teve visões quando estava completamente acordado? Cotar <b>"SIM"</b> se as visões são culturalmente inAPROPRIADAS OU DESTOANTES.	NÃO	SIM		13
<b>b</b>	<b>SE SIM</b> : Teve essas visões no último mês?	NÃO	SIM		14
	<b>OBSERVAÇÕES DO CLÍNICO:</b>	NÃO	SIM		15
<b>L8b</b>	Atualmente O(A) ENTREVISTADO(A) apresenta um discurso claramente incoerente ou desorganizado ou apresenta uma perda evidente das associações ?				
<b>L9b</b>	Atualmente O(A) ENTREVISTADO(A) apresenta um comportamento claramente desorganizado ou catatônico?	NÃO	SIM		16
<b>L10b</b>	Os sintomas negativos tipicamente esquizofrênicos (embotamento afetivo, pobreza do discurso, falta de energia ou de interesse para iniciar ou terminar as atividades) são proeminentes durante a entrevista?	NÃO	SIM		17
<b>L11</b>	DE L1 a L10 HÁ PELO MENOS: UMA QUESTÃO « b » COTADA <b>"SIM"</b> BIZARRO OU DUAS QUESTÕES « b » COTADAS <b>"SIM"</b> (NÃO BIZARRO)?	NÃO SIM		<b>SÍNDROME PSICÓTICA ATUAL</b>	
<b>L12</b>	DE L1 a L7 HÁ PELO MENOS: UMA QUESTÃO « a » COTADA <b>"SIM"</b> BIZARRO OU DUAS QUESTÕES « a » COTADAS <b>"SIM"</b> (NÃO BIZARRO)? (verificar se os sintomas ocorreram ao mesmo tempo) <b>OU</b> L11 É COTADA <b>"SIM"</b> ?	NÃO SIM		<b>SÍNDROME PSICÓTICA VIDA INTEIRA</b>	
<b>L13a</b>	Se L12 é cotada <b>"SIM"</b> E se há pelo menos um <b>"SIM"</b> de L1 a L7: O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA: UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR ATUAL (A4 = SIM) OU PASSADO (A5b = SIM) <b>OU</b> UM EPISÓDIO MANÍACO ATUAL OU PASSADO (D4 = SIM) ?	→	NÃO	SIM	
<b>b</b>	<b>SE L13a</b> é cotada <b>"SIM"</b> : Você me disse, há pouco, que teve um (vários) período(s) em que se sentiu deprimido (a) / eufórico(a) / continuamente irritável. Ao longo da sua vida, as idéias ou experiências das quais acabamos de falar, como (citar os sintomas cotados <b>"sim"</b> de L1 à L7) ocorreram <b>somente</b> durante esse(s) período(s) em que se sentia deprimido (a) / eufórico (a) / continuamente irritável ?	→	NÃO	SIM	18

<p><b>c</b> SE <b>L13a</b> é cotada "<b>SIM</b>": ATUALMENTE O(A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UM EPISÓDIO DEPRESSIVO MAIOR (A4) OU UM EPISÓDIO MANÍACO (D4) ASSOCIADO A UMA SÍNDROME PSICÓTICA (L11) ?</p>	<p><b>NÃO</b>    <b>SIM</b> <b>TRANSTORNO DO HUMOR</b> <i>com características psicóticas</i> <b>ATUAL</b></p>
<p><b>d</b> <b>L13b</b> OU <b>L13c</b> SÃO cotadas "<b>SIM</b>"?</p>	<p><b>NÃO</b>    <b>SIM</b> <b>TRANSTORNO DO HUMOR</b> <i>com características psicóticas</i> <b>VIDA INTEIRA</b></p>

## M- ANOREXIA NERVOSA

^ SIGNIFICA IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

<b>M1a</b>	Qual é a sua altura ?	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> cm							
<b>b</b>	Nos últimos 3 meses, qual foi seu peso mais baixo ?	<input type="text"/> <input type="text"/> <input type="text"/> kg							
<b>c</b>	O PESO DO(A) ENTREVISTADO(A) É INFERIOR AO LIMITE CRÍTICO INDICADO PARA A SUA ALTURA ? (Ver Tabela de correspondência abaixo)	→ NÃO SIM			1				
<b>Durante os últimos 3 meses:</b>									
<b>M2</b>	Tentou não engordar , embora pesasse pouco ?	→ NÃO SIM			2				
<b>M3</b>	Teve medo de ganhar peso ou de engordar demais, mesmo estando abaixo do seu peso normal ?	→ NÃO SIM			3				
<b>M4a</b>	Achou que era muito gordo(a) ou pensou que uma parte do seu corpo era muito gorda ?	NÃO SIM			4				
<b>b</b>	Sua opinião sobre si mesmo(a) ou a sua auto-estima foram muito influenciadas pelo seu peso ou por suas formas corporais ?	NÃO SIM			5				
<b>c</b>	Achou que o seu peso era normal ou até excessivo ?	NÃO SIM			6				
<b>M5</b>	HÁ PELO MENOS 1 "SIM" EM M4 ?	→ NÃO SIM							
<b>M6</b>	apenas Para as mulheres: Nos últimos três meses sua menstruação não veio quando normalmente deveria ter vindo (na ausência de uma gravidez) ?	→ NÃO SIM			7				
<b>PARA AS MULHERES: M5 E M6 SÃO COTADAS "SIM" ?</b>			<table border="1"> <tr> <td><b>NÃO</b></td> <td><b>SIM</b></td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;"><b>ANOREXIA NERVOSA ATUAL</b></td> </tr> </table>			<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>	<b>ANOREXIA NERVOSA ATUAL</b>	
<b>NÃO</b>	<b>SIM</b>								
<b>ANOREXIA NERVOSA ATUAL</b>									
<b>PARA OS HOMENS: M5 É COTADA "SIM" ?</b>									

### TABELA DE CORRESPONDÊNCIA ALTURA - LIMITE CRÍTICO DE PESO (SEM SAPATOS, SEM ROUPA)

<b>Mulheres altura/ peso</b>															
cm	145	147	150	152	155	158	160	163	165	168	170	173	175	178	
kg	38	39	39	40	41	42	43	44	45	46	47	49	50	51	
<b>Homens altura/ peso</b>															
cm	155	156	160	163	165	168	170	173	175	178	180	183	185	188	191
kg	47	48	49	50	51	51	52	53	54	55	56	57	58	59	61

Os limites de peso acima correspondem a uma redução de 15% em relação ao peso normal, segundo o gênero, como requerido pelo DSM-IV. Essa tabela reflete pesos 15% menores que o limite inferior do intervalo da distribuição normal da Tabela de Peso da Metropolitan Life Insurance.

## N- BULIMIA NERVOSA

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

<b>N1</b>	Nos últimos 3 meses, teve crises de "comer descontroladamente" durante as quais ingeriu quantidades enormes de alimentos num espaço de tempo limitado, isto é, em menos de 2 horas?	→ NÃO	SIM	8								
<b>N2</b>	Durante os últimos 3 meses, teve crises de "comer descontroladamente" pelo menos duas vezes por semana ?	→ NÃO	SIM	9								
<b>N3</b>	Durante essas crises de "comer descontroladamente" tem a impressão de não poder parar de comer ou de não poder limitar a quantidade de alimento que come ?	→ NÃO	SIM	10								
<b>N4</b>	Para evitar engordar depois das crises de "comer descontroladamente", faz coisas como provocar o vômito, dietas rigorosas, praticar exercícios físicos importantes, tomar laxantes, diuréticos ou medicamentos para tirar a fome ?	→ NÃO	SIM	11								
<b>N5</b>	Sua opinião sobre si mesmo(a) ou a sua auto-estima são muito influenciadas pelo seu peso ou pelas suas formas corporais ?	→ NÃO	SIM	12								
<b>N6</b>	O (A) ENTREVISTADO(A) APRESENTA UMA ANOREXIA NERVOSA (MÓDULO "M")?	NÃO	SIM	13								
		↓ passar a N8										
<b>N7</b>	Estas crises de "comer descontroladamente" ocorrem <b>sempre</b> que o seu peso é inferior a ____ Kg* ?	NÃO	SIM	14								
	* Retomar o peso crítico do(a) ENTREVISTADO(A) em função da sua altura e SEXO, na tabela do MÓDULO "M" (Anorexia Nervosa)											
<b>N8</b>	<b>N5</b> É COTADA " <b>SIM</b> " E <b>N7</b> COTADA " <b>NÃO</b> " (OU NÃO COTADA)?	<table border="1"> <thead> <tr> <th>NÃO</th> <th>SIM</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;"><b>BULIMIA NERVOSA ATUAL</b></td> </tr> <tr> <th>NÃO</th> <th>SIM</th> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;"><b>ANOREXIA NERVOSA tipo Compulsão Periódic / Purgativa ATUAL</b></td> </tr> </tbody> </table>			NÃO	SIM	<b>BULIMIA NERVOSA ATUAL</b>		NÃO	SIM	<b>ANOREXIA NERVOSA tipo Compulsão Periódic / Purgativa ATUAL</b>	
NÃO	SIM											
<b>BULIMIA NERVOSA ATUAL</b>												
NÃO	SIM											
<b>ANOREXIA NERVOSA tipo Compulsão Periódic / Purgativa ATUAL</b>												
	<b>N7</b> É COTADA " <b>SIM</b> " ?											

## O- TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA

^ SIGNIFICA IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S). ASSINALAR NÃO EM CADA UM E PASSAR AO MÓDULO SEGUINTE

<b>O1</b>	Durante os últimos 6 meses, sentiu-se excessivamente preocupado (a),	→			
<b>a</b>	inquieto (a), ansioso (a) com relação a vários problemas da vida cotidiana ( trabalho / escola, casa, familiares / amigos), ou teve a impressão ou lhe disseram que se preocupava demais com tudo ?	NÃO	SIM	1	
<b>b</b>	Teve essas preocupações quase todos os dias?	→			
		NÃO	SIM	2	
	a ansiedade DESCRITA É RESTRITA EXCLUSIVAMENTE A, OU MELHOR EXPLICADA POR QUALQUER OUTRO TRANSTORNO JÁ explorado ATÉ AQUI ? [POR Ex, medo de ter um ataque de pânico (TRANSTORNO de Pânico), de seR HUMILHADO em público (Fobia Social), de ser contaminado (TOC), de ganhar peso (Anorexia Nervosa), ETC]..	→			
		NÃO	SIM	3	
<b>O2</b>	Tem dificuldade em controlar essas preocupações ( / essa ansiedade) ou ela (s) o(a) impede(m) de se concentrar no que tem que fazer?	→			
		NÃO	SIM	4	
	De <b>O3</b> a <b>O3f</b> cotar " <b>NÃO</b> " SE os sintomas ocorrem EXCLUSIVAMENTE no contexto de QUALQUER OUTRO TRANSTORNO já explorado anteriormente				
<b>O3</b>	<b>Nos últimos seis meses, quando se sentia excessivamente preocupado(a), inquieto(a), ansioso(a), quase todo o tempo:</b>				
<b>a</b>	Sentia -se agitado(a), tenso(a), com os nervos à flor da pele?	NÃO	SIM	4	
<b>b</b>	Tinha os músculos tensos?	NÃO	SIM	5	
<b>c</b>	Sentia-se cansado (a), fraco(a) ou facilmente exausto(a)?	NÃO	SIM	6	
<b>d</b>	Tinha dificuldade de se concentrar ou tinha esquecimentos/"brancos" ?	NÃO	SIM	7	
<b>e</b>	Sentia-se particularmente irritável ?	NÃO	SIM	8	
<b>f</b>	Tinha problemas de sono (dificuldade de pegar no sono, acordar no meio da noite ou muito cedo, dormir demais)?	NÃO	SIM	9	
	<b>HÁ PELO MENOS 3 RESPOSTAS "SIM" EM O3 ?</b>				
		<b>NÃO SIM</b>			
		<b>TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA ATUAL</b>			

## P- TRANSTORNO DA PERSONALIDADE ANTI-SOCIAL (opcional)

^ SIGNIFICA : IR DIRETAMENTE AO(S) QUADRO(S) DIAGNÓSTICO(S), ASSINALAR **NÃO** EM CADA UM E **PASSAR** AO MÓDULO SEGUINTE

### P1 Antes dos 15 anos:

<b>a</b>	Freqüentemente faltou à escola ou passou a noite fora de casa ?	NÃO	SIM	1
<b>b</b>	Freqüentemente mentiu, passou a perna/ enganou os outros ou roubou ?	NÃO	SIM	2
<b>c</b>	Provocou, ameaçou ou intimidou os outros ?	NÃO	SIM	3
<b>d</b>	Destruiu ou incendiou coisas de propósito ?	NÃO	SIM	4
<b>e</b>	Fez sofrer animais ou pessoas de propósito?	NÃO	SIM	5
<b>f</b>	Forçou alguém a ter relações sexuais com você?	NÃO	SIM	6

HÁ PELO MENOS **2 RESPOSTAS "SIM"** EM P1?

→  
NÃO      SIM

Não cotar "SIM" Nas QUESTÕES abaixo se os comportamentos DESCRITOS ACONTECEM UNICAMENTE em contextos políticos ou religiosos ESPECÍFICOS.

### P2 Depois dos 15 anos:

<b>a</b>	Freqüentemente teve comportamentos que os outros achavam irresponsáveis, como não pagar as dívidas, agir impulsivamente ou não querer trabalhar para se sustentar ?	NÃO	SIM	7
<b>b</b>	Fez coisas ilegais (mesmo que não tenha sido preso/a), como destruir a propriedade alheia, roubar, vender droga ou cometer um crime?	NÃO	SIM	8
<b>c</b>	Freqüentemente foi violento(a) fisicamente, inclusive com seu(sua) companheiro (a) ou seus filhos ?	NÃO	SIM	9
<b>d</b>	Freqüentemente mentiu, passou a perna ou enganou os outros para obter dinheiro ou prazer ou mentiu apenas para se divertir ?	NÃO	SIM	10
<b>e</b>	Expôs pessoas a perigos sem se preocupar com elas?	NÃO	SIM	11
<b>f</b>	Não sentiu nenhuma culpa depois de ter mentido, ferido, maltratado ou roubado alguém, ou destruído a propriedade alheia?	NÃO	SIM	12

HÁ PELO MENOS **3 RESPOSTAS "SIM"** EM P2 ?

NÃO      SIM

**TRANSTORNO DA  
PERSONALIDADE  
ANTI-SOCIAL  
VIDA INTEIRA**

## REFERÊNCIAS

Lecrubier Y, Sheehan D, Weiller E, Amorim P, Bonora I, Sheehan K, Janavs J, Dunbar G. The Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.), a short diagnostic interview: Reliability and validity according to the CIDI. *European Psychiatry*, 1997 ; 12 : 232-241.

Sheehan DV, Lecrubier Y, Harnett Sheehan K, Janavs J, Weiller E, Keskiner A, Schinka J, Knapp E, Sheehan MF, Dunbar GC. Reliability and validity of the Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.) according to the SCID-P. *European Psychiatry*, 1997 ; 12 : 232-241.

Sheehan DV, Lecrubier Y, Harnett Sheehan K, Amorim P, Janavs J, Weiller E, Hergueta T, Baker R, Dunbar G. The Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.): The development and validation of a structured diagnostic psychiatric interview. *Journal of Clinical Psychiatry*, 1998 ; 59 [suppl 20] : 22-33.

Amorim P, Lecrubier Y, Weiller E, Hergueta T, Sheehan D. DSM-III-R Psychotic disorders : procedural validity of the Mini International Neuropsychiatric Interview (M.I.N.I.). Concordance and causes for discordance with the CIDI. *European Psychiatry*, 1998; 13 : 26-34.

<b>Traduções</b>	<b>M.I.N.I. 4.4 e versões anteriores</b>	<b>M.I.N.I. 4.6/5.0, M.I.N.I. Plus 4.6/5.0, M.I.N.I. Screen 5.0:</b>
<b>Afrikaans</b>	R. Emsley	
<b>Alemão</b>	I. van Denffer, M. Ackenheil, R. Dietz-Bauer	G. Stotz, R. Dietz-Bauer, M. Ackenheil
<b>Árabe</b>		O. Osman, E. Al-Radi
<b>Basco</b>		Em preparação
<b>Bengali</b>		H. Banerjee, A. Banerjee
<b>Búlgaro</b>		L.G. Hranov
<b>Catalão</b>		Em preparação
<b>Checo</b>		P. Zvolsky
<b>Chinês</b>		L. Carroll, K-d Juang
<b>Croata</b>		Em preparação
<b>Dinamarquês</b>	P. Bech	P. Bech, T. Scütze
<b>Esloveno</b>	M. Kocmur	M. Kocmur
<b>Espanhol</b>	L. Ferrando, J. Bobes-Garcia, J. Gilbert-Rahola, Y. Lecrubier	L. Ferrando, L. Franco-Alfonso, M. Soto, J. Bobes-Garcia, O. Soto, L. Franco, G. Heinze
<b>Estonian</b>	J. Shlik, A. Aluoja, E. Kihl	
<b>Farsi/Persa</b>		K. Khooshabi, A. Zomorodi
<b>Finlandês</b>	M. Heikkinen, M. Lijeström, O. Tuominen	M. Heikkinen, M. Lijeström, O. Tuominen
<b>Francês</b>	Y. Lecrubier, E. Weiller, P. Amorim, L. Bonora, J.P. Lepine	Y. Lecrubier, E. Weiller, P. Amorim, T. Hergueta
<b>Grego</b>	S. Beratis	T. Calligas, S. Beratis
<b>Gujarati</b>		M. Patel, B. Patel
<b>Hebreu</b>	J. Zohar, Y. Sasson	R. Barda, I. Levinson
<b>Hindi</b>		C. Mittal, K. Batra, S. Gambhir
<b>Holandês/Flamenco</b>	I. Van Vliet, H. Leroy, H. van Megen	E. Griez, K. Shruers, T. Overbeek, K. Demyttenaere
<b>Húngaro</b>	I. Bitter, J. Balazs	I. Bitter, J. Balazs

<b>Inglês</b>	D. Sheehan, J. Janavs, R. Baker, K. D. Sheehan, R. Baker, J. Janavs, K. Harnett-Sheehan, E. Knapp, M. Harnett-Sheehan, M. Sheehan Sheehan	
<b>Islandês</b>		J.G. Stefansson
<b>Italiano</b>	L. Bonora, L. Conti, M. Piccinelli, M. Tansella, G. Cassano, Y. Lecrubier, P. Donda, E. Weiller	L. Conti, A. Rossi, P. Donda
<b>Japonês</b>		T. Otsubo, H. Watanabe, H. Miyaoka, K. Kamijima, J. Shinoda, K. Tanaka, Y. Okajima
<b>Letão</b>	V. Janavs, J. Janavs, I. Nagobads	V. Janavs, J. Janavs
<b>Norueguês</b>	G. Pedersen, S. Blomhoff	K.A. Leiknes, U. Malt, E. Malt, S. Leganger
<b>Polaco</b>	M. Masiak, E. Jasiak	M. Masiak, E. Jasiak
<b>Português</b>	P. Amorim	P. Amorim, T. Guterres, P. Levy
<b>Português-Brasil</b>	P. Amorim	P. Amorim
<b>Punjabi</b>		A. Gahunia, S. Gambhir
<b>Romeno</b>		O. Driga
<b>Russo</b>		A. Bystitsky, E. Selivra, M. Bystitsky
<b>Sérvio</b>	I. Timotijevic	I. Timotijevic
<b>Setswana</b>		K. Ketlogetswe
<b>Sueco</b>	M. Waern, S. Andersch, M. Humble	C. Allgulander, M. Waern, A. Brimse, M. Humble, H. Agren
<b>Turco</b>	T. Örnek, A. Keskiner, I. Vahip	T. Örnek, A. Keskiner
<b>Urdu</b>		A. Taj, S. Gambhir

O desenvolvimento e a validação do M.I.N.I. foram possíveis graças, em parte, a fundos cedidos pelos laboratórios SmithKline Beecham e pela Comissão Europeia.

Os autores agradecem a Dra Pauline Pavers por su as contribuições nos módulos Anorexia e Bulimia Nervosa.

ANFETAMINA	ÊXTASE	MORFINA
BRANQUINHA	ERVA	ÓPIO
CANNABIS	ÉTER	DAIME
BASEADO	GASOLINA	PÓ
COCAÍNA	HASHISH	RITALINA
CODEÍNA	HEROÍNA	COGUMELO
COLA	L.S.D.	VEGETAL
CRACK	MARIJUANA	REBITE
MACONHA	CHEIRINHO	LOLÓ
MERLA	BOLINHA	MESCALINA
ARTANE	ESTERÓIDES	PÍLULAS TIRA-FOME
CALMANTES	DOLANTINA	ALGAFAN
AYHUASCA	PEDRA	TARJA PRETA
ANABOLISANTE	LANÇA	REMÉDIO PARA DORMIR